



Olivia Lockhart, Lighthouse Road, 16 Cedar Cove, Washington

Querida leitora. Você ainda, não sabe quem eu sou, mas isso vai mudar em poucas horas. Estou convidando-a para conhecer minha casa e minha cidade, Cedar Cove. Venha e descubra as histórias de seus habitantes e até, quem sabe, seus segredos! Quer um exemplo? Sou juíza na Vara de Família e minha mãe, Charlotte, gosta de visitar minha sala de audiências. Recentemente, eu estava julgando um pedido de divórcio. Para Charlotte, os jovens Cecilia e Ian Randall ainda não haviam tentado o bastante fazer seu casamento dar certo. Concordei com ela e sentenciei: Divórcio Negado. Bem, você não acreditaria na reação que isso provocou! Graças a um artigo de Jack Griffin, editor do jornal local (e um homem que eu adoraria encontrar com mais frequência!), todo mundo está falando a respeito. Cedar Cove. As pessoas amam esta cidade. E jamais a esquecem. Até breve... Olivia.



Disponibilização e Digitalização: Clarice Ruth

Revisão: Clarice Ruth

Formatação: Alê M

2



Debbie Macomber

Autora de romances consagrada em todo o mundo, os títulos de Debbie Macomber figuram nas principais listas de best sellers internacionais. Vencedora de diversos prêmios, seus livros agradam em cheio leitoras em busca de histórias sobre laços de família, amizade e superação, sempre regadas a muito romantismo.

HARLEQUIN BOOKS 2009

PUBLICADO SOB ACORDO COM HARLEQUIN ENTERPRISES II B.V.S

Título original: 16 LIGHTHOUSE ROAD

Copyright © 2001 by Debbie Macomber

Originalmente publicado em 2001 por Mira

Tradução: Ana Rodrigues

ABREU'S SYSTEM

Fernando Chinaglia Distribuidora S/A



Capítulo Um

CECILIA RANDALL ouvira muitas pessoas dizerem que, se lhes fosse concedido um único desejo, escolheriam recomeçar suas vidas e fazer tudo diferente. Mas ela não pensava assim. Já ficaria totalmente satisfeita em riscar apenas um dos seus 24 anos de vida.

O *último* ano.

Em janeiro, pouco depois das comemorações de Ano--Novo, ela conheceu Ian Jacob Randall, um militar da Marinha Americana que fazia parte da tripulação de um submarino. Cecilia se apaixonara por ele e acabou

fazendo uma coisa tola e irresponsável. Engravidou. E complicou ainda mais a coisa toda, casando-se com Ian.

Esse fora o equívoco número três e, a partir daí, seus erros de julgamento apenas se agravaram. Ela fora tão estúpida quanto ingênua, apaixonada e, o pior de tudo, romântica. Mas a Marinha e a vida a curaram disso tudo bem rápido.

A filhinha deles nascera prematura, enquanto Ian estava no mar, e logo ficara claro que o bebê tinha um problema no coração. Quando Ian voltou para casa, Allison Marie já havia sido sepultada. Fora Cecilia quem ficara de pé, sozinha sob a chuva inclemente do noroeste do Pacífico, enquanto o pequeno caixão com a pequena Allison baixava na terra fria e lamacenta. Ela se vira forçada a tomar decisões de vida e de morte sem poder contar com os conselhos da família ou com o conforto do marido.

A mãe de Cecilia vivia na Costa Leste e, por causa de uma tempestade de neve, não conseguira voar para Washington. Seu pai era tão próximo quanto conseguia ser, o que era muito pouco. Sua ideia de "dar apoio à filha" consistia em enviar um simpático cartão e escrever umas poucas linhas dizendo que sentia muito por sua perda. Ela passara noites e dias sem fim ao lado do berço vazio da filha, ora chorando desesperada, ora paralisada pelo choque. Outras esposas de militares da Marinha haviam tentado consolá-la, mas Cecilia não se sentia à vontade com estranhos e rejeitara a ajuda e a amizade que lhe ofereceram. E, como morava há muito pouco tempo em Cedar Cove, ainda não tivera a oportunidade de fazer amigos íntimos.

Quando Ian voltou, culpou os procedimentos da Marinha por sua demora em entrar em contato. Ele tentou se explicar, mas a essa altura, Cecilia

já estava cansada de tudo aquilo. Apenas uma coisa importava: sua filha estava morta. O marido não sabia e jamais conseguiria entender o que ela passara enquanto ele estava fora. Como Ian servia em um submarino nuclear, todas as comunicações com ele durante esse período eram limitadas às cinquenta palavras permitidas, aos "telegramas de família". De qualquer modo, nada poderia ter sido feito; o submarino estava sob a calota polar na época.

Ela escrevera contando sobre o nascimento de Allison e, logo depois, sobre a morte da menina. Cecilia descreveu seu sofrimento em detalhes nessas breves mensagens, sem se importar com o fato de que elas seriam minuciosamente examinadas pelo pessoal da Marinha. Mas o oficial comandante de Ian achou melhor não passar essas informações para ele até que a viagem de dez semanas estivesse terminada. *Eu não sabia*, repetira Ian insistentemente. Era lógico que ela não poderia responsabilizá-lo. Mas foi o que Cecilia fez. Por mais injusto que isso pudesse ser, ela não conseguia perdoar o marido.

Agora, tudo o que Cecilia desejava era escapar. Sair daquele casamento, sair daquele mar de culpa e arrependimento, simplesmente sair. E a forma mais simples de escapar era divorciar-se de Ian.

Sentada no corredor perto da sala de audiência, Cecilia sentia-se mais determinada do que nunca a terminar seu casamento. Com um rápido golpe do martelo do juiz, ela poderia dar um fim ao pesadelo que fora o último ano. E em algum momento no futuro, até esqueceria que um dia conhecera Ian Randall.

Allan Harris, o advogado de Cecilia, apareceu na sala de espera ao lado da sala de audiência do condado de Kitsap. Ela o observou enquanto ele olhava para um lado e para o outro até vê-la no corredor. O advogado levantou a mão em uma saudação breve, apressou-se até o banco duro de madeira onde ela estava e sentou-se ao seu lado.

— Diga-me de novo o que vai acontecer — pediu Cecilia, precisando que ele lhe reassegurasse que sua vida retornaria, no mínimo, a alguma coisa semelhante ao que era há um ano.

Allan Harris apoiou a pasta no colo.

— Vamos esperar até que a pauta de casos seja anunciada. O juiz perguntará se estamos prontos e eu declararei que sim, então, nos darão um número.

Cecilia assentiu, sentindo-se entorpecida.

— Podemos ser designados com qualquer número entre 1 e 50 — continuou o advogado. — Então, esperamos nossa vez.

Cecilia assentiu de novo, esperava não ficar presa no tribunal o dia inteiro. Já era ruim o bastante ter que estar ali; e pior ainda que a presença de Ian também houvesse sido requisitada. Talvez ele estivesse reunido com seu próprio advogado em algum lugar, discutindo estratégias. Não que ela esperasse que ele contestasse o divórcio.

— Não haverá nenhum problema, certo? — As palmas das mãos dela estavam úmidas e gotas de um suor frio brotavam em sua testa. Ela queria que tudo isso terminasse, para poder seguir em frente. E acreditava que isso não aconteceria até que o divórcio estivesse homologado. Somente então a dor começaria a diminuir.

— Acredito que não haverá nenhum obstáculo, especialmente porque vocês concordaram em dividir todas as dívidas. — Ele franziu levemente o cenho. — Apesar do acordo pré-nupcial que assinaram.

Cecilia sentiu um frio no estômago e apertou a bolsa com força contra ele. Logo, ela lembrou a si mesma, logo ela sairia por essas portas para uma nova vida.

— Trata-se de um acordo um tanto... incomum — murmurou Allan.

Pensando em retrospectiva, o acordo pré-nupcial fora outro item da lista de erros que ela cometera nos últimos 12 meses, mas de acordo com o seu advogado este poderia ser retificado facilmente. Na época em que o assinara, o acordo parecia fazer todo o sentido. Em um esforço para provar a sua sinceridade um com o outro, Cecilia e Ian tiveram a ideia de fazer um documento determinando que o cônjuge que se decidisse pelo divórcio deveria pagar, não apenas os custos legais, mas também todas as dívidas assumidas durante o casamento. Isso poderia ser tanto uma punição quanto um impedimento, mas não funcionara de nenhum modo. E agora, era apenas mais um aborrecimento com que ela precisava lidar.

Cecilia culpava a si mesma por insistir em terem alguma coisa por escrito. Ela quisera estar absolutamente certa de que Ian não estava casando com ela apenas por um senso de obrigação. Sim, a gravidez não fora planejada, mas ela poderia perfeitamente bem criar o bebê sozinha. E preferia isso, a se ver presa a um casamento infeliz. Ou a prender Ian em uma relação que ele não desejava. Ele jurou que amava a ela e à criança que esperavam e que queria realmente se casar.

Aos 10 anos de idade, o mundo de Cecilia se partira em pedaços quando seus pais se divorciaram. Ela se recusava a permitir que um filho seu passar pela mesma situação. Para ela, casamento era para sempre e queria que tivessem certeza do que faziam antes de assumir um compromisso para uma vida inteira. Como fora ingênua, pensou Cecilia agora. Como fora sentimental. Como fora *romântica*.

Ian disse que queria que o casamento deles fosse para sempre, também. Mas, como todo o resto no último ano, isso também fora uma ilusão. Cecilia *precisara* acreditar nele, no poder do seu amor e que esse amor a protegeria de desgostos como o que ela estava encarando naquele momento.

No final, cega pela possibilidade de ter um marido que parecia totalmente comprometido com ela e pela esperança de ter uma vida do tipo "e viveram felizes para sempre", Cecilia concordara com o casamento. Mas com uma condição. O acordo.

Certos de que o casamento deles duraria para sempre, eles inventaram um documento que os ajudaria a se manterem fiéis aos seus votos. Ou era assim que pensavam... Antes da cerimônia, eles mesmos redigiram o acordo pré-nupcial e o registraram em cartório. Cecilia se esquecera de tudo isso até marcar uma reunião com Allan Harris e ele perguntar se ela assinara algum acordo antes de casamento. Aquele certamente não era o tipo de documento padrão, no entanto, Allan achou que seria necessário que um tribunal o rescindisse.

O casamento deles não deveria terminar daquele jeito, mas, depois que o bebê morrera, tudo dera errado. Qualquer amor que houvesse entre eles não resistira à perda. Bebês não deveriam morrer. Mesmo os que nasciam

prematureos. Qualquer senso de coerência, de justiça, desaparecera do mundo de Cecilia. E o casamento, que deveria ser um apoio para ela, transformara-se em outra fonte de culpa e sofrimento. A experiência a ensinara que estava *sozinha* e ela acreditava que sua situação legal deveria refletir bem esse estado.

Como já não conseguia pensar mais sobre isso, Cecilia propositalmente mudou o rumo de seus pensamentos.

Os advogados apressavam-se pela área lotada, confabulando com seus clientes. Ela olhou ao redor esperando encontrar Ian, preparando-se para o confronto inevitável. Não o vira ou falara com ele em mais de quatro meses, embora os advogados de ambos mantivessem contato regular. Cecilia se pegou imaginando se todas aquelas pessoas estavam ali por razões tão tristes quanto as dela. Votos quebrados, acordos rompidos...

— Nosso caso está com a juíza Lockhart — disse Allan interrompendo seus pensamentos.

— E isso é bom?

— Ela é justa.

Isso era tudo o que Cecilia queria saber.

— Isso é apenas uma formalidade, certo?

— Certo. — Allan ofereceu-lhe um sorriso de conforto. Ela checou a hora no relógio. A leitura da pauta de casos deveria ser anunciada às 9h, e faltavam apenas cinco minutos. Ian ainda não chegara.

— E se Ian não aparecer — perguntou ela.

— Então pediremos um adiamento.

— Oh. — Que não houvesse mais nenhum atraso, implorou Cecilia silenciosamente.

— Ele virá — disse Allan confiante. — Brad me disse que Ian está tão ansioso para terminar com tudo isso quanto você.

O frio que ela sentia no estômago ficou mais forte. Essa era a parte fácil, lembrou ela a si mesma, ignorando o nervosismo. Já passara pela parte mais difícil, a dor, o sofrimento, o desapontamento ao constatar que o casamento fracassara. A audiência era uma mera formalidade, fora o que dissera Allan. Assim que o acordo pré-nupcial fosse rescindido, o divórcio sem contestação estaria garantido e esse pesadelo poderia ser deixado para trás.

Então, Ian apareceu.

Cecilia sentiu a presença dele antes mesmo de vê-lo. Sentiu seu olhar enquanto ele subia as escadas e entrava na sala de espera. Ela virou-se e seus olhares se encontraram por um instante, antes que ambos rapidamente olhassem para outro lado.

Quase ao mesmo tempo, as portas da sala de audiência foram abertas. Todos se levantaram e começaram a entrar na sala com uma pressa que dispensava explicações. Allan cruzou as portas de mogno atrás de Cecilia. Ian e seu advogado entraram atrás deles e sentaram-se no lado oposto da sala de audiência.

O oficial de justiça imediatamente começou a anunciar os nomes como se estivesse fazendo uma chamada de escola. A cada nome, ou grupo de nomes, chamado, alguém respondia e um número era designado. Tudo acontecia tão rápido que Cecilia quase perdeu o anúncio do próprio nome.

— Randall.

Tanto Allan Harris como Brad Dumas responderam.

Cecilia não ouviu o número que lhes foi designado. Quando Allan sentou-se ao seu lado, anotou o número 30 em um bloco de notas amarelo.

— Trinta? — sussurrou ela, surpresa ao perceber que 29 outros casos seriam ouvidos antes do dela.

Ele assentiu:

— Mas não se preocupe, será rápido. Provavelmente antes das Ilh, já teremos saído daqui. Vai depender do que mais está sendo decidido.

— Eu tenho que ficar aqui?

— Não na sala de audiência. Pode esperar lá fora se preferir.

Foi o que ela fez. Aquela sala parecia claustrofóbica, insuportável. Cecilia levantou-se e apressou-se em direção à sala de espera, agora vazia, quase tropeçando na pressa de escapar.

Mal dera dois passos quando parou, quase colidindo com Ian.

Os dois estacaram, encarando-se. Cecilia não sabia o que dizer e Ian, aparentemente, tinha o mesmo problema. Ele estava com uma boa aparência, no seu uniforme da Marinha, o que lembrou a ela o dia em que se encontraram pela primeira vez. Era um homem alto, tinha um belo corpo e os mais impressionantes olhos azuis que ela jamais vira. Cecilia pensou que se Allison Marie houvesse sobrevivido, teria os olhos do pai.

— Está quase acabado — disse Ian, a voz baixa e despida de emoção.

— Sim — respondeu ela. E, depois de um momento de silêncio, acrescentou: — Eu não segui você até aqui fora. — Ela queria que ele soubesse disso.

— Eu digo o mesmo.

— É que parecia que as paredes estavam se fechando ao meu redor.

Ian não comentou o que ela disse, e sentou em um dos bancos de madeira que se alinhavam ao longo do corredor do lado de fora das salas de audiência. Ele inclinou-se para frente, com os cotovelos apoiados nos joelhos. Cecilia sentou-se o mais distante possível dele, na outra ponta do banco. Mais pessoas deixavam a sala de audiência lotada. Algumas desapareciam, outras encontravam algum canto afastado para confabular com seus advogados. Suas conversas sussurradas ecoavam pelas paredes de granito.

— Sei que você não acredita em mim, mas sinto muito que as coisas tenham chegado a esse ponto — disse Ian.

— Eu também. — Então, para o caso de ele vir a pensar que ela estava procurando uma reconciliação, Cecilia completou: — Mas é preciso.

— Concordo inteiramente com você. — Ian endireitou o corpo, sentando-se com as costas muito retas, enquanto cruzava os braços sobre o peito. E não olhou mais para ela.

Era uma situação embaraçosa, os dois sentados ali daquela forma. Mas se ele podia fingir que ela não estava ali, Cecilia achou que podia fazer a mesma coisa. Discretamente, chegou-se ainda mais para a beirada do banco. Seria uma longa espera.

* * *

— OLÁ! — disse Charlotte Jefferson, enquanto enfiava a cabeça pela fresta da porta do pequeno quarto particular no Casa de Repouso de Cedar Cove. — Parece que você é um recém-chegado.

O cavalheiro idoso, de cabelos brancos, com o corpo largado desajeitadamente em uma cadeira de rodas, encarou-a com confusos olhos castanhos. Apesar dos estragos inerentes à doença e à idade avançada, Charlotte sabia que ele já estava na casa dos 90 anos, ela podia perceber que ele já fora um belo homem. A estrutura clássica dos ossos era inquestionável.

— Não precisa se preocupar em responder — disse. — Sei que está se recuperando de um derrame. Queria apenas me apresentar. Sou Charlotte Jefferson e parei para ver se há alguma coisa que eu possa fazer por você.

Ele ergueu os olhos para ela e, lentamente, com grande dificuldade, negou com a cabeça.

— Nem precisa me dizer seu nome. Eu já li do lado de fora da porta. Você é Thomas Harding. — Charlotte fez uma pausa. — Janet Lester, a assistente social, o mencionou há alguns dias. Eu sempre gostei desse nome, Thomas — tagarelou ela.

— Imagino que seus amigos o chamem de Tom.

Um sorriso fraco confirmou que ela estava certa.

— Era o que eu pensava. — Charlotte não queria se impor, mas sabia o quanto alguém podia se sentir solitário, vindo para uma cidade estranha e sem conhecer uma única alma. — Uma das minhas amigas mais queridas esteve aqui por anos, e eu vinha visitá-la toda quinta-feira. Isso se tornou um hábito tão arraigado que, depois que Barbara foi ocupar seu lugar junto a Deus, eu simplesmente continuei vindo. Na semana passada, Janet me disse

que você acabara de chegar. Então, decidi dar um pulo até aqui hoje e me apresentar.

O homem tentou mover a mão direita, sem sucesso.

— Há alguma coisa que você quer que eu pegue? — perguntou ela, querendo ser útil.

Ele balançou a cabeça novamente e, então, com a ponta trêmula do dedo indicador, apontou para uma cadeira diante dele.

— Ah, entendi. Você está me convidando a sentar.

Thomas conseguiu esboçar um sorriso, mesmo com o rosto torto como estava.

— Bem, se não se importa, vou aceitar. Meus pés estão me matando.

Ele a observava, os olhos brilhando de interesse.

— Acredito que gostaria de saber um pouco sobre Cedar Cove. Não o culpo, pobre homem. Mas graças a Deus que foi transferido para cá. Janet disse que você já havia pedido antes para vir para Cedar Cove, mas que, ao invés disso, foi enviado para aquele lugar em Seattle. Eu ouvi falar sobre o que acontece *lá*. Tudo o que posso dizer é que é uma verdadeira vergonha.

Segundo Janet, o lugar onde Tom estivera antes fora fechado por causa do grande número de sérias irregularidades. Então, os pacientes, a maioria deles sob custódia do Estado, foram designados para várias unidades de tratamento em todo o estado de Washington.

— Estou tão feliz que você tenha vindo para Cedar Cove! É uma cidadezinha muito agradável, Tom — disse ela, usando de propósito o primeiro nome dele. Charlotte queria que o homem se sentisse *aceito*. Ele estivera em um lugar em condições precárias, onde fora tratado sem

nenhuma dignidade ou compaixão. Na verdade, Janet havia lhe dito que os funcionários do local eram particularmente negligentes. Charlotte ficara chocada ao ouvir isso. Achava incompreensível uma coisa dessas. Era difícil imaginar alguém sendo cruel com uma pessoa tão vulnerável quanto Tom! Difícil imaginar que fora ignorado, largado em uma cama suja, sem ninguém para falar com ele...

— Vejo que daqui você consegue ver a marina — disse ela com o máximo de entusiasmo que conseguiu. — Temos muito orgulho da nossa orla marítima. Durante o verão temos um pequeno festival de música e, é claro, aos sábados, o mercado do produtor ocupa o estacionamento próximo à biblioteca. De vez em quando, barcos de pesca atracam no porto para vender suas mercadorias. E eu juro a você, Tom, que não há nada melhor do que camarão do canal Hood, comprado fresco no barco.

Charlotte hesitou, mas, como Tom parecia estar atento, continuou:

— Certo, vamos ver o que mais posso lhe contar sobre Cedar Cove — disse ela, não sabendo bem por onde começar. — Esta é uma cidade pequena. No último censo, parece que totalizávamos cerca de 15.000 habitantes. Meu marido, Clyde, e eu somos da região de Yakima, na parte leste do estado e nos mudamos para cá depois da Segunda Guerra Mundial. Naquele tempo, Cedar Cove tinha o único semáforo de toda a região. Isso foi há 50 anos. — Cinquenta anos. Como era possível que já houvesse passado tanto tempo?

— Cedar Cove mudou em algumas coisas, mas permanece exatamente a mesma em outras — disse ela. — Muitas pessoas aqui trabalham no estaleiro Bremerton, da mesma forma como era na década de 40. E, naturalmente, a presença da Marinha tem um forte impacto sobre a economia da cidade.

Tom já devia ter imaginado isso, vendo o estaleiro naval Bremerton do outro lado da enseada. Enormes porta-aviões alinhavam-se no porto, assim como submarinos a diesel. Os submarinos nucleares ficavam na base em Bangor. Em dias nublados a pequena frota cinza fundia-se ao cinzento do céu.

Com dificuldade, Tom colocou a mão direita sobre o coração.

— Você serviu como militar? — perguntou Charlotte.

Ele assentiu com um movimento de cabeça quase imperceptível.

— Que Deus o abençoe! — disse Charlotte. — Há toda essa conversa sobre sermos a grande geração, porque atravessamos a grande depressão e a guerra, e sabe do que mais? Acho que é isso mesmo. Os jovens de hoje não sabem o que significa se sacrificar. Eles têm tudo muito fácil. Mas, isso é apenas a minha opinião.

Os olhos de Tom se arregalaram e Charlotte teve certeza de que ele concordava com ela.

Sem querer se desviar do assunto, ela fez uma pausa, mordiscando o lábio inferior.

— Agora, o que mais eu posso lhe contar? — murmurou. — Bem, antes de mais nada, aqui em Cedar Cove nós somos ótimos nos esportes. Nas noites de sexta-feira, no outono, metade da cidade aparece para conferir os jogos do campeonato de futebol americano da escola secundária. Nessa época do ano em que estamos, é a vez do basquete. Há dois anos, o time de softbol ganhou o campeonato estadual. Meu neto mais velho... — Ela hesitou e desviou o olhar, lamentando ter seguido esse fio de pensamento. — Jordan

era uma verdadeira promessa como jogador de baseball. Mas ele morreu afogado, 15 anos atrás.

Ela não sabia o que a levaria a mencionar Jordan e desejava não tê-lo feito. Uma tristeza já conhecida apertou seu coração.

— Acho que jamais conseguirei superar sua morte.

Mesmo fraco como estava, Tom inclinou-se na direção de Charlotte, como se quisesse colocar as mãos sobre as dela.

Foi um gesto tocante.

— Me desculpe — sussurrou ela. — Eu não tinha intenção de falar sobre isso. Minha filha mora em Cedar Cove — continuou ela, forçando um tom animado na voz. — Ela é juíza. Juíza Olivia Lockhart. E tenho muito orgulho dela. Quando era pequena, Olivia era uma coisinha miúda, mas acabou ficando uma mulher muito alta. Muito impressionante. Está com cinquenta e poucos anos agora e ainda faz muitas cabeças se voltarem quando passa. É a forma como se movimenta. Só de olhar para ela, as pessoas já sabem que se trata de alguém importante. Essa é minha filha, a juíza. Mas, para mim, ela sempre será a minha menininha de olhos castanhos. Fico muito feliz quando me sento para assisti-la presidir as audiências.

Charlotte balançou a cabeça.

— E aqui estou eu, falando de mim ao invés de falar sobre Cedar Cove.

— Se tivesse perguntas para responder, ela teria achado mais fácil, mas infelizmente Tom estava incapacitado de perguntar qualquer coisa.

— Aqui, estamos há apenas uma barca de distância de Seattle, mas somos uma comunidade rural. Eu moro na cidade propriamente dita, mas muita

gente tem galinhas e cavalos por aqui. Lógico que moram fora dos limites da cidade.

Tom fez um gesto com a cabeça na direção de Charlotte.

— Você está querendo saber mais sobre mim?

O sorriso que ele lhe deu em resposta mostrou que ela estava certa.

Charlotte sorriu, um pouco atrapalhada. Ela levantou a mão e ajeitou os cabelos macios e ondulados. Aos 72 anos de idade, tinha o cabelo completamente branco. E isso lhe caía muito bem, se é que Charlotte poderia se permitir dizer isso de si mesma. Seu rosto era relativamente sem rugas e ela sempre tivera orgulho de sua pele. Afinal, uma mulher tinha direito a um pouco de vaidade, não é mesmo?

— Eu sou viúva — começou ela. — Clyde se foi há quase 20 anos. Morreu muito novo ainda. Câncer. — Charlotte baixou os olhos. — Ele trabalhava no estaleiro naval. Tivemos dois filhos, William e Olivia. Você sabe, a juíza. William trabalha na área de energia e viaja o mundo inteiro, e Olivia casou-se e se instalou aqui mesmo, em Cedar Cove. Seus filhos cursaram a mesma escola secundária que ela. A escola pendura nas paredes uma foto de cada turma que se forma, e é muito interessante recordar aqueles jovens rostos sorridentes e poder conferir que tipo de pessoas se tornaram. — Charlotte ficou pensativa. — A foto de Justine, filha de Olivia, está lá. Ela era gêmea de Jordan e, ai, me preocupo com Justine. Ela está com 28 anos agora e está namorando um homem mais velho no qual nem eu, nem a mãe dela, confiamos. — Charlotte interrompeu-se antes que continuasse a falar mais no assunto.

— James é o filho mais novo de Olivia e está na Marinha, agora. Foi um choque para nós quando ele se alistou. William e sua esposa decidiram não ter filhos e, às vezes, me pergunto se hoje não se arrependem disso. Acho que Will se arrepende, mas Sharon não. — Embora seus dois filhos já estivessem na casa dos cinquenta anos, Charlotte ainda se preocupava com eles.

Os olhos de Tom se fecharam sem querer e, então, abriram-se rapidamente.

— Você está cansado — disse Charlotte, percebendo que estava falando de suas preocupações em relação à filha e aos netos, ao invés de dar a ele uma visão geral de Cedar Cove.

Ele balançou a cabeça levemente, como se não quisesse que ela partisse.

Charlotte levantou-se e colocou a mão sobre o ombro dele.

— Voltarei em breve, Tom. Você precisa dormir um pouco. E, além disso, já está na hora de eu ir ao tribunal. Olivia está presidindo a sala de audiência esta manhã e eu estou terminando uma mantinha de bebê. — Percebendo que devia se explicar melhor, ela acrescentou: — Onde eu tricoto melhor é no tribunal. O *The Chronicle* publicou um artigo sobre mim há uns dois anos com uma foto! Lá estava eu, sentada na sala de audiência, com minhas agulhas e meu novelo de lã. Aliás, isso me lembra que, se quiser, posso trazer o jornal local e ler para você. Até essa semana, exatamente, nós só tínhamos a edição de quarta-feira, mas o jornal foi vendido há pouco tempo e contrataram um novo editor. Ele aumentou a tiragem para duas edições por semana. Isso não é bom?

Tom sorriu.

— Essa é uma cidadezinha adorável — disse Charlotte, inclinando-se para dar uns tapinhas carinhos na mão dele. — Você vai gostar muito daqui.

Ela se encaminhou para a porta, não sem antes perceber que o seu novo amigo não tinha uma manta para cobrir o colo e as pernas. As senhoras do Centro da Terceira Idade logo resolveriam esse problema. Aqueles corredores eram muito frios, especialmente durante os invernos úmidos de Cedar Cove. Era muito triste que este homem não tivesse ninguém que se preocupasse o bastante com seu bem-estar para providenciar um conforto tão básico como esse.

— Eu voltarei logo — disse ela, mais uma vez.

Tom assentiu e deu uma risadinha charmosa. Oh, sim, ele fora muito atraente em sua época.

Quando Charlotte já estava quase saindo pela porta principal, Janet a deteve.

— Você se apresentou a Tom Harding?

— Sim. Que homem amável!

— Eu sabia que pensaria assim. Você é exatamente do que ele precisa.

— Ele não tem família? Ninguém?

— Não há nenhum parente próximo registrado no arquivo dele. Já se passaram cerca de cinco anos desde que Tom teve o derrame e, aparentemente, nunca recebeu visitas. — Ela parou, o cenho cerrado. — Mas também não sei o quanto podemos confiar nos arquivos mantidos pelo asilo.

— Quanto tempo ele ficou lá?

Janet deu de ombros.

— Não me lembro exatamente. No mínimo cinco anos. Desde que foi liberado do tratamento de doenças crônicas.

— Oh, o pobre homem. Ele está...

— Precisando de uma amiga — Janet terminou a frase para ela.

— Bem, então ele encontrou uma — disse Charlotte. Sempre gostara de conversar. Clyde costumava dizer que ela poderia fazer amizade com uma parede. Ele dizia isso como um elogio e era assim que ela também encarava.

Pensando melhor, não iria pedir às mulheres do Centro da Terceira Idade para tricotarem uma manta para o colo de Tom. Ela mesma faria isso, tão logo terminasse o cobertorzinho de bebê. Na sua próxima visita já teria alguma coisa para dar a ele, para mantê-lo aquecido. A manta para o colo... e a sua amizade.

* * *

A JUÍZA Olivia Lockhart passava por maus momentos quando precisava lidar com casos de divórcio, que eram a parte de que menos gostava em seus deveres na Vara de Família. Ela era juíza há dois anos e achava que já vira de tudo. E, então, apareciam casos como esse.

Ian e Cecilia Randall estavam pedindo para que o acordo pré-nupcial manuscrito e registrado em cartório, fosse rescindido. Assim que esta questão estivesse resolvida, eles iriam solicitar a dissolução do seu casamento. Os advogados estavam parados diante dela com os clientes ao lado.

Olivia relanceou o olhar para o papel do acordo, notando que este fora datado e assinado há menos de um ano. Não conseguia entender como um casamento pudera dar tão errado, tão rápido. Ela levantou os olhos e estudou

o casal. Eles pareciam tão jovens, parados ali, diante dela. Ian Randall aparentava ser um jovem responsável, que provavelmente estava longe de sua casa e de sua família pela primeira vez, servindo como militar. A esposa era uma moça de aparência frágil, muito magra e com olhos escuros e expressivos. Seu cabelo liso, na altura do ombro emoldurava um rosto em formato de coração. Ela ficava o tempo todo ajustando uma mecha do cabelo atrás da orelha, em um gesto nervoso.

— Devo dizer que isto é bastante diferente do que eu já vi — murmurou Olivia, relendo as poucas linhas do texto. Mas era também muito objetivo, embora incomum. De acordo com o documento, o cônjuge que pedisse o divórcio, assumiria todas as dívidas contraídas pelo casal.

Aparentemente eles haviam mudado de opinião, tanto em relação ao acordo, quanto ao próprio casamento. Olivia relanceou os olhos pela lista curta de dívidas acumuladas e percebeu que estavam repartidas igualmente entre os dois. Se o casamento tivesse durado mais, obviamente as dívidas seriam maiores, provavelmente haveria uma hipoteca, as prestações de um carro e outras coisas mais. Mas Olivia imaginou que isso não teria sido um grande incentivo para que a esposa descontente desistisse do divórcio. De qualquer modo, as dívidas do casal naquele momento estavam em um montante de sete mil dólares. Ian Randall assumira todas as contas de cartão de crédito e Cecilia Randall concordara em pagar as despesas da casa, que incluíam trezentos dólares da conta de telefone e, por incrível que pareça, duzentos dólares da floricultura. O montante maior de débitos, ela percebeu, eram os custos de um funeral, que eles haviam resolvido dividir igualmente.

— Ambas as partes chegaram a um acordo em relação às dívidas acumuladas durante o período do casamento — declarou Allan Harris.

Era óbvio que havia mais coisas naquele caso do que parecia à primeira vista.

— Houve uma morte na família? — perguntou Olivia, dirigindo-se ao advogado que se manifestara.

Allan assentiu.

— Sim. Uma criança.

O coração de Olivia apertou-se.

— Entendo.

— Nossa filha nasceu prematura e tinha um problema cardíaco — disse Cecilia Randall em um fio de voz. — Seu nome era Allison.

— Allison Marie Randall — acrescentou o marido, militar da Marinha.

Olivia observou enquanto ambos trocavam um rápido olhar. Cecilia desviou os olhos, mas não foi rápida o bastante e a juíza pôde perceber a dor, a raiva e o sofrimento escondidos ali. Talvez fosse mais fácil para Olivia reconhecer esses sentimentos, pois ela mesma os experimentara durante a dissolução do seu próprio casamento.

As duas partes continuavam esperando pela decisão dela. Como tudo estava em ordem e ambos estavam de acordo, não havia nada que retardasse a conclusão do processo. Essa audiência era uma simples formalidade e logo eles poderiam concluir a dissolução do casamento.

— Sete mil dólares é uma quantia alta para ter sido acumulada em tão poucos meses — disse ela, prolongando a espera.

— Eu concordo, Meritíssima — acrescentou rapidamente Brad Dumas. — Mas houve circunstâncias atenuantes.

Olivia distinguiu a mãe entre as pessoas sentadas na sala para assistir às audiências. Ela costumava se sentar na primeira fila, quase sempre ocupada com suas lãs e agulhas de tricô. Mas Charlotte não estava tricotando naquele momento. Seus dedos agarravam com força as agulhas que descansavam em seu colo, como se ela também entendesse o significado do que estava acontecendo.

24

Olivia hesitou, o que era estranho vindo dela. Era conhecida por ser rápida e decidida. O que esse casal precisava era de um toque carinhoso e gentil que os guiasse pelo processo do luto que viviam. Terminar o casamento não resolveria os seus problemas. Olivia aprendera isso por experiência própria. Se os Randall insistissem em levar adiante esse divórcio, Olivia estaria ajudando-os a trilhar um caminho de mão única de dor e culpa. No entanto, ela não possuía nenhuma razão legal para não rescindir o acordo.

— Vou determinar um recesso de dez minutos... para rever esse acordo — anunciou. Então, antes que os membros ambas as partes pudessem se recuperar do choque, ela levantou-se e se encaminhou para a sua sala. Olivia ouviu o rumor na sala de audiência, enquanto todos ficavam de pé, seguido por uma onda de sussurros abafados.

Já na sua sala, Olivia sentou-se diante da mesa, encostou a cabeça na cadeira de couro e fechou os olhos. Era inevitável que ela fizesse comparações entre si mesma e Cecilia Randall. Há quinze anos, Olivia perdera seu filho mais velho, desde então, os anos vieram e se foram, mas a dor pela morte de Jordan nunca diminuía e ela sabia que nunca iria diminuir. Nos doze meses

seguintes ao afogamento, todo o seu mundo ruíra. Primeiro, ela perdera o filho e, logo depois, o marido.

Ao longo dos anos, pequenos problemas foram se acumulando em seu casamento. Nada grande, alarmante ou fora do comum, apenas a tensão inerente a qualquer casal com duas carreiras para administrar, além de três crianças que os requisitavam permanentemente. No entanto, depois da morte de Jordan, essa tensão aumentara até se tornar insuperável. E, antes que Olivia se desse conta do que estava acontecendo, já haviam se separado. Pouco tempo depois, Olivia e Stan se viram diante de um juiz, enquanto o divórcio era declarado.

Três meses depois, Stan casara-se novamente, chocando Olivia e todos que o conheciam. Aparentemente ele já vinha confiando seus problemas a uma outra mulher há algum tempo, e mantivera essa relação em segredo.

Ouviu uma batida na porta e, antes que pudesse responder, sua mãe entrou na sala.

Olivia endireitou-se na cadeira. Ela deveria ter imaginado que sua mãe aproveitaria essa oportunidade para vir lhe falar.

— Olá, mamãe.

— Não estou atrapalhando você, estou?

Olivia negou com a cabeça. A mãe sabia que as portas estavam sempre abertas para ela.

— Que bom. — Charlotte foi direto ao ponto. Ao ponto que *lhe* interessava. — É uma vergonha, um jovem casal querendo terminar um casamento, quando ambos nem ao menos tiveram a chance de se conhecer direito.

Olivia estava pensando a mesma coisa, embora não pudesse nem quisesse admitir.

— Me parece que nenhum dos dois está muito entusiasmado com esse divórcio. Posso estar errada, mas...

— Mamãe, a senhora sabe que eu não posso discutir os meus casos.

— Sim, sim, eu sei, mas é que às vezes eu simplesmente não consigo me controlar. — Charlotte fez menção de sair da sala novamente, mas, então, pareceu mudar de ideia. — Não sei se cheguei a lhe dizer isso algum dia, mas seu pai e eu também não nos entendemos bem no primeiro ano de nosso casamento.

Isso era novidade para Olivia.

— Clyde era um homem teimoso, e você já deve ter percebido que eu também tenho a personalidade forte.

Para dizer o mínimo, pensou Olivia.

— Em nosso primeiro ano, tudo o que fazíamos era discutir — disse Charlotte — e, então, antes que eu me desse conta, estava grávida de seu irmão e bem... bem, nós conseguimos que as coisas entre nós funcionassem. Tivemos muitos anos bons juntos, seu pai e eu. — Ela apertava as mãos ao redor da bolsa e da sacola com o material de tricô — Ele foi o amor da minha vida. — Como se houvesse dito mais do que pretendia, Charlotte saiu rapidamente da sala e fechou a porta.

Olivia levantou-se, sorrindo abertamente. A mãe dissera exatamente o que ela precisava ouvir. Com a decisão tomada, voltou à sala de audiência. Ela sentou-se e os Randall e seus advogados aproximaram-se. Cecilia Randall deu um passo à frente com aqueles olhos grandes e expressivos olhando de

modo inexpressivo para lugar algum. A expressão de Ian Randall era dura e firme, como se ele estivesse se preparando para o inevitável.

— Eu não posso descartar a possibilidade — começou Olivia —, de que as partes celebraram esse acordo tendo em mente exatamente essa situação, a questão do divórcio, que está sendo trazida hoje diante dessa corte. Obviamente, eles davam muito valor ao seu casamento e foi esse valor que gerou esse acordo pré-nupcial. A intenção do casal era claramente evitar aquilo pelo qual agora parecem ansiar. Um divórcio fácil. Por esse motivo, eu não vou revogar o acordo pré-nupcial. A questão terá ir a julgamento. Nesse ínterim, eu aconselho firmemente que as partes procurem aconselhamento, ou apelem para o Centro de Mediação e Arbitragem, para discutir suas diferenças.

Tanto os cônjuges quanto seus advogados inclinaram-se mais para frente, como se não tivessem escutado direito.

Allan Harris e Brad Dumas imediatamente começaram a vasculhar suas anotações. Era quase cômico ver os dois advogados apressando-se para reler o acordo pré-nupcial.

— Peço licença, Meritíssima. — Brad Dumas foi o primeiro a reagir, erguendo a mão.

— Ambas as parte estão de acordo — argumentou Allan Harris. — O sr. Randall concordou que o acordo fosse cancelado e assume de bom grado a responsabilidade por dividir as dívidas.

— O que ela disse? — perguntou Cecilia Randall, olhando para Allan.

— Um esclarecimento, Meritíssima — pediu Brad Dumas, com a expressão estarrecida.

— Vale o que está escrito no acordo — determinou Olivia.

— A senhora não vai revogar o documento? — falou Allan Harris lentamente. Ele parecia confuso.

— Não, senhores advogados, eu não vou, pelas razões que acabo de declarar.

Allan Harris e Brad Dumas continuavam olhando-a fixamente.

— Algum problema, cavalheiros?

— Ah...

Ela os dispensou com um gesto.

— Procurem o escrevente e agendem uma data para o julgamento.

— Isso significa que não podemos dar seguimento ao divórcio? — perguntou Cecilia ao seu advogado.

— Eu quero esse divórcio tanto quanto você — insistiu Ian.

Olivia bateu seu martelo.

— Ordem no tribunal — disse a eles. Se o casal queria discutir, que o fizessem depois.

Movendo-se como se estivessem em estado de choque, Allan Harris e Brad Dumas pegaram seus papéis e suas pastas.

— Há alguma outra opção? — Cecilia perguntou a Allan enquanto se afastavam da mesa da juíza.

— Nós podemos apelar, mas...

— Mas isso vai aumentar as custas ainda mais — protestou Ian, que estava bem atrás deles, ao lado do próprio advogado. Aparentemente, Brad ainda estava muito estupefato para falar qualquer coisa.

— Eu não entendo o que está acontecendo — murmurou Cecilia, quando já se aproximavam da porta da sala de audiência. — Não podemos *fazer* alguma coisa?

— A juíza disse que temos que levar isso a julgamento? — Ian soava incrédulo. — Quanto isso custará?

— Muito caro — respondeu rapidamente Allan Harris como se estivesse encantado em aumentar a conta do marido de sua cliente.

— Mas não é isso o que eu quero — lamentou Cecilia.

— Então, eu sugiro que façam o que a juíza recomendou e procurem aconselhamento, ou contatem o Centro de Mediação e Arbitragem.

— Eu não vou expor meus problemas a um bando de estranhos. — E dizendo isso, Ian Randall saiu pisando firme para fora da sala. Brad Dumas acompanhou seu cliente, mas não sem antes olhar com uma expressão decepcionada na direção de Olivia.

Allan Harris permaneceu parado, sacudindo a cabeça, com uma expressão incrédula.

O oficial de justiça chamou o próximo número e, ainda assim, Allan permaneceu parado.

Cecilia Randall virou-se para sair, mas não foi rápida o bastante em disfarçar os olhos cheios de lágrimas. Olivia sentiu o coração apertar um pouco, mas ainda assim, continuava convencida de que fizera a coisa certa.

— Como isso pôde acontecer? — perguntou Cecilia.

— Eu não entendo — Olivia ainda ouviu Allan Harris resmungar. — É uma loucura.

Cecilia sacudiu a cabeça.

— Você tem razão — murmurou ela, encolhendo os ombros por debaixo do casaco. — Nada disso deveria ter acontecido. Mas aconteceu.

Capítulo Dois

30

OLIVIA GEMEU quando o telefone tocou pela quinta vez no sábado de manhã. Não tinha dúvidas de que essa chamada, assim como todas as outras, era resultado da matéria de Jack Griffin, publicada no jornal naquela manhã. O novo editor do *The Cedar Cove Chronicle*, por alguma razão, decidira escrever um artigo sobre ela. Ele publicara a chamada "Divórcio Negado", em lugar de destaque na página editorial. Olivia suspirou. Toda essa atenção indesejada estava atrapalhando o seu final de semana, e ela se ressentia disso.

— Alô — disse, fazendo questão de deixar toda a irritação que sentia transparecer na sua voz. Se quem estava chamando estivesse com vontade de discutir a sua sentença, logo

perceberia que ela não estava com disposição para conversas. Desse modo, Olivia conseguira encerrar rapidamente as últimas quatro chamadas.

— Alô, mamãe.

Justine, que alívio! Olivia estivera esperando um contato da filha a semana toda.

— Como está você? — Antes, elas costumavam se falar com regularidade, mas agora não mais. Justine estava namorando um homem que Olivia

considerava desprezível e isso criara uma tensão crescente entre mãe e filha. Por consequência, Justine vinha evitando-a.

Warren Sarget era um empreendedor rural de 48 anos, 20 anos mais velho que Justine, que estivera envolvido em mais de um negócio suspeito. A diferença de idade incomodava menos Olivia do que o caráter do homem.

— Você sabe que o seu nome está no jornal esta manhã? — perguntou Justine.

Como se alguém fosse permitir que ela ignorasse isso. Desde a primeira semana do ano que o *The Cedar Cave Chronicle* passara a ter duas edições semanais e essa era a primeira edição de sábado. Talvez Griffin devesse ter continuado a publicar o jornal apenas uma vez por semana, pensou Olivia com raiva, já que ele obviamente estava com dificuldades para arrumar notícias de verdade. O homem usara todo o espaço da sua coluna para falar do dia que passara no tribunal, ouvindo os casos que ela julgava. E embora não houvesse mencionado o nome dos Randall, disse que a sentença que ela proferira, naquele caso, viera mais do coração do que de qualquer livro de direito e que ele aplaudia a sua decisão, chamando-a de corajosa e incomum. Olivia não tinha nada contra ser elogiada, mas teria preferido não chamar a atenção para esse caso em particular. E, apesar de ter falado dela em tom de lisonja, certamente não fora tão bondoso com outros da mesma profissão de Olivia. Griffin parecia ter algum tipo de preconceito contra advogados e juizes, e não tinha medo de compartilhar suas opiniões sobre o assunto.

Fora apenas sorte de Olivia que Jack Griffin tivesse escolhido a sala de audiência *dela* naquele dia. Apenas *má* sorte, corrigiu-se ela.

— O que aconteceu? — perguntou Justine. — Quero dizer, é óbvio que Jack Griffin não tem muito respeito pela lei, mas parece gostar de você.

Olivia podia ouvir o divertimento na voz da filha.

— Eu nem conheço o homem — disse ela, sem interesse.

— Isso é interessante. Achei que você estava me escondendo alguma coisa.

— Escondendo o quê?

— Alguma coisa como ter encontrado um homem para você.

— Ah, por favor — gemeu Olivia.

— Bem, ele parece estar se considerando seu paladino. Especialmente em relação à coisa do "divórcio negado".

Olivia sabia que estava assumindo um risco quando deu a sentença no caso Randall. Seus sentimentos pessoais não vinham ao caso na corte, mas ela estava convencida de que aqueles dois jovens estariam cometendo um grande erro se levassem o divórcio adiante. E apenas criara uma barreira, na esperança de que fosse o bastante para fazê-los lidar com seus problemas, ao invés de fugir deles.

— Jack disse que você não teve medo de tomar uma decisão controversa.

— Eu já li a coluna — disse Olivia, tentando evitar que a filha repetisse mais alguma coisa do que estava escrito ali.

— Então você já leu tudo?

Olivia suspirou.

— Infelizmente, sim. — Então, tentando mudar de assunto, perguntou: — Você está livre para o almoço esta tarde? Há semanas não nos vemos.

Justine viera para o Natal, mas fora embora assim que os presentes foram abertos e a ceia servida. Olivia não tinha ideia de onde a filha passara o Ano-Novo. Na verdade ela sabia, sim, mas preferia não saber. A filha passara a noite com Warren Saget.

— Sua avó e eu vamos almoçar juntas, e adorariíamos que se juntasse a nós.

— Desculpe, mamãe, mas Warren e eu já fizemos planos para essa tarde.

— Oh. — Ela deveria ter imaginado. Warren mantinha Justine na rédea curta. A filha raramente tinha algum tempo livre nesses últimos tempos.

Isso deixou Olivia angustiada e aborrecida, mas sabia que se mencionasse isso, ou sequer desse uma indireta, a filha ficaria na defensiva.

— Nos veremos em breve — prometeu Justine. — Agora, tenho que ir.

Olivia ia sugerir que marcassem logo a data e a hora, mas antes que tivesse a oportunidade de falar, a ligação foi encerrada.

Resmungando para si mesma, ela terminou de fazer a lista do mercado e pegou o casaco e a bolsa. O tempo em janeiro estava cinza e frio. Chovia levemente, na verdade era mais uma garoa fina, quando ela trancou a porta e apressou o passo entre a varanda e o carro. Olivia amava a sua casa, que ficava acima do mar na Lighthouse Road, a estrada do farol. O farol mesmo ficava a cerca de 5km de distância, sobre uma saliência do terreno e enviando sinais luminosos para as águas resguardadas da enseada. Infelizmente ele não podia ser visto da casa dela.

Olivia precisava fazer algumas paradas no caminho. A mercearia, o tintureiro, a biblioteca. Ela esperava já ter feito tudo o que precisava até o

meio-dia, quando encontraria a mãe para o almoço. Mais uma vez desejou que Justine tivesse podido se juntar a elas.

Olivia pegou a roupa na tinturaria, devolveu os livros na biblioteca e, então, passou rapidamente no supermercado Safeway, onde sempre fazia suas compras semanais. Felizmente ainda era bem cedo e ela conseguiu evitar a multidão que costumava encher o lugar no sábado de manhã. Olivia começou pelo corredor dos hortifruti, onde parou para debater consigo mesma se um pé de alface valia o preço exorbitante que estava sendo cobrado.

— Juíza Lockhart. Não esperava encontrá-la aqui.

Olivia virou-se para encarar o homem que fora responsável pela sua irritação na manhã daquele sábado. Ela reconheceu seu rosto, que vira no dia em que ele estivera no tribunal, onde se sentara bem na frente com bloco e caneta na mão.

— Veja só, se não é o sr. Jack Griffin.

— Acho que não tivemos o prazer de sermos formalmente apresentados.

— Acredite-me, sr. Griffin, depois do jornal desta manhã, eu sei quem é o senhor. — Ele tinha mais ou menos a idade dela, pensou Olivia, uns cinquenta e poucos anos, e devia ter mais ou menos a sua altura. Cabelo escuro, começando a ficar grisalho. Com o rosto bem barbeado, e as feições agradáveis e regulares, ela não o descreveria como um homem excepcionalmente bonito, mas ele tinha alguma coisa que Olivia só poderia descrever como *atraente*. Griffin sorriu com prazer e seu olhar era claro e direto. Ele parecia um tanto desleixado em um casaco largo, e ela percebeu que usava uma camisa confortável, com os dois primeiros botões abertos.

— Notei um ar de censura? — perguntou Jack, seu sorriso flertando com ela.

Olivia não estava certa de como responder. Estava aborrecida com ele, mas deixá-lo saber disso não adiantaria de nada.

— Suponho que estivesse apenas fazendo o seu trabalho — resmungou ela, jogando um pacote de pimentão verde no carrinho. Os vermelhos eram mais baratos, mas ela tinha uma queda por pimentões verdes e achava que merecia uma recompensa. Especialmente depois daquela manhã. E pimentões verdes eram uma escolha melhor do que sorvete de creme com pedaços de nozes.

Ela começou a empurrar o carrinho, mas Jack a deteve.

— Há uma cafeteria na próxima porta. Vamos conversar.

Olivia negou com a cabeça.

— Acho melhor não.

Jack seguiu-a, enquanto ela escolhia feijões verdes frescos.

— Pode ter sido apenas a minha imaginação, mas você não queria que aquele casal se separasse, não é verdade?

— Eu não discuto os meus casos fora do tribunal — disse ela, com severidade.

— Naturalmente — respondeu ele, em um tom razoável, enquanto continuava a andar ao lado dela. — Era pessoal, não era?

Perdendo a paciência, Olivia virou-se e olhou irritada para ele. Como se ela fosse admitir tal coisa para um *repórter*! Ele faria com que todo o episódio parecesse uma quebra da ética profissional. Droga, ela não fizera nada demais. Agira com a melhor das intenções e

mantivera-se rigidamente dentro da lei.

— Você perdeu um filho, não é? — ele pressionou.

— O senhor está buscando informações para o seu próximo artigo, sr. Griffin? — perguntou ela, friamente.

— Não... e é Jack. — Ele levantou as mãos, como que para tranquilizá-la, supôs Olivia. Mas não funcionou.

— Eu quase perdi o meu filho — disse ele.

— Você sempre incomoda pessoas que preferiam estar cuidando dos seus afazeres, ou eu sou especial?

— Você é especial — respondeu ele sem pestanejar. Soube disso no momento em que deu a sentença no caso Randall. Estava certa, você sabe. Todos naquele tribunal podiam ver que não tinha sentido eles se divorciarem. Você precisou de coragem para fazer o que fez.

— Como eu já lhe expliquei antes, não posso discutir meus casos.

— Mas pode tomar uma xícara de café comigo, não pode? — Jack não implorou, não tentou entusiasamá-la, mas havia um traço de bom caráter nele que começava a mexer com Olivia. Ele tinha senso de humor, e uma certa ousadia que a agradavam. Ela desistiu. Conversar um pouco, com certeza não lhe faria mal.

— Está certo — ela concordou, e olhou para o carrinho, tentando calcular quanto tempo levaria para terminar as compras.

— Trinta minutos — sugeriu ele, rindo triunfantemente. — Encontrarei você lá.

Deixando tudo acertado, ele se afastou. Olivia não podia evitar a curiosidade que sentia por aquele homem e por seu comentário sobre o

próprio filho. Talvez eles tivessem mais em comum do que ela percebera a princípio.

Vinte e cinco minutos depois, as compras já estavam na mala do carro de Olivia e ela entrava no Java and Juice, a cafeteria próxima ao supermercado. Como já imaginara, Jack estava esperando por ela, com uma xícara fumegante de café com leite nas mãos. Ele estava sentado em uma mesa redonda, na janela, e levantou-se quando ela se aproximou. Era um detalhe, levantar-se dessa maneira, mas demonstrava respeito e boas maneiras. E esse gesto cavalheiresco disse mais a ela sobre ele do que tudo o que Jack havia feito e dito até agora.

Olivia sentou-se na cadeira diante dele e Jack acenou para a garçonete que atendeu prontamente. Olivia pediu um café simples e, um minuto depois, uma pesada xícara de cerâmica era colocada diante dela.

Jack esperou até que a menina, com certeza uma estudante da escola secundária, se afastasse e falou:

— Eu queria apenas reiterar o que já lhe disse. Admiro o que fez na semana passada. Não deve ter sido fácil. — Olivia estava prestes a relembrar a ele que não podia discutir seus casos, quando ele a deteve, balançando a cabeça. — Eu sei, eu sei. Mas, na minha opinião, você teve uma atitude corajosa e eu não podia deixar de noticiar.

Olivia teria preferido que ele não tivesse publicado a sua opinião para que a cidade inteira a discutisse. No entanto, não havia nada que ela pudesse dizer ou fazer para mudar o que já estava estampado na página impressa.

— Há quanto tempo está em Cedar Cove? — Ela preferiu perguntar.

— Há três meses — respondeu ele. — Está desviando a atenção de você de propósito?

Olivia deu uma risada.

— Com certeza, estou — disse ela. — Então, você tem um filho?

— Eric. Ele tem 26 anos e mora em Seattle. Quando tinha apenas 10 anos, foi diagnosticado com um tipo raro de câncer nos ossos. Ele foi desenganado... — O rosto dele ficou sombrio com a lembrança.

— Mas sobreviveu — disse Olivia.

Jack assentiu.

— Meu filho está vivo e com saúde, e eu sou profundamente grato por isso. — Então, Jack continuou, dizendo que Eric trabalhava para a Microsoft e estava indo muito bem.

Olivia baixou o olhar automaticamente para o dedo anular da mão esquerda de Jack. Ele mencionara o filho, mas não a esposa.

Griffin notou o olhar dela.

— Eric sobreviveu ao câncer — disse ele —, mas infelizmente meu casamento não.

Então ele entendia em um nível pessoal o que acontecera na vida dela.

— Eu sinto muito.

Ele deu de ombros, indiferente.

— Isso foi há muito tempo atrás. A vida continua e eu também. Você é divorciada? — Embora Jack tenha feito a pergunta, ela estava certa de que ele já sabia a resposta.

— Há 15 anos.

A conversa fluiu com facilidade depois disso e, quando Olivia se deu conta, já estava na hora de encontrar com a mãe para o almoço. Pegando a bolsa, ela se levantou e estendeu a mão para Jack.

— Gostei de conhecer você.

Ele também ficou de pé e segurou a mão dela nas suas.

— Eu também, Olivia. — Jack apertou brevemente os dedos dela, como se quisesse dizer que eles tinham uma ligação um com o outro. Quando se encontraram naquela manhã, e com certeza antes disso também, Olivia estava irritada com ele, mas Jack dera um jeito de acabar com o mal-estar dela. Quando saiu da cafeteria, sentia que fizera um amigo. Ela estava bem consciente de que Jack Griffin não era um homem comum, e não cometeria o erro de subestimá-lo.

* * *

IAN RANDALL estava sentado em seu carro, do lado de fora do prédio onde morava a esposa, temendo o que certamente seria mais uma confrontação. A juíza deixara claro que o acordo pré-nupcial não seria revogado. E agora? Eles tinham poucas opções e nenhuma delas o satisfazia. E, aparentemente, nem também não satisfazia a Cecilia.

Fora a esposa quem quisera o divórcio. Fora ela quem primeiro contratara um advogado. Inferno, Cecilia enfiara aquela ideia estúpida pela garganta dele abaixo. Ela queria se separar. Certo, tudo bem. Se a esposa preferia não ficar com ele, não era Ian quem iria lutar pelo privilégio de continuar sendo seu marido. Mas, agora, eles se deparavam com um

obstáculo na tentativa de terminarem o casamento e precisavam enfrentar isso. Tudo por causa daquele acordo que assinaram, com a intenção de preservarem seus votos de casamento. Alguma decisão precisava ser tomada.

Não havia porque esperar mais. Ian saiu do carro e entrou lentamente no prédio, aproximando-se do apartamento no primeiro andar que um dia eles haviam compartilhado.

Ele estava irritado por ter que tocar a campainha no que recentemente fora a sua própria casa. Depois da separação, tivera que se mudar. Por sorte, seu amigo, Andrew Lackey, havia permitido que Ian guardasse algumas coisas em sua casa. Ele apertou a campainha com força, extravasando o seu ressentimento. Soltando o botão, Ian deu um passo atrás e esticou o corpo. Ele controlou suas emoções da maneira como fora ensinado no seu treinamento militar básico, pois não queria revelar nenhum de seus pensamentos ou sentimentos a Cecilia.

Ela abriu a porta, franzindo o cenho quando viu quem era.

— Achei que deveríamos tomar uma decisão — anunciou ele em um tom determinado. Não importava quantas vezes Ian já dissesse a si mesmo que não deveria sentir nada por ela, não conseguia. Ele não era capaz de estar no mesmo cômodo que ela e esquecer como era quando faziam amor ou quando sentira o bebê deles mexer pela primeira vez dentro da barriga dela. Também não podia esquecer como se sentira, parado diante do túmulo da filha, sem nunca ter tido a oportunidade de segurar Allison nos braços ou de dizer a ela que a amava.

Cecilia continuava na porta.

— Tudo bem — disse ela, mas a hesitação em sua voz era clara.

Ian acompanhou-a até a pequena sala de estar e sentou-se na beira do sofá. Eles o haviam comprado, de segunda mão, em uma venda de garagem, pouco depois do casamento. Ian se recusara a deixar Cecilia ajudá-lo a mover o sofá, afinal ela já estava grávida de três meses. A teimosia dele lhe valera uma torção nas costas. Esse velho sofá trazia um monte de lembranças ruins, assim como seu curto casamento.

Cecilia sentou-se do lado oposto do sofá, as mãos cruzadas, o rosto sem expressão.

— Vou lhe contar, a decisão da juíza foi um choque para mim — disse ele, introduzindo o assunto.

— Meu advogado disse que nós podemos apelar.

— Oh, claro — resmungou Ian, a raiva flamejando. — E aí ele embolsa mais uns 500 ou 600 dólares em honorários. Eu não tenho dinheiro para torrar assim e sei que você também não.

— Você não sabe a situação das minhas finanças — cortou Cecilia.

Era sempre assim que as discussões entre eles começavam. No início, eram corteses, quase educados demais, mas em poucos minutos estavam discutindo e logo explodiam um com o outro. E parecia que eles atingiam esse nível de raiva irracional cada vez mais rápido nos últimos tempos, ou pelo menos desde o nascimento, e da morte, de Allison Marie. Ian suspirou, sentindo-se sem esperança. Do jeito que as coisas estavam entre eles agora, era difícil acreditar que já haviam dormido juntos um dia.

Sem que se desse conta, os pensamentos de Ian se desviaram para como a vida amorosa deles era saudável e cheia de energia. Eles encontravam poucos

motivos para discordar um do outro quando estavam na cama, mas isso fora antes...

— Sempre podemos fazer o que o meu advogado sugeriu.

— E o que ele sugeriu? — Ian não tinha a menor intenção de aceitar conselhos de Allan Harris. O advogado representava os interesses de Cecília, não os dele.

— Allan recomendou que fizéssemos o que a juíza sugeriu e levássemos nossas diferenças ao Centro de Mediação e Arbitragem.

Ian lembrou-se de que a juíza Lockhart comentara alguma coisa sobre isso, e lembrou-se também de sua própria reação no momento.

— O que exatamente precisamos fazer — perguntou ele, tentando parecer razoável e conciliatório.

— Bem, não sei dizer com certeza, mas acredito que cada um de nós deve apresentar os seus motivos para uma terceira parte imparcial.

— E quanto isso vai custar?

— Será que, com você, *tudo* se reduz a dinheiro? — reclamou Cecília.

— Na realidade, sim. — Esse divórcio já havia lhe custado uma fortuna. Não fora ele quem começara essa história, disse Ian para si mesmo, teimosamente. Era verdade que depois que Allison morrera eles haviam tido algumas discussões, mas ele jamais imaginara que chegariam a isso.

Cecília nunca entendera como as coisas haviam acontecido da parte dele, embora Ian houvesse tentado explicar inúmeras vezes. Ele só recebera o "telegrama de família" que ela mandara no final da viagem. Seu oficial comandante retivera a informação sobre o nascimento prematuro e a morte de sua filha, já que não havia nenhuma maneira de fazer contato com Cecília.

Quando ele finalmente chegou à base, não tivera chance de absorver a realidade de sua perda. Agora, a esposa o olhava com desdém.

— *Você* tem alguma sugestão, então? — perguntou ela, usando um tom de voz superior que o irritou profundamente. Cecilia sabia que o marido odiava quando ela falava com ele como se ainda fosse um menino de escola.

— Na verdade, eu tenho — disse ele, e ficou de pé.

— Muito bem. Mal posso esperar para ouvi-lo — Cecilia cruzou os braços naquele jeito arrogante dela.

— Eu acho que simplesmente deveríamos viver nossas vidas.

Cecilia franziu o cenho.

— E o que exatamente significa isso?

— Você pretende se casar de novo?

— Eu..Eu não sei. Talvez um dia.

No que lhe dizia respeito, Ian não queria aquilo para ele de novo. Nunca mais se sujeitaria às emoções instáveis ou aos caprichos de uma mulher.

— Porque eu não pretendo. Já tive o bastante de tudo isso com o nosso casamento, com você, com essa confusão toda.

— Deixe-me ver se entendo o que você está dizendo. — Cecilia levantou-se, também, e começou a andar de um lado para o outro na sala pequena, passando bem na frente dele. Ian sentiu o aroma do perfume dela e precisou se controlar para não fechar os olhos, deleitado. Odiava perceber que a esposa ainda tinha o poder de deixá-lo fraco, cheio de desejo.

— Tenho certeza de que você pode compreender — disse ele, sendo sarcástico de propósito, porque estava zangado. Não conseguia estar perto de

Cecilia sem sentir uma onda de ressentimento. Não com ela, mas consigo mesmo, por ainda abrigar emoções que já deveriam ter ido embora.

Ela ignorou a atitude dele.

— Você está sugerindo que não nos divorciemos?

— Mais ou menos isso. — Ian não queria que a esposa pensasse que ele estava buscando uma reconciliação. Não daria certo, ele já sabia disso. Nos meses seguintes à morte de Allison, ambos tentaram fazer o melhor que podiam para lidar com aquela situação dolorosa, mas não conseguiram.

— Mais ou menos isso? — repetiu ela, e acenou com a mão para que ele continuasse. — Fale mais. A sua ideia está me deixando intrigada.

Ele apostava que sim.

— Poderíamos *fingir* que estamos divorciados.

— *Fingir*? — Cecilia nem tentou esconder sua raiva. — Essa é a ideia mais estúpida que eu já ouvi. Fingir — repetiu ela, balançando a cabeça. — Você acha que nós podemos ignorar todos os nossos problemas e *fingir* que eles não existem.

Ele apenas encarou-a, furioso, já que não confiava em si mesmo naquele momento para falar nada. Muito bem, talvez ela estivesse certa. Ele não queria lidar com esse divórcio.

— Você está sempre procurando pela saída mais fácil — disse ela, com desdém.

Ian podia ser muitas coisas, mas sabia que irresponsável não era uma delas. A Marinha confiara nele para tripular um submarino nuclear de alguns milhões de dólares. Isso não provava o quanto era confiável? Droga, ele fora criado para cumprir suas obrigações, para honrar a sua palavra.

— Se eu estivesse tentando escapar das minhas responsabilidades, não teria casado com você. — No minuto em que as palavras saíram de sua boca, Ian soube que dissera a coisa errada.

Cecilia atravessou a sala voando.

— Eu nunca quis que você se casasse comigo por causa da Allison! Nós ficaríamos bem... — Ela gaguejou e desviou o olhar de repente. — Não precisei de você...

— É claro que precisou. Ainda precisa. — Nem que fosse pelo plano de saúde que a Marinha garantia, sua esposa e sua filha haviam precisado dele, sim.

— Você nunca teria se casado comigo se não fosse pela gravidez.

— Isso não é verdade.

Cecilia afastou o cabelo do rosto.

— Não posso acreditar que fui tão estúpida.

— Você! — exclamou Ian. Aparentemente, Cecilia pensava que era a única a ter arrependimentos. Mas ele também tinha os seus, e todos eles a incluíam.

— Allison e eu fomos... — Ela hesitou, ficando sem palavras de repente. — Nós...

— Allison também era minha filha, e você está muito enganada se acha que vou permitir que me diga o que eu sinto ou deixo de sentir. Não ponha palavras em minha boca ou diminua a maneira como eu me sentia em relação a ela. Só porque eu não estava aqui quando ela nasceu não significa que eu não me importava. Pelo amor de Deus, eu estava sob a calota polar quando você entrou em trabalho de parto. Não estava previsto que você desse à luz até...

— Agora você está me culpando. — Ela colocou a mão sobre a boca, como se para conter a emoção.

Falar não traria nenhum bem. Ele tentara, maldição, tentara, mas isso nunca o levava a lugar nenhum. Nunca conseguia chegar a um meio termo com Cecilia.

Para não prolongar mais a agonia, Ian se levantou e foi embora do apartamento, irritado. A porta se fechou com um estrondo à sua passagem e ele não estava certo se fora ele ou Cecilia quem a batera.

Ian deixou o prédio, com a fúria impulsionando seus passos, e entrou no carro. Nervoso como estava, sabia que não deveria dirigir, mas não ficaria sentado do lado de fora do apartamento. Não iria deixar que Cecilia pensasse que ele estava se consumindo por causa dela.

Ian ligou o carro, acelerou e saiu cantando os pneus. Não andara mais do que uns 500m quando viu a luz vermelha e azul da sirene do carro de polícia piscando atrás dele.

Um guarda. Ao diabo com tudo. Ele diminuiu a velocidade, parou no acostamento e abaixou o vidro da janela. Quando o policial alcançou o carro, Ian já pegara sua carteira de motorista de militar.

— Bom dia, senhor — disse ele, imaginando se conseguiria ser um bom ator.

— Estava com um pouco de pressa lá atrás, não? — perguntou o policial. Era um homem de meia-idade, com a postura rígida e o cabelo cortado curto. Tudo nele gritava que se tratava de um ex-militar, o que significava que ele devia estar inclinado a cortar Ian em pedacinhos.

— Com pressa? — repetiu Ian, forçando-se a relaxar. — Não exatamente.

— Você estava a 60km em uma área em que a velocidade máxima permitida é de 30km. — Ele relanceou um olhar para a carteira de motorista e começou a preencher a multa, aparentemente sem se impressionar com o *status* de militar de Ian.

Do jeito que estavam as coisas, Ian percebeu que não ia conseguir sair dessa com uma boa conversa. Rapidamente, ele calculou quanto custaria a multa, mais o aumento que isso implicaria na taxa do seguro do carro.

Obrigado, Cecilia, pensou amargamente. O preço daquele casamento não parava de aumentar.

* * *

GRACE SHERMAN e Olivia Lockhart haviam sido as melhores amigas uma da outra por toda a vida delas. Conheceram-se no sétimo ano, quando os estudantes das escolas South Ridge Elementary e Mariner's Glen se juntavam na escola secundária de Colchester Júnior. Grace fora dama de honra de Olivia, quando esta se casara com Stanley Lockhart, logo depois que formou na faculdade, e era madrinha do seu filho mais novo, James.

No verão seguinte à própria formatura na escola secundária, Grace casara-se com Daniel Sherman e eles logo tiveram duas filhas. Quando Kelly, a mais nova, fez 6 anos, Grace voltou a estudar e graduou-se em biblioteconomia. Então, começou a trabalhar na Biblioteca de Cedar Cove e, depois de dez anos, foi promovida à encarregada da biblioteca.

Mesmo quando Olivia estava cursando uma respeitada universidade só para mulheres no Oregon e Grace era mãe em tempo integral de duas

crianças pequenas, elas continuaram íntimas. E ainda eram. Como levavam vidas muito ocupadas, criaram rotinas para manterem a amizade. Almoçavam juntas todo mês e toda quarta-feira, às sete da noite, se encontravam para uma aula de aeróbica na Associação Cristã de Moços.

Grace esperava pela amiga no estacionamento bem iluminado. Não se sentia bem desde que saíra de casa. Sentia um mal-estar geral. Fisicamente, estava cansada, acima do peso e nem podia mais culpar a menstruação. Por anos, conseguira se manter em um limite de não mais do que 4kg acima do peso que tinha na escola secundária, mas nos últimos cinco anos ganhara mais sete quilos além disso. E isso, mesmo fazendo todos os esforços para controlar a balança. De algum modo, seu peso continuava a aumentar lentamente. Grace também estava insatisfeita com outros aspectos de sua aparência. Seu cabelo grisalho estava precisando terrivelmente de um bom corte. Pensando melhor, talvez ela devesse viver perigosamente e experimentar deixá-lo crescer. Estava com disposição para mudanças, embora não estivesse convencida de que isso fosse fazer muita diferença.

Emocionalmente, não se sentia muito melhor. Depois de 35 anos de casamento, conhecia o marido tão bem quanto a si mesma. Alguma coisa estava preocupando Dan, mas quando ela perguntou delicadamente o que estava acontecendo, ele se irritou e os dois acabaram discutindo. O marido a magoara e Grace saiu apressada, sem que resolvessem a questão.

Durante a maior parte do casamento deles, Dan trabalhara como lenhador. Quando os tempos difíceis chegaram à indústria, ele conseguiu um emprego no serviço local de poda de árvores. O trabalho não era estável como eles teriam desejado, mas com a renda de Grace e um pouco de

criatividade no orçamento, eles conseguiam se ajeitar. Não sobrava nenhum extra para pequenas extravagâncias, mas isso nunca a incomodou. Grace tinha o marido, as filhas, seus amigos e um teto decente sobre a cabeça.

O sedã azul escuro de Olivia entrou no estacionamento e Grace viu quando a amiga saltou do carro, carregando a bolsa de ginástica.

Ela também saiu do seu carro.

— E então, como se sente sendo uma celebridade?

— Você também? — reclamou Olivia quando caminhavam em direção ao prédio. Ela abriu a porta para Grace. — Eu não consegui nada a não ser aborrecimento com aquele artigo idiota.

Grace sorriu quando percebeu que a amiga ruborizava.

— Mas deixei claro para ele o que eu pensava a respeito — resmungou Olivia, enquanto elas passavam por um grupo de jovens que ia em direção à piscina. Já no vestiário, colocaram as bolsas sobre um banco, vestiram as malhas de ginástica e trocaram os sapatos.

Com o pé apoiado sobre o banco, Grace amarrava o tênis.

— Você se encontrou com Griffin? Quando?

— No sábado.

Grace ergueu as sobrancelhas. Era interessante que Olivia estivesse sendo tão econômica nos detalhes.

— Onde?

— No centro da cidade.

— Ei! O que está acontecendo?

— Acontecendo? Absolutamente nada — disse Olivia. — Apenas aconteceu de eu encontrar Jack no Safeway e nós... conversamos um pouco.

— Por que eu tenho a sensação de que você está deixando de me contar alguma coisa?

Olivia ajustou a faixa ao redor da cabeça.

— Não há nada mais para contar, acredite em mim.

— Acreditar em você? — repetiu Grace, acompanhando a amiga para fora do vestiário e entrando com ela na parte de aeróbica da academia. Crianças e adultos corriam ao redor e Grace e Olivia tiveram que parar várias vezes para deixá-los passar. — Você já percebeu que sempre que as pessoas pedem para que você acredite nelas é exatamente quando você *não deve* confiar?

Olivia parou e começou a fazer alguns exercícios de aquecimento por conta própria.

— Não, eu não havia percebido, mas você está certa. — Ela apoiou a perna na barra de balé e encostou a testa no joelho.

Grace recostou-se na barra, invejando a flexibilidade da amiga. Seu próprio corpo era bem menos flexível.

— Você sabia que as pessoas falaram sobre o artigo a semana inteira?

— Ótimo.

Ignorando o sarcasmo de Olivia, Grace continuou com a voz enganosamente doce:

— Na verdade, a maioria das conversas era sobre Jack Griffin.

Olivia levantou a cabeça.

— Alguma coisa interessante?

Grace deu de ombros e ajustou a cintura de seu short de ginástica.

— Ah, algumas coisas.

— Por exemplo?

Grace estava determinada a não facilitar as coisas. Pelo que se lembrava, Olivia nunca mostrara tanto interesse por um homem desde o divórcio. Grace achava que a amiga deveria "voltar a circular", como costumavam dizer. Aliás, um comentário apropriado para uma bibliotecária, ela sempre pensava.

— Você realmente quer saber?

A pergunta pareceu exigir muita reflexão.

— Não... Esqueça isso. — E, então, em um instante, ela pareceu mudar de ideia. — Está certo, estou curiosa. O que você ouviu?

— Ele se mudou para Cedar Cove há três meses.

— Notícia velha — resmungou Olivia. — Se é tudo o que você tem...

— Veio da região de Spokane.

Isso parecia ser novidade para ela.

— Veio de outro jornal, certo?

— Sim, de um periódico com circulação dez vezes maior do que o *The Chronicle*. — Grace não era uma fofoqueira por natureza, mas andara especulando sobre Jack Griffin desde que lera a primeira coluna dos sábados, que ele escrevia. Ela gostava do que ele dizia e era óbvio o quanto o homem aprovava Olivia. Grace o encontrara rapidamente em uma reunião na Câmara de Comércio, pouco depois de ele ter chegado a Cedar Cove, mas não tivera chance de formar uma impressão sobre ele, na época.

— Por que um homem desistiria de trabalhar em um jornal de prestígio e atravessaria o estado para se instalar em uma cidade do tamanho de Cedar Cove? — ela perguntou a Olivia.

A amiga deu de ombros.

— Seu palpite é tão bom quanto o meu. Talvez ele quisesse ficar mais perto do filho.

— Ele tem um filho? — Ninguém com quem Grace falara sabia disso.

— Eric. Mora em Seattle.

Isto era interessante. Mas antes que pudessem comentar mais alguma coisa, a professora delas, Shannon Devlin, entrou na sala, batendo palmas para reunir os alunos ao seu redor.

— Acredite-me, há mais sobre essa mudança profissional do que parece.

— Acreditar em *você*!

— Sim, acredite-me — brincou Grace.

Olivia deu uma risada e colocou as mãos nos quadris, enquanto girava a cintura, fazendo curvaturas profundas enquanto Shannon orientava a turma nos exercícios de aquecimento.

— Você anda vagabundeando demais pela seção de livros de mistério da biblioteca — sussurrou ela enquanto elas se posicionavam em frente ao espelho que ocupava a parede inteira.

Shannon tinha 20 anos, se tanto. Uma menina bonita, com membros flexíveis e um corpo sem um grama de gordura extra. Grace lembrou a si mesma que sua silhueta também já fora assim, flexível e perfeita. Mas isso foi antes que tivesse dois filhos e antes que entrasse na menopausa.

A música, absurdamente alta, gerou nela um surto de energia. Grace tinha uma relação de amor e ódio com essa aula. Se não fosse por Olivia, já teria caído fora uma dezena de vezes. Mas, infelizmente, precisava dos benefícios de todos esses bufos, arquejos e estiramentos. Apesar da dor muscular, ela não se importava com os exercícios no colchonete, as

abdominais e coisa assim, mas odiava as dancinhas que Shannon inventava. *Um passo atrás, deslize para a esquerda, cruze à direita...* Olivia não parecia ter nenhuma dificuldade com as coreografias complicadas. Mas Grace, por outro lado, tinha "dificuldade" como seu nome do meio.

Depois de 50 minutos de suor e resmungos sussurrados, mais os exercícios de relaxamento, elas terminaram. Nunca cedo o bastante, na opinião de Grace. Olivia não mencionou Jack Griffin novamente até que elas tivessem tomado banho e trocado de roupa. O fato de que ela queria continuar a conversa surpreendeu Grace.

— Você descobriu mais alguma coisa sobre Jack Griffin?

Grace precisou parar para pensar. Sempre lhe parecia que seus neurônios demoravam um pouco até pararem de pular de um lado para o outro depois da aula de aeróbica.

— Você sabe mais do que eu sobre ele — disse ela, finalmente.

Olivia pegou sua bolsa de ginástica.

— Duvido.

— Você está interessada nele, não está?

Olivia riu diante da ideia.

— Oh, dificilmente. Eu já tenho preocupações o bastante sem precisar acrescentar um relacionamento a essa mistura.

— Preocupações? — Era óbvio que a amiga tinha preocupações, mas todo mundo tinha.

— Mamãe está cada vez mais velha e Justine... Parece que eu não consigo conversar mais com ela. E não tenho notícias de James há duas semanas.

— Achei que ele estava no mar.

— E está, mas ainda assim poderia me mandar um *e-mail*.

— Está certo, está certo, nós todos temos problemas com filhos, nossos pais são mesmo uma preocupação, mas isso não significa que temos que parar de viver.

— Você acha que eu parei de viver? — perguntou Olivia. — Por que eu não tenho um homem na minha vida?

Grace percebeu que a pergunta a ofendera. Primeiro fora Dan e agora sua melhor amiga, e Grace não tivera intenção de aborrecer nenhum dos dois.

— Não foi isso que eu quis dizer — assegurou ela. — Acho apenas que você deveria deixar a cabeça aberta o que se refere a Jack.

— Por quê?

— Porque sim. — E essa era a única resposta que ela pretendia dar. Mas Grace tinha uma forte intuição de que o novo editor do *The Cedar Cove Chronicle* estava prestes a trazer alguma coisa nova e excitante à vida de Olivia.

Capítulo Três

CECILIA ESTAVA trabalhando como recepcionista no The Captain's Galley na noite em que conheceu Ian Randall, e continuava a trabalhar lá cinco noites por semana. Seu pai, Bobby Merrick, fora um dos garçons do lugar e conseguira o emprego para ela.

Logo depois de se formar na escola secundária, Cecilia mudou-se para Cedar Cove encorajada pelo pai. Depois de uma longa separação, ele entrara em contato com ela com promessas de recompensá-la pelo tempo perdido. Bobby parecia sincero e como ela sentira muita falta dele durante a infância, prontamente concordou. Depois do divórcio dos pais, quando tinha dez anos, Cecilia mal vira Bobby e recebeu com prazer a inesperada oportunidade. Recusando-se a dar ouvidos aos avisos da mãe, ela colocou toda a sua vida nas malas e atravessou o país, de New Hampshire para a cidade à beira-mar em Washington. Bastaram três meses para que ela percebesse que havia cometido um erro. Seus sonhos sobre uma educação universitária eram apenas isso, sonhos. A ideia de Bobby de prepará-la para o futuro era falar com seu chefe e conseguir um emprego para ela no mesmo restaurante em que ele trabalhava. Trabalhar como recepcionista do restaurante e como garçonne do bar, não era o modo como Cecilia queria passar as próximas décadas, mas era muito fácil se deixar levar. Sem perceber ela acabara deixando toda a sua vida de lado.

Agora, estava prestes a se divorciar, até o pescoço de dívidas e sentindo-se profundamente infeliz. Suas ilusões sobre o pai e sobre os homens em geral foram destruídas. Bobby queria ser amigo dela, mas por mais que Cecilia precisasse de um amigo, precisava ainda mais de um pai.

Um dia, ela jurou para si mesma, encontraria uma maneira de fazer faculdade, mas antes tinha que arrumar um jeito de pagar por ela. Com os honorários legais e os custos do funeral da filha, ela suspeitava que teria no mínimo 30 anos até que pudesse custear sua educação. Bobby não poderia ajudá-la financeiramente, e já deixara isso bem claro.

Quando ela aparecera para trabalhar na tarde da sexta-feira anterior, sabia que estava entrando em um turno agitado. O porta-aviões *The Carl Vinson* estava na cidade, o que significava uma população de 2.500 marinheiros. O *The Captain's Galley* servia os melhores frutos do mar da região e o bar era um popular ponto de encontro da cidade.

Fora ali que Ian aparecera para um drinque em uma noite de janeiro do ano anterior. Ele não conseguira tirar os olhos dela e Cecilia também o olhou com a mesma avidez. Então ele... Ela se deu uma sacudidela mental. Não queria pensar no marido e tentou arrancá-lo da mente. Não funcionou.

Cecilia não vira Ian, nem ouvira falar do marido, desde que ele saíra daquela forma intempestiva do apartamento dela, há uma semana. Eles não haviam tomado nenhuma decisão sobre o que fariam a seguir. Isso era típico dele, pensou ela com raiva. Deixar as decisões nas mãos dela. Se eles queriam seguir adiante com esse divórcio, então a melhor opção era o Centro de Mediação e Arbitragem. Não que as diferenças entre *eles* pudessem ser resolvidas... Cecilia suspirou, resignada. Obviamente seria ela quem teria que marcar a entrevista. A pseudossugestão de Ian de que fingissem estar divorciados era ridícula. Absolutamente ridícula.

O bar já estava em plena atividade quando o restaurante fechou. Cecilia pegou sua bandeja e acompanhou Beverly e Carla, as duas outras garçonetes do bar. O lugar estava cheio de fumaça e o cheiro de cerveja pairava no ar. A música vinha de uma *jukebox* e o som era ensurdecedoramente alto. Cecilia lutava para ouvir os pedidos dos clientes.

Um homem que bebia sozinho pareceu falar ainda mais baixo para forçá-la a inclinar-se mais na direção dele. Ele era mais velho, tinha no mínimo uns

quarenta anos, e procurou demonstrar de todas as formas que estava interessado nela. O homem lhe causou arrepios e Cecilia fez o melhor que pôde para ignorá-lo. A maneira como a seguia com os olhos por toda a sala deixava-a nervosa.

Perto da hora de fechar, sobravam apenas uns poucos clientes e, infelizmente, seu admirador era um deles. Os pés de Cecilia estavam doendo e seus olhos ardiam por causa da fumaça. Ela estava ansiosa para recolher suas gorjetas e ir para casa. Justamente quando pensou que a noite já estava terminada, Ian e Andrew Lackey, outro marinheiro, entraram no bar.

Cecilia ficou tensa, especialmente quando notou o comportamento de Ian. Era óbvio que o The Captain's Galley não fora a primeira parada dele. O marido não tinha boa cabeça para bebida, nunca tivera, e geralmente evitava qualquer coisa mais forte do que cerveja.

Ela estava com a atenção voltada para Ian, quando deveria estar vigiando o homem solitário que não tirara os olhos dela nas últimas quatro horas.

— Quer comer alguma coisa? — falou uma voz masculina rouca, atrás dela.

Cecilia voltou-se.

— Eu sou Bart. Você é Cecilia, certo?

— Certo. — Ela observou Ian e seu amigo cambalearem para o bar. O marido parecia fingir que ela não estava lá. Mas essa era mesmo a maneira habitual dele de encarar qualquer coisa estranha ou inconveniente, não era?

— Na verdade foi uma longa noite — respondeu ela, voltando o olhar para Bart. — Fica para outra vez. — *Nos seus sonhos*, acrescentou ela silenciosamente.

— Você deve estar faminta.

— Ah...

Ian finalmente relanceou o olhar em sua direção e seus olhos se estreitaram quando ele percebeu que ela falava com outro homem.

— Ei, não é nada demais. Café da manhã, um pouco de conversa. — Bart continuou a pressionar. — Você parece estar precisando de um amigo e eu posso ser um ótimo... amigo.

58

Cecilia estava mais preocupada com o que Ian iria fazer do que em dispensar Bart.

— Não, acho que não.

— Amanhã então, só eu e você.

— Eu... — ela voltou os olhos novamente para Bart e Ian, que olhava para ela com uma expressão furiosa. Ela estava com medo de que ele fizesse uma cena e queria evitar isso, pelo bem de todos.

Ian inclinou-se na direção do amigo e sussurrou alguma coisa, mas Andrew sacudiu a cabeça firmemente. Cecilia podia ver que o marido estava procurando encrenca e o amigo estava tentando dissuadi-lo.

— Talvez outra noite — disse Cecilia rapidamente, dispensando Bart. Essa parecia ser a melhor maneira de se livrar dele antes que Ian fizesse alguma tolice.

O marido afastou-se do bar.

— Ele está incomodando você? — perguntou Ian, falando com a voz enrolada.

— Sai fora — reclamou Bart, bravo com a interrupção. Ele parecia pensar que estava fazendo algum progresso com Cecilia. Não estava, mas Ian não sabia disso e aparentemente ele também não.

Andrew tentou detê-lo, mas Ian afastou-o e avançou um passo, ameaçadoramente. Ele não parecia ter intenção de recuar, mesmo o tal Bart sendo uns vinte quilos mais pesado.

— Caso não saiba, você está dando em cima da minha esposa.

Bart relanceou o olhar para Cecilia, como se para confirmar se era verdade. Ela nem ousou olhá-lo de volta.

— Nós estamos divorciados, lembra-se? — provocou ela lembrando ao marido que fora dele a ideia de *fingirem* que eles não eram mais casados.

— Ao diabo que estamos.

— Foi você quem disse que deveríamos seguir com as nosas vidas.

— Eu... Eu... — gaguejou Ian, buscando uma resposta satisfatória.

— Por que deveria se importar se me encontro com outro homem?

— Porque até que um juiz diga o contrário, você é legalmente minha esposa.

— Vocês são casados ou não? — resmungou Bart.

— Somos casados! — gritou Ian.

— Separados — disse Cecilia.

Bart pegou seu casaco e virou-se para ela.

— Nesse caso, então vamos.

— Ela não vai a lugar nenhum com você — Ian avançou na direção de Bart, mas Andrew colocou-se entre eles.

— Quando você quiser, camarada — rosnou Bart.

— Agora mesmo parece bom para mim — disse Ian, erguendo os punhos fechados.

— Saiam — gritou Cecilia. — Os dois! Não tenho a menor intenção de ir a lugar algum com nenhum de vocês dois — Ela correu na direção da sala nos fundos, onde seu pai havia convenientemente desaparecido, supostamente para fazer a checagem do estoque.

— O que está acontecendo lá fora? — perguntou Bobby Merrick, como se não soubesse exatamente a situação em que a deixara sozinha. Ian e ele nunca se deram bem um com o outro, e o pai de Cecilia evitava qualquer confrontação entre eles fazendo-se de invisível.

Cecilia sacudiu a cabeça.

— Nada.

— Está tudo bem?

— Ian está aqui, procurando briga. Isso é tudo.

O pai encarou-a, com o cenho franzido.

— Não quero problemas aqui. Diga a ele para arrumar encrenca lá fora.

— Sim. — Cecilia suspirou, exausta. — Já fiz isso. E agora estou indo embora.

— Livre-se do Ian primeiro.

— Não se preocupe. Tenho certeza de que ele já se foi.

Ela recolheu o casaco e a bolsa, pegou o que lhe cabia de gorjetas e caminhou em direção à porta da frente, torcendo para não tropeçar no marido trocando socos com o tal Bart. Para surpresa de Cecilia, Ian ainda não se fora. Eles ficaram se encarando, um de cada lado do salão.

Beverly era a única outra pessoa no bar, estava separando o caixa da noite para ser depositado. Ela resmungou um "boa-noite", ainda concentrada na sua tarefa.

— Estamos fechados — disse Cecilia para Ian.

Ele não prestou atenção a ela.

— Você realmente ia sair com aquela criatura desprezível?

O desprezo na voz dele a irritou.

— Isso não é da sua conta.

Ele olhou para ela por um longo instante, então virou-se e saiu pela porta, com um andar arrogante.

Cecilia resistiu à vontade de correr atrás dele. Ian não estava em condições de dirigir. Ela hesitou, debatendo consigo mesma. Ele não apreciaria sua preocupação e poderia inclusive ter uma impressão errada. Apenas alguns minutos mais cedo, ela pedira ao marido que ficasse fora da sua vida. O mínimo que podia fazer agora era seguir o seu próprio conselho e ficar fora da vida dele.

A porta se abriu e ela virou-se esperançosa para olhar quem era, pensando que pudesse ser Ian de volta. Ao invés disso, era o amigo dele. Andrew parecia desconfortável e inseguro. Ela mal conhecia o outro marinheiro, que fora transferido recentemente para Bremerton.

— Sim? — perguntou, seca.

— Achei que você deveria saber que Ian está indo para o mar. Ele está sendo transferido para o *George Washington*.

Aquilo não fazia sentido para ela. O *George Washington* era um porta-aviões. Ian era da tripulação do submarino, um técnico em eletrônica nuclear.

— Ele vai ficar fora por seis semanas? — perguntou ela, sentindo-se confusa, sem entender aquela transferência.

— Provavelmente por seis meses.

Seis meses.

— Oh.

— Foi por isso que ele veio esta noite. Ian queria que você soubesse.

Cecilia não sabia o que dizer.

— Ele não tinha a intenção de causar nenhum problema.

Cecilia engoliu com dificuldade.

— Ele não... Não chegou a...

Andrew espreitou por sobre os ombros como se tivesse ouvido alguém chamar seu nome.

— Tenho que ir agora. Só queria dizer a você que sinto muito, mesmo, pela sua menininha.

— O-obrigada. — Foi só o que Cecilia conseguiu dizer. Mas ele já se fora. Ela esperou alguns instantes e decidiu que a sua paz de espírito valia mais do que o seu orgulho. Precisava ter certeza de que Ian não estava ao volante. Saindo apressada, ela ficou parada na calçada, procurando pelo carro do marido. Não pôde encontrá-lo em lugar nenhum.

Um sentimento de perda envolveu-a, um vazio. Ian iria para o mar por seis meses e ela odiava pensar nisso. Não *queria* sentir nada por ele, mas sentia.

De qualquer modo, disse a si mesma com ironia, Ian ia acabar conseguindo o que queria. Se ele estivesse no mar, ela não poderia dar andamento ao divórcio.

Cansada e desesperançada, Cecília caminhou lentamente em direção ao seu próprio carro caindo aos pedaços, com os ombros curvados para proteger-se do frio. Podia sentir o cheiro do mar àquela noite e uma névoa baixa pairava sobre a enseada. Um carro passou lentamente por ela. Levantando o olhar, Cecília viu que era Ian. Felizmente Andrew estava ao volante. Enquanto ela os observava, o olhar do marido fixou-se no dela.

Cecília ficou chocada com o anseio que viu em seus olhos. E precisou se controlar para não gritar por ele. Queria lhe desejar boa viagem e que se despedissem sem a animosidade que se instalara entre eles.

Mas agora era tarde. Muito tarde.

* * *

CHARLOTTE JEFFERSON usava seu vestido mais bonito, em cambraia azul e branca, com mangas longas e uma saia rodada, em sua visita seguinte a Tom Harding, na Casa de Repouso de Cedar Cove. Ela trabalhara arduamente tricotando a manta para o colo dele e conseguira um excelente resultado, ainda que essa fosse a sua própria opinião.

Tom estava sentado na cadeira de rodas, quando ela entrou rapidamente no quarto.

— Eu lhe disse que voltaria — disse ela, sorrindo calorosamente, o jornal enrolado sob o braço. Seu novo amigo parecia bem. Seu rosto estava corado e os olhos estavam claros e brilhantes.

Tom assentiu, obviamente satisfeito em vê-la. A mão direita dele apontou, trêmula, para a cadeira vazia.

— Obrigada — disse ela, afundando agradecida no assento. — Eu não costumo me vestir tão bem, exceto aos domingos, mas acabo de vir do funeral de um amigo do meu marido.

Tom encarou-a diretamente.

— Nós fomos amigos dos Iversons por anos — disse ela. — Ele era um bom homem. Morreu de câncer no pulmão. Fumava como uma chaminé. — Ela balançou a cabeça, tristemente, e, então, cruzou as pernas e retirou o sapato esquerdo.

— Fiquei de pé durante a maior parte da tarde — explicou ela. — Já não sou tão jovem e a morte de Lloyd Iverson realmente me abalou. — Suspirando, ela olhou para ele. — Como foi a sua semana?

Tom deu de ombros.

— Estão lhe tratando bem?

Ele assentiu, como se quisesse dizer a ela que não tinha do que reclamar.

— E quanto à comida.

Ele deu de ombros de novo.

— Falando de comida — disse ela, animando-se — Consegui uma receita de lasanha de brócolis fantástica no velório. Adoro quando descubro uma boa receita. No mês passado enterramos Mary Parson, e uma senhora da igreja que Mary frequentava me deu a receita mais incrível de salada de macarrão, e o mais surpreendente, feita com creme de *chantilly*. Espaguete com um *marshmallow* e molho de *chantilly*. É de outro mundo.

De repente ocorreu a ela que Tom podia não estar interessado em ouvir a respeito de receitas trocadas em velórios.

— Fico satisfeita em saber que você está gostando aqui Cedar Cove.

Ele assentiu novamente.

— Acho que vou preparar uma boa porção dessa lasanha de brócolis e levar metade dela para a minha filha. Ela mora sozinha agora e acho que não come o quanto deveria de vegetais. Não importa se ela já tem 52 anos, ainda é a minha garotinha e eu me preocupo com ela.

Tom sorriu debilmente.

— Gostaria que eu lhe trouxesse um pedaço, também?

Com uma risada, ele negou com a cabeça.

— Você não gosta de brócolis, não é? Você e George Bush. Não George W. Ele eu não sei se gosta ou não de brócolis.

Tom sacudiu a cabeça mais uma vez.

— Brócolis é muito bom para os intestinos. E está aí uma coisa em que nós dois precisamos pensar, especialmente na nossa idade. — Ela riu abertamente, imaginando como Olivia reagiria se pudesse ouvi-la agora.

Arrastando o pé direito, Tom rolou a cadeira de rodas com dificuldade até a sua mesinha-de-cabeceira.

— Quer que eu pegue alguma coisa para você? — perguntou ela.

Ele inclinou a cabeça branca.

— Está dentro dessa gaveta aqui?

Os olhos castanhos dele eram intensos e ele indicou que ela estava certa.

Charlotte abriu com facilidade a gaveta e encontrou uma caneta, um bloco e um pequeno porta-níqueis fechado com um zíper. Anos antes, Clyde tivera um parecido com aquele. Pensando que Tom queria que ela escrevesse alguma coisa, ela pegou a caneta e o papel.

Ele franziu o cenho e balançou a cabeça.

Ela, então, pegou o porta-níqueis e olhou novamente para ele.

Tom sorriu e assentiu.

— Quer que eu abra isso? — Ela entendeu que era o que ele queria e cuidadosamente abriu o zíper da bolsinha de couro. Dentro havia um pedaço de papel amarelo, dobrado, que ela pegou. Charlotte colocou o porta-níqueis de lado e notou que havia alguma coisa embrulhada no papel. Uma chave.

— O que é isto? — perguntou, francamente curiosa, agora.

Tom recostou-se. Ele parecia estar esperando que ela descobrisse a resposta por si mesma.

Charlotte desdobrou a única folha de papel e viu que tratava-se de um recibo de um guarda-móveis bem ali em Cedar Cove. Como ele conseguira aquilo, ela não podia imaginar. Teria que perguntar a Janet Lester.

Sem saber direito o que deveria fazer com a chave, Charlotte olhou inquisitivamente para Tom.

— Parece que está tudo em ordem — ela assegurou a ele, voltando a guardar a chave e o recibo na bolsa. Já ia colocá-la de volta na gaveta quando ele a deteve, inclinando-se e apertando o braço dela com a mão direita.

Os olhos dele pareciam pedir alguma coisa.

— Você não quer que eu bote a bolsa de volta aqui? — perguntou ela.

Ele balançou a cabeça, respirando com dificuldade por causa do esforço.

— O que quer que eu faça com isso?

Ele olhou diretamente para a bolsa dela, que estava no chão, perto da grande sacola com seu material de tricô.

— Quer que eu leve comigo?

Ele assentiu.

— Você não prefere que eu dê isso a alguém na administração? — Charlotte acreditava que isso certamente seria mais apropriado do que manter a chave e o recibo com ela.

Tom negou com a cabeça, a expressão firme.

— Está certo, mas acho que devo falar com Janet a respeito.

Ele deu de ombros.

— Não se preocupe, sua chave está em boas mãos. Vou cuidar para que nada aconteça a ela. — Charlotte colocou o porta-níqueis dentro de sua bolsa e, então, pegou a sacola com o material de tricô. — Fiz uma manta para o seu colo. Você precisa de alguma coisa para manter as pernas aquecidas. O ar está frio nessas manhãs de janeiro, não está? — Ela acomodou a manta sobre as pernas dele e afastou-se para admirar.

Tom sorriu e fez um gesto trêmulo para demonstrar sua apreciação.

— Foi um prazer — disse ela.

Os olhos dele fecharam-se por um instante e Charlotte percebeu que ele estava cansado. Era hora de ir.

— Estarei de volta na próxima quinta-feira — disse, pegando as bolsas.

Ele assentiu levemente.

— Não se aflija com nada. Oh, e eu lhe trarei um pedaço daquela lasanha.

Tom riu e negou com a cabeça.

— Tudo bem, eu o pouparei. — Ele provavelmente estava em uma dieta especial, de qualquer modo. — E prometo que tomarei conta dessa chave para você.

Ele suspirou e bateu de leve na manta sobre as pernas.

— O prazer foi todo meu. Até a próxima semana.

Charlotte saiu do quarto mais silenciosamente do que entrara e foi logo procurar a assistente social. Não queria levar a chave sem avisar a alguém a respeito.

Janet estava em seu escritório, falando ao telefone. Quando viu Charlotte, fez sinal para que ela entrasse e encerrou a ligação um minuto depois.

— Olá, o que posso fazer por você?

Charlotte contou sobre Tom e a chave.

Janet girou a cadeira na direção do fichário e abriu a gaveta de cima. Ela retirou um arquivo e deixou-o sobre a mesa. Enquanto Janet lia o conteúdo da pasta, Charlotte analisou mais uma vez o recibo do guarda-móveis. Viu que era uma renovação e que fora paga pelo Estado. Paga integralmente, por um ano inteiro. Aparentemente Tom ficara sem fundos para custear seu tratamento e passara a viver sob a guarda do Estado. Os bens que ele possuía estavam guardados em um depósito e seriam vendidos quando ele morresse.

Janet continuava a analisar a pasta.

— Infelizmente, tenho pouquíssimas informações aqui. Tom sofreu um derrame há cinco anos, mas não há nada sobre alguém da família e quase nada sobre o passado dele.

— Ele parece querer que eu fique com a chave — disse Charlotte, insegura em relação ao que deveria fazer.

— Então, acho que deve guardá-la. Eu sei que você está com ela e Tom também.

— Está certo, então, eu a guardarei. — A questão resolvida, Charlotte levantou-se. — Ele é um homem adorável.

— Sim, é. Mas é um pouco misterioso.

Charlotte tinha que concordar com isso e admitia que era intrigante.

* * *

Grace Sherman pegou uma caixa de leite, colocou no carrinho de compras e encaminhou-se para o caixa. Enquanto caminhava em direção à frente da loja, decidiu fazer uma pequena parada na estante de livros de bolso. Livros eram a sua paixão. Gostava de todos os gêneros, dos clássicos da ficção até os de mistério e os romances, dos mais vendidos às biografias e aos históricos e... quase tudo, enfim. Por isso fora trabalhar na biblioteca. Adorava ler e frequentemente lia até tarde da noite. Suas filhas compartilhavam seu prazer pelos livros, embora Dan nunca tivesse sido de ler muito.

Quando chegou à frente da loja, Grace percebeu que as filas estavam longas. Escolheu uma, pegou o exemplar mais recente da revista *People* e começou a folheá-la enquanto esperava. A verdade atingiu-a quando estava se aproximando do caixa. Estava com medo de voltar para casa.

A constatação deixou-a sem fôlego. Eles estavam com pouco leite em casa, mas com certeza não teria sido necessário sair só para isso. Ela poderia ter esperado um ou dois dias. Como já estava ali mesmo, aproveitou para colocar vários pacotes de macarrão no carrinho, além de papel higiênico, uma bandeja de iogurte... como se para justificar a ida ao supermercado. Na verdade, estava retardando o inevitável.

Dan estava de péssimo humor, mais cedo. Parece que por causa de problemas no trabalho, mas essa era apenas uma suposição, já que ele se

recusava a conversar com ela sobre qualquer coisa além do trivial. Qualquer outra pergunta que Grace fizesse recebia respostas monossilábicas. A TV era muito mais interessante do que compartilhar qualquer parte da sua vida com ela.

Grace queria descobrir o que estava errado, mas ele respondia bruscamente sempre que ela tentava uma aproximação. Toda noite era a mesma coisa. Chegar em casa do trabalho era como estar sob uma tempestade elétrica, ela nunca sabia onde o raio iria cair. Como Dan mostrava-se pouco comunicativo e rabugento, ela tagarelava sobre uma coisa e outra, em um esforço para melhorar o humor do marido. Sempre procurando evitar suas explosões de raiva. Elas sempre aconteciam de repente.

Dan ouvia os comentários dela, assentia nas horas certas e até mesmo sorria de vez em quando. Mas não contribuía em nada para a conversa. E quanto mais quieto ele parecia, mas ela tentava fazê-lo falar, sempre em vão. Praticamente toda noite, o marido se sentava em frente à televisão e não se movia até a hora de ir para a cama.

Isso não era casamento. Por todo o amor e carinho que trocavam, eles poderiam perfeitamente bem ser colegas quarto da faculdade.

O casamento deles nunca atendera às expectativas de Grace. Tinha dezoito anos e estava grávida de Maryellen quando se casara com Dan. Ele se alistara no exército e fora quase imediatamente enviado para o Vietnam. Os dois anos que o marido passara lá foram um inferno para ambos. Quando retornou, Dan era uma pessoa diferente do jovem que partira. Tornara-se cínico e amargo, com tendência à explosões de fúria. Ele também expe-

rimentara drogas e quando Grace se recusou a permiti-las em casa, acabaram se separando por um tempo.

Por causa de Maryellen, eles conseguiram se acertar e Grace ficou grávida novamente. Mais tarde, pelas filhas, Dan e Grace fizeram o melhor que podiam para que o casamento funcionasse.

A guerra ainda o assombrava e, por anos, Dan acordou no meio da noite por causa de pesadelos. Ele nunca falou sobre o que vivera na guerra. Isso, como tudo o mais, ficava escondido na cabeça dele. Durante todo o casamento, Grace sempre teve esperanças de que as coisas um dia iriam melhorar. Quando as meninas fossem para a escola, quando ela terminasse seus próprios estudos e conseguisse o emprego na biblioteca, quando as meninas se formassem na escola secundária. Certamente as coisas iriam melhorar. Ano após ano esperando, procurando por sinais...

Mas nem tudo fora ruim. Eles tiveram bons momentos também. Quando as meninas começaram o primeiro grau, na escola, Grace entrou para a Olympic College e depois pediu transferência para a Washington University. Dan lhe dera um suporte maravilhoso, trabalhando em dois empregos e ajudando com todas as diversas atividades das filhas.

Maryellen e Kelly haviam sido, ambas, adolescentes difíceis, mas se tornaram mulheres responsáveis. Dan amava profundamente as filhas. Grace nunca questionou sua devoção a elas, mas duvidava seriamente se o marido ainda estava apaixonado por ela.

Os últimos anos haviam sido difíceis para o orgulho dele. A carreira estava acabada, o trabalho no serviço de poda de árvores não era nem de longe tão gratificante quanto fora o de cortar lenha. O salário de Grace agora

pagava a maior parte das despesas e ela suspeitava de que isso o aborrecia. Não que ele já houvesse dito realmente alguma coisa. Mas eles também não falavam sobre dinheiro, principalmente porque ela evitava qualquer assunto que pudesse angustiá-lo.

Embora Grace tivesse chegado meia hora mais tarde do que o habitual, Dan não fez nenhum comentário quando a esposa entrou na cozinha, carregando as compras.

— Estou em casa — anunciou ela, sem necessidade, enquanto colocava a sacola sobre o balcão.

Dan já havia se posicionado em frente à *TV*, e via as notícias locais. Ele tirara as botas e descansava os pés calçados com meias em um banco, que fazia conjunto com a velha e confortável poltrona em que costumava se sentar.

— Pensei em fazer uma salada de tacos mexicanos para o jantar. O que acha?

— Ótimo — respondeu ele, sem entusiasmo.

— Como foi o seu dia?

— Tudo bem. — Os olhos dele não se desviaram da tela da *TV*.

— Você não vai perguntar sobre o meu? — perguntou ela, ficando irritada. O mínimo que o marido podia fazer era mostrar algum interesse por ela e pela vida deles juntos, mesmo que fosse apenas uma tentativa simbólica.

— Como foi o seu dia? — murmurou ele, a voz indiferente.

— Terrível.

Nenhuma resposta.

— Não vai me perguntar por quê?

— Você pode me dizer, se quiser.

O homem com quem vivera por 35 anos não se importava nem um pouco com ela. Grace não pôde suportar mais. Cada tentativa de fazê-lo falar tivera como resultado apenas negativas e acusações. Se a esposa estava infeliz era por culpa dela e não dele. Esse fora o argumento de Dan na última vez em que ela tentara conversar com ele.

Atravessando a sala de estar, Grace pegou o controle remoto e tirou o som da televisão. Sentando-se no banquinho para apoiar os pés, ela encarou o marido.

— O que foi? — reclamou ele, irritado porque a esposa o estava interrompendo, enquanto assistia ao telejornal.

Grace fitou-o bem nos olhos.

— Você me ama?

Dan riu como se ela tivesse feito uma piada.

— Amar você? Nós estamos casados há 35 anos!

— Isso não responde à minha pergunta.

— O que você quer que eu diga? É claro que eu amo você! Não acredito que perguntou isso.

— Há mais alguém?

Ele recostou-se e olhou fixamente para ela, então sacudiu a cabeça.

— Essa é uma pergunta ridícula.

— Há? — ela repetiu.

— Não. Quando o jantar vai ficar pronto?

Grace tinha outra pergunta a fazer, primeiro.

— Você se lembra da última vez em que fizemos amor?

— Você está registrando?

Ele não ia fazê-la de boba. Responder a uma pergunta com outra era um truque de Dan já bem conhecido dela.

— Não, mas eu não me lembro. E você?

— Eu detesto quando você faz isso. — Ele empurrou o banquinho com força e levantou-se, enfiando as mãos nos bolsos da calça. — Se vamos discutir, que seja por alguma coisa que valha a pena. Não sei por que está tão insegura, ou por que precisa ouvir que eu ainda amo você.

— O que eu preciso é de alguma confirmação de que você ainda quer continuar nesse casamento.

— Eu não tinha ideia de que você era tão paranóica. — Dan caminhou até o outro lado da sala.

— Eu não sou paranóica!

— Você sugeriu que eu estava tendo um caso.

Ela não acreditava nisso e, na verdade, não havia nenhuma evidência concreta, mas sentira que isso poderia chocar o marido o bastante para chamar a sua atenção.

— O que você quer de mim? — perguntou ele, irritado.

— Algum sinal de *vida* — gritou ela.

Dan olhou furiosamente para ela.

— Já lhe ocorreu que eu posso estar cansado?

— Cansado demais para falar?

— Eu nunca fui uma pessoa sociável. Você sabia disso quando se casou comigo. E não vou mudar a essa altura da minha vida. Não sei o que está aborrecendo você, Grace, mas esqueça.

— Isso não é justo! Estou tentando fazer com que você assuma alguma responsabilidade pelo que está nos acontecendo.

— É você quem está infeliz.

— Porque eu quero mais do nosso casamento do que isso. — Ela gesticulou com os braços em uma tentativa inútil de explicar.

Ele franziu o cenho.

— Estou lhe dando tudo o que tenho para dar.

Então era ela. Santo Deus, então era ela.

— Se não é o bastante, não sei o que dizer a você — continuou ele.

Grace sentiu a garganta apertar-se de tristeza. Isso era tudo o que eles eram, tudo o que poderiam ser, e *não era* o bastante.

O telefone tocou e os dois sobressaltaram-se e se voltaram para a parede da cozinha. As lágrimas rolavam pelo rosto dela. Grace secou-as rapidamente e apressou-se para atender.

— Deixe que a secretária eletrônica atenda — disse Dan.

— Por quê? Para conversarmos mais?

— Não — respondeu ele, bruscamente.

— Foi o que pensei. — Ela pegou o fone e pigarreou antes de falar: — Alô — disse, forçando-se a soar calma.

— Mamãe? Oh, mamãe, você não imagina! — gritou Kelly. — Tenho novidades. Vamos ter um bebê!

A alegria na voz da filha era mais pura e doce do que qualquer coisa que Grace já ouvira.

— Você está grávida? Tem certeza? — Grace sentiu as lágrimas voltarem a correr, mas dessa vez por um motivo completamente diferente. Depois de

dez anos de casamento, Kelly e Paul estavam desesperados para ter um bebê. Eles já haviam passado por um sem-número de testes e procedimentos e Grace já começava a perder as esperanças de que a filha pudesse conceber. Ela ansiava por ter um neto, mas não parecia provável que isso fosse acontecer. Afinal, Kelly tinha problemas de fertilidade e Maryellen estava divorciada. Por isso essa novidade era tão incrível, tão fabulosa!

Dan entrou na cozinha.

— É Kelly — disse ela entusiasmada, colocando a mão sobre o bocal. — Ela está grávida!

Os olhos do marido se acenderam e ele sorriu. Era o primeiro sorriso de verdade que ela via no rosto dele em meses.

— Nossa, isso é demais!

— Oh, querida, seu pai e eu estamos muito emocionados.

— Deixe-me falar com papai.

Grace passou o fone para ele. Kelly sempre fora especialmente próxima do pai e eles conversaram por longos minutos.

Dan recolocou o fone no lugar e foi até o fogão, onde ela estava fritando hambúrgueres para o jantar deles. Ele passou os braços ao redor da cintura da esposa e a abraçou por trás.

— Eu amo você — sussurrou Dan.

— Eu sei. Eu amo você, também.

— Tudo vai ficar bem.

— Eu sei. — E ficaria. Grace tinha fé. Esperança. E agora tinha também uma razão para continuar, para olhar para o futuro. Seu casamento não era tudo o que ela queria, mas talvez fosse o bastante. Ela *faria* com que fosse o

bastante. Compartilhara 35 anos com Dan. Tiveram bons momentos e outros não tão bons.

Um neto lhe daria esperança no futuro.

Capítulo Quatro

— ESSA NOITE, eu dirijo — disse Olivia à mãe. Na última vez em que entrara em um carro dirigido por Charlotte, Olivia jurara que seria a última. A mãe ao volante era um espetáculo assustador. Ela suspeitava que Charlotte era daquele tipo de motorista que nunca sofrera um acidente, mas que já causara algum.

— Bem, era minha vez, mas tenho que admitir que não gosto de dirigir à noite.

Olivia retirou a toga preta e pendurou-a no pequeno armário em sua sala. O tribunal encerrara os trabalhos da semana e a sua companhia para aquela sexta-feira à noite era sua mãe. Na verdade, ela saía para comer fora com Charlotte mais do que com qualquer outra pessoa.

— Não me importo de dirigir — disse Olivia.

— Tudo bem, se você insiste.

Olivia realmente insistia. A última aventura automobilística com a mãe terminara bem por um milagre. Aparentemente Charlotte perdera a habilidade de virar o pescoço para olhar para trás. Ela ajustara os espelhos

retrovisores da direita e da esquerda e buzinara, antes de sair de ré do estacionamento, de qualquer jeito e em alta velocidade. Charlotte também confessara que já não enxergava tão bem. Isso deixava Olivia em um dilema. Ela não queria limitar a independência da mãe, mas não podia evitar a preocupação que sentia.

— Esta será a noite das garotas — disse Charlotte, parecendo animada com a perspectiva. — Mas tenho que estar em casa até às 11 h. Harry se preocupa se eu me demoro.

A mãe era louca pelo gato.

— Sem problemas. A peça começa às 8h, portanto deve terminar antes das onze.

— Vamos jantar antes? — sugeriu Charlotte.

— Claro, por que não? — Olivia estava com vontade de comemorar. Sua melhor amiga ia ser avó e sua mãe tinha um pretendente de algum tipo. Charlotte falava sem parar sobre seu amigo Tom, na casa de repouso. A única pessoa que parecia não ter nada significativo acontecendo na própria vida era ela mesma. Estava pronta para uma mudança, pronta para correr algum risco. Achou que teria notícias de Jack Griffin, mas ele não telefonara nem aparecera novamente no tribunal. Obviamente não estava interessado. Bem, ela poderia lidar com isso.

Elas chegaram ao teatro um pouco antes das sete e meia da noite. As peças eram encenadas no andar de cima do Community Theater, que ficava na Harbor Street. Esta rua era o caminho mais usado para chegar ao que os moradores se referiam como centro da cidade. O local também exibia filmes, mas geralmente apenas reprises de fitas que já haviam sido exibidas antes no

complexo de seis cinemas na colina. O teatro ficava em cima do cinema, em uma sala modesta, mas muito charmosa. Toda vez que Olivia assistia a uma produção local, ficava impressionada com os talentos que podiam ser encontrados em uma cidade pequena como Cedar Cove.

Como não havia lugar marcado, Charlotte escolheu assentos na primeira fila. Logo depois de se sentarem, Jack Griffin se aproximou.

— Este assento está ocupado? — perguntou ele, olhando para o lugar vazio ao lado de Olivia.

— Jack! — Ela disse o nome dele sem pensar, antes que tivesse tempo de esconder o prazer que sentiu ao vê-lo.

— Jack Griffin? Esse é Jack Griffin. — Charlotte imediatamente ficou de pé. Antes que Olivia pudesse prever o que a mãe iria fazer, ela colocou os dois braços ao redor de Jack e deu nele um de seus abraços calorosos.

Ele encontrou o olhar de Olivia por sobre o ombro de Charlotte. Ela notou a surpresa e o divertimento dele diante da saudação tão animada.

— Eu estava mesmo querendo encontrá-lo — disse Charlotte, sentando-se novamente, uma cadeira adiante, e dando um tapinha no lugar vazio ao seu lado. — Achei *maravilhosa* a coluna que escreveu sobre Olivia. Fiz questão de que todos os meus amigos a lessem.

Jack arqueou as sobrancelhas, como se sugerindo que a mãe dela podia até ter ficado impressionada, mas que este não fora o caso de Olivia.

— Fiquei tão satisfeita com o que você disse sobre a minha filha. Ela é uma juíza corajosa e com ideias inovadoras, também — continuou Charlotte.

Olivia estava mortificada, mas sabia que era melhor não dizer nada, por isso sorriu levemente e sentiu o rubor lhe esquentar o rosto.

Charlotte arranjara as coisas de modo que, agora, Jack estava sentado entre elas duas. Olivia não fora rápida o bastante para perceber o que estava acontecendo e tentar evitar. Queria passar um tempo com Jack, mas preferia fazer isso sem a presença da mãe.

Logo, Jack e Charlotte estavam profundamente entretidos em uma conversa. Em um determinado momento, Jack deixou escapar uma gargalhada e virou-se abruptamente, ainda sorrindo, para olhar para Olivia.

Tudo o que ela podia fazer era imaginar o que havia de tão engraçado; e estava quase certa de que tinha a ver com ela. O que sua mãe poderia ter dito a ele? Sem dúvida, alguma coisa embaraçosa sobre seus anos de adolescência.

— Sua mãe é hilária — disse Jack um instante depois, inclinando-se na direção de Olivia.

Isso era a mais pura verdade. Olivia simplesmente assentiu e Jack voltou-se novamente para Charlotte, para divertir-se. Nesse meio tempo, Olivia estudou o programa da peça. *O sol é para todos* era um projeto ambicioso para um grupo tão pequeno, mas quem já assistira, delirara com o desempenho deles. Ela entendeu que Jack viera para escrever uma crítica sobre a peça.

Olivia estava olhando distraidamente ao redor do teatro quando Justine entrou tranquilamente. Ela usava calças pretas e um suéter curto de cashmere, verde claro. Seus longos cabelos escuros desciam-lhe até o meio das costas. Ela estava de braços dados com Warren Saget e olhava para o homem mais velho com adoração. Olivia enfureceu-se imediatamente. Ela nunca havia gostado de Warren e odiava que sua filha estivesse saindo com ele.

Warren mudara-se para Cedar Cove vinte anos antes. Ele comprara enormes pedaços de terra e construíra fileiras e fileiras de moradias idênticas. As casas haviam sido construídas com os materiais mais baratos possíveis e logo começaram a dar uma quantidade enorme de problemas. Primeiro, surgiram goteiras nos telhados; depois, apareceu mofo na madeira que revestia as laterais das casas. Porões foram inundados, paredes e tetos racharam. Foram processos em cima de processos contra ele.

Olivia não se lembrava de como tudo havia se resolvido, sua própria vida estava passando por uma série de traumas na época, mas, de algum modo, Warren e sua empresa haviam sobrevivido.

E não eram apenas as práticas de negócio dele que afligiam Olivia. Todos sabiam que Warren havia enganado a esposa — correção, as *esposas*. Ele exibiu seus casos amorosos até que ambas pediram o divórcio e deixaram a cidade. A mais recente sra. Saget se fora a cerca de cinco anos, deixando Warren livre para esbaldar-se com as jovens da cidade como se fosse uma criança em uma loja de doces. Doía em Olivia ver sua própria filha sendo vítima de um homem tão inescrupuloso.

Warren aparentemente gostava que suas mulheres fossem jovens. Quanto mais novas melhor. Uma mulher como Justine, alta, elegante e linda, valorizava a imagem dele. Ela fazia uma boa figura de braços dados com ele. E Warren sabia disso.

Olivia cogitou de quem fora a ideia de ver aquela peça. Ela suspeitava que *O sol é para todos* não era o tipo de entretenimento que um homem como Warren escolheria. *A melhor casa suspeita do Texas* parecia mais com o tipo de espetáculo para ele.

Aparentemente Justine não notara a presença de Olivia. Ou, se notara, escolhera ignorar o fato de que a mãe e a avó estavam sentadas nas primeiras fileiras do teatro. Justine e Warren sentaram-se na última fileira, onde as sombras eram mais escuras e eles mal podiam ser vistos.

Esse relacionamento preocupara Olivia desde o início, e não apenas por causa da idade de Warren e de sua reputação. Através dos anos, Olivia pôde observar que a filha seguia um padrão em seus relacionamentos. Justine preferia homens mais velhos e eles haviam sido muitos, todos parecidos uns com os outros em situação de vida e em personalidade. Warren era o que estava durando mais. Olivia encolhia-se só em pensar na filha se casando com um homem como Warren Saget. Mas, aos 28 anos, Justine ainda não demonstrara nenhuma vontade de se casar. Olivia rezava para que aquele não fosse o homem que a faria mudar de ideia.

Seu coração lhe dizia que a forma como Justine levava seus relacionamentos estava diretamente ligada àquele dia fatídico de agosto de 1986. A filha se recusava a arriscar-se a sentir a dor que a verdadeira intimidade pode trazer. Ela estava com o irmão gêmeo quando este morrera e o amor que sentia por ele transformara-se em agonia. Imersa em seu próprio sofrimento, Olivia não reconheceu o efeito devastador que a morte de Jason tivera sobre Justine.

Olivia suspeitava de que, bem no fundo, a filha se culpava pelo que acontecera. Ela estava no lago, com Jordan e um grupo grande de amigos e não estava prestando atenção ao irmão gêmeo. Ele estivera mergulhando de um deque flutuante, brincando e espalhando água para os lados, todos eles rindo de suas próprias brincadeiras. Era uma tarde quente e preguiçosa e o

mundo parecia um belo lugar para se viver. Em uma questão de segundos, a vida de todos eles mudou. E, depois disso, os prazeres inocentes e descomplicados ficaram no passado. Jordan, que estava fazendo palhaçadas com os colegas, mergulhou no lago e não voltou à superfície. Quando os amigos perceberam que não era uma brincadeira, já era tarde demais. Jordan havia quebrado o pescoço e se afogado.

Justine nadara até o deque e ficara sentada ao lado do corpo sem vida de Jordan até a chegada dos paramédicos, mas já não havia esperança. Depois disso, a pobrezinha não conseguira dormir por uma noite inteira durante semanas. Estava perdida e confusa, achando que deveria ter sido capaz de fazer *alguma coisa*.

Olivia tinha a sua própria cota de arrependimentos. Se estivesse mais focada no sofrimento de Justine, se a tivesse levado a um psicólogo, ou passado mais tempo ajudando-a a lidar com o sofrimento...

Mas tudo o que Olivia conseguira fazer fora viver um dia depois do outro. Por amor ao marido e aos seus dois outros filhos, ela tentara ser forte. Cada dia era o mais cheio possível de trabalho e ocupações para que não tivesse tempo para pensar. Mas fingir não funcionara. O casamento dela entrou em colapso e sua linda filha nunca se recuperou da tragédia.

— Eu estava pretendendo telefonar para você — disse Jack, interrompendo os pensamentos de Olivia.

Essas eram boas novas. Olivia fora criada acreditando que moças não telefonam para rapazes, um pequeno condicionamento social do qual nunca se recuperara. Ela já tivera alguns encontros desde que se divorciara, mas não muitos. Os amigos haviam tentado bancar o cupido, mas sem muito sucesso.

Jack parecia estar esperando por uma resposta dela, alguma indicação de que um telefonema seu seria bem-vindo.

— Eu desejei que você ligasse. — Pronto. Ela dissera. E era verdade. Ela gostava de Jack Griffin e apreciara muito o encontro improvisado deles e a conversa que se seguiu.

Ele encarou-a bem nos olhos, como se não estivesse certo de que deveria acreditar nela. Parecia prestes a dizer alguma coisa, quando Bob Beldon caminhou até o meio do pequeno palco. Bob e sua esposa, Peggy, eram donos da Thyme and Tide, uma pousada local. E Bob também estava envolvido ativamente com o grupo teatral.

Assim que conseguiu a atenção de todos, ele deu vários avisos de segurança, relembrando o procedimento em caso de incêndio e mostrando as saídas de emergência. Quando terminou, Bob apresentou a peça e os atores. Antes de deixar o palco, ele olhou para Jack Griffin e Olivia. E fez a coisa mais estranha. Piscou para Jack.

— O que foi isso — Olivia perguntou a ele.

— Bob é um amigo.

— Você já o conhecia antes de se mudar para Cedar Cove?

Ele assentiu desatento, enquanto observava os atores ocuparem seus lugares no palco.

— Esta é a maneira de Bob encorajar-me — ele murmurou.

— A fazer o quê? — pressionou Olivia.

Jack esticou os ombros.

— A convidá-la para jantar. — Ele relanceou o olhar na direção dela. — Aceita a aposta?

"Aceita a aposta?" era, com certeza, um convite criativo.

— Você já a convidou? — Charlotte inclinou-se para frente para poder vê-los melhor.

— Acabei de fazer isso — respondeu Jack.

— Convidá-la para quê? — gritou uma voz que Olivia não reconheceu, duas fileiras atrás.

Mortificada, ela deslizou no assento e curvou os ombros.

Jack deslizou mais para baixo, também.

— Você aceita?

Ela assentiu. Bem, por que não? Já admitira que ficara ansiosa para ter notícias de Jack. Agora ele dera o passo seguinte. Um convite para jantar.

E ela pretendia que fosse uma excelente noite.

* * *

CECILIA ACORDOU no sábado de manhã sentindo-se bastante deprimida. Não tivera notícias de Ian. Ela se iludira, achando que ele ligaria. A essa altura, Ian já deveria estar no mar. Não sabia exatamente quando o *George Washington* deixara o porto, mas, também, como poderia saber? Qualquer informação que ela conseguira fora através de comentários que ouvia, ou de algum artigo do *The Chronicle*. Ian nem sequer mencionara que seria transferido de um submarino para um porta-aviões. Aparentemente, havia muita coisa que ele não dissera a ela.

Agora, Cecilia desejava ter feito amizade com outras esposas da Marinha. Ela tentara, no início, mas sentira-se como uma intrusa. As mulheres já

havam feito grupinhos e ela era uma estranha. Mais tarde, entre o seu emprego e a gravidez, não lhe restava muito tempo ou reservas emocionais para socializar com elas. Declinara dos poucos convites que recebera.

Quando Allison nasceu, ninguém viera ao hospital e, depois que a filha morreu, Cecilia rejeitara todas as tentativas que fizeram de ajudá-la a enfrentar a perda. Das outras esposas de militares da Marinha, da família de Ian, na Geórgia, das enfermeiras e do capelão da Marinha. O pai dela detestava qualquer coisa que tivesse a ver com morte ou com morrer e evitou-a completamente. Além do cartão oferecendo sua simpatia, tudo o que ele fizera fora dar umas batidinhas nas costas dela, resmungando um ou dois clichês de condolências.

E Ian... ele não estava lá.

Como não lhe faria nenhum bem ficar remoendo sobre Ian, sobre o divórcio pendente e sobre as tristezas do passado, Cecilia resolveu tomar um banho e vestiu uma calça jeans limpa e um suéter de moletom surrado e confortável. Sábado sempre era dia de resolver pequenas coisas, mas naquele dia ela estava se sentindo sem energia para isso. No mercado, comprou apenas um enorme buquê de flores.

O cemitério ficava nos arredores da cidade. Uma névoa densa o cobria. Era impossível enxergar o outro lado da rua, quanto mais o outro lado da enseada e o estaleiro naval. Cecilia escolhera aquele túmulo de propósito, porque ele tinha vista para a base naval. Talvez isso não fizesse sentido, mas ela queria que a filha ficasse perto do pai, e essa foi a única maneira que encontrou para que isso acontecesse.

O gramado estava fofo e úmido e os pés dela afundavam na terra conforme andava em direção ao túmulo. Cecilia agachou-se e tirou algumas folhas secas de cima da lápide simples e pequena. O vaso era muito estreito para que coubessem todas as flores, então, ela separou as mais bonitas e arrumou dentro dele. Quando terminou, dividiu as flores que sobraram entre os outros túmulos da mesma fileira.

Quando se virou, Cecilia viu Ian, alguns passos atrás, observando-a.

Nenhum dos dois falou. Ele usava o casaco grosso da Marinha e a touca de marinheiro. As mãos estavam enfiadas nos bolsos do casaco e os braços muito juntos ao lado do corpo.

— Eu vi quando você saiu do mercado — murmurou ele.

— Você me seguiu até aqui? — Ela não gostava dessa ideia.

Ele assentiu.

— Não tenho esse hábito, se é isso o que você está pensando. Apenas aconteceu de eu vê-la. E quis falar com você.

Cecilia enfiou as próprias mãos nos bolsos, esperando, insegura sobre o que dizer.

— Imaginei que você viria para cá — continuou Ian. — E estava certo. — Ele parou e encolheu os ombros. — Pensei que poderíamos conversar.

Ela ficou tensa.

— O que há para conversarmos? — Da última vez em que o vira, ele estava bebendo e com vontade de discutir.

Ian suspirou, o olhar passando por ela e pela fileira de túmulos.

— Queria me desculpar por ter aparecido no restaurante naquela noite.

— Andrew me disse que você estava partindo no *George Washington*.

— Sim. — Ele não falou mais nada a respeito, ou explicou a transferência.

— Quando você foi designado para o porta-aviões?

— Você saberia, se não estivesse com tanta pressa de pedir o divórcio — disse ele com amargor óbvio.

— Nós não podíamos, aliás, não podemos, nem mesmo nos falar sem reclamar um do outro. — Antes e agora. E magoava tanto estar parada de um lado do túmulo da filha deles enquanto ele estava parado do outro lado.

— Isso importa? — perguntou ele — Estou na Marinha, isso não mudou.

Ela balançou a cabeça. As razões não eram importantes. Ele não devia a ela nenhuma explicação. Adotar uma atitude defensiva tornara-se uma resposta automática dela, uma maneira de manter as pessoas distantes. Especialmente ele...

— Diabos — disse ele, impaciente. — Por que é tão difícil conversar com você?

Ele já não sabia? O que mais ela poderia dizer?

— Como eu disse, sinto muito por aquela noite. Não acontecerá novamente. — Ele virou-se para partir, em um movimento abrupto.

— Já está indo? — chamou ela, não querendo que ele se fosse ainda.

Ian virou-se para encará-la e assentiu.

— Eu gostaria de saber sobre a transferência.

Ele olhou para baixo, para o túmulo da filha.

— Fui eu que solicitei. Se estivesse servindo no porta-aviões quando Allison nasceu, eu poderia ter voado para casa. Para estar com você... É um ponto discutível agora, mas eu não queria arriscar que nada parecido com aquilo acontecesse de novo.

Cecilia não sabia que esse tipo de transferência era possível.

— Ficarei fora por seis meses — disse ele a ela.

Parecia tempo demais. A reação dela deve ter ficado clara em seu rosto.

— Não posso evitar isso — falou ele.

— Eu sei — sussurrou ela.

— Acredito que você esteja preocupada com o seu divórcio. Ele sempre se referia ao divórcio assim, enfatizando de quem fora a decisão.

— O atraso não é o que importa — disse ela. — De qualquer jeito, não tenho mesmo dinheiro para honorários de advogados.

— Pensei que você quisesse levar o caso ao Centro de Mediação e Arbitragem.

— Eu queria, mas com você no mar, seria uma perda de tempo, não seria? — Ela até poderia falar com uma terceira parte imparcial, mas como Ian não estaria disponível, eles não conseguiriam resolver nada.

— Nós ainda estamos legalmente casados então, certo?

Cecilia imaginou que essa era a maneira dele de lhe dizer que se arrependia da sugestão que dera na semana anterior, sobre eles fingirem que estavam divorciados.

— Sim — disse ela. — Você não precisa se preocupar quanto a eu estar me encontrando com outra pessoa.

Ele franziu o cenho.

Talvez ela tivesse entendido errado.

— Era isso que você estava dizendo, não era? — Ela não pôde evitar a lembrança da reação dele ao homem do bar.

Ele olhou para ela inexpressivamente.

— Não, mas estou feliz por ouvir isso. Nenhum homem gosta de pensar na esposa com outro homem, independentemente da situação.

Agora Cecilia estava confusa.

— O que você está dizendo exatamente? Quer que continuemos casados? Ou quer apenas que eu não esqueça que estou legalmente amarrada a você?

— Quero que você não se esqueça de que estamos juntos nisso, legal e financeiramente, até que consigamos resolver essa confusão, está certo?

Cecilia assentiu, cruzando os braços. Ela tinha impressão de que não iria gostar dos argumentos dele.

— Na última vez em que estive fora... — Ele parou e relanceou o olhar para o túmulo de Allison. — Você estourou o limite do cartão de crédito. Enquanto ainda estivermos casados, sou legalmente responsável por essas contas, portanto apreciaria se você fosse moderada nos gastos.

Se ele tivesse lhe dado um soco, teria doído menos.

— Quer dizer que você está preocupado com o quanto de dinheiro eu vou gastar enquanto você estiver no mar? — Cecilia não podia acreditar que o marido dissesse uma coisa daquelas. — Cada centavo que eu gastei, cada um que aparece na fatura desses cartões de crédito, foi gasto para que eu pudesse enterrar Allison. — Cecilia começou a tremer, primeiro de raiva e depois de revolta. Como ele ousava? Como? Se precisasse de um lembrete de porque não podia continuar nesse casamento, certamente ele acabara de lhe dar um.

— Eu não soube me expressar — disse ele.

— Isso não acontecerá novamente — respondeu ela em uma voz apagada, repetindo conscientemente as palavras dele.

Ian balançou a cabeça.

— Eu não tenho ideia de porque mencionei isso. Me desculpe.

Ela o ignorou. A ausência de resposta já era uma resposta por si.

— Toda vez você faz isso — falou ele, exasperado. — Eu tento falar com você, tento esclarecer as coisas e você me ignora, com se eu nem estivesse aqui.

As mãos dela ainda estavam nos bolsos e ela estava com a cabeça baixa.

— Cada centavo que eu gastei foi para fazer o funeral da nossa filha — repetiu ela lentamente. — E os trezentos dólares da conta de telefone... Eu sei que isso aborreceu você, mas...

De repente, ela não pôde mais controlar a voz... nem as emoções.

— Mas esse foi gasto comigo! — gritou ela, cuspiendo as palavras em sua raiva e dor. — Porque se não, seriam *dois* funerais ao invés de um. Sinto muito por ser tão fraca, Ian, mas não sou como você. Eu precisava da minha mãe... precisava falar com alguém. Meu pai não conseguiu lidar com o que aconteceu e você não estava aqui. Minha mãe... — Como não queria que ele a visse chorar, Cecilia virou-se e começou a procurar desesperadamente alguma coisa na bolsa.

— Cecilia?

Ela encontrou o que procurava e rasgou o porta-cartões de plástico.

— Aqui — engasgou-se ela, pegando o Visa e jogando-o para ele. O cartão caiu na grama úmida. — Pegue isto! Eu não quero...

Ele hesitou antes de pegar.

— Você pode precisar para alguma emergência.

Como se a morte da filha deles não tivesse sido uma.

Ela negou com a cabeça com veemência. Preferia apodrecer no inferno antes de usar qualquer cartão de crédito no nome dele novamente. Ela conseguiria um no seu nome. No seu nome de solteira.

Ian examinou o cartão e passou o dedo sobre as letras em relevo com o nome dela, *Cecilia Randall*.

— Eu não vim aqui para pegar o seu cartão de crédito.

— Bem, mas você o tem agora — retrucou ela, impertinente, recusando-se a olhar para ele.

Ian não disse nada. Passou-se um longo momento.

— Sinto muito, Cecilia — sussurrou ele, finalmente.

— Pelo quê, dessa vez?

Houve outra pausa.

— Ficarei longe por seis meses — murmurou ele — Eu gostaria que fosse possível acertarmos essa questão do divórcio antes de eu partir, mas...

Eles já tinham passado por isso tantas vezes.

— Gostaria de partir sem ressentimentos entre nós. E sei que você preferia não estar mais casada comigo, mas não podemos fazer nada sobre isso agora.

— E qual é a sua ideia? — perguntou ela, sendo deliberadamente sarcástica.

— Maldição, Cecilia, você está nos escutando? É isso mesmo que você quer? É assim que você quer que as coisas sejam. Eu não. Eu segui você porque pensei... tive a esperança de que houvesse uma chance de terminarmos tudo isso de uma forma amigável.

— Divórcios não são amigáveis.

— Você está certa, mas isso lhe dá algum prazer?

Não dava. Ela sabia por que ele viera. Ian iria para o mar em poucos dias, e quando partisse, não queria ter nada em relação a ela engasgado na garganta.

— Adeus, Ian — disse ela, baixinho. — Tenha uma boa viagem.

Ele franziu o cenho, como se não estivesse certo se devia acreditar nela.

— Você está falando sério?

Ela assentiu.

— Eu não quero brigar, nunca quis. Vá com a consciência tranquila. Quando você voltar cuidaremos de toda essa questão legal.

— Obrigada. — O alívio dele era evidente e seus olhos estavam mais brandos quando ele se virou para sair. Cecilia observou-o desaparecer na névoa até não poder mais distinguir sua figura escura.

Ela fechou os olhos e fantasiou como teria sido a despedida deles se Allison tivesse sobrevivido. Ela ficaria parada no porto com as outras esposas de militares e Ian daria um beijo de despedida nela, outro em Allison e mais um nela, uma última vez. Então, ele caminharia na direção do porta-aviões e ela ficaria segurando o bebê nos braços, e levantaria o bracinho de Allison para que ela pudesse dar um último aceno ao papai. Ao invés disso, eles se despediram um do outro parados à beira do túmulo da filha.

* * *

JUSTINE EVITARA a mãe durante todo o final de semana e tinha uma boa razão para isso. No minuto em que se encontrassem, Olivia começaria a

criticar Warren. Não abertamente, mas ela insinuaria coisas. Mencionaria, por exemplo, alguma fofoca que supostamente ouvira sobre uma das ex-esposas dele. Ou falaria dos problemas de uma ou outra casa que a empresa dele construía.

Na opinião de Justine, o fato de ela estar saindo com Warren não era da conta de sua mãe. Está certo, ele era alguns anos mais velho. E Justine concordava que a reputação dele não era das melhores. Mas havia coisas sobre Warren que a mãe dela e a maioria das pessoas não sabia e nunca saberia. Warren confiava nela e a confiança dele significava muito para ela.

A segunda razão pela qual Justine estava evitando a mãe, tinha a ver com seu irmão, James. Um ano antes, sem aviso, ele se alistara na Marinha e, por causa disso, fora para longe de casa pela primeira vez. James sentia saudades da família e a mãe afligia-se por causa dele. Agora o irmão fizera outra mudança drástica na vida e deixara nas mãos de Justine anunciá-la à família.

Agora, a confrontação era inevitável. Na manhã de domingo, ela quase se decidira por ligar para a avó e deixar que esta anunciasse as novidades. Chegara mesmo a pegar no telefone e discar o número dela. Mas, ao primeiro toque, recolocara o fone no lugar, repreendendo-se por ser tão covarde.

Durante toda a tarde, tivera dificuldades para concentrar-se em pedidos de empréstimo e reuniões de equipe. Ela era gerente da filial do First National Bank em Cedar Cove e tinha uma enorme quantidade de responsabilidades com que se ocupar. Justine suspirou. Sabia que precisava contar tudo à mãe pessoalmente e o mais rápido possível.

Depois do trabalho, ela foi direto para a casa da família, na Lighthouse Road, número 16. Ela morara lá até partir para a faculdade há dez anos e

voltara por curtos períodos nos anos que se seguiram. Ali era o *lar* de um modo que nenhum outro lugar jamais seria. Cada vez que ela dobrava a curva no caminho e chegava ali, Justine experimentava uma sensação que jamais conseguira reproduzir em qualquer lugar onde já morara desde então.

Ela estacionou na frente da casa. A mãe deve tê-la visto chegar da janela, porque abriu a porta assim que Justine subiu os degraus da varanda.

— Querida — disse Olivia estendendo os braços para abraçar a filha — Que boa surpresa!

Justine forçou um sorriso.

— Você chegou bem na hora do jantar.

Justine nunca conseguiu entender por que sua mãe insistia em alimentá-la. Era a mesma coisa com a avó dela. Uma necessidade maternal de nutrir, ela supunha. Não que ela ainda precisasse ser alimentada. Bem, não uma alimentação *desse* tipo.

— Ótimo — disse ela sem muito entusiasmo. Seu estômago ainda estava enjoado.

Olivia deu uma boa olhada na filha.

— Alguma coisa está preocupando você?

O radar. Justine podia jurar que a mãe tinha um radar.

— Por que você não prepara um bule de chá? — sugeriu ela.

A mãe ficou fria.

— Você está grávida, não está? Santo Deus, não me diga que vai se casar com Warren!

— Mamãe, apenas faça o chá. E não, eu não estou grávida.

— Graças a Deus. — O alívio dela não poderia ter sido mais evidente. Será que a mãe conseguia perceber como a sua reação fora insultante?

Olivia se encaminhou para a cozinha e Justine a acompanhou.

— Isso foi grosseiro da minha parte, querida. Perdoe-me — disse Olivia, colocando a chaleira para ferver. Ela suspirou. — Você sabe o modo como me sinto a respeito de Warren.

Justine não precisava ser recordada disso.

— Mas você parece apreciar a companhia dele e isso é tudo o que importa.

Justine não respondeu às desculpas pouco entusiasmadas da mãe. Qual era a questão? Sim, ela gostava de Warren, mas não era cega para os defeitos dele. O que achava mais atraía era a sua idade. Gostava de homens mais velhos. Eram bem resolvidos, confiantes e, na maior parte das vezes, seguros. Ela não tinha a intenção de ter filhos e estava procurando uma relação madura. Achava a maior parte dos homens da sua idade infantis e irresponsáveis.

Olivia fez o chá e levou duas xícaras para a mesa da sala de jantar.

— Muito bem — disse ela quando ambas se sentaram —, se você não está grávida, então o que há de errado?

Justine ignorou a pergunta da mãe e tomou um gole do chá como se fosse um remédio.

— Tive notícias de James, na semana passada.

A mãe olhou para ela, sem entender.

— O que James tem a ver com isso?

— Ele parecia bem.

— Bem?

— Feliz — elaborou ela.

— Ele está com uma nova namorada?

Justine não podia acreditar que a mãe não fizera a conexão.

— Não... exatamente.

— Ele está saindo com a mesma moça? Selina? Não consigo me lembrar de seu sobrenome, agora.

— Solis.

— Humm. Toda vez que James a mencionava os dois estavam brigando, por uma coisa ou por outra.

— Eles estão indo bem, agora — disse Justine, lutando para não cair na gargalhada. A mãe parecia estar completamente ignorante sobre qualquer coisa.

— Fico feliz de saber disso.

— Fica mesmo, mamãe? — pressionou Justine.

— É claro que sim — hesitou Olivia. — Você está tentando me dizer que James e Selina estão noivos?

— Não, estou tentando lhe dizer que eles estão casados.

— *Casados?* — Olivia levantou-se de um pulo e voltou a sentar-se com a mesma rapidez. — *Casados?* Sem me avisar? Sem dizer uma palavra até que o fato estivesse consumado?

— James estava com medo da sua reação.

— Ele deveria estar com mais medo do que eu vou dizer agora — resmungou Olivia sombriamente. — Por que ele *faria* uma coisa dessas? E quanto à família de Selina? Não foi um choque para eles?

— Aparentemente não.

— Como assim?

— O pai de Selina insistiu para que eles fossem casados por um padre.

— James não é católico.

— Ele se converteu. — Justine podia ver, pela perplexidade nos olhos da mãe, que ela estava tendo dificuldade em compreender a notícia. O filho que ela criara como protestante, se convertera ao catolicismo da noite para o dia.

— Ele deve amá-la muito — respondeu Olivia pensativamente.

— Tenho certeza de que sim.

— Então, em outras palavras, meu filho e esta jovem que eu sequer conheço casaram-se em uma cerimônia católica, sem contar a ninguém da nossa família?

— Sim — concordou Justine.

— Por quê?

Justine prendeu a respiração por um momento.

— James queria que você e papai estivessem lá, mas ficou com medo de que você pudesse desaprovar.

— Pelo amor de Deus, por quê? Porque Selina é de origem hispânica. James nos conhece melhor do que isso.

Justine deu de ombros. Ela discordava do que o irmão fizera, mas era muito tarde para se preocupar com isso.

— Quando eu vou conhecê-la?

— Mamãe, há mais.

Olivia apoiou a xícara sobre o pires.

— Selina está grávida, não está?

Finalmente, mamãe. Você demorou a entender.

— Eu falei com Selina — disse Justine, animadamente. — Ela parece estar no céu de tão feliz. James é louco por ela e tenho certeza de que Selina será uma boa esposa para ele. A mãe não parecia estar nem um pouco convencida disso.

— Ela está grávida de quanto tempo.

Esta era a parte mais difícil.

— O parto está previsto para daqui a quatro meses.

— Quatro meses — repetiu a mãe. — Eu vou ser avó daqui a quatro meses?

— É o que parece.

A mãe não disse nada por um bom tempo, então, seus olhos cintilaram e Justine pôde perceber que ela estava lutando para não chorar.

— Mamãe, ser avó a incomoda tanto assim?

Olivia sacudiu a cabeça e secou os olhos com o guardanapo.

— Oh, não... Eu só queria que meu filho tivesse tido a coragem de me contar ele mesmo.

Justine abraçou-a apertado.

— Ele está esperando para falar com você agora. Quer que eu faça a ligação para você?

A mãe assentiu.

— Por favor.

Capítulo Cinco

CECILIA CHEGOU para trabalhar às 4h, uma hora mais cedo do que estava escalada para começar seu turno. O bar do The Captain's Galley já estava ficando cheio. Ela sentou-se em um banco acolchoado, esperando uma oportunidade para falar com o pai.

100

— Como vai indo, menina? — perguntou Bobby Merrick do outro lado do balcão. — Posso pegar uma bebida para você?

Cecilia odiava quando ele a tratava como se fosse uma cliente.

— Está bem. Que tal uma xícara de café?

— Tem certeza de que não quer nada mais forte?

— Tenho. — Em alguns aspectos seu pai nunca crescera, ainda agia e se vestia como quando era jovem. O cabelo grisalho descia até os ombros e seu guarda-roupa consistia em blusas muito estampadas, que ele usava com jeans. Apesar disso não incomodar Cecilia, em certos momentos ela queria e precisava que ele fosse um pai. E essa tarde era um desses momentos.

Ele lhe trouxe uma xícara de café velho, atendeu a mais alguém e voltou para bater papo com ela.

— Tem tido notícias de sua mãe? — perguntou.

Depois do divórcio, Bobby, como ele insistia que Cecilia o chamasse, deixara Nova Jersey e se mudara primeiro para o Novo México, depois para o Arizona e então, gradualmente, fora chegando até o norte do estado de Washington.

— Ela me telefonou neste final de semana.

— Ela está bem?

Pelo que ela sabia, seus pais não haviam se visto, nem falado um com o outro durante anos, até maio do ano anterior, quando a mãe viera para o casamento de Cecília. Agora, de repente, Bobby estava perguntando por ela.

— Mamãe está bem.

— Fico feliz em saber — disse ele, inclinando-se na direção de Cecília — Ela é uma mulher extraordinária.

Se era isso que ele pensava, Cecília se perguntou por que então as abandonara, mas não queria trazer à tona nenhuma situação desagradável. Ela entendia o pai. Ele não podia tolerar conflito de nenhum tipo. Bobby queria que as pessoas amassem umas as outras e se entendessem, como frequentemente explicara a Cecília. Ele ficava sem ação se alguém estava aborrecido com ele, não gostava nem mesmo de estar por perto quando outras pessoas discutiam. Quando uma situação se tornava intensa demais, ele simplesmente se mudava.

Bobby perguntara pela mãe dela, mas nunca procurara a ex-mulher, nem telefonara ou escrevera por anos. Isso fazia sentido. Ele não queria ouvir sobre dificuldades ou desapontamentos, especialmente se houvessem sido causados por ele. Quando Allison Marie morreu, ele ficou afastado, emocional e fisicamente. Fora incapaz de oferecer a Cecília o apoio de que ela precisava tão desesperadamente. Bobby não tinha aquilo dentro dele. Levava tempo até que ela chegasse a essa conclusão. E não conseguia zangar-se com ele. Apesar de provavelmente ter esse direito, não lhe faria nenhum bem. Bobby era Bobby e ou ela o aceitava, ou ficava sem um pai, por mais ineficiente que ele fosse nesse papel.

— Eu estive na Olympic College essa tarde.

— Esteve?

— Sim. Matriculei-me em uma aula de álgebra e em inglês. — Era o nível iniciante, matérias básicas, mas ela precisava começar por algum lugar. Pela primeira vez em muito tempo, Cecilia estava olhando para o futuro, ao invés de ficar presa ao passado.

— Álgebra?

— Eu sempre gostei de números. — Ela sempre gostara de matemática e era boa nessa matéria, na escola secundária. Cecilia gostava do senso de ordem que a matemática lhe proporcionava. Tudo parecia encaixar em seu devido lugar, e todos os problemas tinham solução. Talvez isso fosse o que mais a atraísse.

— Onde você vai precisar de álgebra?

Cecilia ainda não sabia, mas esse era mais um curso de reciclagem do que alguma coisa que levaria a uma carreira.

— É importante que eu saiba como encontrar o "x", o elemento desconhecido — disse ela de brincadeira. — Só assim poderei descobrir os segredos do universo. Como Einstein, você sabe. Tudo começa com o "x".

Bobby arregalou os olhos.

— É mesmo?

Era uma piada, mas ele levava a sério.

— Claro. Bem, é quase isso. — Obviamente ele não teria sido de nenhuma ajuda com a matemática do segundo grau, mesmo se estivesse por perto. — O que você pensa sobre eu fazer essas aulas? — perguntou ela, procurando encorajamento.

O olhar dele era de desinteresse.

— Bem, é legal.

Legal?

Ela fizera novamente. Mais uma vez pedira para ser desapontada. Deveria ter imaginado que a resposta de Bobby seria, no mínimo, inadequada.

Ele foi atender a um cliente e Cecilia desceu do banco, pronta para começar seu turno no restaurante.

— Conversamos depois — disse Bobby, atrás dela.

Ela assentiu. Essa fora uma conversa tão profunda quanto qualquer outra que já haviam tido. O homem simplesmente não conseguia, e não havia nada que ela pudesse dizer ou fazer que fosse mudar isso.

Não demorou muito e o restaurante começou a encher. Cecilia acompanhou os clientes até suas mesas, atendeu ao telefone e deu apoio ao caixa, mantendo-se ocupada. Ela preferia assim. Quando tinha algum tempo de sobra, seus pensamentos automaticamente se desviavam para Ian. O *George Washington* havia zarpado de Cedar Cove há dois dias. Ela vira no jornal da noite, que mostrara o enorme porta-aviões deslizando através das águas protegidas da enseada.

Cecilia sentara-se, atenta, diante da televisão. Não poderia ter ficado afastada mesmo se quisesse. Ian se fora. Ficaria mobilizado por seis meses. Imaginou se ele escreveria. Ela poderia ir à biblioteca e mandar um e-mail para ele, mas não estava certa se deveria. No entanto, era exatamente isso que ansiava por fazer.

Maldição! Era tudo tão complicado! Ela não entendia seus próprios sentimentos e menos ainda os dele. Todas essas emoções contraditórias, raiva, anseio, arrependimento. Bem, ela teria seis meses para pensar sobre o divórcio e sobre como deveria proceder. Ian também teria tempo para pensar. A partida dele fora boa para ambos, disse ela a si mesma. Ainda assim, precisava admitir que odiava a ideia de não ver Ian ou falar com ele durante a metade de um ano.

Desde que soubera da notícia da partida do navio, Cecilia havia pensado sobre o que ele dissera a ela no dia em que se encontraram no cemitério. Estava arrependida por ter se ofendido com tanta facilidade e percebera que Ian não estivera tentando aborrecê-la quando perguntara sobre o cartão de crédito. Ele fora desajeitado. Só depois ela percebera que o marido era tão pouco habilidoso em expressar o que realmente estava sentindo quanto ela. Cecilia desejou tê-lo abraçado antes da sua partida. Teria lhe feito bem sentir os braços dele ao seu redor novamente.

Cecilia estava pronta para sair na noite quando o pai veio procurar por ela.

— Você ouviu sobre Ian? — perguntou ele.

— Ouvi o quê?

— Ele deve estar de volta.

— Ian?

— Você disse que ele estava no *George Washington*, não disse?

Cecilia franziu o cenho, confusa.

— Você quer dizer que o porta-aviões está voltando para Bremerton?

— É o que parece. Eu ouvi dois marinheiros conversando, e eles disseram que há alguma coisa errada com o equipamento de navegação.

Cecilia sabia que não deveria estar satisfeita e que também não deveria dar ouvidos a fofocas. Já ouvira rumores como esse antes e não eram verdadeiros.

— Você mesma pode perguntar a eles — disse Bobby, dando de ombros.

— Acho que vou fazer isso. — Ela entrou no bar, que a essa altura já estava enevoadado pela fumaça dos cigarros. Dois marinheiros estavam sentados a um canto, atracados às suas canecas de cerveja.

Cecilia caminhou em direção a eles. Os dois homens se viraram, com um sorriso de satisfação.

— O Bobby aqui acaba de me dizer que vocês têm informações sobre o *George Washington* — disse ela.

O mais pesado dos dois assentiu.

— Nos acompanha?

— Não, obrigada, estou indo para casa. Vocês podem me dizer o que sabem?

Os dois trocaram um olhar de desapontamento.

— Eu tenho um colega no *George Washington* — disse o primeiro homem —, e ele me mandou um e-mail dizendo que eles estão tendo alguns problemas técnicos.

— Então, eles estão voltando? — A ansiedade transparecia na voz dela.

— Talvez. Ele acha que sim, mas...

— Por quanto tempo?

— Ele não tem certeza de que eles vão voltar para o porto. E não saberá por mais um dia ou dois. Por que você pergunta?

— Meu marido está a bordo — disse ela rapidamente.

Os dois homens olharam para a mão esquerda de Cecilia, onde ela continuava a usar a aliança de ouro.

— Provavelmente você terá notícias dele logo — disse o primeiro marinheiro.

— Mas não acalente muitas esperanças — acrescentou o segundo.

Apesar de Cecilia saber que ele estava certo, não podia evitar se sentir esperançosa. Ian poderia até voltar, mas apenas Deus e a Marinha sabiam por quanto tempo.

* * *

O TELEFONE tocou justamente quando Olivia estava dando os últimos retoques na maquiagem para o seu encontro para jantar com Jack Griffin. Ela relanceou os olhos para o relógio. Ainda tinha quinze minutos antes que ele passasse para pegá-la.

— Alô — disse ela alegremente, imaginando que talvez fosse a mãe. Charlotte ficara completamente enfeitiçada pelo charme de Jack e não parara de lhe tecer elogios desde o encontro no teatro, na última sexta-feira.

— É Stan.

Seu ex-marido sempre fora muito prático. Ele ia diretamente ao ponto.

— Você teve notícias de James?

Olivia falara com o filho e a esposa dele na tarde em que Justine lhe dera as notícias. Fora uma conversa emocionada, cheia de congratulações e lágrimas, tanto da parte dela, quanto da de Selina. Ela telefonara novamente depois de clarear as ideias, fazendo todas as perguntas que se esquecera de fazer na primeira vez.

— Falei com ele duas vezes na semana passada — respondeu ela.

— Então, você sabe.

— Que ele está casado e vai ser pai? Sim.

— Que história é essa de James se converter ao catolicismo?

— Vai ter que perguntar você mesmo a ele. — Ela fez uma pausa, imaginando por que ele destacara esse aspecto em particular das novidades sobre o filho. — Você não está aborrecido por causa disso, está? — Olivia ficaria atônita se ele estivesse. Stan nunca fora muito preocupado com religião. Não tinha objeções quando ela resolvia assistir aos cultos ou quando criara as crianças no protestantismo, mas não se interessava especialmente pelo assunto. Do ponto de vista dele, as manhãs de domingo eram para jogar golfe.

— Eu não estou nem um pouco preocupado com isso — disse ele. — Estou apenas surpreso.

— Foi o que pensei — murmurou ela. — James parece estar feliz, você não acha? Quando falou com ele?

Stan hesitou.

— Há poucos minutos. Ele parecia estar com pressa, então, imaginei que pudesse esclarecer a história toda com você.

Aparentemente, seu ex-marido acreditava que ela sabia muito mais do que ele.

— Não sei exatamente o que lhe contar. Nosso filho está casado e nós dois estamos prestes a nos tornarmos avós pela primeira vez.

Stan riu, a voz soando levemente decepcionada.

— Estava começando a duvidar que isso fosse acontecer algum dia.

Ela relaxou e sorriu. As circunstâncias não eram as que teria preferido, mas Olivia estava absolutamente encantada diante da possibilidade de um neto.

— Suponho que você vai mimar essa criança até estragá-la.

— Certamente é o que eu planejo fazer — disse ela. Mas era Stan o indulgente e ambos sabiam disso.

— Eu só desejaria que James tivesse sido menos econômico nos detalhes — resmungou ele.

Olivia concordou.

— Eu decidi voar para encontrá-los assim que o bebê nascer. Vou conhecer pessoalmente Selina e sua família e dar a ela boas vindas à nossa família.

— Boa ideia. Eu enviei a eles um cheque de quinhentos dólares, como presente de casamento.

Stan sempre fora excessivamente generoso, e ela disse isso a ele.

— Eu só mandei flores — acrescentou Olivia pesarosa. — Mas levarei um presente de casamento de verdade quando for visitá-los.

— James é o primeiro dos nossos filhos a se casar. E ainda vai ter um bebê. Era o mínimo que eu podia fazer.

A campainha da porta soou e Olivia percebeu, surpresa, que eles já estavam conversando há quinze minutos.

— A pessoa com quem vou sair para jantar chegou — disse ela.

— Você está saindo com alguém? — não havia ciúmes na pergunta, apenas curiosidade.

Olivia riu baixinho.

— Não fique tão chocado!

— Eu não estou. Quem é o sortudo?

— Jack Griffin. Ele é novo na cidade.

— Então, não o deixe esperando.

— Até logo, Stan. Foi bom falar com você.

— Com você também, Olivia, e escute...

— Sim? — disse ela, ansiosa para desligar o telefone.

— Tenha uma boa-noite. Você merece um homem decente na sua vida.

— Obrigada — sussurrou ela, e colocou o fone no gancho. Olivia olhou para o telefone, inundada por uma inesperada onda de pesar. O casamento deles fora um bom casamento... O divórcio acontecera anos atrás, mas ela nunca deixara de amar Stan. Eles haviam tido seus problemas, todos os casais tem, mas ela acreditava que o laço que os unia era forte o bastante para sobreviver às crises. Infelizmente estava errada. Mas, ainda assim, sempre se sentira conectada com ele. Eles compartilhavam filhos e uma história, e nada poderia mudar isso.

Olivia apressou-se para atender à porta. Jack estava parado lá, com a mesma aparência que tinha toda vez que ela o via. Ele usava uma capa de chuva, calças pretas e uma blusa azul com os dois primeiros botões abertos.

Ela começou a imaginar se no armário dele havia mais do que um conjunto de roupas.

— Ah — disse ele, seus olhos envolvendo-a. — Você está fabulosa. Uau!

Olivia optara por uma roupa mais formal e tivera problemas até encontrar o que queria. O vestido de lã azul-marinho era novo. A saia reta descia de modo atraente até o meio da perna e o corpinho justo era decorado com uma fileira de botões dourados. Propositalmente, ela usava saltos altos e meias finas escuras. A cor do traje contrastava com as pérolas que seu pai comprara no Japão cinquenta anos antes.

— Eu estou arrumada demais? — Ela perguntou o óbvio. Eles não haviam conversado sobre onde iriam jantar.

— Não — disse ele. — Eu é que estou arrumado de menos.

— Não seja ridículo. Onde vamos jantar? — Ela deveria ter perguntado isso bem antes.

Parecendo embaraçado, ele disse:

— Estava pensando no Taco Shack.

Era um restaurante de comida mexicana, na beira da auto-estrada, fora da cidade, onde os clientes pediam os pratos no balcão e eles mesmos levavam para a mesa. A comida era uma das melhores da região, e o lugar era também rápido e barato. O molho picante era fresco, feito diariamente e conhecido em todo o condado.

— Eu vou me trocar — propôs Olivia rapidamente, e saiu da sala antes que Jack pudesse protestar. Era melhor esquecer a ideia de um encontro ardente. Ela estivera imaginando os dois com taças de vinho na mão, à luz de

velas, enquanto ele tinha na cabeça tacos e margaritas. Felizmente Olivia era uma pessoa flexível.

Quando retornou, ela usava calça em xadrez escocês azul e verde e um suéter de gola rulê em um verde que combinava com a calça.

— Assim está melhor — disse ela, esperando deixá-lo à vontade.

— Você não se importa?

— Eu adoro o Taco Shack — assegurou Oliiva, e era verdade. Ela deveria ter pensado melhor, antes de esperar um elegante jantar francês. Jack era um homem do tipo que gostava de tacos mexicanos.

Ele parecia imensamente aliviado, enquanto se encaminhava para o seu carro. Olivia podia perceber que Jack fizera um esforço para limpar o assento do carona. Jogara tudo o que antes ficava ali para o banco traseiro, que estava literalmente coberto por pacotes de restaurantes *fast food*, jornais velhos, livros e uma variedade de outros refugos que ela não conseguiu identificar.

Jack parecia não dar a menor importância a toda essa confusão. Por natureza, Olivia era limpa e organizada. Apenas um olhar para o Ford Taurus de Jack, disse a ela que ele era exatamente o oposto.

Olivia teve que tatear a procura do cinto de segurança, antes de conseguir prendê-lo. Era óbvio que ele não saía com outras pessoas no carro com frequência.

— Você já experimentou as pimentas jalapeño salteadas do Shack — perguntou ele, enquanto guiava para fora da cidade.

— É possível salteá-las? — perguntou Olivia, achando que isso soava mais como comida chinesa do que mexicana.

— Claro. Apenas até que a pele comece a arrebentar. Então, eles espremem suco de limão por cima e um pouco de sal temperado. E servem com muita água.

— Você come jalapeños inteiros?

— Você não?

Olivia apreciava um pouco de pimenta de vez em quando, mas não estava interessada em experimentar a dor como parte das suas refeições.

— Comida não deveria *machucar*.

Jack riu.

— Você tem senso de humor. Eu sabia que havia um bom motivo para eu gostar de você.

Olivia também gostava dele.

Ele entrou no estacionamento do Taco Shack e apressou-se a dar à volta no carro para ajudá-la a sair. Só depois que a porta foi fechada novamente é que Olivia percebeu que ela estava amassada e não fechava direito.

Sempre um cavalheiro, Jack segurou a porta do restaurante para que ela entrasse. Eles caminharam até o balcão e esperaram na fila. O lugar era muito popular. Olivia estudou o cardápio, escrito à mão em um quadro grande, pendurado no teto. Ela pediu um combinado, um prato que incluía uma enchilada de queijo e um burrito de feijão, e chá gelado para beber. Jack pediu alguma coisa que ela nunca ouvira falar antes, além das pimentas jalapeño salteadas. Isso dava a entender que ele não estava planejando beijá-la, o que era definitivamente um desapontamento.

Ela encontrou um lugar para eles sentarem, perto da janela, em uma mesa que um casal deixara vaga há menos de um minuto. Quando subiu no banco

da mesa vermelha, Olivia ficou grata por ter mudado de roupa. Ela não ia àquele restaurante há muito tempo e se esquecera de como era rústico. A janela era decorada com o que pareciam ser luzes vermelhas de Natal, mas quando examinou melhor, ela percebeu que eram pimentas de plástico brilhantes e achou um detalhe bem divertido.

Jack trouxe guardanapos e talheres de plástico para a mesa e um enorme recipiente com molho fresco. Quando o pedido deles ficou pronto, ele pegou os pratos de ambos e voltou mais uma vez ao balcão para pegar as bebidas. O aroma da comida era delicioso. Olivia fechou os olhos e inspirou o cheiro das pimentas de Jack e da mistura de molho e coentro.

Eles conversaram tranquilamente sobre uma variedade de assuntos. A política da cidade, o jornal, a peça que ambos haviam visto. Ela sentia como se o conhecesse há anos. Olivia não diria que Jack era o seu tipo de homem, mas estava começando a acreditar que nem mesmo tinha um tipo. Stan era engenheiro e, como ela, era também uma pessoa extremamente organizada.

— Eu comentei com você que meu filho se casou recentemente? — perguntou ela casualmente.

— Não — Jack deu um sorriso largo. — Isso é o máximo!

— E, por causa dele, vou ser avó.

Um sorriso atraente apareceu no rosto dele.

— Você é a avó mais linda que eu já conheci.

O ego de Olivia agradecia o elogio.

— Tanto o casamento quanto a gravidez foram uma surpresa, mas eu não me importo. — Na verdade, ela se importava... um pouco. — James parece feliz e, embora eu não conheça a esposa dele pessoalmente, ela parece ser

uma boa pessoa. — Olivia tinha os seus receios, mas não iria julgar o filho ou as decisões dele. Era a vida de James, não a dela.

— Stan e eu estávamos no telefone, discutindo a perspectiva de nos tornarmos avós quando você chegou. Foi por isso que demorei tanto para abrir a porta.

— Você parece ter uma boa relação com seu ex-marido.

— Gostaria que tivéssemos tido uma relação tão boa quando estávamos casados — brincou ela. — Agora a segunda esposa dele está se beneficiando com o meu treinamento.

— Stan se casou de novo?

Olivia assentiu.

Jack ficou olhando para seu jantar por um momento e, então, disse:

— Por causa dos tratamentos a que foi submetido para curar o câncer, Eric nunca poderá ser pai.

O que significava que não havia possibilidade de Jack, algum dia, vir a ser avô, percebeu Olivia.

— Eu sinto muito.

— Não precisa. — Ele parecia querer mudar de assunto. — Você fala com Stan com frequência? — perguntou ele.

— Apenas quando há assuntos sobre nossos filhos — ela disse a ele. — E como ambos são adultos, agora, então não há muitas razões para telefonemas ou coisas assim. Acredito que ficaremos em contato com mais frequência depois que o bebê de James nascer. E quanto a você e sua ex-esposa?

Jack rasgou seu guardanapo de papel em dois e, então, olhou horrorizado para o que fizera.

— Eu não falo com Vicki há anos. Infelizmente nosso divórcio foi amargo.

— Eu sinto muito — disse ela mais uma vez, porque podia perceber que falar sobre a ex-esposa o angustiava.

— Qual é o problema com os casais de hoje? — perguntou ele. — Eles não ficam mais juntos?

— Os Beldons casaram-se pouco depois de terminarem o segundo grau e estão juntos até hoje — disse Olivia, introduzindo o assunto na tentativa de saber como ele conhecera Bob.

— Ah, sim, Bob e Peggy.

— Eu frequentei o segundo grau com ambos — explicou Olivia.

— Eles já eram namorados, naquela época — perguntou Jack.

— Desde o décimo ano — aqueles dois estavam juntos praticamente desde que ela conseguia se lembrar deles.

— Bob esteve no Vietnã — disse Jack.

— Foi assim que você o conheceu? — perguntou Olivia.

Jack meneou a cabeça, negando.

— Eu o conheci depois. Há uns dez anos.

Olivia esperou, imaginando que ele lhe contaria sobre como os dois haviam se conhecido. Mas ele não o fez.

— Foi Bob quem sugeriu que eu me candidatasse ao emprego aqui em Cedar Cove. Eu estava buscando um ritmo de vida mais calmo e decidi aceitar o convite dele para visitar a pousada. Apaixonei-me imediatamente por essa região.

— E, então, você mudou a sua vida toda.

Ela encontrou o olhar dele e ambos trocaram um sorriso.

— Estou satisfeito por ter feito isso — disse ele oferecendo-lhe um jalapeño.

Olivia balançou a cabeça, recusando veementemente.

— Também estou feliz que você tenha se mudado. Muito feliz.

* * *

116

NAS PRIMEIRAS horas da manhã de domingo, Cecilia serviu-se de um tranquilizante copo de leite e sentou-se na pequena mesa da cozinha estreita. Ela apoiou as pernas na outra cadeira e recostou-se, fechando os olhos.

Depois de uma noite inteira de pé, seus dedos latejavam. Fora muito pior quando ela estava grávida. Cecilia lembrou-se de como seus tornozelos ficavam inchados quase toda noite. No princípio, a gravidez fora sofrida. Ela torceu para que as próximas gestações não fossem tão difíceis e, então, percebeu que não haveria mais nenhuma. Não pretendia se arriscar nunca mais a esse tipo de sofrimento.

Ela deu um gole no leite, esperando que ele a ajudasse a pegar no sono. O *George Washington* havia retornado ao estaleiro mais cedo, como previsto, e Cecilia imaginava se teria notícias de Ian.

Provavelmente não. Ela estava revendo mentalmente as razões por que eles deveriam ficar longe um do outro, quando o telefone tocou.

Surpresa por que não esperava nenhuma ligação, ela atendeu.

— Alô.

Silêncio.

Ótimo, um trote. Se ela pudesse pagar por um identificador de chamadas, ligaria de volta e passaria uma boa descompostura no pervertido.

— Oi.

Ian.

Ela estava muito ofegante para responder.

— Eu liguei antes, mas você não estava em casa — disse ele.

— Eu estava no trabalho.

— Eu sei. Pensei em parar no The Captain's Galley, mas prometi a você que não faria mais isso.

Cecilia supôs que ele estava querendo que ela soubesse que mantivera sua palavra.

— Eu acabei de chegar em casa.

— Foi o que imaginei. Eu não a acordei, ou coisa assim, não é?

— Não.

— Como você está? — perguntou ele.

Cecilia podia ouvir o barulho do trânsito atrás dele e imaginou que Ian estivesse ligando de um telefone público.

— Estou bem. — Nada mudara na semana em que ficaram distantes.

— Você ouviu que o *George Washington* iria voltar, não ouviu?

— Sim. — Ela não mencionou que as notícias haviam começado a circular na cidade na quarta-feira, quatro dias antes.

— Não sei por quanto tempo ficaremos no porto, mas não devemos nos demorar muito. — Ele fez uma pausa e acrescentou. — Eu gostaria de vê-la. Você estaria disposta a me encontrar?

Cecilia fechou os olhos com força. Ela não estava conseguindo pensar com clareza bastante para responder a ele. Seu coração bateu com mais força diante da oferta, mas sua cabeça lhe dizia que seria um grande erro.

— Eu estive na faculdade esta semana — disse ela, evitando responder logo.

— Na Olympic College?

— Me matriculei em duas matérias.

— Cecilia, isso é ótimo! — Ao menos Ian estava disposto a encorajá-la, já que seu pai não estava. — O que mais há de novo?

— Estou trabalhando no bar nos finais de semana, para ajudar a pagar as contas do cartão de crédito. — E para os honorários do advogado, também.

— Eu recebi meu pagamento na sexta-feira e, como estou com as contas em dia, pensei em colocar o dinheiro extra no banco.

— Boa ideia.

— Foi o que pensei, até que sai para olhar vitrines. — Já fazia quase um ano que comprara alguma coisa nova para si mesma, as poucas roupas de gestante que comprara foram dadas recentemente para a caridade. Na semana anterior, a tentação de gastar o dinheiro extra fora incontrolável. As roupas para a primavera pareciam tão atraentes. Também havia livros novos que ela estava querendo. Cosméticos. Um belo par de sapatos. Ela suspirou. — Tudo parecia estar chamando o meu nome.

— Então, você decidiu que se iria gastar dinheiro, que fosse em alguma coisa produtiva.

Ian realmente a conhecia.

— Sim.

— Bom para você. Quando são as suas aulas?

— De manhã cedo, três dias na semana. — Ela tivera sorte de conseguir se matricular, pois as aulas já haviam começado. Com as aulas bem cedo, Cecilia não teria muito tempo para dormir. Mas não se importava. Nos meses logo depois que enterrara Allison, tudo o que fizera fora dormir. Na época, era grata ao esquecimento que o sono oferecia, ao alívio para a dor.

— Você está dirigindo até a faculdade?

Cecilia riu.

— É claro que estou.

— Você não tem o mais confiável dos carros.

O Ford Tempo 1993 de Cecilia já tinha quase 240.000km rodados.

— Eu ficarei bem — disse ela, sabendo que soava defensiva. — Se tiver algum problema, sempre posso pegar um ônibus. — Não seria uma viagem curta, nem muito cômoda, mas era suportável.

Ian fez uma pausa, como se estivesse debatendo consigo mesmo.

— Você não respondeu a minha pergunta.

— Você quer me ver?

— Sim.

— Por quê?

— Preciso de uma razão? Você é minha esposa.

— Nós estamos separados.

— Não me lembre disso — resmungou ele.

Cecilia apertou o fone com força.

— Nós não nos falamos por meses. Lembra-se? Por que é tão importante que nos vejamos agora?

— Há uma coisa que preciso lhe perguntar — disse ele.

— Pergunte agora.

— Não — Ele foi inflexível sobre isso. — Prefiro fazer isso pessoalmente.

— Quando? — Ela sabia que todas essas perguntas que estava fazendo eram uma tentativa de ganhar tempo.

— Logo. Escute, Cecilia, não sei quanto tempo terei antes de partirmos novamente. E eu tenho uma proposta para você. — Quando ela não respondeu, ele disse: — Tudo bem, tudo bem, você está certa, nós *estamos* separados, mas foi você quem quis isso.

Na época em que se mudou do apartamento, Ian concordara plenamente. Agora, ele decidira jogar toda a culpa pela separação nos ombros *dela*.

— Está certo, você não quer me ver — disse ele sucintamente.

Cecilia suspirou.

— Não é isso. — A verdade era que ela *queria* vê-lo. Mais do que qualquer coisa.

— Então marque o dia e a hora.

Cecilia fechou os olhos e pressionou os dedos na testa enquanto tentava pensar.

— Você quer que o meu advogado entre em contato com o seu?

— Não! — Ela elevou a voz, zangada por ele ter chegado a sugerir uma coisa dessas.

— Então me diga quando eu devo aparecer.

— Você quer vir aqui? — Isso fez com que ela visse o convite sob outro ponto de vista.

— Tudo bem, podemos ir a qualquer outro lugar — disse ele. — A qualquer hora, em qualquer lugar. Basta apenas você me dizer. Eu não vou pedir de novo, Cecilia. — Sua voz mostrava que ele estava chegando a um limite.

— Tudo bem — sussurrou ela. — Que tal na próxima semana? Algum lugar em Bremerton? Você escolhe.

O alívio dele era palpável, mesmo pelo telefone.

— Não foi tão difícil, não é verdade?

Mas era. Extremamente difícil. E Ian sabia disso.

— Quando você estará livre? — perguntou ela, mal conseguindo dizer as palavras.

— Eu lhe avisarei. Está bem? Vai depender do que acontecer com o *George Washington*, mas será logo.

Isso não era exatamente *a qualquer hora* ou *em qualquer lugar*, mas a verdade é que ele estava na Marinha e as regras militares pautavam a vida dele... e a dela.

Capítulo Seis

A TARDE DAQUELA quinta-feira era o dia do almoço coletivo do mês no Centro Jackson da Terceira Idade. Cada um levava um prato. O lugar fora balizado em homenagem a Henry M. Jackson, que fora senador pelo estado

de Washington por muito tempo. Charlotte esperava ansiosa por essas reuniões com seus amigos mais queridos. Era um dia para encontrar pessoas, para pôr em dia as novidades sobre a vida dos outros, e ainda compartilhar um almoço fabuloso e assistir a uma palestra. O palestrante, geralmente, era alguém da comunidade. Em janeiro, se apresentara um político local, um verdadeiro falastrão, na opinião de Charlotte. Em dezembro, o chefe de polícia dera conselhos de segurança aos idosos, e sua palestra foi uma das mais apreciadas em meses, tão interessante quanto informativa.

Por um acaso, o palestrante da primeira semana de fevereiro era Jack Griffin. E Charlotte não teria perdido isso por nada no mundo. Ela chegou cedo, garantiu uma mesa para suas amigas do tricô e assegurou-se de que o lugar perto dela estivesse reservado para Jack.

— Ei! Laura! — chamou Charlotte, acenando para que a amiga pudesse ver onde ela estava sentada. As senhoras do grupo de tricô sempre se sentavam juntas nessas reuniões. Como chefe não-oficial do grupo, era esperado que Charlotte chegasse cedo e garantisse uma mesa. Não que ela se importasse.

Laura acenou na direção da amiga e levou seu prato de ovos picantes para a mesa do buffet. Laura fazia os mais incríveis ovos recheados. Ela não os enchia com a clássica mistura de gema de ovo e maionese. Ao invés disso, Laura recheava os ovos cozidos com uma salada de camarão e carne de caranguejo. Todo mês, a travessa que ela trazia estava entre as primeiras a ficarem vazias.

Charlotte trouxera a lasanha de brócolis, receita que conseguira no velório de Lloyd Iverson. Primeiro, ela experimentara a receita original e, na

vez seguinte, acrescentara o seu toque pessoal de cogumelos, bacon em pedacinhos e queijos *cheddar* e mozzarella. Chegara a ficar em dúvida sobre o que trazer, já que conseguira várias receitas excelentes recentemente. Era isso o que acontecia quando se ia a três funerais em três semanas. A receita da sobremesa ela conseguira na última segunda-feira. Era feita com pudim de limão e *cream cheese* e fez valer o fato de Charlotte ter ficado sentada por duas horas em um velório, em que ela nem gostava tanto assim do falecido, o marido de Kathleen O'Hara.

Laura se juntou a Charlotte e, logo, Evelyn e Helen também chegaram. Logo que todas estavam na mesa, cada uma pegou o seu prato de sobremesa e se encaminhou ao bufê para se servir do doce que comeria no final do almoço. Todos faziam isso. Charlotte não aprovava o hábito, mas entendia que a única maneira de garantir que se comeria sobremesa era escolhê-la antes e deixá-la ao seu lado, na mesa.

— O Jack chegou — disse Charlotte, apressando-se a passar pela fila estreita entre as mesas.

— Jack! — chamou ela. Era importante, depois de ter se vangloriado tanto a respeito, que as amigas conhecessem o jornalista, que ela dissera ser seu amigo pessoal. Ela se exibiu, abraçando-o, e ficou grata quanto ele retribuiu o gesto.

Mary Berger, presidente do Centro de Idosos, juntou-se a eles e apertou a mão de Jack.

— Estou muito feliz que o senhor tenha podido estar conosco hoje, sr. Griffin — disse ela formalmente, franzindo o cenho para Charlotte.

— O prazer é todo meu. — O olhar de Jack se encontrou com o de Charlotte por cima da cabeça de Mary e ele piscou para ela.

Charlotte não pôde evitar o rubor que coloriu seu rosto. Oh, este jovem poderia derreter alguns corações. Incluindo o dela mesma. Se, ao menos, Olivia acordasse e percebesse o bom partido que ele era. Ela realmente achava que aquele era o homem certo para a sua filha. Charlotte gostara de Jack no instante em que se conheceram e não era comum que sentisse tanta afinidade com homens. Mas isso parecia estar acontecendo com bastante frequência nos últimos tempos. Primeiro fora Tom Harding e, então, Jack Griffin, ambos recém-chegados à comunidade.

— Guardei um lugar para você na minha mesa — disse Charlotte a Jack, ansiosa por apresentá-lo às amigas.

— Eu organizei tudo para Jack se sentasse à mesa principal — contestou Mary, olhando furiosamente para Charlotte.

— Mas Jack e eu somos *amigos* — disse Charlotte, certa de que ele preferiria a companhia dela à daqueles emproados membros da administração do Centro da Terceira Idade.

— Por que não deixamos que Jack decida? — propôs Mary, e deu um passo atrás, cruzando os braços. Ela estava com uma expressão confiante, como se não houvesse possibilidade de que sua sugestão fosse recusada.

Jack estava sorrindo.

— Bem, faz muito tempo desde a última vez em que duas mulheres adoráveis brigaram por mim.

Mary lançou a Charlotte um sorriso excessivamente doce, que fez com que a outra tivesse que se controlar para não vomitar.

— Por que eu não sento com Charlotte e suas amigas para o almoço — sugeriu Jack. — e me junto a Mary e seus amigos para a sobremesa?

— Uma excelente sugestão — disse Charlotte, segurando o braço dele firmemente. Sem dar a ninguém a oportunidade de desviá-lo do caminho, ela guiou Jack para a mesa onde as amigas esperavam.

Charlotte sabia que Evelyn e Helen estavam loucas para falar com Jack. Ambas tinham ideias de artigos para o jornal e queriam discuti-las com ele. As amigas achavam que a comunidade ignorara por tempo demais a contribuição que os cidadãos mais idosos poderiam dar. Com Jack como editor, Charlotte acreditava que isso estava prestes a mudar.

Como ela sabia que aconteceria, ele conquistou as outras senhoras na mesa com pouco mais do que um sorriso. Como já conversara ao pé do ouvido, sozinha com ele, na noite da peça comunitária, Charlotte agora queria compartilhá-lo. As senhoras reuniram-se ao redor dele como abelhas ao redor do mel, cada uma dando a sua opinião sobre o jornal local.

Evelyn e Helen falavam sem parar, esboçando as ideias que tinham e fazendo sugestões.

— As senhoras estão certas!

As amigas de Charlotte se iluminaram diante do elogio.

— O que o *The Cedar Cove Chronicle* precisa é de uma página exclusivamente para a terceira idade. Entrevistas, notícias sobre saúde...

— Receitas — acrescentou Charlotte.

Jack apontou o indicador na direção dela.

— Receitas — concordou ele.

— Às vezes eu acho que os mais jovens não entendem ou não apreciam a história dessa cidade — acrescentou Laura. — Você sabia que Cedar Cove já teve três nomes diferentes nos últimos cem anos?

— Três? — Charlotte só sabia de dois.

— Eu estou mais interessado no porquê de os nomes terem mudado — disse Jack. — Laura, você parece saber. Escreva para mim um artigo para a próxima edição e eu publicarei.

— Mas as pessoas vão ler? — perguntou Laura, desconfiada.

— Eles lerão — respondeu Jack — Eu me certificarei de que isso aconteça.

Charlotte riu, imaginando qual seria a estratégia dele. Jack provavelmente colocaria uma manchete chamativa, garantindo o interesse geral.

— Eu gosto das ideias de vocês — disse ele às mulheres.

— Agora, qual das senhoras quer comandar a página da terceira idade?

Laura, Evelyn, Helen e Bess, que era o membro mais quieto do grupo de tricô, olharam para Charlotte.

— Todo mundo sabe que se você quer que alguma coisa seja feita, deve pedir a Charlotte — disse Bess, ruborizando.

— Ela tem mais energia do que todo o resto de nós, juntas.

Jack sorriu, como que dizendo que seria um grande prazer trabalhar com ela.

— Está certo — resmungou Charlotte, pensando que deveria estar louca para assumir outro projeto. — Eu farei isso, mas vou precisar de ajuda.

— Todas nós ajudaremos — prometeu Laura.

— Tragam-me suas ideias — disse Jack. — E nós trabalharemos juntos.

Essas poucas palavras eram todo o incentivo de que Charlotte precisava. Ela queria encorajar a relação de Jack com sua filha e não poderia imaginar oportunidade melhor para fornecer a ele mais informações sobre Olivia. A filha sempre precisou de um empurrãozinho. Não era muito diferente da época em que Olivia era uma adolescente tímida e Charlotte fora falar com Betty Nelson, sugerindo que o filho dela convidasse a sua filha para o baile do colégio. Olivia nunca soube que o encontro fora arranhado entre as duas mães e o que a filha não sabia, não poderia magoá-la.

Satisfeita com a virada dos acontecimentos, Charlotte apreciou o almoço. Cedo demais, Jack mudou-se para a mesa principal. No minuto em que ele estava fora do alcance para escutá-las, ela inclinou-se para as amigas.

— Ele não é um amor?

Todas concordaram. O grupo de tricô adorara Jack. Ela aproveitou para contar às amigas que ele escolhera comer na mesa delas. A cotação de Charlotte subiu consideravelmente entre elas.

— Ele está saindo com a minha filha, vocês sabem — anunciou ela. Era difícil não se gabar.

— Jack está saindo com Olivia? — Os olhos de Laura se arregalaram.

— Sim. E até onde eu sei, eles se dão muito bem. — Charlotte tinha altas expectativas no que dizia respeito a esse relacionamento. Muito altas, na verdade.

— Ele é um bom homem — sussurrou Bess. — Mas um pouco sem verniz, vocês não acham?

— O que você quer dizer com isso? — Charlotte imediatamente tomou partido de Jack. Ele podia não ser o homem mais bem vestido da cidade, mas

era honesto, tinha a mente aberta e valorizara as opiniões delas. Essa foi a primeira vez que alguém do jornal levava as suas sugestões a sério.

— Eu não sei. — Bess encolheu os ombros e pegou seu tricô. — Não me entenda mal, eu gosto do sr. Griffin, mas acho que há mais sobre ele do que podemos ver.

— Vocês querem que eu pesquise sobre ele na internet? — perguntou Evelyn, abaixando a voz para um sussurro rouco.

— Isso é ridículo — resmungou Charlotte. A amiga, professora aposentada, tivera aulas de computação e, desde então, tornara-se absolutamente desagradável, sempre expondo o que descobria sobre o passado das pessoas. Evelyn faria uma investigação por conta própria, pensou Charlotte, de mau humor.

Antes que alguma delas pudesse dizer mais alguma coisa, Mary Becker apresentou Jack e ele subiu ao palanque, parecendo completamente à vontade.

Charlotte achou a palestra fascinante. Jack começou recordando sua primeira visita a Cedar Cove e suas impressões sobre a cidade. Bob Meldon mencionara que o *The Cedar Cove Chronicle* estava planejando contratar um novo editor. Fora sorte dele, disse Jack, chegar à cidade bem no final de semana em que acontecia o Campeonato Anual de Imitadores de Gaivotas, e o modo como contou os acontecimentos daquele dia, fez com que todos na sala rissem às gargalhadas.

A palestra dele foi uma das mais interessantes que eles já haviam tido. Os 30 minutos passaram rápido. Todos os presentes o ovacionaram de pé.

— Você percebeu — disse Bess, sussurrando no ouvido de Charlotte, quando elas se levantaram para aplaudir —, que ele não nos contou um único detalhe sobre o seu passado?

— Contou sim. — argumentou Charlotte, antes de perceber que a amiga estava certa. Bem, ela não se importava. Não tinha importância o lugar onde ele morara ou onde trabalhara, antes de se mudar para Cedar Cove. Ela sempre fora uma boa juíza de caráter e sua intuição lhe dizia que podia confiar em Jack Griffin. Além disso, Olivia lhe dissera que Jack era da região de Spokane.

Mais tarde, no entanto, Charlotte concluiu que estava curiosa. Bess e Laura estavam certas, precaução nunca era demais. E além disso, a filha estava envolvida, agora, e isso significava que era obrigação dela descobrir o que pudesse.

Sob o pretexto de descobrir mais sobre a Página da Terceira Idade do *The Cedar Cove Chronicle*, Charlotte fez uma parada no prédio do *The Chronicle*, próximo à lavanderia automática em Seaview Drive. Há anos ela não entrava no escritório do jornal.

O prédio era novo e entristeceu-a ver a fila elegante de mesas com telas de computador sobre elas. Charlotte sentiu saudade dos dias em o que o cheiro de tinta impregnava o ar, em que os repórteres gritavam ao telefone e guardavam garrafas das mais diversas bebidas alcoólicas no fundo das gavetas. Como nos filmes da década de 1940. Ou talvez ela estivesse pensando em Lou Grant, o personagem da série de TV. Não se fazia mais jornalistas como aquele, atualmente. Jack Griffin, no entanto, até passava no teste.

Jack saiu do seu escritório para cumprimentá-la pessoalmente.

— A senhora gostou da palestra, ontem?

— Gostei muito — assegurou-lhe ela. — Mas fiquei desapontada por não ter sabido mais sobre você.

— Sobre mim? — Ele riu levemente — O que há de interessante a meu respeito?

— Sua história profissional, como jornalista — instigou ela.

Ele recitou o nome de alguns jornais onde trabalhara ao longo dos anos. As cidades e os cargos impressionavam. Quando Jack terminou, ficou esperando, como se aguardasse um comentário da parte dela.

— Bem — disse Charlotte, com um suspiro —, é impressionante.

— E aborrecido. Não mencionei nada disso ontem, porque queria que a palestra fosse interessante. Sinto muito por saber que ficou desapontada.

— Oh, mas eu não fiquei — ela apressou-se em responder. Suas amigas é que eram desconfiadas. Elas não conheciam Jack como Charlotte conhecia.

* * *

IAN PEDIU a Cecilia que se encontrasse com ele no restaurante de comida tailandesa, em Bremerton, o mesmo onde a levara no primeiro encontro oficial deles. Ian escolhera o lugar de propósito e esperava que a esposa se lembrasse daquela noite com o mesmo carinho que ele.

Cecilia concordara, embora sair para jantar fora em uma quinta-feira à noite significasse que ela teria que encontrar alguém para cobri-la no The Captain's Galley. Ian lamentava por isso, mas não tivera outra escolha. Ele

estivera em serviço por três dias, direto. O *George Washington* provavelmente não ficaria no porto por muito tempo mais e essa talvez fosse a única oportunidade de passarem um tempo juntos.

Ian estava na mesa, esperando, quando Cecilia chegou. Ele observou-a caminhando em sua direção e ficou impressionado mais uma vez com a sua beleza. Ela estava com uma aparência melhor, mais saudável, do que estivera em meses. Depois da morte de Allison, Cecilia perdera peso. Mais do que poderia se permitir perder. Mas não fora apenas isso, era como se a esposa houvesse desistido de cuidar de si mesma.

Ela deixara de se importar com o cabelo, com a maquiagem, ou com as outras coisas que costumava fazer quando eles se casaram. A vida sexual deles fora para o inferno, junto com todo o resto. Ele tentara ajudá-la, mas tudo o que sugeria acabava tendo efeito contrário.

Ian pedira à mãe dele que ligasse para Cecilia, que conversasse com ela, mas a esposa se ofendera com isso. Talvez se elas se encontrassem cara a cara... Mas a família de Ian morava na Georgia. A mãe dele até se oferecera para voar até Washington... mas Cecilia rejeitara a oferta.

Ian tentara marcar uma consulta com um psicólogo da Marinha, mas ela se recusara a ir. Ele conversara com a mãe dela, mas Cecilia o acusara de estar interferindo. Ian não queria criticar Sandra Merrick, mas sentia que a compaixão dela não era um fator inteiramente positivo. Pelo que percebera, a atitude de Sandra não encorajava a filha a se recuperar, a seguir adiante. E como Cecilia não conhecia a família de Ian, não se sensibilizara com as tentativas deles de ajudar. Seus próprios esforços para apoiá-la emocionalmente haviam falhado. Ele também estava sofrendo, e muito,

maldição! Cecilia estava com raiva dele e por mais irracional que fosse essa raiva, Ian entendia. Mas ele simplesmente *não pôde* estar com ela quando Allison morreu.

— Você está tão sério — disse Cecilia quando se aproximou da mesa.

Provavelmente ela estava certa. Ele não conseguia pensar nos acontecimentos do ano anterior e não se sentir deprimido.

Ian levantou-se e puxou a cadeira para ela. Ele lembrou que, depois do primeiro encontro deles, ela lhe dissera que aquelas pequenas cortesias antiquadas a impressionavam. E Ian agradecia ao pai por isso. Denny Randall fora insistente a respeito de regras de etiqueta, e educara muito bem os quatro filhos.

— Estou feliz por você ter vindo.

Cecilia sorriu enquanto pegava o guardanapo de linho e colocava no colo, antes de começar a ler o cardápio. Eles sempre pediam o mesmo prato, o Phad Thai, um talharim de arroz servido com camarão, mas não fazia mal dar uma olhada.

Ian desconfiava que a esposa já estivesse arrependida de ter concordado em vê-lo. Mas esperava que, assim que explicasse o motivo de tê-la convidado, ela mudasse de ideia. Era difícil para ele se lembrar de que não deveria mais amá-la. Porque a verdade é que ainda a amava. Nunca deixara de amar.

A garçonete chegou e eles fizeram o pedido. Ian ficara levemente surpreso quando ela pediu um prato diferente. Ele não ouvira o nome do prato. Talvez essa fosse a maneira de Cecilia dizer-lhe que estava com vontade de experimentar coisas novas, de mudar. Ian pensou que talvez

estivesse simplesmente procurando por sinais, tentando ler o comportamento dela muito rigidamente. E se *era* um sinal, seria um bom sinal?

Assim que a garçonete saiu, Ian resolveu apresentar a sua proposta.

— Eu estou realmente feliz por você ter se matriculado naquelas aulas na faculdade — disse ele. — Como estão indo as coisas?

— Bem. Embora eu me sinta como se fosse uns mil anos mais velha do que todo mundo.

Na verdade, Cecilia terminara o segundo grau há apenas quatro anos. Ele era dois anos mais velho do que ela.

— O seu carro não está lhe causando problemas, não é?

— Não — respondeu ela, quase em tom de desafio.

— Que bom. — Ian queria que a esposa soubesse que ele apoiava inteiramente a sua volta aos estudos. Eles haviam tido algumas discussões sobre o trabalho dela no restaurante. Cecilia achava que ele tinha ciúmes por ela estar no meio de outros homens. Talvez esse fosse mesmo um dos motivos, mas não era o mais importante. Ian achava que Cecilia estava desperdiçando sua capacidade, seu potencial. Ela era inteligente, muito mais inteligente do que acreditava ser.

Cecilia olhou de relance para Ian e ele precisou resistir ao impulso de esticar o braço e segurar a mão dela entre as suas. Às vezes, sentia tanta saudade de tocá-la que chegava a doer. Já haviam se passado meses desde a última vez em que a tivera nos braços, ou que a beijara. Depois de Allison, parecia que tudo o que ela sentia por ele morrera também.

— Meu carro só tem dois anos — disse ele.

Ela não respondeu, como se pensasse que ele estava se gabando ou coisa parecida.

— Sei que você deve estar imaginando por que eu lhe pedi que se encontrasse comigo e isso tem a ver com o meu carro. — Ele percebeu que havia conseguido captar a atenção dela. Já era um começo. — Quero que você o dirija enquanto eu estiver fora. — Ian pode ver pela reação de Cecilia que ela estava pronta para começar uma discussão. — Ele é mais confiável, principalmente pela manhã — completou ele rapidamente, torcendo para que ela fosse esperta e aceitasse a sua oferta.

Cecilia meneou a cabeça, negando.

— Eu agradeço, mas...

— Na verdade, você estaria me fazendo um favor. — Ian podia perceber que ela não acreditava nele. — É sério.

— Mas...

— Não é bom deixar o motor parado por seis meses. — disse ele, em um tom de quem entende do assunto. — Um monte de caras empresta seus carros enquanto estão em serviço por esse motivo. — Ian não sabia se isso era mesmo verdade, mas fazia sentido.

— Eu... Eu não sei.

Os pratos chegaram e Ian estudou o que Cecilia havia pedido. Peito de frango, sobre espinafre cozido, ele supunha, com molho de amendoim por cima. Ele não sabia que ela gostava de espinafre. Era uma bobagem, mas fez com que Ian percebesse que ainda havia muita coisa um sobre o outro que eles não sabiam.

— O que você acha? — perguntou ele. — Sobre o carro...

— Nós estamos nos divorciando, Ian.

Ele não gostou de ser lembrado disso.

— Isso não tem nada a ver com a minha oferta.

— Mas...

— A escolha é sua, mas é como eu disse, vou emprestá-lo de qualquer maneira. Se você quiser ficar com ele, ótimo, se não, eu o deixarei com algum amigo. — Ele provavelmente não faria isso, mas queria que ela pensasse que sim.

— Você não precisa fazer isso.

— Assim ficarei menos preocupado com você. — Essa não era a coisa mais inteligente para se admitir. No entanto, era a verdade. Se Cecilia precisava dirigir mais de 30km toda manhã, enfrentando o trânsito pesado da área do estaleiro, ele preferia ter certeza de que ela estava dirigindo um veículo mais confiável do que o carro estropiado que costumava usar.

Então, ela sorriu. E foi como se tudo no mundo estivesse certo.

— Isso foi muito atencioso da sua parte.

Maldição, era difícil não tocar nela. Ele deu de ombros.

— É mais por mim e pelo meu carro do que qualquer outra coisa.

O sorriso dela se apagou.

— E, como eu disse, você estará me fazendo um favor.

Eles jantaram e demoraram-se tomando chá. Depois de uma hora e meia, o restaurante estava ficando cheio e a garçonete que os atendia começou a mandar sinais inegáveis de que gostaria que eles se fossem. Mas Ian não queria que a noite terminasse.

— O que acha de irmos ao cinema? — sugeriu ele, esperando que a esposa concordasse, mas, ao mesmo tempo, morrendo de medo que ela não quisesse.

Para surpresa dele, Cecilia sorriu e assentiu.

Ian sentiu uma onda de alegria... e de otimismo. Ele não se importava nem um pouco com o que veriam, desde que pudesse se sentar ao lado dela e fingir que os últimos oito meses não tinham acontecido.

Ian deixou que Cecilia escolhesse o filme e, enquanto ele comprava as entradas, ela comprou um saco de pipocas na manteiga. Como era quinta-feira à noite, o cinema estava quase deserto. Apenas outro casal entrou na sala antes de começarem a passar os *trailers* e se sentou nas fileiras da frente.

Ian passou o braço pelas costas da cadeira de Cecilia.

— Fomos jantar no restaurante de comida tailandesa no nosso primeiro encontro, e também fomos ao cinema depois — disse ela casualmente.

Como se Ian pudesse ter esquecido.

— É mesmo?

— Sim. — Cecilia pegou uma porção de pipocas.

— Eu beijei você?

Ela olhou para ele e estreitou os olhos.

— Quer dizer que você não se lembra?

Ian apertou-lhe o ombro.

— Eu me lembro de tudo a respeito do nosso encontro — sussurrou. E de todos os que se seguiram. Durante o primeiro mês, depois que eles se conheceram, ele só pensava nela. Não fora graças à sua dedicação que a Marinha sobrevivera, já que sua mente, com certeza, não estava no trabalho.

Além das aulas de etiqueta, o pai de Ian lhe ensinara também sobre controle de natalidade. Mas tudo o que ele aprendera desapareceu da sua cabeça na primeira vez em que fez amor com Cecilia. Não costumava ser irresponsável, mas ficara tão louco por ela! E ambos acabaram se descuidando. Mas ele não se importara, porque a amava. Se Cecilia engravidasse, seria a desculpa de que precisava para casar-se com ela. Com essa atitude, na certa isso iria acontecer mais cedo ou mais tarde. No caso deles, foi mais cedo.

Ian levava semanas até convencê-la a se casar com ele. Fora um golpe em seu ego. Mas a relação fracassada dos pais deixara Cecilia realmente nervosa a respeito de casamento. A ironia era que, agora, era *ela* quem queria o divórcio.

— Eu ainda me lembro do nosso primeiro beijo — disse ela com uma voz suave.

— Sério? — Ele estava surpreso por ela admitir isso.

— Nenhum homem nunca me beijou da maneira como você me beija... beijava.

— Como eu beijo — corrigiu ele. E sem dar a mínima se alguém os veria, ele inclinou-se e colou os lábios nos de Cecilia. O beijo era um teste, para saber o quanto ela estava receptiva a ele. Quando a boca da esposa se abriu sob a sua e a língua dela encontrou a dele, Ian mal pode se conter para não gemer alto. Os lábios de Cecilia eram macios e estavam escorregadios por causa da manteiga e ela estava com gosto de pipoca e sal. O coração dele batia com força. Amava-a tanto!

Ele sabia que devia parar. Eles não eram mais adolescentes, que não tinham um lugar onde ficarem a sós. E Ian não queria que ninguém o pegasse dando um amasso na esposa na plateia do cinema. Mas esses pensamentos não eram muito convincentes, já que ele podia ver um monte de razões tentadoras para continuar a fazer exatamente o que estavam fazendo.

— Ian — sussurrou ela. E lentamente, com relutância, afastou a boca.

Ele manteve os olhos fechados e encostou a testa na dela.

— Obrigada por me deixar usar o seu carro.

Ian queria dizer a ela o quanto a amava, mas estava com medo de que ela se afastasse e arruinasse aquele momento.

— Eu cuidarei bem dele para você — prometeu ela.

— Eu prefiro que cuide bem de você mesma — sussurrou ele em resposta.

O filme começou e Cecilia acomodou-se na poltrona, com a cabeça encostada no ombro dele. Ian envolveu os ombros da esposa com o braço e ela não objetou. Ele não tinha a menor ideia do enredo do filme. Só conseguia pensar em Cecilia, lembrando dos primeiros dias do relacionamento deles e deleitando-se com a proximidade dela.

Quando o filme acabou, eles saíram lentamente do cinema, mas Ian ainda não estava pronto para deixá-la.

— Eu quero ir para casa com você — disse ele, parando próximo ao carro dela, com a porta do lado do motorista aberta.

E para que não houvesse dúvidas sobre as intenções dele, Ian beijou Cecilia novamente, a boca firme e quente.

Com os olhos ainda fechados, ela afastou-se do beijo e abaixou a cabeça.

— Não acho que seja uma boa ideia.

— Eu acho. Cecilia, nós somos casados. Já se passaram meses desde que fizemos amor pela última vez.

— Estamos nos divorciando.

— Tudo bem, divorcie-se de mim depois, mas me ame agora. Eu preciso de você.

— Ian...

Ela não disse que não, mas também não chegou a dizer que sim. Ian seguiu-a até a casa dela. Quando Cecilia chegou, ele saiu apressado do carro para abrir a porta do edifício para ela.

Ian esperou no corredor enquanto Cecilia abria a porta do apartamento. Ela olhou-o de relance por cima do ombro.

Esse era todo o convite de que precisava. Ian entrou rapidamente, fechou a porta com o pé e enlaçou-a em seus braços. Ele despiu o suéter da esposa, depois seu sutiã, beijando-a enquanto ia se livrando das camadas de roupas. Os seios dela pareciam pulsar sob as mãos dele.

— Não me faça esperar — implorou ela.

Mesmo no escuro, Ian não teve problemas em encontrar o quarto. Ele pegou a esposa pela mão e guiou-a para lá.

Ian colocou-a na cama, e pressionou o corpo contra o dela, beijando-a o tempo todo, lentamente, demorando-se em cada beijo até achar que ia explodir. O sangue latejava em seus ouvidos, enquanto ele afastava-se apenas o tempo necessário para despir as próprias roupas. Cecilia livrou-se das calças que ainda usava.

Fazia tanto tempo, tempo demais, e ele estava pronto. E rezava para que ela também estivesse. Seu olhar buscou o dela sob a luz difusa da lua que filtrava-se pelas cortinas do quarto. Cecilia sorriu docemente e esticou os braços para ele. Ian sentiu um enorme alívio. E logo estava ajoelhado sobre ela.

Cecilia rodeou o pescoço dele com os braços e eles se beijaram até ficarem sem fôlego. E, então, ele a penetrou. Lentamente, muito lentamente, com medo de machucá-la. Quando o marido parou, Cecilia reclamou, insistindo para que ele continuasse.

— Cecilia... — Ian gemeu o nome dela quando percebeu o que fizera. Ele tinha contraceptivos na carteira, e aqui estavam eles arriscando a possibilidade de uma nova gravidez.

— Eu não... Eu tenho que...

— Não. — Os braços dela apertaram-se mais ao redor dele. — Não pare. Não agora. Está tudo bem... este não é o meu período fértil.

Que Deus o perdoasse por sua fraqueza, mas ele fez o que Cecilia pediu e derramou-se dentro dela.

Depois de tudo, Ian abraçou a esposa, beijando-a sem parar. Talvez agora essa insanidade a respeito de se divorciarem ficasse para trás. Talvez agora eles pudessem voltar a viver como um casal. Mas ele estava com medo de sugerir isso. Com medo de que ela o rejeitasse.

Alguns minutos depois, ele levantou-se e começou a se vestir. Cecilia sentou-se na cama, abraçando os joelhos e observou-o. Ele implorou silenciosamente para que ela falasse alguma coisa, para que o convidasse para passar a noite.

Mas ela não fez isso.

Isso era uma loucura, uma estupidez! Eles haviam acabado de fazer amor. Cecilia *tinha* que saber como ele se sentia sobre ela. Ian não tentara esconder seus sentimentos. E esperara que ela dissesse alguma coisa para detê-lo. Uma palavra. Era tudo o que precisava. Uma maldita palavra. Ela não queria dar a ele nem isso.

Então Ian se foi.

* * *

GRACE ESTAVA de ótimo humor. O mundo parecia estar sendo visto sob lentes cor-de-rosa, e tudo porque ela ia ser avó. Essa notícia era o incentivo de que a sua vida e seu casamento

estavam precisando. A energia de Dan também estava renovada e eles tiveram uma conversa maravilhosa, que a fez lembrar os primeiros anos deles juntos, quando as filhas eram pequenas. Nas semanas seguintes ao telefonema de Kelly, o amor de Grace pelo marido reacendeu. Os tempos sombrios pelos quais eles haviam passado recentemente haviam nublado a perspectiva dela sobre os anos deles juntos. Talvez ela nem sempre tivesse tido de Dan o que gostaria, ou o que precisava, mas o amava de verdade.

Ambos eram pouco mais do que dois adolescentes quando se casaram. Tão jovens... E não importava que, na época, tivessem vivido abaixo da linha da pobreza, eles eram felizes. O Vietnam havia sacudido a vida deles, mas haviam conseguido sobreviver, e o casamento deles também.

Na quarta-feira à noite, Grace tinha aula de aeróbica. Ela saiu da biblioteca direto para casa e entrou apressada para aprontar-se para a aula. Para sua surpresa, a casa em Rosewood Lane, uma alameda de jacarandás rosa, estava escura e silenciosa.

— Dan? — ela chamou. Ele quase sempre chegava antes dela.

Nada.

A primeira coisa que o marido fazia quando entrava em casa era ligar a televisão. Ele tomava banho e trocava de roupa, mas a televisão ficava ligada, mesmo que ele não estivesse vendo.

Dan não mencionara nada naquela manhã sobre se atrasar. Grace checou a agenda para se certificar de que ele não tinha nenhuma consulta marcada no médico ou no dentista, mas não havia nada agendado. Tirando um hambúrguer do congelador, ela apressou-se em colocá-lo junto com uma caçarola de comida já pronta no forno. Então, pegou as roupas de ginástica e o tênis e colocou na bolsa que levaria para a academia.

O telefone tocou e ela atendeu imediatamente, esperando ouvir a voz de Dan. Mas era uma pessoa querendo fazer perguntas para uma pesquisa. Ela livrou-se dele rapidamente e resolveu checar a secretária eletrônica, mas não havia mensagens.

Uma hora depois, quando o forno desligou automaticamente, ela retirou a caçarola de arroz com carne e colocou-a para esfriar na parte de cima do fogão. As noites de quarta-feira eram frenéticas para Grace. Dan não fazia objeções às suas aulas de ginástica, mas não gostava de esperar para jantar só na hora em que ela retornava. Por isso, Grace apressava-se em voltar para

casa do trabalho, colocava a comida na mesa e, só então, apressava-se para encontrar com Olivia para a aula das sete horas da noite.

Quando ficou óbvio que Dan não iria chegar, Grace comeu sozinha. Ela apenas beliscou a caçarola, que era uma das receitas preferidas dele, não dela. Como deixava o marido sozinho depois, sempre escolhia um prato que sabia que ele gostava. Fazia isso, quase inconscientemente, às quartas-feiras.

Enquanto estava sentada à mesa, com o lugar diante dela vazio. Grace relembrou a conversa que tivera com o marido de manhã, para tentar descobrir alguma coisa que tivesse lhe escapado. O despertador tocou na hora habitual. Dan fez café e preparou a marmita com o almoço, que levaria para o trabalho. Grace tomou banho e se vestiu. Cada um deles comeu uma torrada com geléia de morango feita em casa, enquanto ela preparava sua lista de atividades do dia e ele lia o *Bremerton Sun*. Depois de 35 anos juntos, eles já haviam se acomodado ao conforto da rotina.

Grace não conseguiu se lembrar de nada diferente que Dan tenha feito ou dito naquela manhã. Ela o beijara antes de ele sair, avisando que estaria em casa para fazer o jantar e que o veria à noite. Ele saiu com as garrafas térmicas e o saco com o almoço na mão, entrou na caminhonete e saiu com o carro da garagem. Uma hora mais tarde, depois de arrumar a cozinha e colocar uma trouxa de roupa para lavar, Grace saiu para a biblioteca. A rotina deles pela manhã fora a mesma de sempre. Então, onde estava Dan?

— Você está exagerando — disse Grace em voz alta, para si mesma. Mas é que a casa parecia vazia. Tudo parecia meio *errado* sem ele lá. Dan deveria estar sentado na frente da TV, bebendo o café que sempre bebia depois do jantar, vendo as notícias.

Grace demorou o mais que pôde para sair para a aula de ginástica. Antes de ir, rabiscou um bilhete e colocou sobre o balcão da cozinha, onde Dan certamente veria quando entrasse em casa.

Quando entrou no estacionamento da Associação Cristã de Moços, alguns minutos depois, Grace viu que Olivia já estava esperando por ela. A amiga parecia positivamente jovial, e Grace imaginou se aquele bom humor deveria ser atribuído às novidades sobre James ou ao encontro para jantar com Jack Griffin.

— Você está fantástica — comentou Grace, enquanto elas caminhavam para o prédio.

Olivia riu.

— Eu *me sinto* fantástica.

— Como foi o seu encontro?

Olivia não respondeu logo.

— Interessante.

— O que isso significa?

— Significa que eu achei Jack Griffin um cara interessante. Ele é uma pessoa atenciosa, já leu muito, tem opiniões fortes. Jack parece aberto e honesto, mas, mesmo assim, há um quê de... mistério em relação a ele. Provavelmente não é nada importante, mas você sabe como eu detesto segredos e decepções.

— Que tipo de mistério?

— Bem, em primeiro lugar, ele é amigo de Bob Beldon. Aparentemente eles se conhecem há dez anos, mas ele nunca mencionou como se conheceram. Isso é estranho, não acha?

Grace não estava certa se achava, mas deixou a amiga continuar a falar porque isso a distraia de sua preocupação com Dan. Ela disse a si mesma que estava exagerando, mas sabia que tinha uma tendência a fazer isso. Se as filhas se atrasavam um pouco, era porque tinham sofrido um terrível acidente de carro e estavam caídas em um buraco qualquer, sangrando e chamando por ela. Era assim que a sua mente funcionava. Provavelmente era por causa de todos os livros de mistério e assassinato que costumava ler.

— Você está muito quieta — observou Olivia.

— Eu? — Grace perguntou, fingindo surpresa.

— Sim, você. Há alguma coisa errada?

— O que poderia estar errado? Eu estou ótima, fantástica. Animada com as novidades de Kelly.

— Como está Dan?

Olivia sempre tinha uma maneira de ir direto ao centro da questão. Grace relanceou o olhar para a amiga e suspirou.

— É Dan, não é? Ele está em outra daquelas crises de humor?

Elas entraram no vestiário e Grace encontrou um lugar no banco.

— Não. Na verdade, ele anda de bom humor ultimamente. Sei que tivemos nossos altos e baixos ao longo dos anos, mas essa está sendo uma boa época para nós dois.

— Stan e eu também tivemos nossa própria montanha-russa.

Isso não era nada encorajador, tendo em vista que a amiga se divorciara há cerca de quinze anos.

Olivia desviou o olhar.

— Você sabe o que eu estou querendo dizer.

Grace assentiu. Olivia podia estar divorciada, mas, independentemente do que dissesse ao contrário, ainda permanecia ligada a Stan por muito mais do que apenas os filhos. Ele fora o amor da vida dela, e nem a morte do filho mais velho deles, nem o divórcio que se seguiu mudaram isso. Stan sempre seria parte da via de Olivia, mesmo estando casado com outra mulher. Ela duvidava que a amiga tivesse consciência da força do vínculo entre eles.

— O que aconteceu com Dan? — pressionou Olivia.

Grace tirou a blusa de malha e trocou os sapatos.

— Ele ainda não tinha chegado do trabalho. — E, antes que a amiga pudesse criticá-la por se preocupar, acrescentou: — Provavelmente tinha um compromisso e se esqueceu de me dizer.

— Ele deve ter comentado alguma coisa e você esqueceu — sugeriu Olivia.

— É claro. — Grace já havia considerado essa possibilidade, mas não acreditava nisso de verdade. *Alguma coisa estava errada*. O coração dela lhe dizia isso, e a cabeça fazia eco a essa certeza, apavorando-a.

Provavelmente por causa da ansiedade reprimida, Grace fez a melhor aula de ginástica da sua vida. Quando terminou, estava tão exausta que mal conseguiu voltar para o vestiário.

— Me ligue — disse Olivia, quando elas chegaram ao estacionamento. O ar estava frio e úmido e a respiração delas formava pequenas nuvens de vapor. A iluminação forte provocava reflexos azulados no asfalto do estacionamento.

— Tenho certeza de que Dan já estará em casa, agora — murmurou Grace.

— Também tenho certeza disso — disse Olivia, mas suas palavras soaram falsas.

Grace esperou até que Olivia entrasse no carro dela para, então, entrar no seu. Quando entrou em Rosewood Lane, seu coração batia tão forte que parecia um tambor no seu ouvido. Ela sentia-se quase como se estivesse sentada no cinema e começasse a ouvir a música que anunciava os momentos de tensão da história ficando cada vez mais alta.

A não ser pela luz da varanda, a casa estava às escuras. O medo tomou conta de Grace. Ela mal conseguia respirar.

Onde diabos estava Dan?

Então lhe ocorreu que talvez ele estivesse na cama. Se houvesse trabalhado além do horário ou tivesse ficado retido no trânsito, ele provavelmente teria chegado em casa exausto. Nesse caso, teria apenas tomado um banho e ido direto para a cama.

No entanto, a caminhonete de Dan não estava em seu lugar, na garagem. Grace entrou em casa, colocou a bolsa de ginástica na lavanderia, caminhou pela sala escura e, lentamente, sentou-se na poltrona reclinável do marido. A almofada cedeu, surrada por anos de uso, e ela deixou-se afundar na poltrona velha e confortável que ele tanto amava. Foi quando ela começou a tremer.

Grace esperou por quinze minutos, então, foi até a cozinha e pegou o telefone. Sem acender a luz, ela discou o número de Olivia e deixou o telefone tocar até que a amiga atendesse.

— Dan não está aqui.

Olivia não disse nada por alguns minutos tensos. Então, calmamente, como se fosse uma coisa rotineira, ela disse:

— Eu já estou chegando aí.

Capítulo Sete

148

GRACE PASSARA a noite sentada, sentindo o medo fora de controle. Olivia ficara acordada com ela até depois da meia-noite, quando, então adormecera no sofá, de pura exaustão. Grace deixou a amiga dormir. Não havia nada que Olivia pudesse fazer para acalmá-la. Nada que nenhuma das duas pudesse fazer. Nada disso parecia real.

Às 6h30 da manhã, quando a primeira luz do amanhecer surgiu no horizonte, Olivia acordou. Sentando-se assustada, ela piscou rapidamente e olhou ao redor.

— Teve alguma notícia? — perguntou ela, esfregando o rosto com as mãos.

Grace negou com a cabeça. Ela pegou um bule de café, mais para ter alguma coisa para fazer do que por algum real desejo de cafeína.

— Acho que está na hora de eu chamar Troy Davis — disse Olivia, em seu jeito prático. — Já se passaram quase 24h, certo?

Grace assentiu e, automaticamente, serviu uma xícara de café para cada uma. Ela ficou na cozinha, bebericando o seu, enquanto a amiga telefonava para a polícia local. Estava com dificuldade para clarear a mente e focá-la. A noite sem dormir não ajudava. Seus pensamentos eram assustadores e

obsessivos. Suposições sobre onde Dan poderia estar, o que acontecera com ele, que razões plausíveis ele podia dar para não ter voltado para casa.

— Troy só entrará em serviço às sete horas — explicou Olivia quando desligou.

— Será que devemos ir ao posto policial?

— Não, eu falei com Lowell Price e ele me disse que Troy passará por aqui. Ele conhece Dan e vai querer lidar com isso pessoalmente.

Grace sentiu um enorme alívio.

— Eu devo telefonar para as meninas? — Depois de tantas horas insone e preocupada, ela parecia incapaz de tomar decisões.

Olivia pareceu ponderar antes de responder.

— Por que você não espera até ter falado com Troy?

— Está certo. — Ela detestava a ideia de alarmar as filhas, mas elas tinham o direito de saber que o pai desaparecera. Santo Deus, onde ele *poderia* estar? Em todos esses anos de casados, Dan nunca fizera nada parecido com isso. Alguma coisa devia estar muito errada.

— Você conseguiu pensar em mais algum lugar para onde Dan possa ter ido?

Sim, ela pensara, mas Grace achou difícil colocar em palavras.

— Recentemente... antes de Kelly nos contar que estava grávida, Dan estava... — Ela não sabia como continuar e lutava para não começar a chorar.

— Acho que deve haver outra mulher.

— Dan? De jeito nenhum! Ele não é desse tipo. — Olivia sacudiu a cabeça firmemente. — Dan não — repetiu ela —, de jeito nenhum.

Grace também achava difícil de acreditar. Mas por mais improvável que parecesse, a ideia se recusava a sair de sua cabeça. — Eu percebi há muito tempo que nós não tínhamos um casamento perfeito, mas ultimamente foi... foi como se alguma coisa houvesse mudado em Dan. Ele está diferente. — Pronto, ela falara. Mas logo percebeu que colocar em palavras exatamente *o quê* estava achando diferente no marido era mais difícil. Ela sabia que ele estava inquieto. Dan tornara-se um homem emocionalmente instável desde que voltara do Vietnam, mas, nos últimos tempos, as variações de humor tornaram-se mais extremas.

Cada vez que ela tentava puxar alguma coisa dele, fazê-lo confiar nela, o marido parecia ressentir-se dos seus esforços. Isso levava Grace a imaginar se havia outra pessoa com quem ele estivesse conversando, alguém com quem ele passara a se importar. A única vez, recentemente, em que Dan voltara a parecer com ele mesmo, fora quando eles receberam a notícia maravilhosa de Kelly. Depois do anúncio da filha, tudo ficara melhor. Por um tempo. Até acontecer isso.

— Dan simplesmente não é o tipo de homem que enganaria você — disse Olivia em uma voz confiante.

— Alguma de nós realmente conhece nossos maridos? — perguntou Grace tranquilamente. Ela não tivera a intenção de ser cruel, mas a amiga havia aprendido essa lição da maneira mais difícil. Aparentemente, Stan conhecera a atual esposa nas viagens diárias de barca para o trabalho, em Seattle. Grace não acreditava que, na época, ele tivesse um caso de verdade com Margie, mas ela oferecera um ouvido amigo depois da morte de Jordan e ajudara Stan a lidar com a culpa e a raiva que se seguiram. A relação dele

com Margie parecia ter mais intensidade emocional do que sexual. Isso era a única coisa que poderia explicar a rapidez com que ele voltara a se casar.

Olivia não respondeu logo. Segurando sua caneca, ela começou a andar em frente ao sofá.

— É apenas uma intuição — disse ela, finalmente, com um dar de ombros impotente.

— Pense nos últimos seis meses. Ele passou a ter algum cuidado especial com a aparência, ou passou a ter reuniões em horas estranhas do dia ou da noite?

A mente de Grace estava confusa.

— Humm... não que eu me lembre.

— Você não disse que ele foi caçar no último outono?

Grace assentiu. O marido voltara ao esporte depois de uma longa ausência e, apesar de ser impossível para ela gostar de caçar, ficara satisfeita por Dan estar mostrando interesse em alguma outra atividade que não fosse ver TV. Ele saíra na tarde de uma sexta-feira, em outubro último e voltara no domingo à noite. Dan falara com entusiasmo da caminhada pelo bosque, mostrando-se mais loquaz do que em muito tempo.

— Ele foi sozinho? — perguntou Olivia.

Dan não mencionara mais ninguém, mas na época Grace não achara isso estranho. Ele não tinha muitos amigos e, frequentemente, preferia a própria companhia.

— Ele trouxe algum animal que tenha caçado para casa?

— Não. — Mas isso também fizera sentido, já que ele não caçava há anos. Pousando a xícara de café, Grace franziu o cenho, lembrando-se daquele final de semana.

— Você está sugerindo que ele estava com outra pessoa?

Olivia sustentou corajosamente o olhar da amiga.

— Eu não saberia dizer, mas acho que bem no fundo você sabe.

Talvez sim. Aquele fim de semana de liberdade fora maravilhoso para ela. Passara dois dias deliciosos com Maryellen e Kelly, fazendo compras em um shopping no Oregon. Fora a primeira "Escapada de fim de semana de mãe e filhas" delas, um evento que todas concordaram em repetir anualmente.

— Ele parecia... feliz — murmurou Grace. Era tão incomum ele estar de bom humor que ela estranhara. Mas Grace não podia acreditar que um homem iria para a cama com outra mulher e depois voltaria para casa, para a esposa, sem trair a própria culpa de alguma forma. Ela não podia aceitar que o marido fosse capaz de uma coisa dessas, e mesmo assim...

Elas ouviram um carro do lado de fora e Olivia relanceou um olhar para a janela da sala.

— Troy chegou.

Grace abriu a porta da frente e já estava parada na varanda quando o Chefe Davis subiu pelo caminho da entrada.

— Obrigada por vir — disse Grace, grata por Troy ter resolvido acompanhar ele mesmo o caso.

O policial tirou o chapéu ao entrar na casa e cumprimentou Olivia com um gesto de cabeça.

— Eu não tinha certeza sobre quem mais poderia chamar — explicou Olivia.

— Você fez a coisa certa. — Troy era um homem bem apessoado, que estivera dois anos à frente delas na escola e fora o maior conquistador de Cedar Cove. Ele prestou serviço militar depois da formatura e, então, quando voltou, juntou-se à polícia. Pelos últimos 38 anos ele mantivera a ordem na comunidade. Há dez anos, fora promovido a chefe de polícia. As pessoas gostavam de Troy e confiavam nele.

Grace convidou-o a se sentar e ele escolheu a poltrona reclinável de Dan. Troy carregava uma prancheta e estava com a caneta a postos.

— Então, você quer registrar o desaparecimento de uma pessoa.

— Por favor — disse Grace, quase engasgando ao falar.

— Diga-me o que você sabe — disse ele, gentilmente.

Grace contou a ele tudo o que conseguiu se lembrar. Embora partisse seu coração, ela mencionou a viagem para caçar e as suspeitas de Olivia de que poderia haver outra mulher na vida dele.

— Você acha que há outra pessoa?

Grace ergueu as mãos em um gesto de derrota.

— O que as pessoas dizem mesmo? A esposa é sempre a última a saber.

— Quanto mais ela pensava na possibilidade, mas real esta se tornava. Grace disse a si mesma que Dan não faria isso com ela ou com as filhas. Ela *tinha* que acreditar nisso. Embora soubesse que havia alguma coisa errada. E que já estava errada há muito tempo.

— O que acontece agora? — perguntou Grace quando o relatório estava completo.

Troy relanceou o olhar para Olivia e voltou novamente para Grace.

— Na verdade, nada.

— Nada? — Grace estava chocada.

— Eu chequei os dois hospitais nessa área, mas lá não foi admitido ninguém sob o nome de Dan. E eles também não têm pacientes não identificados.

— Ele não foi preso, não é?

— Não — confirmou Troy. — Nem por nós, nem pela polícia estadual. — Em outras palavras, ninguém tinha notícias de Dan ou imaginava onde ele poderia ter ido. — Pelo que eu vejo, não há nenhuma evidência criminal.

Grace assentiu. Ela caminhara pela casa uma dezena de vezes durante a noite, procurando por uma pista, por mínima que fosse, de onde Dan poderia estar. Passou um pente fino pelos bolsos do marido, pela cômoda dele, por tudo.

— Então temos que assumir que Dan desapareceu por sua própria vontade — disse Troy calmamente.

Confusa, Grace olhou para Olivia.

— O que Troy está dizendo — explicou-lhe a amiga —, é que não é crime um adulto ir embora sem avisar.

— Maridos e esposas abandonam suas famílias. Infelizmente é uma ocorrência comum.

— Se esse fosse o caso — cortou Grace —, então Dan teria levado alguma coisa com ele, vocês não acham? Tudo o que ele tinha eram as roupas que levava na bolsa.

— Eu sei que isso não faz sentido — continuou Troy.

— Fazer sentido? — repetiu Grace. — Isso é ridículo! Meu marido está desaparecido e a polícia não fará nada para me ajudar a encontrá-lo.

Troy sustentou o olhar dela.

— Eu sinto muito, Grace, mas essa é a lei. Se alguém o vir, avisarei a você.

— Obrigada por nada — resmungou ela, cruzando os braços. Estava furiosa, embaraçada e inquieta, sem saber como descarregar essa energia.

Foi então que Grace ouviu a porta dos fundos abrir e fechar. Um instante depois, como se não tivesse uma única preocupação na vida, o marido dela entrou na sala.

— O que está acontecendo aqui? — perguntou ele, obviamente surpreso por encontrar Troy e Olivia em sua casa.

— Dan! — O alívio de Grace ao vê-lo foi tão grande, que ela começou a chorar. — Oh, Dan. Pelo amor de Deus, onde você estava? Eu estava louca de preocupação.

Ele a ignorou.

— Há algum problema aqui, Troy? — perguntou ele, friamente.

— Não. — O chefe de polícia ficou de pé, arrancou o registro que preencheria da prancheta e rasgou-o ao meio. Ele estendeu os papéis para Grace e, sem dizer nenhuma palavra de despedida, encaminhou-se para a porta da frente.

— É melhor eu me arrumar para ir ao tribunal — disse Olivia. Ela encarou Dan firmemente, com a cara fechada e saiu rapidamente.

— Você chamou a polícia? — disse Dan assim que os dois se foram. Ele olhou zangado para a esposa, como se ela tivesse feito alguma coisa errada.

— Onde você *estava*? — perguntou Grace novamente, ainda chorando, incapaz de conter a raiva e as lágrimas. — Você não percebe a situação em que me colocou?

— Onde eu estava não é da sua maldita conta.

— Ao diabo que não é! — gritou ela. — Você é meu marido.

Dan olhou-a com raiva, sombriamente.

— Eu me recuso a permitir que esse casamento seja uma coleira no meu pescoço.

Grace estava tão chocada que não pôde se conter.

— Você sai, passa a noite toda Deus sabe aonde — berrou ela —, e, então, volta despreocupadamente para casa como se nada tivesse acontecido? E espera que eu finja que está tudo certo? — Ela não podia fazer isso. E não faria.

— Onde eu estava e o que eu estava fazendo é apenas problema meu. — Ele foi andando na direção do quarto. Grace o seguiu.

— Você estava com outra mulher, não estava? — Ela fez a pergunta com o coração apertado.

— Sim, Gracie, eu estava com outra pessoa.

— Quem é ela?

A resposta de Dan foi uma risada sem humor.

— Eu tenho o direito de saber isso.

O marido se recusou a responder a pergunta dela. Foi até uma gaveta, pegou uma muda de roupa de baixo limpa e disse apenas:

— Eu não tenho tempo para isso.

— *Você não tem tempo* — repetiu ela. Como ele ousava, depois de toda a angústia que lhe causara. Por um momento, ela pensou que estava ficando fisicamente doente.

Ele entrou no banheiro pisando firme. Grace foi na direção oposta e bateu a porta do quarto com tanta força que os porta-retratos com as fotos da formatura das filhas caíram da parede onde estavam pendurados. Eles bateram com força no chão de madeira do corredor e o vidro da moldura se espatifou.

Horrorizada com o que fizera, Grace olhou para os rostos bonitos das filhas e teve vontade de ranger os dentes de frustração.

— *Vá para o inferno!* — gritou para o marido.

A porta do quarto se abriu e Dan estava parado lá. Seu olhar era duro e inflexível.

— *Eu já estou lá, Gracie. De que outro modo você chamaria os últimos 35 anos?*

* * *

GRACE NÃO apareceu na aula de ginástica da semana seguinte. Olivia sabia que a relação da amiga com Dan estava instável, depois do desaparecimento dele. Grace não explicara o sumiço do marido, ou onde ele estivera, e Olivia não se intrometeu. Se houvesse outra mulher envolvida, então, era melhor que a questão ficasse apenas entre marido e mulher. Mas, ainda assim, ela não podia deixar de se preocupar.

No entanto, Olivia tinha outras preocupações. E no topo da sua lista, naquele momento, estava Justine.

A filha a estava evitando novamente, apesar dos esforços de Olivia para construir uma ponte entre elas. Queria muito que ambas fossem mais próximas, do jeito que ela própria era com Charlotte. Talvez já fosse muito tarde para isso, mas Olivia esperava que não e, de bom grado, continuaria fazendo novas tentativas. Ela jurou que sob nenhuma circunstância traria à tona o assunto Warren Saget. A única coisa que desejava era que ela e Justine aproveitassem a companhia uma da outra.

Convidara a filha para o almoço de domingo e Justine aceitara. Olivia aproveitou uma das receitas preferidas da mãe e preparou como prato principal uma salada de frango. Pessoalmente, teria preferido comer em um restaurante, o que seria mais fácil sob todos os aspectos. No entanto, almoçar em casa, garantia uma atmosfera mais relaxada, informal. E maior privacidade. Em um restaurante sempre haveria a chance de encontrarem alguém conhecido e se desviarem da própria conversa.

Justine chegou pontualmente. Ela trouxe um pequeno buquê de narcisos amarelos e deu um beijo rápido no rosto da mãe, quando entrou em casa.

— Que gentil! — disse Olivia, tocada pelo gesto. Ela encontrou um vaso para as flores e colocou-as no centro da mesa da cozinha.

— Já faz um tempo desde a última vez em que almoçamos juntas — comentou Justine, pegando na mesa um dos palitos de pão crocante e fino que iriam acompanhar a salada.

— Tempo demais. — Olivia tirou a salada da geladeira, serviu dois pratos e levou-os para a mesa. Uma chaleira com água já esperava sobre o fogão para o chá que elas tomariam depois.

Sua bela filha sentou-se diante dela e Olivia sentiu uma súbita necessidade de dizer o que ia em seu coração.

— Acho que não lhe digo com a frequência que deveria o quanto eu amo você.

Justine ficou encarando-a como se não soubesse como reagir, então, sorriu.

— Isso tem a ver com James, não tem?

Nada poderia estar mais distante da verdade. Ainda assim, ela perguntou.

— Como assim?

— Eu sei que foi um choque, ele casar de repente, daquele jeito, sem que ninguém da família soubesse ou estivesse presente.

— Isso não tem nada a ver com seu irmão, e tudo a ver com nós duas. — Olivia se pegou irritada consigo mesma e com a filha. Não deveria ser tão difícil dizer a um filho o quão profundamente ele é amado.

— Ah, mamãe, não comece.

— Começar o quê?

— Você está preocupada com o fato de eu estar saindo com Warren e...

— Isso também não tem nada a ver com o seu namorado.

A filha riu.

— Namorado? Você fala como se eu tivesse 16 anos.

— Justine — falou Olivia, tentando controlar a própria irritação. — Como eu lhe disse, isso não tem nada a ver com seu irmão, com seu namorado, com seu emprego, ou com qualquer outra coisa. Eu sou sua mãe e gostaria que fossemos capazes de conversar, de compartilhar coisas, de rir juntas. E eu gostaria muito que você quisesse isso, também. Eu senti... não sei, que nós estávamos meio afastadas nos últimos tempos. Distantes. Eu não sei por que isso aconteceu, mas não gosto que seja assim. Eu amo você.

Se a filha revirasse os olhos, Olivia jurava que... bem, nem sabia o que poderia fazer. Chorar, talvez.

Justine não assumiu uma expressão insolente, nem deu uma resposta irreverente. Na verdade, ela parecia estar com dificuldades de encontrar palavras. Ficou quieta e depois de um momento, olhou fixamente para Olivia e sussurrou:

— Eu também amo você, mamãe.

Olivia engoliu com dificuldade e pegou o garfo. Talvez, depois de tudo, ainda houvesse esperanças de ela se aproximar da filha.

— Sobre o que você gostaria de conversar? — perguntou Justine.

Olivia não estava certa. Ela repassou mentalmente alguns tópicos e se lembrou de uma notícia que saíra no jornal de quarta-feira. Sem querer revelar a fonte, por medo de desviar o assunto para a sua relação com Jack Griffin, comentou despreocupadamente:

— Esse ano haverá o encontro de dez anos da sua turma da escola secundária, não é?

Dez anos? Isso parecia quase impossível.

— Você com certeza irá, não é?

Para surpresa de Olivia, a filha hesitou.

— Na verdade, não estou certa se vou.

— Por que não? — Mas Olivia sabia o porquê. Warren. Justine provavelmente ficaria embaraçada de apresentar um homem com idade para ser seu pai. E o mais provável era que Warren recusasse o convite.

— Provavelmente teria que ir sozinha. Já é ruim o bastante eu ainda estar solteira, mas ir sem um namorado... não sei se o meu ego suportaria.

— Você tem vários amigos solteiros que provavelmente também vão estar lá.

— Talvez — disse Justine em dúvida.

Esse era exatamente o tipo de evento que poderia abrir os olhos da filha. Olivia esperava que Justine visse os amigos da escola e percebesse o quanto Warren era errado para ela.

— Vai haver uma reunião mais para o final da semana — falou Justine.

Olivia se lembrava de que a filha fizera parte do comitê de formatura. Ela certamente estaria envolvida no planejamento do encontro. E como Justine era a gerente do banco local, o comitê do encontro certamente ficaria satisfeito em poder contar com sua habilidade com assuntos financeiros.

— Você vai ajudar? — pressionou Olivia.

Justine suspirou.

— Provavelmente — disse ela em uma voz resignada. E, então, animou-se. — Você se lembra de Julie Wyatt e Annie Willoughby? Pois bem, eu não as vejo há muito tempo, e ambas moram bem aqui em Cedar Cove.

Olivia se lembrava bem de ambas as famílias.

— Seth Gunderson ainda mora na cidade, também — murmurou Justine.

Olivia lembrava-se de Seth, porque ele fora o melhor amigo de Jordan. Ele estava pescando com o pai no Alasca na época do acidente que matou o amigo. Olivia nunca se esquecera da carta que o menino de treze anos escrevera para ela e para Stan depois que soube da morte do filho deles. Aquelas poucas linhas, expressando sofrimento e conforto com tanta simplicidade, haviam tocado seu coração.

— Eu sempre gostei de Seth — disse Olivia pensativamente. — Como ele está?

Justine deu de ombros.

— Não sei bem. Sei que ele ainda pesca no Alasca todo verão, o que significa que provavelmente não estará na cidade na época da reunião.

Isso entristeceu Olivia. Se ela tivesse que escolher um homem para a filha, escolheria alguém como Seth.

— Oh, não, mamãe, não faça isso. — Justine apontou o dedo para ela carinhosamente. — Posso ver as engrenagens se movimentando em sua cabeça. Sei que tem planos para mim e para Seth, mas não estou interessada.

— O que há de errado com ele?

— Bem, em primeiro lugar, ele não tem cérebro dentro daquela cabeça.

— Oh, Justine, isso não é verdade!

— Só o que lhe interessa são os esportes.

— Ah, sim, ele *era* bom nos esportes. — Seth fora a estrela do time de futebol americano e jogara basquete durante todos os anos do ensino secundário.

— Ele é um pescador, pelo amor de Deus!

Olivia franziu o cenho. Ela não criara a filha para ser uma esnobe.

— Ele trabalha duro, Justine, e não há nada de errado com isso.

— Ao contrário de Warren.

— Não! — Olivia se recusava a ser arrastada para aquela discussão. — Nós estamos falando sobre Seth.

— Mamãe, ele mora no barco dele, na marina. Não me entenda mal, eu gosto de Seth. Mas ele é um tolo. Não nos falamos desde que nos formamos e eu sinceramente duvido que tenhamos mais em comum agora do que tínhamos no segundo grau.

Olivia suspirou discretamente.

— Querida, eu não estou sugerindo que Seth seja o homem certo para você. — Bem, sim, ela estava, mas não iria admitir isso. — Algum dia você vai encontrar a pessoa certa. Talvez até já tenha encontrado. — Ela teve que cerrar os dentes para dizer isso, mas se Justine se casasse com Warren, Olivia arrumaria um jeito de recebê-lo bem na família.

A filha desviou o olhar.

— Quando James ligou para me contar que ele e Selina estavam casados, e que ela estava grávida, eu fiquei tão aliviada!

— Aliviada? — Era uma reação curiosa.

— É que isso tirava a pressão de cima de mim. Eu sabia que você tinha vontade de ter netos e queria mesmo que você os tivesse. — Ela endireitou o corpo e olhou Olivia nos olhos. — Mas, infelizmente, não serei eu quem os dará a você.

— Justine...

— Escute-me, mamãe, só dessa vez. Eu não tenho intenção de me casar ou de ter filhos. Sei que você se preocupa com a minha relação com Warren,

mas isso não é necessário. Ele me trata bem e eu gosto da companhia dele na maioria das vezes, mas não levo essa relação a sério.

— Você não quer se casar?

Ela negou com a cabeça.

— Sei que sou um desapontamento para você, e sinto muito por isso, mas, por favor, aceite que eu simplesmente não estou interessada em ser esposa ou mãe.

Aquelas palavras pesaram no coração de Olivia, mas ela assentiu.

— Eu já disse antes e volto a repetir. Eu amo você, Justine, não pelo que você faz, mas por quem você é.

A filha piscou para afastar as lágrimas e abaixou a cabeça, tentando esconder de Olivia o quanto estava emocionada, mas fez isso tarde demais. Ela vira.

— Obrigada, mamãe.

Então, como se nada digno de nota houvesse se passado entre elas, ambas voltaram-se para suas saladas.

* * *

TODA TARDE, quando chegava para o trabalho, Cecilia olhava para além da enseada Cedar Cove, para o estaleiro Bremerton, onde o *George Washington* ainda estava ancorado. Já se passara mais de uma semana desde que ela jantara com Ian e, desde então, não tivera mais notícias dele. Ao deixá-la, naquela noite, ele prometera que entraria em contato antes de partir. Mas, aparentemente, o porta-aviões ainda estava sob reparos.

Cecilia sabia que não tinha direito de estar desapontada porque ele não ligara. Ian não tinha nenhum outro motivo para entrar em contato, além de deixar as chaves do carro com ela.

O jantar e a ida ao cinema haviam sido fantásticos, o amor que haviam feito, também. Até a abrupta saída do marido, Cecilia começara a sentir que estavam dando uma reviravolta na relação deles. Agora, já não estava certa sobre o que pensar. E ficava horrorizada ao lembrar que eles haviam feito sexo sem proteção. Embora a probabilidade de ter ficado grávida fosse muito pequena, ela deveria ter aprendido a lição da primeira vez. Mas aparentemente não fora esse o caso. Quando estivera nos braços do marido, se sentira desejada... e confortada. Segura. Então, ele se vestira e fora embora, como se mal pudesse esperar para partir.

E agora esse silêncio. Cecilia não estava entendendo nada.

Talvez Ian estivesse esperando que ela telefonasse para ele. Não podia se lembrar exatamente o que o marido dissera antes de caminhar para a porta, mas não fora nada importante. Nada que ela sequer pudesse lembrar. Tudo em que pôde pensar naquele momento foi que não queria que ele se fosse. Mas também não conseguiu pedir para que ficasse.

Quanto mais ela pensava sobre a possibilidade de telefonar para ele, mais atraente se tornava a ideia. Ao final do seu turno, na segunda-feira à noite, Cecilia decidira que a primeira coisa que faria no dia seguinte, depois de suas aulas, seria ligar para Ian.

Ela passou a manhã olhando para o relógio. Não tinha ideia de qual era a escala de trabalho do marido. Esperava que ele estivesse acessível, mas, em caso contrário, ela poderia lhe deixar uma mensagem.

Sabia que Ian estava morando na base naval e que tinha um telefone celular, anotara o número em seu caderno de telefones há mais de um ano. Cecilia ligou de um telefone público no campus da faculdade. O telefone tocou quatro vezes, até que o correio de voz atendeu, convidando-a a deixar uma mensagem.

— Ian — disse ela, preocupada agora se não estava cometendo um erro.
— É Cecilia... Não tive notícias suas e fiquei imaginando se por um acaso mudou de ideia sobre o carro... se mudou, tudo bem. Quero dizer, não estou precisando dele ou coisa assim. Meu carro está funcionando bem. Falarei com você mais tarde. Isto é, se você ainda quiser falar comigo. — A última parte soou defensiva. O marido a quisera de verdade naquela noite, mas aparentemente só estava interessado em sexo. Cecilia desligou o telefone rapidamente e se sentiu uma tola. Desejou não ter seguido o impulso de telefonar.

Na quarta-feira à tarde, quando ela chegou para trabalhar, estava convencida de que Ian não queria mais nada com ela. Bem na hora do jantar, quando estava mais ocupada, o pai apareceu.

— Telefone para você.

O coração dela se acelerou.

— Para mim? — Tinha que ser Ian. Ninguém mais pensaria em ligar para ela.

— Você pode atender no bar — disse ele, olhando ao redor, para o chefe deles.

Cecilia abandonou rapidamente o que estava fazendo e apressou-se para atender. Suas mãos estavam úmidas e a boca seca em antecipação.

— É Cecilia Randall — disse ela ao telefone, esperando ouvir a voz de Ian.

Mas não era o marido quem estava do outro lado da linha. Ao invés disso, quem respondeu foi Andrew Lackey.

— Nos encontramos há pouco tempo, lembra-se?

— É claro. Onde está Ian? — Ele provavelmente fora transferido de novo. A Marinha fazia isso com frequência, sem dar maiores explicações. Ao menos na opinião dela.

— Escute, eu achei que você deveria saber. Ian está no hospital.

Ela engasgou.

— O que aconteceu?

— Nada muito sério. Ele levou um tombo e torceu as costas. Aparentemente, também bateu com a cabeça, porque tem uma concussão. Eles o estão mantendo em observação.

— Quando foi isso?

— Ontem de manhã.

— Oh.

— Não há por que se preocupar. Apenas achei que você gostaria de saber.

— Sim, obrigada.

Assim que acabaram de conversar, Cecilia foi até o pai.

— Ian se machucou... Estou indo para o hospital. Você poderia encontrar alguém para ficar no meu lugar?

— Claro que sim. Vá que eu mantenho tudo sob controle. Grata, Cecilia sorriu para o pai e, impulsivamente, abraçou-o.

— Obrigada, papai. — As lágrimas marejavam os olhos dela.

— Ei, nada disso. Agora vá, deseje melhoras a Ian por mim e me diga se precisar de alguma coisa.

— Farei isso — disse ela e apressou-se a pegar o casaco e a bolsa.

A viagem até o hospital naval de Bremerton parecia não terminar nunca. O carro de Cecilia expelia uma fumaça densa quando ela saiu da autoestrada e entrou no grande estacionamento do lado de fora do hospital.

Ela descobriu rapidamente onde precisava ir. Ofegante, pegou o elevador. Quando localizou o quarto, Cecilia parou por um momento no corredor, apenas o tempo necessário para ajeitar os cabelos com as mãos e para respirar fundo. Então, bateu na porta.

Como ninguém respondeu, ela abriu e entrou. Ao primeiro olhar para o marido, Cecilia não pôde evitar uma exclamação chocada. Andrew a fizera acreditar que Ian sofrera uma queda leve e que só fora hospitalizado por precaução. Mas ao olhar para ele, Cecilia pôde ver que os machucados haviam sido muito piores do que esperava.

Ian levantou a cabeça enfaixada e quando viu quem havia entrado, gemeu.

— O que aconteceu? — perguntou ela, aproximando-se mais.

— O que você está fazendo aqui? — reclamou ele, deixando claro que ela era a última pessoa que ele queria ver.

— Eu-Eu... Andrew me ligou e...

Ele tentou franzir o cenho, mas logo desistiu. Não era de se admirar, pensou ela. Um lado do rosto dele estava inchado e muito machucado. O

olho esquerdo estava completamente fechado e uma bandagem envolvia seu braço esquerdo.

— Como ficou o outro cara? — perguntou ela, esperando que uma brincadeira pudesse relaxá-lo.

Ele ignorou a pergunta.

— Ian... o que há de errado?

— Eu não lhe pedi que viesse aqui — respondeu ele, ríspidamente.

— Eu sei. Vim porque queria ter certeza de que estava tudo bem. — Ela não mencionou que arriscara o emprego para fazer isso. O pai havia dito que cobriria sua ausência, mas, na pressa, ela se esquecera de falar com seu chefe e saíra sem permissão.

— Como você pode ver, eu estou cem por cento, portanto, já pode ir.

As palavras dele a magoaram.

— Isso foi rude da sua parte.

— Caso você ainda não tenha percebido, eu não estou com humor para visitas.

— Está certo — sussurrou ela. E recuou um passo.

— Vá — instou ele — Saia daqui.

Cecilia vacilou por um momento, sentindo-se insuportavelmente magoada por Ian falar daquela maneira com ela.

— Se é assim que você se sente, então...

Girando, Cecilia saiu correndo do quarto. Se ele não queria a sua preocupação ou... ou o seu amor, então tudo bem para ela.

— Cecilia! — ele gritou atrás dela, mas Cecilia o ignorou completamente. Ela apressou-se para entrar no elevador e apertou o botão com mais força do

que o necessário. Talvez fosse o momento de ver o seu advogado. Ela se recusava a ficar casada com um homem que a tratava dessa maneira.

Capítulo Oito

AS CHUVAS DE março chegaram, e a última coisa que Justine Lockhart queria era se sentar em uma sala abafada, com um bando de ex-colegas de turma, planejando um evento ao qual provavelmente nem compareceria. Mas era isso exatamente o que ela teria que fazer. Como previra, fora chamada para a reunião do comitê e lhe perguntaram se desejava ajudá-los. Em um momento de fraqueza, ela concordou.

Infelizmente, Justine cometera o erro de mencionar o encontro da turma para Warren. Ele se recusara até mesmo a considerar ir com ela. Depois de todas as vezes em que se sentara de boa vontade, apesar de mortalmente entediada, nas reuniões em que ele a levava, ou das vezes em que servira de anfitriã para grupos de colegas de trabalho dele, Justine presumira que ele faria uma coisa tão pequena como essa por ela. Obviamente, presumira errado.

Warren tentou atenuar o desentendimento entre eles dando a ela um belo colar de safiras e convidando-a para jantar. No passado, Justine aceitara jóias como desculpa e eles haviam seguido em frente. Ela já estava acostumada

com os defeitos dele e, normalmente, escolhia ignorá-los. Warren era divertido e tendia a mimá-la em troca da companhia dela. Isso podia soar calculista, mas era um arranjo que atendia bem a ambos. Até porque, mesmo com todo o seu dinheiro, ele tinha poucos amigos. E nenhum dos dois estava nessa relação esperando que ela durasse muito tempo. As expectativas de ambos eram claras.

A reunião aconteceu na casa de Lana Sullivan, que se casara com Jay Rothchild. Nos dez anos desde que se formara, Justine falara com Lana apenas uma vez.

— Justine! — Lana saudou-a com entusiasmo, como se fossem amigas há muito perdidas. — Entre! Seth está aqui e Mary também.

Justine relanceou o olhar pela sala e viu que Mary O'Donnell estava em adiantado estado de gravidez.

— É bom ver você, Mary — falou Justine, sorrindo, e meneando a cabeça na direção de Seth.

A estrela do atletismo no colégio não mudara muito. Fisicamente, ao menos. Ainda era alto e musculoso, embora estivesse mais encorpado e com um ar mais maduro. E ainda era incrivelmente louro. Ela não se lembrava que ele era tão bonito, mas seus anos no ensino secundário eram pouco mais do que um borrão na sua cabeça.

— O que você anda fazendo? — perguntou Mary.

Justine deu de ombros.

— Estou trabalhando no First National. — Ela se formara em História na faculdade, mas, infelizmente, isso não lhe garantia um emprego.

— Ouvi dizer que você é gerente, lá — disse Seth.

— Sou, sim. — Surpreendeu-a que ele soubesse disso. Ele não era cliente.

Constrangida, Justine sentou-se em uma cadeira na frente de Mary, colocou a mão sob as coxas e conversou educadamente com o grupo pequeno, recusando uma xícara de chá. Ela não tinha certeza de quando a atmosfera tensa se transformara em uma conversa confortável, mas foi isso o que aconteceu. Logo, se pegou rindo com aquelas pessoas que eram pouco mais do que estranhos.

Quando a programação do evento foi decidida e os comitês formados, a reunião estava encerrada. Justine foi embora ao mesmo tempo em que Seth.

— Você já comeu? — perguntou ele, para surpresa dela. Seth balançava as chaves do seu carro enquanto esperava pela resposta de Justine.

Ela percebeu, então, que fora mais do que uma mera pergunta, fora um convite.

— Não, para falar a verdade, ainda não comi. — Warren sugerira que Justine ligasse quando terminasse a reunião. Ele dissera que eles poderiam sair para tomar um drinque, mas ela não estava com nenhuma pressa de fazer isso.

— Você quer companhia? — perguntou ela.

— Claro.

Como Justine descobrira mais cedo nessa noite, Seth não era de forma alguma como ela se lembrava. Não demorou muito para que chegasse a conclusão de que a ideia que fazia dele, como um atleta de cabeça oca, era completamente infundada. Ele era espirituoso e, o mais fantástico, tinha uma gargalhada deliciosa. Ela gostara das ideias dele para o encontro, combinavam imaginação com praticidade.

Eles foram em carros separados até o D.D.'s on the Cove, um restaurante de frutos do mar da moda, no porto, perto da marina. O lugar começara a funcionar no verão, e Justine já estivera lá para almoçar, mas nunca para jantar.

Mesmo já passando das oito horas da noite, eles logo conseguiram sentar. E em uma excelente mesa, também, perto da janela, com vista para o porto, onde eles podiam ver as luzes do estaleiro Bremerton cintilando através da enseada. Justine examinou rapidamente o cardápio e fez o seu pedido.

— É difícil de acreditar que já se passaram dez anos desde que nos formamos, não é? — disse ela. — Ninguém parece *tão* diferente. Bem, a não ser por Mary...

— Eu tive sentimentos conflitantes sobre o encontro — confessou Seth.

— Por quê? — perguntou ela, um tanto perplexa.

— Se eu for, provavelmente irei sozinho. Isso meio que arruina a minha imagem, você entende? — Ele deu uma risadinha e Justine não pôde evitar um sorriso.

— Pelo que me lembro você tinha garotas enxameando ao seu redor, enquanto estávamos no colégio — ela disse.

— Menos a única que eu realmente queria. — Os olhos azuis dele fixaram-se nos dela.

— Está brincando? Você podia sair com quem quisesse.

— Não com você — respondeu ele, ainda olhando para ela.

— Comigo? — disse ela, chocada. — Você queria sair comigo?

Tinha que ser uma piada. E não era engraçada. Ela estava se preparando para dizer isso a ele, quando subitamente lhe ocorreu que Seth poderia estar falando sério.

— Como assim? — ela perguntou em uma voz fraca

— Eu era completamente apaixonado por você.

— Mas você nunca me chamou para sair — ela lembrou a ele.

— Você teria saído comigo se eu tivesse lhe chamado?

Justine não sabia.

— Você me via como um grande estúpido e não a culpo. Sempre que estava perto de você, eu ficava tão perturbado que nem conseguia falar. Não conseguia dizer ou fazer nada certo. Me sentia tão idiota que ficava me culpando por semanas.

— Eu não tinha a menor ideia — disse Justine, aturdida, sacudindo a cabeça.

— Graças a Deus — disse ele com uma risada. Seth voltou sua atenção para o cardápio, como se não tivesse a intenção de continuar a falar sobre aquele assunto.

A garçonete chegou com uma cesta de pão quente, logo anotou os pedidos deles e se foi. Justine pegou um pedaço de pão. Aparentemente, a "paixão" de Seth há muito fenecera.

— Provavelmente eu também irei à reunião sozinha — murmurou ela.

— Você? — Ele fez com que isso soasse inteiramente implausível. — Pensei que você e o camarada Saget fossem um casal.

— Nós somos... mais ou menos. — Ela não sabia bem como explicar sua relação com Warren e resolveu que era melhor nem tentar.

— Você está saindo com outros caras?

Justine não sabia se queria que Seth soubesse que ela estava disponível. A confissão dele provocara um efeito curioso nela. Deixara-a com uma vontade quase incontrolável de rir. Durante todo o tempo que passou na escola secundária, Justine se sentira alta e desajeitada, à margem do grupo das populares. Ela era inteligente e séria demais para caber na definição de sucesso social da época de colégio.

Seth apanhou um pedaço de pão e deu um sorriso triste.

— Está tudo bem. Não precisa responder. Eu a deixei desconfortável, não é?

— Não é isso — ela o tranquilizou. — Eu simplesmente não sei o que dizer. Nunca sonhei... Você podia sair com qualquer garota que quisesse. — Ela balançou a cabeça novamente. — Eu não tive muitos encontros durante o segundo grau. Não foi uma boa época para mim.

— Por causa de Jordan?

Eram tão poucas as pessoas que mencionavam o seu irmão gêmeo que a espantou ouvi-lo dizer o nome dele. Ela esperou que o choque passasse, antes de responder:

— Em parte, sim. Nós éramos próximos, você sabe, e, bem, nada mais foi o mesmo depois que ele morreu.

— Nem para mim.

Naturalmente, Justine sabia que Seth e Jordan haviam sido bons amigos, mas ela não imaginara que a morte do irmão poderia ter causado uma impressão tão permanente nele.

— Eu costumava pensar que se estivesse com Jordan naquele dia, ele não teria se afogado.

Até que Seth dissesse isso, Justine havia esquecido que esse mesmo pensamento passara pela cabeça dela no dia do acidente. Ela sentiu as lágrimas queimando nos olhos e desviou o olhar, piscando furiosamente.

— Talvez fosse melhor não conversarmos sobre Jordan — disse ela, finalmente, ainda olhando para fora da janela, embora as luzes de Bremerton fossem apenas um borrão. — O acidente foi há muito tempo. — Fora um momento crucial da vida dela. Justine perdera não apenas seu irmão gêmeo, mas também sua família, sua segurança, seu senso de identidade. Desde os 13 anos, ela cambaleava pela vida procurando por um propósito, por alguma coisa que lhe desse raízes novamente.

Os dois ficaram quietos, como se presos às lembranças do passado, e então fizeram um esforço consciente para seguir adiante. Quando os pratos chegaram, eles estavam conversando novamente, a conversa correndo leve e relaxada. Demoraram-se tomando café, e ele parecia tão relutante em partir quanto ela. Quando o D.D.'s fechou, às dez horas, Seth se ofereceu para mostrar seu barco, o *Silver Belle*, a Justine. Ela aceitou.

— Não é grande coisa.

Justine não esperava que fosse, mas mesmo assim estava curiosa. Eles caminharam pela marina. Ela curvou os ombros para proteger-se da chuva fina que começara quando se sentaram no restaurante. Eles entraram na doca flutuante, que estava escorregadia por causa da chuva. As luzes refletidas na água escura guiaram-na, enquanto Seth indicava o caminho com destreza. Ele se movimentava com facilidade pela passagem balançante e estava muitos

passos à frente de Justine quando percebeu que ela ficara para trás. Seth logo lhe ofereceu a mão. Ela ficou impressionada com a força que sentiu nos dedos dele. As mãos de Seth eram típicas de um homem que sabe o valor do trabalho físico. Essa observação lembrou a ela o que a mãe havia dito. *Ele trabalha duro, Justine, e não há nada de errado com isso.*

Durante a conversa ao longo do jantar, Justine descobrira que Seth não apenas vivia na marina, como também ajudava a administrá-la nos meses de inverno. Nos verões, ele voava para o Alasca e pescava em um dos enormes navios comerciais que ficavam lá. O pai e o avô dele também haviam sido pescadores. Como Seth dizia, a pesca estava em seu sangue.

Ele entrou no barco de 22 pés e ajudou Justine a subir a bordo. Logo que ela estava em segurança, Seth guiou-a para baixo. Os cômodos no barco eram apertados, mas organizados.

— Café? — perguntou ele, enquanto pegava uma chaleira.

— Não, eu já tomei bastante, obrigada. — Ela não queria que ele tivesse muito trabalho, até porque não estava planejando demorar muito.

Seth ficou de pé, com as mãos enfiadas nos bolsos traseiros da calça, parecendo indeciso. O passeio pela casa dele levava cerca de um minuto.

— Eu a acompanharei até o seu carro — ofereceu ele.

Justine ficou grata. Ela não gostaria de voltar sozinha pelo embarcadouro instável. Mais uma vez, Seth pegou a mão dela e nenhum dos dois falou nada até chegarem ao carro. Antes de abrir a porta, ela virou-se para ele.

— Obrigada — disse ela suavemente. — Eu gostei muito do jantar e de conhecer o seu barco.

— E eu gostei muito de passar a noite com você. — Ele recuou um passo.

— Você pretende ir a outras reuniões de planejamento?

— Ainda não tenho certeza, mas acho que sim. E você?

— Eu irei enquanto estiver na cidade.

— Oh, está bem. — Seth estaria no Alasca, pescando, na época do encontro. Subitamente, o pensamento de ele não estar lá a deprimiu. Quando chegou à casa de Lana, Justine estava certa de que não tinha nada em comum com nenhuma daquelas pessoas. E, agora, ficou contente ao perceber que, na verdade, tinha sim coisas em comum com eles. Ou ao menos com *um* deles...

— Sentirei sua falta — disse ela.

— De verdade? — Seth encarou-a.

Justine assentiu.

— Fico feliz. — E, então, sem que ela tivesse chance de adivinhar as intenções dele, Seth puxou-a para os seus braços e desceu lentamente a boca sobre a dela.

Muito consciente do que estava fazendo, ela fechou os olhos e ergueu o rosto para encontrar os lábios dele. Eram quentes e úmidos sobre os dela. Envolvida pelos braços de Seth, Justine ficou surpresa ao perceber o quanto *queria* aquilo. Queria muito...

Havia arrebatamento no beijo dele, e gentileza. Ela não esperava que um homem daquele tamanho fosse tão... terno, mas Seth Gunderson mostrara-se um homem cheio de surpresas a noite inteira.

* * *

O GEORGE WASHINGTON se fora e ela não tivera notícias de Ian. Não havia nenhum problema de ele ter partido sem avisar a ela, disse Cecilia para si mesma, amargamente. O último encontro deles fora tão horrível que ela não se importaria se nunca mais visse o quase ex-marido de novo.

— Você está bem, menina? — perguntou-lhe o pai no sábado manhã, quando ela entrou no restaurante para pegar o seu cheque de pagamento.

— Por que eu não estaria? — cortou ela.

— Por nenhuma razão — disse ele, e levantou as mãos, como se quisesse evitar confusão.

Cecilia não tivera intenção de ser ríspida com o pai, mas ultimamente ele desenvolvera o irritante hábito de tentar ser amigo dela, seu confidente. E ela o rejeitava em ambos os papéis.

— Como estão os estudos? — perguntou ele, obviamente tentando conversar.

— Por que essa preocupação toda, de repente? — ela quis saber. Quando ela mencionara o assunto pela primeira vez, todo o apoio que conseguira fora um comentário desatento sobre como isso era *legal*.

— Por nenhuma razão — disse ele novamente. Ele virou-se, como se estivesse arrependido de ter perguntado.

Cecilia suspirou, sem entender porque estava agindo daquele jeito.

— Eu sinto muito... não queria ter falado dessa maneira.

Bobby olhou para ela.

— O que a está aborrecendo, criança? Você está de péssimo humor nas últimas duas semanas.

— Isso não é verdade.

Ele franziu o cenho, como se estivesse prestes a protestar, mas então deu de ombros.

— Tudo bem.

— É só que estou trabalhando até tarde e, então, levantando cedo para ir à faculdade. — Era uma desculpa fraca, mas era o máximo que Cecilia estava disposta a dizer. A falta de sono explicava muito, mas não tudo.

— Então, você ainda está tendo todas aquelas aulas? — Ele parecia pensar que, àquela altura, ela já teria perdido o interesse.

— Sim, ainda estou estudando. — E adorando o desafio, apesar do gasto de tempo e energia.

— Ian está por aí esses dias? — perguntou o pai, cautelosamente.

— Aparentemente, não — disse ela, em um tom indiferente. — O *George Washington* partiu no início da semana. — Ela não teria como ignorar o fato. A mídia, tanto o jornal local, quanto os jornais diários de Seattle e os noticiários da TV, haviam feito um estardalhaço a respeito da partida do porta-aviões pela segunda vez em um mês. E, além disso, toda Cedar Cove falava a respeito.

— Você falou com ele antes da partida?

Cecilia notou que Bobby estava parado há alguns metros dela. Ele parecia pronto para fazer uma saída estratégica, caso ela se irritasse novamente.

— Ian e eu estamos nos divorciando — lembrou ela.

— Eu sei — respondeu ele, rapidamente. — Mas pensei, você sabe, que talvez vocês estivessem se reconciliando.

Cecilia também acreditara na mesma coisa. Depois da noite em que eles saíram para jantar, e que fizeram amor, ela tivera esperanças. Animara-se.

Sentira-se como quando eles haviam começado a se encontrar. Mas, quando ele saía do apartamento dela, naquela noite, tudo mudara. E ela não conseguia entender o porquê.

— Eu gostaria que tivesse dado certo — falou Bobby. — Você e ele.

O ressentimento cresceu dentro de Cecilia.

— Eu também gostaria que você e a mamãe tivessem tentado com mais empenho, mas desejar isso não me fez nenhum bem, não é? — Dito isso, ela pegou seu cheque de pagamento e saiu batendo a porta.

Cecilia estava zangada, sem motivo. O pai a irritava, os colegas de trabalho a aborreciam, tudo enfim, a deixava daquele jeito. E isso não parecia com ela. Bobby só quisera ajudar e ela imediatamente começou a reclamar dele. Desde a gravidez que Cecilia não ficava tão mal humorada. E, dessa vez, não tinha desculpas, sua menstruação chegara na data certa, graças a Deus. Seu mau humor era simplesmente... mau humor, decidiu ela.

Depois de depositar o cheque, ela foi ao mercado e comprou alguns itens de que precisaria para a semana. E, embora fosse uma extravagância com a qual não podia arcar, comprou também um buquê de flores da primavera. Para Allison. Cecilia não visitava o túmulo da filha há quase um mês. Era difícil para ela ficar longe. Precisava fazer um verdadeiro esforço para não ir ao cemitério todo dia. Aliás, no princípio, era isso que ela fazia.

Cecilia queria ser mais do que uma boa mãe, queria dar a filha tudo o que ela mesma nunca tivera. Não coisas materiais, mas atenção, amor e segurança. Da forma como as coisas aconteceram, ela não poderia dar a Allison a mais fundamental de todas as coisas. A própria vida. Seu bebê tivera problemas sérios logo no começo da vida e Cecilia, mesmo com todas

as suas boas intenções, falhara com ela. Racionalmente, sabia que não tinha culpa, mas emocionalmente... Cecilia não conseguia superar o sentimento de que devia haver *alguma coisa* que ela poderia ter feito e não fizera. O médico dissera que essa era uma reação comum nesses casos e aconselhou-a a procurar um aconselhamento. Cecilia não conseguira encarar essa possibilidade.

Ela só foi até cemitério no meio da tarde. Com lágrimas nos olhos, andou pelo caminho que levava até onde ficava o túmulo de Allison, parando aqui e ali para tirar folhas ou grama de sobre uma lápide, para checar nomes e datas, imaginando a respeito de cada vida perdida.

Quando chegou aonde a filha estava enterrada, Cecilia notou o buquê de flores frescas. Margaridas amarelas, que, por acaso, eram as suas favoritas.

Ian. Só poderia ter sido Ian.

Ele não telefonara para lhe dizer que estava partindo, mas fora visitar a filha. Cecilia agachou-se e colocou seu próprio buquê ao lado do dele. Ela tocou as margaridas com o dedo, imaginando se eram uma mensagem do marido para ela.

Não, decidiu ela, endurecendo o coração para qualquer esperança. Ian deixara claro que não a queria em sua vida. Ele queria apenas o seu corpo. A mensagem fora alta e clara. O marido mandara que ela saísse do seu quarto no hospital em termos que não deixavam margem de dúvida. E nem sequer telefonara para se desculpar. Sem problemas, maldição! E ela também não precisava do carro dele.

Quanto mais Cecilia insistia que não se importava, menos convencia a si mesma. Não que ela *quisesse* se importar. Essa depressão e essa raiva eram

culpa só dele. Mais uma vez ela o recebera em sua cama... e em seu coração. E, agora, estava sofrendo as consequências.

Cecilia ficara magoada por ele deixar Bremerton sem lhe dizer nem uma palavra. Nem *adeus*, nem *sinto muito*, nada. Ele fora rude e irracional, e aquela não fora a primeira vez.

De volta ao seu pequeno apartamento, Cecilia tentara fazer o trabalho de inglês, mas sua mente divagava sem parar dos poetas românticos ingleses por caminhos que ela preferia evitar.

Quando o telefone tocou, ela sobressaltou-se com o súbito barulho. Com um suspiro exagerado, pegou o fone.

— Alô — disse, em uma voz entediada.

— Oi — a voz da mulher era alegre. — Você não me conhece, mas achei que já era hora de me apresentar. Sou Cathy Lackey.

— Quem?

— Cathy Lackey, a esposa de Andrew. O amigo de Ian.

— Eles estão em serviço, não estão?

— Partiram há três dias. Ian não telefonou?

— Não. — Cecilia tentou soar despreocupada, apesar da mágoa que sentia.

— Aquele covarde! Eu gostaria de lhe dar um belo chute no traseiro — resmungou Cathy.

Pela primeira vez naquele dia, Cecilia deu uma risada.

— Então, somos duas.

— Escute, eu sei nós ainda nem mesmo nos conhecemos, mas gostaria que pudéssemos ser amigas. Andrew e Ian são tão bons companheiros e...

bem, nós nos estabelecemos aqui poucas semanas atrás, e eu ainda não conheci muita gente.

— Eu também não conheço muitas pessoas da minha idade. — Não, a menos que contasse com as mulheres com quem trabalhava, e Cecilia nunca se sentira verdadeiramente parte do grupo no The Captain's Galley.

Como tinha tendência a ser quieta e introvertida, e como sua infância havia sido tão caótica, Cecilia sempre tivera problemas para fazer amigos.

— Mas claro — acrescentou ela —, vamos nos encontrar alguma hora dessas.

Cathy também poderia lhe falar sobre Ian; esse pensamento não lhe escapou.

— Ótimo! — Cathy parecia encantada. — Você vai fazer alguma coisa essa noite?

Aquela era uma das raras noites de sábado em que Cecilia não precisaria trabalhar.

— O que você tem em mente?

— Eu estava pensando que poderíamos alugar um filme e fazer pipoca.

Isso era tudo o que Cecilia podia bancar.

— Gosto da ideia. Você quer vir aqui ou prefere que eu vá até a sua casa?

— Eu vou até aí, se estiver bem para você.

— É claro! — Cecilia deu uma olhada pelo apartamento para se certificar de que estava tudo limpo. Ela passaria o aspirador e arrumaria os livros e papéis, o resto estava aceitável.

— Você pode me trazer em casa na volta?

— Sem problemas — disse Cecilia. — Você precisa que eu a pegue, também?

— Não, eu vou com o carro de Ian.

As palavras de Cathy a atingiram como um raio. Antes que pudesse reagir, a outra perguntou:

— Às 6h é muito cedo?

— Não, está bem — ela conseguiu dizer. — Mas...

— Aí, eu lhe darei as chaves, os papéis do seguro e tudo o mais — continuou Cathy.

— O... o quê?

— Do carro do Ian. Ele supostamente iria ligar para você, mas quando não tive notícias suas, achei que ele havia perdido a coragem. Homens! — Cathy riu e Cecilia franziu a testa, sem entender absolutamente nada.

— Você quer dizer que ele disse que eu deveria usar o carro dele?

— Ele insistiu nisso — assegurou-a Cathy.

Cecilia queria acreditar nisso, mas imaginou se deveria. Ele já fizera esse jogo de morder e assoprar antes, e ela não sabia se aguentaria outro round.

— Isso foi antes ou depois de ele ir para o hospital? — ela perguntou.

— Depois — disse Cathy. — Ele mesmo meu deu as chaves e pediu que eu me certificasse de que você ficaria com o carro.

— Oh — disse Cecilia baixinho, e soltou o ar longa e lentamente. Apesar da recusa dela em aceitar usar o carro, ele queria que ela ficasse com ele mesmo assim. Ian *realmente* se importava. De verdade.

— Eu a verei às seis. E pegarei o vídeo no caminho. Uma comédia, pode ser? O que acha de *Notting Hill*? Você já viu?

— Não, ainda não — disse Cecilia. — E adoraria ver.

* * *

A RECEITA mais recente da coleção de Charlotte, torta de nozes pecã com gotas de chocolate, era a melhor de todas. Ela a conseguira no enterro do pai idoso do seu vizinho do lado. Havia muita gente presente, mas isso não chegava a ser uma surpresa, já que Herbert morara em Cedar Cove por 81 anos. A torta seria uma excelente sobremesa para o jantar de

Páscoa. Ela também faria o seu tradicional bolo de coco. A família exigiria que fizesse, embora Charlotte tivesse certeza que nem Olivia, nem Justine tinham ideia do trabalho que dava fazer o maldito bolo.

Ela acreditava em fazer as coisas à moda antiga. Não usaria uma mistura pronta para bolos nem que a sua vida dependesse disso. Oh, não, era ela quem fazia tudo, desde o princípio, exatamente como a sua mãe. E como sua avó. O bolo de coco levava três dias para ser feito e começava com coco fresco, mas o resultado valia todo o esforço. Charlotte era muito apegada às tradições.

Na quinta-feira de manhã, como de hábito, ela foi até o Centro da Terceira Idade e encontrou-se com o grupo do tricô. Suas amigas mais queridas estavam sentadas ao redor da mesa grande, cada uma trabalhando em seu projeto atual. Algumas tricotavam para os netos e outras trabalhavam em projetos para crianças órfãs ou para a caridade. Não havia nada mais confortável do que um suéter ou um cobertor criados por mãos amorosas e por um coração generoso.

— Olá Charlotte — saudou-a Evelyn. Ela estava quase terminando a manta de lã em padrões geométricos, que estava tricotando para a filha. O desenho era lindo e já fora feito por várias outras do grupo.

— Você tem visto Jack Griffin, ultimamente? — perguntou Evelyn. Apesar de tudo o que já fora dito, ela continuava a ter desconfianças sobre o editor do *The Chronicle*. Evelyn era assim mesmo, principalmente depois que aprendera como navegar na internet. Ela desconfiava de praticamente todo mundo, e, na maior parte das vezes, Charlotte optava por ignorar a falta de fé nos outros da amiga.

— Ontem à tarde — disse Charlotte. Ela trabalhara muito na Página da Terceira Idade e estava satisfeita com o resultado dos seus esforços. Jack gostara das ideias que dera e sugerira que ela escrevesse uma coluna semanal para o jornal. A princípio, Charlotte hesitara. Ela não era muito de escrever e tinha receio de não encontrar ideias ou novidades o bastante para encher uma coluna semanal. Mas Jack depositava tanta confiança nela, que, por fim, decidira tentar. Sua primeira coluna aparecera na Página da Terceira Idade na semana anterior, e incluía uma receita, um pouco da história local e algumas poucas recomendações de novos livros disponíveis na biblioteca, coletadas com Grace, a amiga de Olivia.

— Eu experimentei a sua receita — disse Helen, as agulhas voando. Ela estava trabalhando em um suéter para a neta de 15 anos.

— Os biscoitos de Cheddar? — Quando se tratava de receitas, Charlotte já estava três meses adiante. Sempre cheia de novidades, fora difícil para ela decidir qual publicar primeiro. — Oh, senhoras, esperem até eu contar a

vocês sobre a torta de pecã com gotas de chocolate que experimentei essa semana.

— No enterro de Herbert Monk — perguntou Bess.

— Eu ouvi falar — disse Helen. — A notícia corre rápido quando alguma coisa realmente boa é servida em um dos velórios.

— Tudo o que eu peço é que alguém faça aquela lasanha de brócolis para o meu velório — acrescentou Evelyn, casualmente. — Assim, todos saberão que eu morri e fui para o céu.

Charlotte riu.

— Como está o seu amigo Tom? — quis saber Helen. Charlotte estava começando a se sentir culpada a respeito de Tom Harding.

— Eu não o vi durante toda a semana — confessou ela. Estivera tão ocupada trabalhando na Página da Terceira Idade que não fora à casa de repouso.

Em sua última visita, Charlotte achou que Tom estava um tanto desanimado. Ela tentou animá-lo, mas não teve sucesso, embora ele a tivesse ouvido e, eventualmente, respondido. Como sempre, Charlotte tagarelara sobre todos os tipos de coisas. Também dissera a ele que a chave que lhe confiara estava em um lugar seguro e isso pareceu tranquilizá-lo.

— Não acho que ele vá indo muito bem, não — disse Laura.

Laura era uma mulher que sabia das coisas. Com sete filhos vivendo na comunidade, ela sabia mais sobre o que acontecia em Cedar Cove do que o próprio prefeito.

— É mesmo? — Charlotte esperava que não fosse nada sério. Mas se fosse, supunha que Janet Lester já teria ligado para ela.

— Você deveria ver por si mesma.

— É o que pretendo fazer esta tarde mesmo — disse Charlotte, um pouco aborrecida por ser Laura quem lhe contara sobre o seu amigo. No entanto, a verdade é que Charlotte não poderia culpar a ninguém a não ser ela mesma. Mas estivera tão ocupada.

Ela ficou por uma hora, conversando e tricotando e, então, guardou as agulhas e foi para a casa de repouso. Nem se preocupou em parar no escritório de Janet, foi direto para o quarto de Tom.

Ela soubera por Janet que a primeira escolha de Tom fora Cedar Cove. Ele nunca dissera o porquê. O guarda-móveis permanecia um mistério. Tom não explicara nada a respeito e quando ela tentara saber mais, ele fingira que dormia.

Charlotte trouxera a sua coluna mais recente para ler em voz alta, além de um pedaço da torta de pecã que guardara especialmente para ele. Isso seria, ela esperava, o suficiente para que o amigo a desculpasse pela falta de atenção nas últimas duas semanas.

Para sua surpresa, Charlotte encontrou o quarto de Tom vazio. Ouvira algum comentário sobre levá-lo para fazer fisioterapia e suspeitava que era lá que ele estava.

Ansiosa para saber sobre o estado de Tom, ela apressou-se na direção do escritório de Janet. Charlotte bateu educadamente na porta meio aberta.

— Charlotte — Janet imediatamente se levantou, desviando o olhar. — Eu deveria ter lhe telefonado mais cedo.

— Com certeza deveria. — Fora embaraçoso ter que descobrir por uma das amigas que Tom não estava bem.

— Me perdoe.

— Diga-me o que aconteceu.

— Achamos que foi outro derrame cerebral.

Charlotte ofegou. Pobre, pobre Tom. Outro derrame certamente complicaria seus problemas de saúde.

— Qual a gravidade?

— Gravidade? — Janet perguntou, voltando a se sentar. — Então você não sabe. — disse ela, lentamente.

Charlotte negou com a cabeça, mas estava começando a ter a sensação de que tudo era pior do que ela imaginara. Puxando uma cadeira, ela também se sentou.

— Tom morreu ontem à noite.

— Morreu? — Isso não devia ser um choque, considerando a idade e o estado de saúde precário dele. No entanto, Charlotte sentiu que perdera um grande amigo. — Eu... não sabia. Eu não... — Nesse estágio da vida dela, a morte era um acontecimento comum. Enterrara o marido anos antes e, ao que parecia, todos os dias havia no jornal o obituário de alguém que ela conhecia. Ainda assim, a morte daquele homem foi um golpe.

— Você está bem? — perguntou Janet.

— É claro — insistiu Charlotte, mas não estava. Suas mãos tremiam e ela sentia frio.

— Eu sei que ele apreciava a sua amizade.

Charlotte assentiu, procurando um lenço na bolsa para secar os olhos.

— Suas visitas significavam tudo para ele.

— Já faz duas semanas. Eu devia ter vindo.

— Charlotte, você não tinha como saber — disse Janet gentilmente.

Charlotte sabia que aquilo era verdade, mas não podia evitar a sensação de que decepcionara Tom Harding. Antes de começar a trabalhar para o jornal, ela aparecia para vê-lo ao menos uma vez por semana. Tom fora a primeira pessoa a ler o esboço da sua coluna. Ela mesma lera para ele, que sorria e aprovara seus esforços. Jack Griffin, por outro lado, pegara seu afiado lápis vermelho e mexera no texto até que Charlotte mal o reconhecesse como seu. Embora soubesse que não era uma escritora experiente, certamente não uma profissional, aquilo ferira o seu orgulho. Quando reclamara com Tom, ele lhe dera um olhar simpático, que era exatamente o que ela estava precisando.

E essa fora a última vez em que o vira.

Janet pegou o telefone e discou para a cozinha, pedindo um chá. Cinco minutos depois, uma das pessoas que trabalhavam ali entrou no escritório com uma bandeja.

— Ele era um homem especial — disse Charlotte, grata pelo chá quente e reconfortante que a ajudou a engolir o nó que sentia na garganta.

— Sim, ele era — concordou Janet.

— O que eu devo fazer agora? — perguntou Charlotte.

Janet olhou para ela, confusa.

— Com a chave. Lembra-se de que ele me deu a chave do guarda-móveis.

Janet franziu o cenho.

— Acho que o Estado vai querê-la. É melhor que você a devolva o mais rápido que puder.

Capítulo Nove

JACK GRIFFIN sentia-se fortemente atraído por Olivia Lockhart, e isso não era um bom sinal. Oh, diabos, talvez fosse. Ainda assim, deixar-se levar por essa atração significaria perder a sua independência emocional, e ele não estava certo de se gostaria disso. No entanto, não podia evitar. E se pegava arrumando desculpas para falar com ela, para saber mais sobre ela.

Depois do fiasco do primeiro encontro, ele não se empenhara muito em convidá-la para sair novamente. Principalmente, porque estava com medo de que ela se recusasse terminantemente. Para ser franco, não a culparia. Mas não queria lhe dar a oportunidade de rejeitá-lo. Em lugar disso, ficava arrumando desculpas para estar perto dela.

Ele passava mais horas no tribunal do que requeria o seu trabalho. E mais, Jack assegurou-se de estar no supermercado Safeway todo sábado de manhã, para a eventualidade de ela passar por lá novamente. Dera sorte por duas ou três vezes e eles acabaram tomando um café. Droga, ele gostava dela. A juíza Lockhart era prática, inteligente e sexy. Mas o que o atraía, o que *realmente* o atraía, era que ela parecia não ter consciência disso.

Na tarde de sexta-feira, quando estava indo para casa, Jack parou na lavanderia. Chovia e ele apressou-se pelo estacionamento, amaldiçoando baixinho o tempo horrível. O céu ficara de um cinza depressivo a semana inteira, com chuvas intermitentes. A única luz que brilhava no horizonte, por

assim dizer, era a história que ele estava escrevendo sobre o Campeonato Anual de Imitadores de Gaivotas, que aconteceria àquela noite.

Jack entrou correndo na lavanderia e quase colidiu com Olivia. O choque de vê-la destruiu qualquer possibilidade de que ele conseguisse dizer alguma coisa inteligente. O máximo que conseguiu falar foi o nome dela.

— Olivia.

O sorriso dela era contagiante.

— Não fique tão surpreso. Eu coloco as minhas roupas para lavar regularmente, você sabe. — A bolsa dela estava aberta, no balcão.

— Eu também. — Essa agora fora brilhante. Ele quase revirou os olhos. Com outras mulheres ele até conseguia ser um interlocutor inteligente, mas Olivia o deixava nervoso.

Duck-Hwan Hyo, que chegara da Coreia nos anos 1960, era o proprietário da lavanderia. Jack escrevera um artigo sobre Duck-Hwan logo depois que assumira como editor do jornal, porque ficara impressionado com o trabalho duro da família de imigrantes. Assim que Duck-Hwan viu Jack, apressou-se em atendê-lo o mais rápido possível, ignorando Olivia no processo.

Jack sentiu que devia uma explicação a ela.

— Não se preocupe — lhe assegurou Olivia. — Eu não estou com pressa.

Sexta-feira à noite e sem pressa. Jack pegou a carteira e pagou a conta, imaginando o tempo todo se a resposta de Olivia era uma maneira de ela dizer a ele que não tinha planos para a noite. Parecia até que ela estava *lhe dando uma dica* de que ele deveria convidá-la para sair. Poderia ser isso?

Com o cabide com as roupas limpas pendurando no indicador, ele esperou por Olivia.

— Quer dizer que você não vai ao auditório da escola secundária? — Jack imaginara que uma boa parte da cidade estaria presente no evento.

— O Campeonato de Imitadores de Gaivotas é esta noite?

Antes que pudesse se conter, ele perguntou:

— Você gostaria de ir? Comigo? — Ele esclarecera a pergunta para que ela não pensasse que ele apenas tinha uma entrada sobrando e queria passá-la adiante.

— Claro — disse ela, concordando imediatamente.

Jack ficou tentado a perguntar se Olivia tinha certeza, especialmente depois do último encontro deles, mas decidiu não sabotar a sua boa sorte.

— Ótimo — disse ele. — Isso é excelente.

— Eu esperei por muito tempo que você me convidasse para sair novamente — disse ela, casualmente, caminhando para a porta. — A que horas devo estar pronta?

Ela estava brincando, tinha que estar brincando, mas ao invés de dar um salto e bater com os joelhos um no outro em comemoração, Jack apenas checkou o relógio.

— Daqui à uma hora é muito cedo?

— Está perfeito.

Já que tivera sorte uma vez, ele resolveu tentar uma segunda vez.

— E que tal jantarmos, depois?

— No Taco Shack?

Ele percebeu que ela estava zombando dele, mas resolveu fingir que não havia entendido.

— Se você quiser. Se não, eu sugeriria o D.D.'s on the Cove, ou o The Captain's Galley.

— Uau, eu estou ficando importante — disse ela, com uma risada. — Deixarei que você decida.

O que Olivia não sabia e que ele não teria coragem de contar a ela, é que jantar nos restaurantes locais, incluindo os mais sofisticados, fazia parte da permuta de publicidade. O jornal muitas vezes negociava espaço publicitário aceitando pagamento em crédito nos restaurantes. Poder aproveitar isso era uma das vantagens do seu emprego. O Taco Shack, por sinal, devia ao jornal várias centenas de dólares e havia um limite para a quantidade de tacos que Jack conseguiria comer sozinho.

Eles se separaram na saída da lavanderia, e Jack apressou-se até o seu velho carro, com o andar mais leve do que em muitos meses. Do que em muitos anos, aliás.

Quarenta e cinco minutos mais tarde, ele já tomara banho, trocara de roupa, limpou o carro e estava a caminho da casa de Olivia. Ela estava pronta, usando jeans e um suéter tricotado à mão e não se preocupou em pegar um guarda-chuva. Essa fora uma curiosidade que ele percebera logo depois que se mudara para o noroeste do Pacífico. Poucas pessoas carregavam guarda-chuvas. Qualquer um que fazia isso era automaticamente taxado de turista.

Quando eles chegaram ao auditório da escola secundária, o lugar estava lotado. Como Jack era editor do jornal local, havia dois assentos na primeira fileira reservados para ele.

Mal haviam se acomodado, quando entraram Roy e Corrie McAfee. Jack conhecia o casal por causa de um artigo que escrevera no início daquele ano, no jornal. Roy era um policial aposentado de Seattle, que abrira a própria agência de detetives. Seus antecedentes e sua experiência fizeram dele um investigador particular muito procurado. Sua esposa administrava o escritório e trabalhava como assistente dele. Roy e Jack acabaram fazendo amizade e haviam saído juntos algumas vezes, depois da entrevista. Roy era um caminhante dedicado, e Jack, que nunca fora homem de atividades ao ar livre, estava querendo experimentar a caminhada.

Roy reagiu imediatamente à presença de Olivia ao lado de Jack.

— Ei, juíza, o que está fazendo com um tipo como Griffin? — zombou ele.

— Tendo uma ótima noite. Olá Roy, Corrie.

Corrie ocupou o lugar vazio ao lado de Olivia e Roy sentou-se na única poltrona vazia ao lado de Jack. Não demorou muito para que as duas mulheres estivessem envolvidas em uma conversa animada, enquanto Roy debatia as políticas governamentais com Jack. Essa não era exatamente a forma como Jack imaginara que seria essa noite, mas, pensando bem, a situação acabava tirando dos ombros dele a obrigação de ser um interlocutor brilhante.

Quando o prefeito Benson entrou no palco, Olivia inclinou-se para Jack e sussurrou:

— Está tudo bem para você se Roy e Corrie jantarem conosco?

Jack hesitou:

— Está bem para você?

— Se você não se incomodar, eu também não me incomodo.

Aparentemente ela realmente não se importava, porque se inclinou para a amiga e ele pôde ver que Corrie concordava.

Como imaginara, a competição da noite foi divertida. Jack aprendera que o evento fora criado como uma forma de trazer alegria a primaveras cinza e úmidas. O campeonato já acontecia há alguns anos. As regras eram simples. Jovens e velhos faziam o máximo que conseguiam para soar como as gaivotas rabugentas que se multiplicavam por Cedar Cove. Jack riu, gritou, torceu e vaiou com o resto da audiência.

O vencedor, um garoto de 14 anos, impressionou a todos com a sua imitação. Jack e Olivia caminharam bem próximos um do outro, enquanto saiam do auditório. Ele colocou a mão protetoramente nas costas dela... e desejou ter a coragem necessária para fazer mais, para envolvê-la em seus braços.

Eles se encontraram com Roy e Corrie no The Captain's Galley poucos minutos depois. Uma jovem de rosto sério, que pareceu estranhamente familiar a Jack e Olivia, encaminhou-os à mesa e entregou o cardápio a eles.

— Quem é ela? — perguntou Jack.

Os olhos de Olivia se arregalaram, sinalizando a ele que ela não podia falar sobre aquilo. Somente mais tarde Jack se deu conta. A recepcionista do restaurante era a mulher que estava no tribunal no primeiro dia em que ele vira Olivia. A mulher que ela impedira de prosseguir com a ação de divórcio. Ele escrevera sobre ela. Era a esposa do Divórcio Negado.

— Que tal uma garrafa de vinho? — sugeriu Roy.

Todos pareceram concordar. Jack estudou o cardápio e deixou que Roy fizesse o pedido. Quando a garçonete chegou com as taças de vinho, ele declinou.

— Só uma taça — protestou Roy.

— Não, obrigada. — Ele não bebia e não se desculparia por isso.

O restaurante tinha uma reputação excelente e a refeição de Jack fez jus à fama. Ele pedira ostras fritas, enquanto Olivia optara pelo *fettuccine* aos frutos do mar. Depois de um jantar agradável, Roy e Carrie se despediram e voltaram para casa e Jack e Olivia ficaram para uma segunda xícara de café.

A jovem recepcionista perambulava próximo à mesa deles e Olivia relanceou o olhar para Jack.

— Você a reconheceu, não foi?

Ele assentiu, sentindo uma onda de simpatia pela moça, que mal parecia ter saído da adolescência. Ele se sentara no tribunal e ouvira a história trágica, ainda que muito comum. Uma história que ele conhecia bem, de um casamento que não conseguia suportar uma crise verdadeira. Um casal separado pelo sofrimento. Ele não sabia o que havia acontecido desde aquele dia no tribunal, se eles haviam seguido em frente com o processo ou não. O que podia perceber, apenas olhando para ela, era que Cecilia Randall estava muito infeliz.

— Você acha que ela a reconheceu? — perguntou Jack.

Olivia meneou a cabeça, negando. Jack também achava que não.

— Isso me faz pensar — murmurou Olivia.

Jack notou que ela estava perturbada.

— Você acha que tomou a decisão errada?

Olivia deu de ombros e abaixou os olhos para a xícara de café.

— A pobre moça parecee carregar nos ombros o peso do mundo.

— Talvez ela apenas tenha tido uma noite ruim.

— Talvez — repetiu Olivia, mas Jack diria que ela não acreditava nisso. E nem ele.

* * *

QUANDO SETH Gunderson partiu para o Alasca, na primeira semana de abril, Justine ficou aliviada. Era melhor assim. Ela se vinha pensando nele com excessiva frequência, valorizando cada momento que passavam juntos. Não queria se envolver com Seth. Não queria se preocupar com ele e, com certeza, não queria se apaixonar por ele, mas era exatamente isso que estava acontecendo. Que já acontecera.

Depois do jantar improvisado que tiveram, Justine recusara o convite seguinte. Podia reconhecer um problema quando estava diante de um, e estava bem consciente da própria fraqueza. Ele a queria e ela, que Deus a ajudasse, também o queria. Mas Justine era muito esperta para ceder a essas nostalgias. Não era uma mulher guiada pelas emoções.

Seth, no entanto, não era um homem facilmente dispensável. Ele abrira uma conta no First National Bank e encontrava uma desculpa para aparecer por lá ao menos uma vez por semana. Ele não a pressionou, não discutiu com ela, não fez nada fora do comum, apenas estava lá. E em um determinado dia, Justine simplesmente não pôde mais suportar.

Ela acompanhou-o para fora do banco.

— Por que você está fazendo isso? — reclamou, parada no estacionamento, o sol brilhava através da névoa densa, ameaçando rompê-la a qualquer momento. Justine sentiu vontade de chorar, mas estava zangada demais para deixá-lo saber o quanto a perturbava.

Seth não negou as suas intenções, ao contrário, respondeu à raiva dela com uma gentileza que quase partiu o coração de Justine.

— Se você quiser que eu pare, eu pararei. — Foi tudo o que ele disse.

— Pare! — gritou ela e voltou para o banco, pisando com força.

Uma semana mais tarde, depois de sete noites sem dormir, Justine foi procurá-lo. Sem saber exatamente onde encontrá-lo, ela desceu até a marina.

Ele apareceu quase imediatamente. Encontrou-a no píer, usando um casaco pesado de lã, com um gorro de tricô na cabeça. Justine ficou parada, encostada na balaustrada. Seth sorriu e, sem dizer uma palavra, colocou a mão quente sobre o rosto frio dela.

Justine resistiu à vontade de fechar os olhos e inclinar-se na direção da mão dele.

— Vim aqui para lhe dizer que Warren Saget é o homem perfeito para mim — disse ela.

— Não, ele não é.

Justine queria bater os pés como se fosse uma criança birrenta. Não estava certa do porque viera vê-lo. Para satisfazer a vontade de estar com ele? Para terminar com aquilo de uma vez por todas? Agora que estava ali, sabia que fora um erro.

— Warren é mais velho, maduro e bem sucedido e você não é nada disso.

— Não, eu não sou — concordou ele.

Justine estava detestando que ele aceitasse de tão boa vontade os seus argumentos. Isso fazia com que tudo ficasse dez vezes mais difícil.

— Warren é um homem de negócios respeitável. — E eu sou um pescador.

— Exatamente — gritou ela, mais zangada consigo mesma do que com Seth.

— Mas é a mim que você quer — disse ele simplesmente.

Recusando-se a responder, ela pulou da doca e voltou correndo para o banco. Desde então, não o vira mais. Só sabia que ele partira para o Alasca porque ouvira alguém no banco falar a respeito no início da semana.

Na tarde de sexta-feira, Warren ligou para ela, no trabalho.

— Que tal jantarmos? — Ele parecia seguro de si e da resposta que Justine daria.

— Essa noite não, Warren.

Seguiu-se um silêncio curto, desconfortável.

— Por que não?

— Eu não estou me sentindo bem. — O que era um exagero. Ela estava mesmo com dor de cabeça, mas nada que duas aspirinas e uns poucos minutos com os olhos fechados não pudessem resolver.

Warren não gostava quando Justine recusava um convite seu. Era um homem acostumado a ter as coisas do seu jeito.

— Você ainda está *zangada* por causa do encontro da sua turma, não está?

— Não particularmente. — Naquele exato momento, Justine decidiu que não iria ao encontro da turma. Seth provavelmente estaria lá e ele mexia com

ela de maneiras que Justine não queria nem pensar. Um beijo a arruinara. Um estúpido beijo. Agora, toda vez que Warren tentava tocá-la, Justine afastava-se. Seth Gunderson tinha muito a ver com isso.

— Estou com uma dor de cabeça de matar — ela disse a ele, exagerando a fim de evitar outra confrontação.

— Há alguma coisa que eu possa fazer por você? — perguntou Warren, a voz suave, conciliatória.

— Não. Jante sem mim. Falarei com você depois.

— Está certo, meu bem. Cuide-se.

— Pode deixar. — Era exatamente isso o que Justine planejava fazer. Depois do trabalho, ela foi direto para o seu apartamento com um litro de seu sorvete fino favorito e dois vídeos alugados.

Quando a campainha tocou e Justine viu o entregador parado com um enorme arranjo de flores, seu primeiro pensamento foi que haviam sido mandadas por Seth. Então, leu o nome de Warren no cartão e começou a chorar sem nenhuma razão compreensível.

Ela jogou as flores na pia e, usando seu velho pijama de flanela, sentou-se de pernas cruzadas em frente à TV, comendo o sorvete direto da embalagem.

A campainha tocou novamente. Justine não estava com humor para companhia. Enfiando com força a colher no sorvete, ela gritou:

— Vá embora! Estou ocupada.

Quem quer que estivesse do outro lado recusava-se a aceitar um não como resposta. Zangada, agora, ela colocou o pote de lado e levantou-se de qualquer jeito. Bêbada de angústia, ela cambaleou até a porta da frente e abriu-a com um rompante.

Seth Gunderson estava parado do lado de fora.

Justine olhou assustada para ele e ofegou.

— Justine?

Que terrível visão ela era naquele momento.

— É sua culpa — enfureceu-se ela. Então deixando a porta aberta, ela o agarrou pela lapela com ambas as mãos e puxou-o para dentro. Ele entrou tropeçando no apartamento, mas ela nem lhe deu tempo para falar alguma coisa. Jogou-se em seus braços. Seth foi pego desprevenido, deu alguns passos para trás e quase se desequilibrou, antes de passar os braços ao redor da cintura dela, prendendo-a em um abraço.

O beijo foi cheio de paixão e loucura. Os lábios dela estavam frios por causa do sorvete, os dele estavam quentes de desejo. Ele estava vestido para ficar ao ar livre, ela estava nua sob o pijama de flanela. As mãos de Justine passeavam pelo corpo de Seth, as mãos dele pressionaram-na bem perto do coração.

Ela desabotoou os grandes botões redondos do casaco dele e, desajeitadamente, começou a puxar as mangas para que ele o despisse. A camisa de Seth era o próximo passo, mas os botões eram mais teimosos dessa vez e Justine lutou para abri-los com impaciência. Sentia-se tão quente, que sentia que ia pegar fogo se ele não se apressasse em levá-la para a cama. Todo o seu corpo pulsava de desejo. Ela o queria como nunca quisera outro homem na vida.

— Justine, não. — Seth afastou-a, o peito arfante do esforço de interromper o beijo desesperado.

— Não? — gritou ela indignada. Ele criara esse fogo devastador que queimava dentro dela, e podia perfeitamente bem apagar as chamas.

— Não desse jeito, quando nenhum de nós dois sabe o que está fazendo.

— Eu sei *exatamente* o que estou fazendo — provocou ela com as mãos na cintura. — Você está me rejeitando? — Ela percebeu que a posição em que estava dava a ele uma boa visão dos seus seios e não fez nada para fechar o pijama.

Seth andou até o sofá e afundou nas almofadas surradas, enquanto Justine lutava para recompor a dignidade esfrangalhada. Ela fingiu uma expressão corajosa, mas já sabia que fizera tudo o que era humanamente possível para bancar a tola.

— Seria a coisa mais fácil do mundo arrastá-la para aquela cama e passar os próximos dois dias fazendo amor com você — disse ele em voz baixa.

Os joelhos dela estavam fracos, e ela quase, *quase*, se rebaixou a implorar.

— Mas eu não farei isso — disse ele. — Porque eu amo você. Eu a amo desde que éramos crianças e não vou dar a nenhum de nós dois uma desculpa para estragar tudo.

A coragem dela para fazer bravata estava se esgotando rapidamente.

— Por que está aqui?

— Eu não pude ficar longe?

— Você não parece estar tendo este problema agora — resmungou ela.

Seth começou a rir e disse alguma coisa que ela não entendeu.

— O que você disse? — reclamou ela, com medo de que ele estivesse rindo dela secretamente.

Ele sorriu fracamente.

— Acredite-me, você não vai querer saber.

Ela queria, mas não iria pressioná-lo.

Seth respirou fundo e sustentou o olhar dela, os olhos de um azul brilhante.

— Então você sentiu a minha falta?

— Sim, maldito seja você.

Ele pareceu muito satisfeito com a confissão dela.

— Eu também senti saudades de você.

Ela afastou o olhar para não encontrar o dele.

— Você ainda está saindo com Warren Saget?

Justine ficou grata por ele não poder ver seus olhos.

— Algumas vezes.

A resposta dela pareceu ser o incentivo de que ele precisava. Seth levantou-se e pegou o casaco do chão.

— Avise-me quando não o estiver vendo mais.

— O que significa isso? — Ela se recusava a ser propriedade exclusiva de Seth, assim como nunca aceitara pertencer a Warren. — Eu o verei quando quiser.

— Eu sei.

O mínimo que ele poderia fazer era discutir com ela, ao invés de ser tão... tão agradável.

— Eu já lhe disse antes, Warren não é o homem certo para você — disse ele suavemente.

— E você é?

Ele assentiu, sem rodeios.

— Sim.

Justine já escutara o bastante e, aparentemente, Seth também achava que já dissera tudo o que ela precisava escutar. Ele se encaminhou para a porta e abriu-a.

— Avise-me quando terminar tudo com Warren, está certo?

— Você vai ter que esperar muito — desafiou ela, furiosa com ele e sem a menor vontade de fazer qualquer concessão, nem de dar a ele nenhuma esperança. Estava tudo terminado com Warren, e Justine sabia disso, apesar de estar dizendo o contrário.

— Se você aprendeu alguma coisa a meu respeito, já deve saber que eu sou um homem paciente. — E, com isso, ele partiu.

Embora Justine estivesse certa de que Seth ficara na cidade, ela não tivera notícias dele durante o resto do fim de semana. Então, no domingo à noite, ele telefonou.

— Onde você está? — perguntou ela, tão satisfeita por ouvir a voz dele que se esqueceu de fingir que estava zangada.

— No Alasca.

— Você não podia ter me ligado enquanto ainda estava na cidade?

— Não — disse ele, com a voz rouca e cansada. — Teria sido muito fácil.

— Você sempre tem que fazer as coisas da maneira mais difícil?

— Bom Deus, eu espero que não — resmungou ele.

— Eu suponho que deveria agradecer a você — sussurrou Justine, mantendo os olhos fechados e apertando o fone contra a orelha enquanto se deixava cair em uma cadeira da

cozinha. Seth havia impedido que ela cometesse um erro ainda maior do que se jogar em cima dele.

— Não — disse ele, a voz subitamente irritada. — Eu tive vontade de me chutar durante todo o caminho até aqui. Da próxima vez não serei tão ridiculamente nobre.

— Da próxima vez — disse ela suavemente. — Eu não lhe darei essa chance.

* * *

GRACE CARREGOU duas pesadas bolsas de compras para dentro de casa e colocou-as sobre o balcão da cozinha. Era tarde de segunda-feira, depois de um fim de semana relativamente bom. Ela não sabia mais o que esperar de Dan. Alguns dias ele estava deprimido e, em outros, animado. Recentemente, no entanto, seu humor parecia estar tendendo mais para um lado.

Kelly e seu marido haviam estado em casa para jantar no último domingo e fora uma visita deliciosa. A notícia da gravidez da filha iluminara a vida deles. Grace ansiava por esse bebê. O que quer que estivesse faltando em seu casamento, ela esperava encontrar no neto.

A casa estava escura e quieta. Dan deveria chegar a qualquer momento. Ela saía do trabalho uma hora mais cedo para ir a uma consulta médica que acabara levando apenas alguns minutos.

Satisfeita com a oportunidade de organizar a cozinha, Grace começou a esvaziar as bolsas. Mas parou de repente. Alguma coisa estava errada. Ela

sentia isso. Um sexto sentido, uma premonição, não sabia bem do quê. Grace inclinou a cabeça para um lado, para ouvir melhor. Ela tentou ignorar a sensação, mas não adiantou.

Respirando fundo para se acalmar, Grace entrou no quarto e parou abruptamente. As gavetas de roupas estavam abertas e seu conteúdo estava pendurado ou espalhado pelo quarto. Seu primeiro pensamento foi que um intruso havia entrado na casa, mas um rápido inventário lhe mostrou que isso não acontecera. Estranhamente, nada de valor parecia ter sumido. As jóias dela, inclusive, estavam bem à vista.

Voltando para a sala, Grace deixou-se cair em uma cadeira e fechou os olhos.

Dan não voltaria para casa.

Mais uma vez, não levaria nada consigo, somente a roupa do corpo. Deixara todo o resto para trás. Suas roupas, seus objetos pessoais, seu casamento e sua família.

Ela não conseguiria explicar como sabia, mas sentia isso com uma certeza inexplicável.

Grace não chamou Troy Davis, nem mesmo Olivia. Não falaria com ninguém até que no mínimo alguns dias se passassem. O marido ficara furioso com ela, na última vez. Ele criara aquela situação horrível, deixando-a doente de preocupação, e ainda ficara indignado porque ela chamara a polícia. Dan havia dito que ela o embaraçara. Nem por um momento levaria em consideração como ela havia se sentido. Foram necessários dois dias de um silêncio amargo, triste, até que eles voltassem a se falar. E agora isso.

Grace estava certa. Dan não voltou para casa depois do trabalho, nem apareceu naquela noite. Ela até tentou, mas não conseguiu pegar logo no sono. Sua mente ficou lhe pregando peças até que, exausta demais para fazer qualquer outra coisa, ela dormiu por uma hora, até que o alarme tocou. Grace ficou tentada a ligar para o trabalho e dizer que estava doente, mas decidiu não fazer isso. Ficar em casa, andando de um lado para o outro e se preocupando em saber onde o marido estaria e com quem, não iria ajudar em nada.

Na tarde de terça-feira, ela entrou em casa esperançosa, mas encontrou apenas frio e silêncio. Dan não voltara. O telefone tocou nesse momento e ela quase arrancou o aparelho da parede, na ânsia de atendê-lo.

— Mamãe, eu queria apenas agradecer a você e ao pai por terem convidado a mim e ao Paul para o jantar.

— O prazer foi todo nosso — disse Grace, fazendo o melhor que podia para esconder seus temores.

— O papai estava de bom humor.

— Sim, ele estava. — Grace fechou os olhos, esforçando-se para se concentrar na conversa.

— Mamãe — disse a filha cautelosamente — está tudo bem?

— É claro...Eu acho que sim — corrigiu ela.

A linha ficou silenciosa e, então:

— O que *isso* significa?

Como já não sabia mais o que fazer, Grace disse à filha:

— Não vejo o seu pai há quase dois dias.

— Você não vê o papai? Mas onde ele está? — perguntou Kelly, a ansiedade dando um tom agudo à sua voz.

— Eu... não sei.

— Não era melhor você chamar alguém?

— Eu chamei a polícia na primeira vez e aprendi que...

— Isso já havia acontecido antes? — gritou Kelly. — Por que você não me contou?

A filha estava aborrecida com ela e isso era a última coisa que Grace queria. Ainda mais porque Kelly estava grávida. E era uma gravidez de risco.

— Eu estou indo para aí — disse Kelly, com firmeza.

— Kelly, não, não há nada que você possa fazer.

— Maryellen sabe?

Grace suspirou, trêmula.

— Eu... Eu não disse a ninguém.

— Estou indo — insistiu a filha e desligou o telefone.

Vinte minutos depois, ambas, Maryellen e Kelly, chegaram. Elas adentraram pela casa com a fúria de anjos vingadores.

— O que aconteceu? — reclamou Maryellen. As duas moças se reuniram com ela ao redor da mesma mesa onde sentavam quando eram crianças.

Grace contou a elas tudo o que conseguiu se lembrar.

— Aonde o papai poderia ter ido?

Grace forçou-se a desviar o olhar. Embora não quisesse admitir a possibilidade, tinha que dizer às filhas o que estava pensando.

— Eu acho que deve haver outra mulher.

Ambas rejeitaram veementemente a ideia.

— Não — disse Maryellen primeiro.

— O papai, não — concordou Kelly. — Como você pode sugerir uma coisa dessas?

Dan também negara. Mas ele estava tão desinteressado dela emocionalmente, nos últimos tempos, tão distante e taciturno. A única desculpa plausível para aquele tipo de comportamento era a existência de outra mulher.

— Eu não acredito nisso — insistiu Maryellen.

— Então, onde ele está — gritou Grace.

— Pense — instou Kelly.

— O que papai pode estar procurando? — perguntou Maryellen. — Você disse que ele parecia estar procurando por alguma coisa antes de partir.

— Sim, mas não levou nada. — Grace havia dobrado cuidadosamente as roupas dele e colocara-as de volta nas gavetas. Aparentemente, ele encontrara o que estivera procurando com tanta impaciência, mas ela não deu por falta de nada.

— Ele vai voltar — disse Kelly. — Caso contrário, teria levado a mala.

— É claro que ele vai voltar — concordou Maryellen, como se essa fosse uma conclusão óbvia.

— Estou certa que sim — disse Grace. Ele voltara da primeira vez, não é? Isso lhe dava esperança, embora o seu coração estivesse lhe dizendo outra coisa.

Elas ficaram em silêncio depois disso. Parecia não haver restado mais nada a dizer. Grace pegou as mãos das filhas e apertou-as, esperando oferecer-lhes alguma segurança, quando ela mesma tinha tão pouca.

— O que vamos fazer agora? — Maryellen, a mais prática delas, estava determinada a tomar alguma atitude. Grace não sabia o que lhe dizer. Maryellen era a filha do seu coração. Ela nunca favoreceu uma das garotas em detrimento a outra, mas a mais velha se parecia mais com ela. Maryellen se casara cedo e sem pensar muito bem e, depois de três anos, se divorciara. Agora, já com trinta e poucos anos, não parecia ter vontade de repetir a experiência. Grace desejara uma vida diferente para a filha, mas ela, que gerenciava uma galeria de arte local, parecia satisfeita, e isso era tudo o que importava.

— Precisamos avisar à polícia — disse Kelly.

Grace explicou a elas o que Troy havia lhe informado na primeira vez. Desaparecer não era contra a lei.

— Mas, de qualquer modo, temos que informar às autoridades — resmungou Maryellen.

— Também podemos imprimir cartazes — sugeriu Kelly, levantando-se e começando a andar de um lado para o outro.

— Não. — Grace se opôs firmemente à ideia. Se Dan voltasse, e ela suspeitava que eventualmente ele o faria, ficaria furioso se soubesse que ela permitira que o rosto dele ficasse exposto por toda a cidade. — O pai de vocês não iria querer isso.

— É uma pena. Então ele não deveria ter sumido.

— Eu prefiro esperar. — Grace tentou ganhar tempo.

— Por quanto tempo?

— Mais um dia. Isso é tudo o que eu pretendo dar a ele — disse Maryellen, estreitando os olhos.

— Se o pai de vocês não voltar em um ou dois dias, provavelmente teremos que avisar às autoridades — falou Grace, amassando um lenço de papel nas mãos. — Além disso, acho que não há nada mais que possamos fazer. Dan resolveu partir. Ele se foi por sua livre e espontânea vontade...

— Não temos certeza disso — protestou Kelly.

— Já aconteceu antes — ponderou Grace. — Ele retornou quando estava pronto pra isso.

— E voltará novamente.

Ela assentiu.

— Precisamos apenas esperar. — Por mais difícil que fosse, não podiam fazer mais nada.

— Eu não sei onde o papai está, mas estou certa de que ele jamais a deixaria por outra mulher — disse Maryellen, baixinho.

Grace abraçou as filhas e relutantemente deixou que se fossem. Ficou parada na varanda, abraçando o próprio corpo, enquanto as duas voltavam para suas casas. Ela estava só agora. Total e completamente só.

As filhas se recusavam a acreditar que Dan tinha outra mulher, mas ela já desconfiava disso há muito tempo. Também não queria acreditar, mas não conseguia imaginar mais nada que explicasse os sumiços dele.

Olivia soube no momento em que se encontraram para a aula de aeróbica, na quarta-feira. Grace não precisou dizer uma única palavra.

— Dan?

Grace assentiu, enquanto elas se encaminhavam para a academia.

— Quando?

— A última vez em que o vi foi na segunda-feira pela manhã.

— Nenhuma notícia desde então?

— Nada.

Olivia bufou.

— Você está bem?

Grace mordeu o lábio inferior.

— E eu tenho escolha? — Dan estava determinado a puni-la por uma lista de pecados que ela nem sabia que cometera. Mas a última a rir seria ela. Grace não estava disposta a continuar com a farsa em que havia se transformado o seu casamento.

Este último sumiço de Dan fora a cena final. Ela estava desistindo. Dan podia retornar tranquilamente, pois quando voltasse, ela entregaria a ele os papéis do divórcio.

Era o fim.

Capítulo Dez

CECILIA NUNCA ficara tão orgulhosa de si mesma. A folha do teste tinha um "A" enorme rabiscado na frente e o sr. Cavanaugh, seu professor de álgebra, ainda escrevera "*Muito Bem!*." com caneta vermelha brilhante no canto da prova. Ela gabaritara o teste. Depois da aula, o sr. Cavanaugh, que devia ter seus 50 anos, viera perguntar-lhe se ela já conversara com o orientador sobre as suas aulas para o próximo trimestre. Cecilia lhe

respondeu que não e ele lhe sugeriu que escolhesse mais matérias na área de matemática, já que ela parecia ter aptidão para essa área.

Desde então, Cecilia estava exultante. A primeira pessoa para quem pensou em contar foi o pai, que passava a maior parte dos seus dias no The Captain's Galley, em um lado do bar ou no outro. Mas decidiu que já via Bobby o bastante enquanto trabalhava. A próxima pessoa que lhe veio à mente foi Cathy Lackey, mas Cecilia ficou com medo de parecer que estava se gabando, não queria isso. Sentindo-se levemente desanimada, foi para casa, pegando a correspondência na passagem pela portaria.

Ela jogou os envelopes sobre a mesa da cozinha e tirou a mochila dos ombros. Foi quando viu a carta de Ian. Era engraçado como uma coisa tão pequena como uma carta tinha o poder de deixá-la tão nervosa. Cecilia ficou olhando para o envelope por uns trinta segundos antes de pegá-lo e abri-lo cuidadosamente.

12 de abril

Querida Cecilia,

Andrew recebeu uma carta de Cathy esta semana e ela contou que vocês duas estiveram juntas recentemente. Eu suponho, então, que você esteja com o carro agora e espero que não seja teimosa demais para não dirigi-lo.

Ian Randall não era a pessoa indicada para falar isso, pensou Cecilia. O marido era mais teimoso do que qualquer homem que ela já conheceria. Mas, como vinha dirigindo o carro a dele há quase um mês, não podia reclamar.

Eu imagino que você deva estar aborrecida comigo por causa do modo como agi quando foi me ver no hospital. Não a culpo. Minha única desculpa é que eu estava sentindo muita dor. Estava louco de raiva de mim mesmo por ter sido tão estúpido. Foi a minha própria falta de cuidado que causou o acidente. Andrew não deveria ter falado a respeito com você, não era necessário que soubesse.

Cecilia discordava. Ela era esposa dele e ele estava machucado. Ficara grata a Andrew por tê-la chamado.

Tivemos nossas diferenças nos últimos meses, mas depois do nosso "encontro" eu tive esperança de que poderíamos deixar tudo isso para trás. Mas acabei fazendo tudo errado. Estou realmente arrependido, Cecilia.

Ian demorara demais para se desculpar! E Cecilia também percebeu que o marido não mencionara o fato de terem feito amor. Se ele preferia ignorar isso, então ela faria o mesmo!

Eu sei que você não tem computador, mas estou incluindo o meu endereço de e-mail no fim da carta, para o caso de você encontrar um modo de me contatar. Seria bom demais receber notícias suas.

Andrew disse que você e Cathy ficaram amigas e começaram a ter mais contato com outras esposas de militares da Marinha. Fico feliz. A Marinha não é ruim, você sabe. Há muita gente boa aqui.

Cecilia se arrependia de ter rejeitado todos esses amigos em potencial antes.

Conte-me sobre as suas aulas, quer dizer, se você for me escrever de volta. Aposto como você é a melhor da turma.

Amor,

Ian.

Randall-Ian-M HT2 irandall@bridge.navy.mil

P.S.: Sobre aquela noite... está tudo bem? Você sabe o que eu quero dizer.

Ele estava querendo saber se ela ficara grávida. Ele *deveria mesmo* ficar preocupado. Os dois foram tolos e não pela primeira vez, mas ela jurava que havia sido a última.

Cecilia leu a carta toda novamente. Estava muito feliz por tê-la recebido. Era uma carta longa, mas ela sabia que Ian sofrera para escrever cada palavra. Era difícil para ele pedir desculpas. Bem, mas ela merecia as desculpas. Ficou satisfeita por ele ter perguntado sobre seus estudos. Era quase como se o marido *soubesse* que ela tirara A na prova final.

Cecilia saiu para trabalhar alguns minutos mais cedo e passou antes pela biblioteca. Felizmente, um dos computadores estava vago. Ela sentou-se na frente dele e conectou-se à internet. Sua mensagem era breve, porque não tinha muito tempo e porque não estava inteiramente certa de que ela chegaria, de qualquer modo.

16 de abril

Querido Ian,

Sua carta chegou esta tarde. Desculpas aceitas. Saudades.

Cecilia

P.S.: Fique tranquilo porque está tudo bem.

218

A curiosidade levou a melhor e, no dia seguinte, ela voltou à biblioteca e ficou encantada ao encontrar um e-mail de Ian em sua caixa postal.

17 de abril

Muito querida Cecilia,

Estou realmente feliz por receber notícias suas. Quer dizer que você sente saudades minhas? De verdade? Não me importo se é ou não, mas vou levar ao pé da letra. Andrew e Cathy trocam e-mails quase todo dia e ela escreveu contando que convidou você para "a noite das garotas". Fico feliz por vocês terem ficado amigas.

A vida no porta-aviões é totalmente diferente do que era no submarino. Não tenho certeza se vou gostar, mas está tudo bem, eu acho.

Amor,

Ian

P.S.: Está tudo bem, mesmo?

18 de abril

Querido Ian,

Recebi as minhas notas finais em Álgebra e Inglês e tirei a nota máxima em ambas. Estou tão ANIMADA! O sr. Cavanaugh sugeriu que eu me inscrevesse nas aulas de Álgebra avançada e é o que farei. Ainda estou trabalhando nos finais de semana, fazendo um extra como garçoneiro do bar, e resolvi economizar esse dinheiro extra para a escola.

Sei que você pediu transferência para o George Washington por causa de Allison e por minha causa. Acho bonito que você tenha feito isso, mas, Ian, é muito tarde. Se você quiser pedir transferência de volta para o submarino, é isso o que deve fazer.

Tenho que me apressar para o trabalho, agora. Sinto muito, gostaria de poder escrever mais. Logo lhe escreverei uma carta de verdade, prometo. As aulas recomeçam em duas semanas.

Pense em mim.

Cecilia

19 de abril

Querida Cecilia,

Você me pede para pensar em você. É uma piada, não é? Eu penso em você o tempo todo. Você é minha esposa, não importa o que o advogado tente me dizer. Ainda estamos nos divorciando? Deus, espero que não. Eu nunca quis isso. Você sabe como me sinto sobre toda essa história. Desculpe-me, não queria insistir nisso com você. Aceitarei o que quer que decida.

Você comentou alguma coisa sobre eu pedir transferência do Atlantis e o porquê de eu ter feito isso. Pode ser chocante, mas eu não fiz isso por você. Não inteiramente.

Eu fiz por mim, também. Quando fui mobilizado, antes de Allison nascer, nenhum de nós dois poderia imaginar que você teria o bebê enquanto eu estivesse fora. Nenhum de nós poderia ter a mínima ideia do que aconteceria. Quando eu voltei, nossa filha já havia sido enterrada. Você estava sofrendo muito e eu percebi que não conseguia ajudá-la, principalmente porque estava tendo que lidar com a minha própria dor. Acho que, na verdade, eu não sabia como ajudá-la. Você odiava a Marinha e eu sentia como se você me odiasse também. Não foi um bom momento para nós. Eu nunca lhe contei isso, e se o tivesse feito talvez nossa relação não houvesse afundado tanto, mas depois da minha última viagem no Atlantis, eu tentei sair da Marinha. Meu bebê estava morto, meu casamento estava desmoronando e eu estava mais no fundo do poço do que jamais estivera em minha vida. Não a estou culpando, juro. Meu CO, o oficial comandante, conversou comigo e arrumou a transferência para o George Washington. O formulário diz que o motivo da transferência foram razões psicológicas.

Parabéns pelas suas aulas! Estou orgulhoso de você. Vamos comemorar quando eu voltar para casa. Faltam menos de cinco meses, agora. Parece uma vida inteira, mas as semanas vão passar rápido. Eu amo você e isso não vai mudar.

Ian

P.S.: Não se angustie por eu lhe dizer como me sinto. Não mencionei meus sentimentos por você por muito tempo porque você parecia não querer ouvir. Pode ser que ainda não queira, mas torço para que não seja assim.

22 de abril

Querido Ian,

Tenho que esperar até que a biblioteca esteja aberta para enviar e-mails para você. Cathy me disse que há outros lugares, além da biblioteca, onde posso ir e, assim, não precisaria esperar todo o final de semana passar para entrar em contato. Vou fazer isto. Fiquei tão frustrada! Mas, de resto, tive um bom final de semana.

Consegui minhas melhores gorjetas no sábado. Sei que você não gosta que eu trabalhe no bar. Eu também não gosto muito, mas é a única maneira de melhorar um pouco financeiramente. As gorjetas são decentes e Bobby está sempre por perto, portanto, eu não preciso me preocupar com assédio dos fregueses. Acredite se quiser, ele toma conta de mim. Ele até ameaçou expulsar um cara, na semana passada! Mal parecia com o meu pai "paz e amor".

Essa é a minha pequena confissão. Eu queria falar com você sobre trabalhar no bar, depois que você explicou sobre a transferência do Atlantis para o George Washington. Você está certo. Teria ajudado se tivéssemos conseguido nos comunicar.

Eu sei que você me ama, Ian. Apesar de tudo, eu sempre soube como você se sentia. Mas, às vezes, amar alguém não é o bastante. Você perguntou sobre o divórcio. Eu não sei mais como me sinto sobre isso, mas, ao mesmo tempo, também não sei se quero continuar casada. Apenas de uma coisa estou certa. Não quero outro filho. Esse último susto deixou isso bem claro pra mim. Nem posso acreditar que corremos o risco novamente. A maior lição que tirei, depois de Allison, foi que eu nunca pretendi ser mãe.

Você merece ser pai.

Considerando esse fato, você pode não querer falar comigo de novo. A escolha é sua.

Sempre sua,

* * *

Charlotte Jefferson esperou pacientemente até que a filha terminasse os trabalhos do dia no tribunal. Vinte minutos depois que o último caso fora ouvido, ela bateu na porta da sala de Olivia.

222

— Entre — a voz da filha soou distraída, o que significava que ela provavelmente estava lendo depoimentos e se preparando para a sua próxima sessão.

Charlotte virou a maçaneta e espiou dentro da sala. Vir até a filha com seus próprios pedidos não era uma coisa fácil para ela. Olivia era uma profissional ocupada e Charlotte tentava com todas as suas forças não ser um estorvo para ela.

— Mamãe. — Franzindo o cenho, Olivia ficou de pé atrás da mesa. — O que houve?

Charlotte esperava ter conseguido disfarçar as lágrimas. Vinha se sentindo deprimida, e essa era a única palavra para isso, desde que soubera da morte de Tom Harding. Ele já se fora há mais de um mês, ela não conseguia se sentir melhor, e não podia atrasar mais a solução daquele assunto. Janet já perguntara sobre a chave. Charlotte sabia que teria que devolvê-la logo, mas já decepcionara Tom uma vez e não poderia fazê-lo de novo.

Ela entrou na sala, secando disfarçadamente os olhos. Olivia saiu de detrás da mesa e envolveu os ombros da mãe com os braços.

— Sente-se mamãe — ela aconselhou, gentilmente.

Charlotte obedeceu.

— O que houve?

A mãe assoou o nariz e levou um instante para se recompor.

— Eu preciso da sua ajuda — fungou ela, detestando as lágrimas que corriam por seu rosto, mas ainda incapaz de contê-las. Era difícil explicar porque se sentia assim, considerando-se a quantidade de amigos seus que já haviam sido enterrados.

— Tem a ver com Tom Harding? — perguntou Olivia, sentando-se também.

Charlotte assentiu e secou os olhos novamente.

— A senhora sente falta dele, não é?

— Sim, Olivia, mas é mais do que apenas sentir saudades dele. Eu sinto que fui um terrível desapontamento para Tom. Nos tornamos tão bons amigos. Eu sei que você provavelmente não acha que isso fosse possível, já que ele não era capaz de falar...

— Eu não tenho a menor dúvida de que vocês significavam muito um para o outro.

— Não havia nada de romântico entre nós. — Charlotte queria que isso ficasse claro. O único amor da vida dela fora Clyde Jefferson, o homem querido que fora seu marido.

— Vocês eram amigos — disse Olivia. — Bons amigos.

— Tenho certeza de que era nisso que Tom acreditava, mas temo ter falhado com ele. Fiquei tão envolvida com o meu trabalho no jornal que me distraí. — O que a deixava mais chateada era pensar em Tom esperando para vê-la, esperando, esperando, e ela tão envolvida com seus quinze segundos

de fama que nem se incomodou em visitar o amigo na hora de sempre, ou em qualquer outra hora. Estava se sentindo importante demais para dispor de algumas poucas horas. E, agora, era tarde demais.

— Mamãe, sei que Tom entendeu — disse Olivia com tanta compaixão que Charlotte teve que controlar a vontade de desatar a chorar abertamente.

— Eu espero que sim. — Ela amassava o lenço de linho na mão. — Não houve nem mesmo um funeral. Não tive sequer a chance de dizer adeus...

— A senhora disse que precisava da minha ajuda? — lembrou Olivia. Por um momento Charlotte quase esquecera.

— Ah, sim, a chave.

— Está certo — disse Olivia sentando-se muito reta na cadeira. — Tom lhe deu uma chave, não é?

— É de um guarda-móveis. Eu quero que você vá lá comigo, se puder.

Olivia hesitou. Ela levava o seu papel de juíza a sério demais, na opinião de Charlotte. Podia ver que a filha estava avaliando a possibilidade de haver algum conflito de interesses.

— É perto daqui?

— Sim, fica aqui mesmo em Cedar Cove. Aparentemente ele o tinha já há algum tempo. Isso fora uma surpresa para ela, já que Tom fora transferido do asilo em Seattle. O pobre homem devia ter alguma ligação com aquela região, alguma razão para escolher Cedar Cove.

— Quando a senhora gostaria de ir?

— Você poderia ir agora?

Olivia fechou as pastas que estavam sobre a sua mesa.

— Está certo. A senhora quer que eu dirija, ou nos encontramos lá?

Charlotte preferiu que Olivia dirigisse. Estava muito emocionada por causa de Tom e precisava de companhia. Além disso, vinha encontrando dificuldades em virar e olhar para trás quando usava a marcha-ré. Ultimamente optava por estacionar em espaços que não precisassem que ela se virasse. Olhar por sobre o ombro estava lhe causando dores no pescoço. No entanto, se ela mencionasse isso para Olivia, a filha poderia sugerir que já estava na hora de ela parar de dirigir e Charlotte não iria desistir da sua independência.

Olivia dirigiu pela rodovia, ao longo da beira-mar. O guarda-móveis ficava na saída da estrada Butterfield, no caminho para Belfair, passando pelo cinema *drive-in*.

— Nós precisamos nos registrar? — perguntou Olivia, parando em frente ao escritório.

— Eu não sei — disse Charlotte. Não parecia haver ninguém ali. — Eu tenho a chave e o recibo.

— Então vamos direto para o galpão. — Olivia seguiu em frente com o carro até elas localizarem o número escrito no recibo.

— Deve ser este. — Charlotte saiu do carro, com alguma dificuldade. Ela já não se movia com a mesma rapidez de antes, e também não era mais tão graciosa quanto gostaria. Era especialmente difícil entrar e sair de carros.

Olivia já saíra e estava esperando por ela. O galpão parecia muito maior do que Charlotte imaginara. Olivia pegou a chave da mão dela e inseriu na fechadura. A porta balançou e subiu. Dentro do espaço escuro havia um enorme baú, cercado por peças de mobília variadas. Um sofá e uma cadeira,

uma sela e o que parecia ser um quadro de algum tipo, coberto por uma manta.

O quadro interessou a Olivia e ela ergueu a manta. Charlotte relanceou o olhar para o que a filha estava vendo e quando viu que era um pôster de um filme de cowboy da década de 40, perdeu o interesse.

Mas, então, quase contra a sua vontade, o olhar voltou para o pôster. O homem, montado em um garanhão alto, com uma luz brilhando por trás, lhe pareceu vagamente familiar. E deveria mesmo, percebeu ela, lendo o nome. Tom Houston era "The Yodeling Cowboy", o cowboy cantor, um dos mais populares cavaleiros acrobatas e astro de filmes de cowboy de todos os tempos.

Muitas colegiais passavam a tarde no cinema, vendo o cavaleiro indomável cavalgando pela tela.

— Tom Houston. — Olivia leu o nome em voz alta. — A senhora já ouviu falar dele?

— É claro. Quer dizer que você não se lembra dele?

— Eu sinto muito, mamãe, mas não lembro — disse Olivia e recolocou a manta, que flutuou e cobriu o pôster.

Aquele velho cartaz de filme deveria valer alguma coisa atualmente. Sem dúvida era um item de colecionador.

— Devemos abrir o baú? — perguntou Olivia.

— Só um minuto. — Uma ideia ocorreu a Charlotte e ela voltou à atenção novamente para o pôster. Afastando a manta, ela olhou mais uma vez. E seus joelhos começaram a tremer.

— Mamãe! — Olivia estava ao lado dela no mesmo instante. — O que houve?

Charlotte sentou-se na tampa do baú e apontou com uma das mãos para o pôster, enquanto cobria a boca com a outra mão.

— *Não pode ser.*

— O quê?

— Esse é Tom Harding!

— Quem? O homem no pôster?

A filha ficara estúpida?

— Tom Harding é... era Tom Houston.

— Mesmo?

Olivia claramente não percebia o significado daquela descoberta. Charlotte respirou fundo.

— Tom Houston era tão popular quando Roy Rogers e Dale Evans. Ele era tão conhecido na sua época quanto Gene Autry. Oh, meu Deus, não posso acreditar nos meus próprios olhos.

— Ele pode ser um parente do seu Tom — sugeriu Olivia.

— Não, é ele... Oh, ele era realmente Tom Houston! Você costumava ver o programa dele na TV quando era pequena — Charlotte contou a ela. — Não se lembra? Nas manhãs de sábado... Tom teve a sua própria série de TV por alguns anos, durante a década de 1950 e, depois disso, sumiu de cena.

— Tom Houston — repetiu Olivia, baixinho, como se estivesse puxando por suas memórias de infância. Ela sacudiu a cabeça e, então, tudo pareceu vir à sua cabeça de uma vez, — Tom Houston — ela gritou. — *Aquele* Tom Houston?

Charlotte percebeu que Olivia estava realmente entusiasmada, agora. Um instante depois, no entanto, ela desdenhou.

— Oh, mamãe, isso deve ser algum tipo de brincadeira.

— Não, esse é o Tom. Oh, ele estava décadas mais velho quando eu o conheci, mas era o mesmo homem, tenho certeza disso.

— Devemos abrir o baú? — perguntou Olivia, obviamente um pouco hesitante.

— Sim. — Charlotte estava certa disso, agora. — Espero que possamos encontrar alguma pista da família dele.

— Achei que você havia dito que Tom não tinha família.

— Não que o estado conheça — corrigiu Charlotte. — O que não quer dizer que ele realmente não tenha uma. — Todo mundo tinha família.

Olivia teve um pouco de dificuldade para destrancar o baú, mas, quando conseguiu abri-lo, elas viram que valera pena a força empregada. Dentro, havia um tesouro em lembranças.

— Oh, meu Deus — sussurrou Charlotte, olhando para o conteúdo. A primeira coisa que ela notou foi o traje branco, inconfundível, de Tom Houston. Os mocinhos sempre usavam branco e Tom era, definitivamente, um mocinho. Seus revólveres também estavam lá, junto com um grande número de scripts de televisão que pareciam ser originais. Ela também viu medalhas da Segunda Guerra Mundial e lembrou-se de que ele servira ao exército.

— Esse material todo deve valer uma fortuna — disse Olivia assombrada.

Cheia de determinação, Charlotte aprumou o corpo.

— Por *isso* ele queria que eu ficasse com a chave.

Olivia relanceou o olhar para a mãe, como se não soubesse o que dizer.

— Ele nunca lhe deu nenhuma pista de quem era, não é?

— Nenhuma. Obviamente, ele não queria que eu soubesse enquanto ainda estivesse vivo. — Charlotte estava começando a entender. Tom deve ter sentido que podia confiar nela. Deve ter percebido que ela faria o que fosse necessário para conseguir que essas coisas, esse *legado*, passassem às mãos de quem tivesse direito a elas. Ela podia tê-lo desapontado antes, mas por Deus, não o faria novamente.

— Mamãe... — Aparentemente, Olivia reconhecia aquele olhar.

— Ele me confiou esses itens preciosos por alguma razão.

Olivia franziu o cenho.

— E qual é essa razão?

Charlotte também franziu o cenho.

— Eu vou localizar a família dele e...

— *Que* família? Mesmo que ele tenha parentes, onde eles estão? Por que ele estava sob a custódia do estado?

— Eu não sei, mas Janet me disse que Tom foi transferido para Cedar Cove a seu próprio pedido. A escolha original dele era aqui. Meu palpite é que ele tem família nessa região.

— Se for esse o caso, por que Tom não os contatou ele mesmo?

— Eu não sei — disse Charlotte novamente.

— Esse é o meu argumento.

Charlotte não via dessa maneira.

— Ele confiou em mim — insistiu ela com teimosia. — Tom queria que eu me certificasse de que tudo isso aqui seria devidamente encaminhado.

— Mamãe...

— Além disso — continuou ela, interrompendo Olivia —, ele sabia que podia contar comigo. — Isso, até onde lhe interessava, dizia tudo.

Daquele momento em diante, Charlotte era uma mulher com uma missão. Ela encontrara uma forma de se redimir com Tom por tê-lo rejeitado em suas últimas semanas de vida. Como a mulher honrada que era, ela jurou para si mesma que faria qualquer coisa dentro das suas possibilidades para encontrar a família de Tom Houston. Não desistiria, nem descansaria até que o legado dele fosse passado a quem de direito.

* * *

EM SEU caminho de volta da biblioteca para casa, Grace pegou a correspondência do dia. Essa costumava ser uma tarefa de Dan, porque era ele quem geralmente chegava primeiro em casa.

Já fazia três semanas desde o dia em que o marido desaparecera. Três semanas infernais, durante as quais ela fora confrontada com um número sem fim de perguntas não-respondidas, por dúvidas, por culpa e por uma crescente frustração.

As pequenas coisas do dia-a-dia a enervavam. Tirar o lixo, pegar a correspondência, consertar a torneira do banheiro que pingava. Tudo isso, eram coisas que Dan costumava fazer. Seu medo e seu ressentimento aumentavam a cada tarefa.

A princípio, o patrão de Dan se recusara a acreditar que ele simplesmente fora embora. Grace também mal podia acreditar, mas todas as evidências

apontavam para essa possibilidade. Dan se fora. Ninguém aparecera com nenhuma razão para isso, nenhum "como" ou "porque". Grace havia questionado Bob Bilderback, chefe de Dan no serviço de poda de árvores, pelo menos cinco vezes, certa de que ele deveria ler *alguma* pista, por mais insignificante que pudesse lhe parecer. Mas Bob estava tão perplexo quanto ela.

Entrando em casa, Grace separou rapidamente a correspondência. Duas contas foram para uma pilha sobre a velha mesa de Dan, junto com as outras que já haviam chegado. O dinheiro estava apertado. Bob enviara o último cheque de pagamento do marido para ela. Grace ficara realmente surpresa por Dan não haver pegado o cheque antes de partir, mas ele tinha os cartões de crédito.

Cartões de crédito.

Grace não havia pensado em checar a conta do cartão Visa, até agora. Ela correu para o antigo quarto de Maryellen, que se passara a ser usado como um gabinete e procurou na pilha de contas a pagar sobre a mesa até encontrar o extrato do Visa, ainda dentro do envelope.

A mão dela tremia enquanto abria o envelope e checava rapidamente a lista de gastos. Todos pareciam em ordem, a exceção de um. Quando viu onde o cartão fora usado, suas pernas cederam. Apoiando-se na parede, ela escorregou até o chão.

Grace não saberia dizer por quanto tempo ficou ali, olhando para o vazio, até finalmente encontrar coragem para ligar para Olivia.

— Você pode vir até aqui? — perguntou ela. A voz de Grace, estridente, deve ter convencido a amiga da urgência.

— Estou a caminho.

Menos de dez minutos depois, Olivia estava na porta da casa.

— O que houve?

— O desgraçado — gritou Grace, tão furiosa que mal podia se controlar.

— Olhe para isso! — Ela empurrou o extrato do Visa para as mãos da amiga.

Olivia deu uma olhada no extrato e levantou os olhos questionadores para Grace.

— O que é?

— "Berghoff Joalheiros" em Bremerton. Eu não comprei nenhuma jóia para mim.

— Dan?

— Quem mais? — rugiu Grace.

— O que Dan teria comprado lá por 250 dólares?

— Uma bugiganga qualquer para a namorada, sem dúvida — disse ela, irritada.

— Bem, vamos descobrir.

Olivia sempre fora sensata. Não ocorrera a Grace entrar em contato com a loja. Ela também ainda não havia cancelado o cartão de crédito e esse era um erro que pretendia consertar de manhã cedo.

Enquanto Grace andava de um lado para o outro na sala de estar, Olivia descobriu o telefone da loja e fez a chamada. Quando atenderam, passou o fone para a amiga.

Grace estava tomada pela raiva.

— Alô — disse, fazendo o melhor que podia para soar calma e razoável.

— Meu nome é Grace Sherman e estou com o extrato do meu cartão de

crédito bem na minha frente. — Ela continuou a explicar a questão. — Agora, eles estão procurando o recibo — disse Grace, cobrindo o fone com a mão.

Em 35 anos de casamento, Dan nunca lhe comprara nem uma peça de jóia. Ele as considerava meras frivolidades. Ela usava apenas uma aliança simples de ouro, a mesma que ele colocara em seu dedo no dia em que se casaram. Com o passar dos anos, a aliança se desgastara e já deveria ter sido substituída, mas nunca foi. O marido nem usava aliança, desde que saíra do exército. Quando um homem trabalhava com equipamento pesado era perigoso usar qualquer tipo de anel.

A mulher da Berghoff's voltou com a informação solicitada.

— Sra. Sherman — disse ela.

— Sim. — Grace ficou imediatamente alerta.

— A compra no Visa foi de um anel.

— Perdão? — Isso era tão estranho quanto fora tudo relacionado com o desaparecimento do marido até agora.

— Um anel. Eu sinto muito, mas o recibo não diz de que tipo.

Grace sentiu como se o ar lhe tivesse escapado.

— Está certo. Obrigada por ter tido esse trabalho. — Ela recolocou o fone no gancho rapidamente e deixou-se cair em uma cadeira.

— O que foi? — Olivia estava ao seu lado.

Grace ficou olhando para a aliança fina de ouro na sua mão esquerda. Ela suspeitara por muito tempo que havia outra mulher. Agora tinha a prova.

— Ele comprou um anel.

— Um anel? — disse Olivia. — Mas por quê?

— Não é óbvio? — gritou Grace. — Foi por isso que ele deixou para que eu recebesse o seu último cheque de pagamento — acrescentou.

— Seria para pagar o anel? — perguntou Olivia.

— Aparentemente, sim. — Isso parecia com Dan e seu tortuoso senso de honra. Ele não achava nada demais abandoná-la sem uma palavra de explicação, transformando a vida dela em um inferno. Mas, por outro lado, assegurou-se de que a última compra feita com o cartão de crédito deles, aparentemente um anel para outra mulher, fosse coberta.

— Outro dia — sussurrou Grace, lutando para manter não desmoronar —, eu cheguei do trabalho e tive uma estranha sensação de que Dan estava na casa.

— Você trocou as fechaduras, não foi?

— Não. — Maryellen e Kelly a haviam convencido a não fazer isso. Ambas estavam convencidas de que o pai logo retornaria e explicaria tudo. No início, Grace pensara a mesma coisa, mas agora não mais. Não o *queria* de volta. Mas se Dan algum dia voltasse, ela queria ter o prazer de dizer na cara dele que estava se divorciando.

— Você acha que Dan esteve na casa — perguntou Olivia.

— Tenho quase certeza...

— Estava faltando alguma coisa?

Se estivesse, Grace não conseguira descobrir o que era, embora tivesse procurado em cada cômodo da casa. Ela negou com a cabeça.

— Então, como você sabe? — insistiu Olivia.

— Eu senti o cheiro dele.

— O *cheiro* dele?

— Trabalhando com árvores o dia todo, ele normalmente voltava para casa cheirando como uma árvore de Natal recém-cortada. O cheiro estava lá, eu juro, Olivia.

— Não duvido de você.

— Eu não disse nada às meninas. Elas já estão aborrecidas demais com tudo isso.

Olivia sentou-se ao lado dela.

— Você já pensou em falar com Roy McAfee? Ele tem uma excelente reputação.

— Um detetive particular? — Isso soava absurdamente caro e viver com o salário de apenas um já estava bem apertado para o orçamento dela.

— Não vai doer consultá-lo e descobrir quanto ele cobraria para encontrar Dan.

Grace assentiu. Olivia estava certa.

No dia seguinte, Grace agendou um encontro para a tarde com o investigador. Ela já encontrara com Roy algumas vezes e Corrie era uma cliente regular da biblioteca.

Quando Grace chegou, Corrie foi simpática e educada, colocando-a imediatamente à vontade. Ela encaminhou Grace ao escritório do marido e trouxe café para eles, antes de fechar suavemente a porta da sala.

— Então Dan está desaparecido — disse Roy, indo diretamente ao ponto.

Grace seria igualmente direta. Sua paciência com aquela situação já acabara, especialmente depois que soubera do anel.

— Quanto você cobraria para encontrá-lo?

— Depende de quanto tempo eu levar.

Grace baixou os olhos para as mãos cruzadas.

— Não acho que será tão difícil.

— Você tem alguma ideia de onde ele poderia estar — perguntou Roy.

— Não. Mas suspeito que esteja com outra mulher.

Roy assentiu.

— Certo — disse, olhando-a bem nos olhos. — O quanto você quer encontrá-lo?

— Eu não o quero. Quer dizer, não o quero de volta. — A tristeza envolveu-a. — Eu apenas gostaria de vê-lo pelo tempo necessário para empurrar os papéis de divórcio em suas mãos.

Capítulo Onze

HÁ SEMANAS Cecilia temia a chegada daquele dia. Primeiro de maio. Seu aniversário de casamento. Há um ano, naquele mesmo dia, ela e Ian estavam diante do juiz de paz, trocando os votos mais sinceros. Em uma questão de minutos, eles uniram suas vidas para o que ela acreditara ser para sempre.

A gravidez mal começava a aparecer, mas Cecilia sentia-se enjoada demais para usar branco. Ao invés disso, escolheu um adorável vestido rosa pálido e fez, ela mesma, um véu para combinar.

A mãe dela voara de Washington para a cerimônia, mesmo esta tendo sido tão breve, e depois levou os noivos para jantar. Bobby escorregara uma

nota de 50 dólares na mão de Cecilia, Ian insistira para que eles tivessem uma lua-de-mel e, apesar da ausência de dinheiro extra, deu um jeito. Eles passaram dois dias maravilhosos na costa de Washington, na península de Long Beach. Eles passearam pela praia e pelas pequenas cidades históricas da região, como Oysterville e Seaview. À noite, Cecilia e Ian se aconchegavam em frente à lareira no chalé alugado e conversavam sobre o futuro. Fora durante a lua-de-mel que eles haviam decidido os nomes para o bebê que iria nascer, falaram sobre a carreira de Ian na Marinha e sobre o papel de Cecilia como esposa de um militar da Marinha. Ela não entendera tudo o que esse papel demandaria, mas estava disposta a acompanhar o marido até o fim do mundo.

Ela o acompanhara até o fim da sua sanidade. Cecilia não poderia imaginar que dentro de poucos meses, o bebê deles estaria morto. E que toda a alegria e todos os projetos de futuro desapareceriam de sua vida.

Um ano depois, o primeiro de maio era apenas mais um dia como os outros. Nada especial. Nada fora do comum. Tanto quanto possível, ela tentou ignorar o significado do dia, da mesma forma que vinha ignorando Ian.

Eles haviam trocado e-mails por um tempo, até que ela se desse conta da realidade da situação deles. Ainda estavam legalmente unidos, mas não eram mais marido e mulher, apesar do lapso de julgamento dela, quando fizeram amor. A separação deles já durava mais do que durara o próprio casamento. O que ela lhe dissera era verdade, ele merecia ser pai. Mas como Cecilia também escrevera em seu último *e-mail*, Ian precisava aceitar o fato de que ela nunca mais se arriscaria àquele tipo de sofrimento.

O *e-mail* de resposta de Ian sugerira que ela estava exagerando. Disse que eventualmente Cecilia se sentiria diferente, que iria querer ter outro filho. Ele não entendia. E ela não tentara explicar, porque qualquer resposta seria um convite para ele argumentar, e para continuarem se correspondendo. Então, Cecilia parou de trocar e-mails com ele, deixou de ir à biblioteca e de se importar.

Infelizmente, isso não queria dizer que ela conseguira afastar seus pensamentos de Ian. Fora um erro escrever para o marido, um erro envolver-se novamente com ele, mesmo que através de uma série de *e-mails* curtos. Não, sua decisão estava tomada. Assim que tivesse condições financeiras, seguiria adiante com o divórcio. Seria a melhor coisa para ambos. Com o tempo, Ian veria isso e conseguiria perdôá-la.

Depois de chegar a todas essas conclusões, ela guardou o carro dele, recusando-se a dirigi-lo novamente.

Ciente do que o futuro reservava para ela e para Ian, Cecilia não podia permitir que o dia primeiro de maio a distraísse. Naquela manhã, bem cedo, foi para sua aula de álgebra avançada dirigindo o seu próprio carro e determinada a aproveitar o dia o melhor possível. O nível mais adiantado de álgebra era muito mais desafiador do que o primeiro curso que ela fizera. O fato de o professor ser também o sr. Cavanaugh, que havia dado o primeiro, ajudava bastante. Ela gostava muito dele.

Apesar dos seus esforços para se concentrar durante a aula, a mente de Cecilia acabava se dispersando nas mais diversas direções e, finalmente, se fixando exatamente nos pensamentos que ela queria evitar. Ian, seu bebê morto e o desânimo por causa da dificuldade de algum dia vir a se formar,

fazendo apenas uma matéria de cada vez. Quando chegasse a conseguir algum tipo de diploma útil, já estaria velha o bastante para dar entrada na aposentadoria.

Sentindo-se deprimida, ela esperou para falar com o sr. Cavanaugh, depois da aula. Segurando seus livros de encontro ao corpo, ela caminhou até a frente da sala.

— Sim, Cecilia — disse ele, voltando a atenção para ela.

— Eu... Eu pensei que o senhor deveria saber que eu decidi abandonar a aula.

Ele não demonstrou nenhum desapontamento visível.

— Lamento ouvir isso. É por uma razão particular?

Várias, mas nenhuma que ela pudesse mencionar. Balançando a cabeça, ela deu de ombros.

— Eu não sei bem aonde usaria esse conhecimento. Sou recepcionista de um restaurante, não sou do tipo inteligente, que poderia ter uma carreira em matemática.

— O conhecimento nunca é um desperdício. Você tem razão, é claro, pode ser que nunca tenha a oportunidade de usar uma equação de segundo grau, mas há uma certa satisfação em ser capaz de resolver uma. Você não concorda?

— Não sei.

— Entendo. — Ele pegou seus livros, guardou-os dentro da pasta e saiu da sala.

Cecilia caminhou ao lado dele. Uma parte dela havia esperado que ele tentasse convencê-la a não desistir.

- Eu realmente queria agradecer ao senhor.
- E quanto a outra matéria que você estava fazendo? Qual era mesmo?
- Inglês para Negócios.
- Você também pretende abandoná-la?

Ela assentiu, segurando os livros com mais força contra o corpo. A faculdade lhe reembolsaria uma parte da mensalidade se ela cancelasse as matérias antes do final da semana.

- Eu sinto muito, Cecilia.
- Eu também — sussurrou ela, sentindo-se ainda mais miserável.
- Aguarde até o final da semana, está bem?

— Está certo — concordou Cecilia. Mas ela já estava decidida. Usaria o dinheiro das aulas para pagar o custo de uma nova reunião com Allan Harris. Ela diria a ele para tentar conseguir que o acordo pré-nupcial fosse revogado. O advogado mencionara que eles poderiam apelar da decisão da juíza Lockhart e, com Ian no mar, essa era a sua única opção.

Depois das aulas, Cecilia dirigiu sua lata-velha de volta para o apartamento, esperando tirar um cochilo antes de sair para o trabalho. Normalmente, ela começaria o seu dever de casa, dedicando-se a ele com entusiasmo. Mas não faria isso hoje. Não quando o mais provável era que não retornasse mais a Olympic College depois da próxima sexta-feira.

A luz da secretária eletrônica estava piscando. Sem muita vontade, Cecilia apertou o botão para ouvir as mensagens.

"É a Cathy", disse a voz animada da amiga. "Estou reunindo um grupo para jantar esta noite. Está interessada? Vai ser na minha casa, no esquema de

cada um traz um prato. Espero que você venha. Me ligue de qualquer modo. Eu realmente adoraria que viesse."

Cathy se tornara uma amiga, uma *boa* amiga, e elas haviam combinado de se ver toda semana. Às vezes junto com outras esposas de militares da Marinha, mas, na maioria das vezes, só as duas. Elas exploravam liquidações de garagem, iam ao cinema de vez em quando, se encontravam para o *brunch* de domingo.

Mas Cecilia não poderia ir àquela noite, porque estava escalada para o turno do jantar no restaurante. Cathy sabia os seus horários e a convidara mesmo assim, insistindo em incluí-la. Cecilia detestava ter que recusar, mas era óbvio que não poderia deixar de trabalhar.

Cathy atendeu imediatamente o telefone.

— Cecilia — ela gritou, parecendo realmente satisfeita em ouvir a amiga.

— Diga que vem!

— Eu não posso.

— Mas não será a mesma coisa sem você.

— Eu estarei trabalhando e já é tarde demais para encontrar alguém para me substituir. — Isso era a mais pura verdade.

Cathy suspirou alto, desapontada.

— Talvez nós todas possamos descer para encontrá-la. Você conhece o velho ditado, se Maomé não vai à montanha... — Ela não terminou a citação, mas riu corno se tivesse dito alguma coisa inteligente.

Cecilia não a acompanhou nas risadas.

— Talvez em uma próxima vez — disse em uma voz apagada.

Cathy hesitou.

— Está tudo bem? Não, nem precisa responder. Tenho certeza que não está. O que há de errado?

Ao invés de contar a Cathy toda a verdade, ela optou pela versão resumida.

— Estou abandonando a faculdade.

— Você não pode! Adora as suas aulas.

— Preciso do dinheiro.

— Eu lhe faço um empréstimo.

Cecilia ficou chocada que uma amiga de tão pouco tempo fizesse uma oferta como essa.

— Mas você também não tem dinheiro.

— Não, mas posso conseguir algum... eu acho. Não se preocupe, se nada der certo, eu "passarei o chapéu" quando vir o resto das mulheres hoje à noite. Temos que nos manter unidas, sabia? Se não pudermos dar suporte emocional umas às outras, quem dará? Com nossos homens no mar, só temos a nós mesmas.

O humor de Cecilia imediatamente melhorou. Mas isso era inevitável quando se tratava de Cathy. O otimismo e a generosidade da amiga sempre faziam a vida parecer mais promissora, de algum modo.

— Voltarei a falar com você — disse Cecilia. E, então, apesar de tudo, sentou-se com seu livro de Álgebra e começou a trabalhar nos seus deveres de casa. Quando percebeu já passara da hora de sair para o trabalho. Ela apressou-se pelo apartamento, mudando de roupa e apressando-se para sair. Chegou ao The Captain's Galley bem na hora em que começava o seu turno.

Como sempre, Cecilia esticou a cabeça pela porta do bar para dar um "alô" para o pai.

Quando a viu, ele levantou uma das mãos e cumprimentou-a:

— Como vai?

— Bem. — Não adiantaria nada explicar a sua depressão para ele. O pai não saberia do que dizer se ela fizesse isso.

— Fico feliz por isso.

— Sim, certo — ela resmungou baixinho.

Cecilia não estava nem há uma hora no trabalho, quando um entregador chegou com um enorme buquê de flores. Margaridas amarelas, as suas favoritas, grandes tulipas cor-de-rosa e muitas outras.

— Estou procurando por Cecilia Randall — disse ele, lendo a nota fiscal.

Pega de surpresa, Cecilia não conseguiu dizer nada por um momento.

— Há alguma sra. Randall aqui? — ele perguntou, olhando-a carrancudo.

— Eu sou Cecilia Randall.

O jovem, provavelmente um estudante da escola secundária, colocou o vaso cheio de flores nos braços dela e se foi. Ela não precisava abrir o papel celofane e ler o cartão para saber que eram de Ian. Esse era bem o tipo de golpe baixo que ele daria para que ela se sentisse culpada. Muito bem, maldição, não iria funcionar. Ela se recusava a permitir que funcionasse.

Apoiando as flores perto da caixa registradora, ela removeu o celofane e jogou-o na lata de lixo. Então, pegou o cartão e leu:

Feliz Primeiro Aniversário

Eu te amo

Ian

O estômago dela se revolveu e Cecilia teve medo de passar mal. Mordendo o lábio inferior, esperou que a sensação passasse.

— Para quem são as flores? — perguntou o pai, curioso, entrando no restaurante.

Cecilia não respondeu de imediato.

— Para mim, de Ian — sussurrou por fim.

— É mesmo? Alguma razão especial?

Ela assentiu.

— Hoje... seria o nosso aniversário.

— Oh.

As lágrimas escorriam pelo rosto dela. Quando o pai percebeu que ela chorava, virou-se e voltou para o bar.

* * *

JUSTINE TOMOU um gole do seu vinho e fingiu que escutava atentamente, enquanto Warren tagarelava. Ela perdera o fio da meada do que ele estava falando, mas, também, não era esperado que ela respondesse. Qualquer comentário, além de elogios e da típica tagarelice social, não era bem vindo. Justine conhecia bem o seu papel de acessório social. Isso não a incomodara no passado e não chegava a incomodá-la realmente agora. Ela entendia Warren, entendia os termos do arranjo entre eles.

— Mais vinho? — perguntou ele, pegando a garrafa para encher novamente as taças.

O jantar naquele restaurante cinco estrelas de Seattle era para comemorar algum contrato multimilionário que Warren conseguira. Esse tipo de comemoração acontecia a cada dois ou três meses.

— Bem — disse ele, olhando com expectativa para ela. — O que você acha?

— O que eu acho? — Warren não saía com ela por causa do seu cérebro e não estava realmente interessado em suas opiniões. Eles nunca falavam sobre o trabalho *dela*. Na verdade, ele evitava negociar com o banco onde Justine trabalhava.

Warren piscou, irritado.

— Justine, você não estava ouvindo?

— Eu...Eu acho que foi o vinho. Eu meio que cochilei. Sinto muito, querido, o que você estava dizendo. — Confessar que estava pensando em outro homem não seria uma boa ideia para reconquistar a simpatia dele.

Seth Gunderson ocupava seus pensamentos dia e noite, mas ela teria que ser uma completa idiota para trocar Warren por um homem que vivia em um veleiro. Seth a enfurecia. Ele poderia ter dormido com ela. E teria se Justine pudesse ter decidido a respeito. Toda vez que pensava sobre aquela noite, sentia-se tão zangada e humilhada, que tinha vontade de bater com a cabeça na parede. Idiota! Idiota! Idiota!

Na sua fraqueza, o encorajara, e isso fora um erro terrível. Seth acreditara que ela estava deixando Warren para ficar com ele. Mas ela não poderia. Warren precisava dela e, à sua maneira, Justine também precisava dele.

— Eu estava falando sobre nós — repetiu ele.

A conversa estava prestes a tornar-se desagradável, Justine podia sentir isso.

— Oh, Warren, você acha mesmo que esse é o melhor momento? — perguntou ela com um biquinho charmoso.

— Sim. Essa é uma noite de comemoração.

— Estou tão orgulhosa de você.

Ele ofereceu-lhe um sorriso luminoso, inclinou-se por sobre a mesa e entrelaçou as mãos com as dela. Acariciando as costas da mão dela com o polegar, ele capturou o olhar dela no seu.

— Você sabe como eu me sinto a seu respeito.

Ela realmente sabia. Justine podia ser muitas coisas, mas não era estúpida.

— Venha morar comigo.

— Oh, Warren. — Duas ou três vezes por ano ele a pressionava para tomar uma decisão. Até agora, ela conseguira manejar as coisas e sempre mudava de assunto, adulando-o e afastando-a da ideia de "dar o próximo passo". Sair com Warren era uma coisa, viver com ele era outra completamente diferente. Ela nunca tivera intenção de que essa relação chegasse tão longe.

— Antes de você responder — disse ele —, dê uma olhada nisso.

Ele desviou o olhar do dela apenas pelo tempo necessário para colocar a mão no bolso e pegar um estojo de veludo de uma joalheria.

— Warren?

Então, ele pretendia aumentar a pressão. Não importava. Ela não tinha intenção de abrir mão da sua liberdade, não importava o que ele oferecesse.

— Antes de eu lhe mostrar isso, deixe-me explicar. — Ele pegou a mão dela novamente, os olhos sérios, e baixou o olhar para a mesa. — Você nunca pediu por mais do que eu podia dar — murmurou.

Ele estava se referindo ao fato de ela aceitar a incapacidade dele de ter relações sexuais. Justine realmente não se importava. Até preferia a ausência de relações físicas. Ela guardava isso em segredo. Devia isso a ele. Suspeitava que muito poucas pessoas sabiam dos problemas de Warren. E, aparentemente, eles eram de um tipo que o comprimidinho azul para potência masculina não ajudava.

— Eu gosto da minha liberdade — ela lembrou-o, com doçura, sem querer ofendê-lo.

— Você pode ter sua liberdade, meu bem.

— Não seria a mesma coisa.

— Claro que seria — argumentou ele. — Na verdade, você pode ter até o seu próprio quarto se quiser.

Warren já sugerira isso na última vez em que trouxera o assunto à baila. Justine não se interessara na época e não se interessava agora.

— É por causa da sua mãe, não é? — ele perguntou.

— Não é isso. — Ela sabia que seria fácil jogar a culpa no colo da mãe. Olivia era juíza, um membro importante da comunidade, mas Justine pensava por sua própria cabeça. O que fazia da sua vida não era um reflexo da carreira da mãe.

— Você está me rejeitando? — Ele usou aquela expressão de menininho, que provavelmente fora muito atraente há 20 anos, mas que na idade dele apenas o fazia parecer patético.

— Eu sinto muito. Você sabe que eu nunca faria nada para lhe magoar.

— Está bem. — Ele deu um sorriso largo e abriu a tampa do estojo de veludo.

Justine ofegou. Era um anel com o maior diamante que ela já vira na vida. Devia ter uns três ou quatro quilates. Ela colocou a mão na boca, sem palavras.

— É uma beleza, não é?

Ela só conseguiu balançar a cabeça, assentindo.

— Quero que nos casemos, Justine. E esse é o seu anel de noivado.

— Casar? — O salão começou a girar e ela sentiu-se um pouco tonta.

— Você é uma mulher linda. E tem classe. Gosto quando os outros homens me vêem com você. Fazemos um bom casal, menina.

Justine encarou-o. A insensibilidade dele era quase risível. Warren estava tentando persuadi-la a se tornar sua esposa, dizendo-lhe o quanto ela melhorava a imagem dele. *Isso* deveria convencê-la a casar com ele.

— Você me disse uma vez que não queria formar uma família — disse ele.

— E não quero.

— Bem, então isso funcionaria para nós dois.

Justine engoliu com dificuldade.

Ele relanceou o olhar pelo restaurante e baixou a voz.

— Se você quiser manter camas separadas depois de nos casarmos, para mim está bem.

— Oh, Warren.

— Pense sobre isso — disse ele. — Pegue o anel. Experimente-o.

Ela fez o que ele lhe pedia, apenas porque queria ver como um diamante de quatro quilates ficava em seu dedo. Um homem com inclinações românticas teria aproveitado a oportunidade para colocar, ele mesmo, o anel no dedo dela. Seth teria feito isso, ela tinha certeza, mas não havia possibilidade de que ele pudesse pagar por um diamante daquele tamanho... agora ou em qualquer momento da vida dele.

O anel escorregou pelo dedo de Justine como se houvesse sido desenhado para ela. Era a peça de joalheria mais fabulosa que ela jamais vira.

— Use-o por enquanto — instou-a Warren. — Está no seguro.

Justine olhou bem para o diamante e, relutantemente, tirou-o do dedo.

— Vou pensar seriamente sobre a sua proposta — disse ela. E estava falando a verdade.

— Escute, se são os seus pais que a preocupam, eu falarei com eles.

— Eu tomo as minhas próprias decisões, Warren. — Ela estremeceu diante da ideia de Warren confrontando os seus pais. Não seria um encontro de mentes, isso ela podia garantir.

— Quando você terá uma resposta para me dar? — perguntou ele, sempre o homem de negócios. Ele não permitiria que ela o mantivesse em suspense por muito tempo.

— Na próxima semana — respondeu Justine. Mesmo se ela rejeitasse a proposta, nada mudaria na relação deles. Warren sabia disso e ela também.

* * *

SETH TELEFONOU, do Alasca, na noite seguinte. Ela não deveria ter ficado surpresa. Seth sempre parecia adivinhar o momento em que ela menos queria falar com ele.

— Oi — disse. A voz clara soou como se ele estivesse do outro lado da rua, e não a milhares de quilômetros ao norte.

— Olá Seth.

Houve uma pequena pausa depois do cumprimento dela.

— Você não parece feliz em me ouvir.

— E não estou.

— Alguma razão para isso?

Justine fechou os olhos e suspirou. Era melhor que contasse logo a ele. Quanto antes Seth soubesse, melhor. Para ambos.

— Warren me pediu em casamento ontem à noite.

Outra breve hesitação, e, então:

— Você aceitou o pedido?

— Ainda não.

— Tem a intenção?

Ela não tinha, mas deixar que Seth pensasse o contrário era uma forma segura de tirá-lo da sua vida.

— Eu não sei.

— E *quando* saberá?

— Logo.

Ele não argumentou com ela, ou tentou persuadi-la a rejeitar o outro homem. Nem disse que ela seria uma tola se concordasse em se casar com Warren. Ao invés disso, perguntou:

— Você o ama? — Seth manteve o tom de uma conversa normal, como se a resposta dela fosse indiferente para ele.

— Eu também ainda não decidi isso. — Justine sentia carinho por Warren, mas, se comparado ao fogo que vinha à tona cada vez que ela estava com Seth, *carinho* era uma emoção muito branda.

— Você está esperando que eu tome a decisão no seu lugar? — ele perguntou.

— Não seja ridículo.

— Mas é isso o que está me parecendo.

Ela suspirou alto.

— Eu só mencionei isso porque pensei que você deveria saber.

Ele riu baixinho, irritando-a ainda mais.

— O que foi agora?

— Você disse ao seu namorado como praticamente me arrastou para a sua cama?

Aquele era um golpe baixo, e Justine não tinha a menor intenção de responder.

— Warren sabe sobre você. — Ela não estava totalmente certa de se isso era verdade, mas tinha suas suspeitas. Muito provavelmente, fora vista com Seth e isso incentivara Warren a pedi-la em casamento.

— Aposto que sabe. — A irritação de Seth desapareceu tão rápido como havia aparecido.

— Bem — disse ele, aparentemente aborrecido com o assunto. — Acho que você tem uma importante decisão a tomar.

— Você está certo, tenho mesmo.

— Ligue-me quando chegar a uma conclusão.

Justine percebeu que ele estava prestes a desligar e, perversamente, não queria que a conversa acabasse, não daquele jeito. Mas, ainda assim, ela não pôde fazer outra coisa além de concordar.

— Está bem — sussurrou ela, sentindo-se infeliz e furiosa ao mesmo tempo.

— Mas, pensando melhor — disse ele, e ela quase podia ouvir o seu desdém —, não se incomode. Nós dois sabemos o que você vai fazer.

Dito isto, ele desligou. Justine ficou segurando o fone, que zumbia insistentemente em seu ouvido.

* * *

O SOL se refletia nas águas verde-claras do Puget Sound, o braço de mar por onde a barca passava depois de sair do porto de Bremerton e navegar lentamente através da Rich Passage em sua jornada de uma hora até Seattle. Parada na amurada, com o vento desmanchando seus cabelos negros e inspirando o cheiro salgado de mar, Olivia virou-se para Jack e sorriu.

— Que linda tarde!

— Ei! — brincou ele. — Eu a encomendei, especialmente para hoje.

Ela revirou os olhos.

— Não estou brincando — insistiu ele, com um olhar tão sério, que ela quase gargalhou abertamente. — Eu disse "Deus, tenho um encontro importante na tarde de domingo e apreciaria uma pequena cooperação da sua parte no departamento do tempo".

— Você falou assim mesmo, não foi?

— Foi, sim.

Olivia virou-se para a amurada e apoiou-se nos cotovelos enquanto esperava impacientemente para ver um relance de Seattle no horizonte. O filho de Jack, Eric, iria pegá-los na estação da barca e os três jantariam á beira-mar. Esta seria a primeira vez que Olivia encontraria com Eric, e Jack parecia ainda mais nervoso a respeito do que ela.

— Eu tirei algumas férias nos últimos anos. — Olivia começou a contar a ele. — E viajei por alguns países diferentes, mas nunca encontrei nenhum lugar tão bonito quanto Seattle quando o sol está brilhando.

— É exuberante e verde, tudo bem — disse Jack, resmungando —, mas isso depois de três meses de garoa e chuva.

— Está na hora de você se sentar sob a "luz feliz"? — perguntou ela, falando do jeito que fazia com os seus próprios filhos quando eles eram pequenos. Sempre que o dia estava sombrio e chuvoso, e eles começavam a discutir e a reclamar porque não podiam brincar do lado de fora, Olivia os fazia sentar sob a luz de uma lâmpada para lerem. James havia batizado aquilo de "luz feliz", porque percebeu que, até que ele sorrisse, ela não o deixaria levantar da cadeira.

— Luz feliz?

Ela explicou a ele o que era e eles fizeram piadas a respeito por um bom tempo. Quando ficaram em silêncio, ela notou o quanto Jack parecia tenso. Ele a deixara na amurada e ficara caminhando de um lado para o outro, por toda a extensão da barca, bebera três xícaras de café e ficara inquieto durante todo o percurso da península de Kitsap até a baía Elliot.

Olivia reconheceu Eric assim que o viu. Era alto como o pai, com uma constituição atlética e, exceto pela escolha das roupas, ambos se pareciam muito.

— Olá Eric — disse Olivia, estendendo a mão.

— Essa é Olivia Lockhart — apresentou-a Jack, esticando o braço na direção dela.

Pai e filho não se abraçaram ou trocaram apertos de mão. Como Stan era muito expansivo, ela estranhou.

— Como foi a viagem de barca? — perguntou Eric quando eles começaram a andar pela orla marítima.

— Ótima! — disse Jack com entusiasmo, como se eles houvessem acabado de descer de um navio de cruzeiro, ao invés de terem feito apenas a travessia do Puget Sound.

— Está com fome? — Foi a próxima pergunta de Eric.

— Faminto.

Olivia relanceou o olhar para pai e filho, surpresa pelo desconforto que continuava a perceber entre eles.

Eric lhes disse que escolhera um restaurante antes de eles chegarem e fizera reservas.

— Espero que você goste de caranguejo — disse ele, indicando o caminho.

— Adoro — assegurou-lhe Olivia.

Eric virou-se para o pai.

— Por mim, tudo bem — murmurou Jack. Aparentemente, Eric não estava muito familiarizado com os gostos do pai. E isso também era estranho. O restaurante que Eric escolhera era especializado em caranguejo cozido na hora, comido em mesas forradas com jornal. Cada freguês recebia um martelo de madeira e um babador. Quando terminaram de quebrar a casca fumegante dos caranguejos Dungeness e começaram a mergulhar os pedaços em manteiga derretida, a conversa já fluía solta entre eles, com algumas risadas pontuando os assuntos.

Toda a refeição foi maravilhosa. Depois de se lavarem, Eric os acompanhou-os de volta à barca. Mais uma vez ele pareceu um tanto formal, e a conversa, que fluíra tão bem durante o almoço, de repente pareceu artificial. As mãos de Jack estavam enterradas nos bolsos da capa.

— Eu gostei muito — declarou Eric. Era imaginação de Olivia, ou o rapaz parecera um pouco chocado com essa revelação?

— Eu também, muito — disse Jack.

Eric não disse nada por algum tempo.

— Vocês gostariam de marcar de nos encontrarmos novamente um dia desses?

— Eu gostaria muito — respondeu Jack solenemente.

— Eu também.

Eric deu um sorriso charmoso para Olivia.

— Foi muito bom conhecê-la.

— Também gostei muito de conhecê-lo, Eric.

Os carros começaram a sair da barca para Bremerton e era hora de eles subirem a bordo.

— Eu mantereí contato — disse Jack, conduzindo Olivia através do terminal até o guichê para passageiros que estavam a pé.

Eric levantou uma das mãos em despedida e se foi, afastando-se devagar.

Jack comprou as passagens e disse, quando entraram na barca:

— Muito bom.

Ela podia sentir o alívio na voz dele e achou a sua reação, na verdade todo o comportamento dele no que se referia ao filho, um tanto enigmática. Ainda pensando sobre isso, acompanhou-o quando ele subiu os degraus até o deque principal. Jack apressou-se à frente dela em direção à amurada traseira e ficou de pé ali, com o vento batendo no rosto, enquanto olhava na direção do cais em Seattle.

— Lá está ele — chamou Jack. Ele colocou o dedo entre os lábios e assoviou.

Eric sobressaltou-se, olhou em volta, os viu e acenou mais uma vez.

— Ele é um jovem muito bem ajustado — murmurou Olivia.

— O crédito por isso é da mãe dele.

— Você não fez parte da vida de Eric quando ele era mais jovem? — Isso explicaria aquele desconforto entre eles.

— Eu estava por perto, mas... Eu não era bem um pai.

Olivia achou que entendia o que ele estava dizendo. Entre a faculdade de direito e todo o resto que enchia os seus dias nos primeiros anos de vida dos

seus filhos, Olivia sofreu com a sua parcela de arrependimentos. Ela ansiara por ser uma boa mãe, ainda ansiava, mas não havia horas o bastante em um dia.

— Tenho orgulho de ser pai dele.

Esse era, provavelmente, o maior elogio que um pai poderia fazer ao seu filho, mas, infelizmente, Eric não estava lá para ouvir.

— Vocês se vêem com frequência — perguntou ela, tentando ter uma ideia de como era a relação deles.

— Nós tentamos. — Foi tudo o que Jack admitiu. — No entanto, nós temos um monte de questões... — ele fez uma careta diante da palavra — ...que ainda precisamos trabalhar.

Ela sorriu diante da aversão dele ao que chamava de psicologismo barato. Jack lhe dissera mais de uma vez que preferia falar francamente.

— Mas você e Eric estão se esforçando — disse ela calmamente.

Jack assentiu.

— Sim, nós estamos. — Então, como se procurando uma maneira de deixar de ser o tema da conversa, ele perguntou: — Alguma notícia de Justine.

Olivia teve vontade de gemer alto. A filha era a sua principal fonte de preocupação naqueles dias. Embora Justine não tivesse comentado nada com Olivia, os comentários sobre ela e Seth Gunderson haviam corrido a cidade. Olivia ficara eufórica. Seth era exatamente o tipo de homem que ela imaginava para a filha cabeça dura.

Então, Seth partira para o Alasca e, de repente, a fofoca pela cidade passara a ser o fato de Warren Saget ter encomendado um enorme anel de

diamante na Berghoff Joalheiros. Warren escolhera de propósito um joalheiro local, e Olivia sabia o porquê disso. Ele queria que ela soubesse. Covarde como era, Warren Saget não tinha coragem de confrontar Olivia cara a cara. Por isso, deixara a cargo dos fofoqueiros de plantão a divulgação de suas intenções.

— Você ouviu os comentários pela cidade? — perguntou Olivia.

Jack deu de ombros, com indiferença.

— Ela disse sim?

— Não tenho a menor ideia. — Doía admitir que a sua única filha nem mesmo conversara com a mãe sobre a proposta de casamento que recebera.

— O que você vai fazer se ela disser que sim? — perguntou Jack, observando-a atentamente.

— Fazer? — Como se ela tivesse escolha. — O que eu posso fazer? Vou ter que engolir, mas vai ser difícil chamar Warren de meu genro, principalmente porque temos quase a mesma idade.

— Seth Gunderson está ciente da... proposta?

Esse era o grande mistério do momento.

— Quisera eu saber...

— Você está preocupada?

— Apavorada — disse ela, com a cara fechada.

Jack passou o braço em torno dos ombros dela.

— Tudo vai dar certo. Apenas espere para ver.

Olivia tentou pensar positivamente, mas se pegou imaginando se Jack estava se referindo à situação dela, ou a dele mesmo.

Capítulo Doze

CHARLOTTE ACREDITAVA de todo coração que Tom Hearing lhe havia confiado as suas lembranças mais preciosas por alguma razão. Ela iria encontrar um herdeiro ou, caso não conseguisse, se certificaria de que aquelas coisas fossem devidamente expostas em um museu. Essa era uma tarefa que estava levando muito a sério. Tão a sério que se pegara, inclusive, flertando com a ideia de violar a lei.

Passara dias meditando sobre o que fazer. Como Tom estava sob a custódia do Estado, o maior medo de Charlotte era de que a sela, os revólveres, o pôster e os *scripts* da série de TV fossem confiscados e vendidos em leilão, a fim de reembolsar o dinheiro gasto com o tratamento dele. De acordo com a legislação do estado de Washington, Tom só teria permissão para possuir um patrimônio de até duzentos dólares. Ao menos, era isso que Olivia lhe explicara.

— O Estado pode levar tudo isso embora? — ela perguntara a filha no dia em que fizeram a descoberta.

— Bem...

Charlotte sabia o que aquele "bem" significava e, apesar do risco, resolveu agir pelas costas da filha. E do Estado... Caso isso significasse ir parar atrás das grades, que assim fosse.

Desde então, Olivia estivera ocupada com questões dos tribunais, mas a honestidade inata de Charlotte tornara impossível para ela não contar a filha o que fizera. Decidiu, então, visitar a sala da juíza na hora do almoço. Não era provável que Olivia mandasse prender a própria mãe.

Charlotte espiou para dentro da sala e foi imediatamente recepcionada pelo cheiro de livros antigos e de óleo de limão. Levantando os olhos da mesa, Olivia franziu o cenho.

— Olá, mamãe.

— Você tem um minuto?

Olivia estava entregue aos próprios pensamentos e demorou um momento para responder.

— Caso você esteja ocupada, quero apenas que você saiba que eu voltei no guarda-móveis de Tom e peguei algumas das coisas dele. Eu não podia adiar nem mais um minuto. Janet queria a chave.

— Mamãe! — gritou Olivia, cobrindo os ouvidos. A filha sempre tivera um certo talento dramático. — Não me *diga* isso!

— Eles estão sob os meus cuidados. Nós duas sabemos o que aconteceria assim que o Serviço Social descobrisse que Tom possuía alguma coisa de valor. — Charlotte simplesmente não podia permitir que isso acontecesse.

Olivia ficou de pé, encarando a mãe e, então, subitamente sentou-se. Ela suspirou.

— Bem... há uma possibilidade, por mais frágil que seja, de argumentar-se que os itens não possuíam nenhum valor real antes da morte dele.

Isso soava como um argumento típico de um advogado, mas, ainda assim, era... uma excelente justificativa, pensou Charlotte, assentindo

satisfeita. De qualquer modo, não era como se Charlotte houvesse esvaziado o guarda-móveis. Ela deixara a mobília, dilapidada e gasta, mas ainda utilizável. Pegara apenas o que sentia que Tom desejara que fosse salvo da obscuridade. Somente as coisas que deveriam ir para a família dele. Caso ela pudesse encontrar alguém.

— Não se preocupe — disse Charlotte. — Tenho tudo sob controle. — Preocupava-a que Olivia tivesse tão pouco a dizer. Talvez houvesse mais implicações legais do que ela compreendera, leis inteiras que nem sabia que estava desrespeitando.

— A senhora ter tudo sob controle é exatamente o que me assusta — disse Olivia, insolente. Charlotte relevou.

— A senhora localizou algum membro da família?

— Não, ainda não, mas eu irei. Eu...

— Oh, mamãe, é uma responsabilidade enorme.

Como se Charlotte precisasse ser lembrada disso.

— Eu sinto que é o meu dever. — Aprumando-se, ela decidiu que deveria aproveitar para confessar tudo. — Queria que você soubesse que eu contratei Roy McAfee para procurar qualquer herdeiro que Tom possa ter.

— A senhora fez o quê?

Como sabia que a filha não tinha nenhum problema de audição, Charlotte deixou a pergunta sem resposta.

Olivia suspirou novamente.

— O que Roy lhe disse?

Os dedos de Charlotte apertaram-se em torno da bolsa, que estava apoiada em seus joelhos.

— Eu ainda não cheguei a falar com ele, realmente. Quando telefonei para marcar um encontro, Corrie e eu conversamos. Expliquei a ela o motivo pelo qual preciso da ajuda de Roy. Vou vê-lo esta tarde.

— Mamãe, *por favor*, não diga a mais ninguém o que fez.

— Ah, não se preocupe, não mencionarei que você foi comigo naquela primeira vez.

Olivia gemeu.

— Isso seria bom.

— Você quer que eu a avise sobre o que Roy descobrir? — Charlotte tinha a impressão de que Olivia iria preferir não ser informada. Do jeito que a mente dela estava completamente envolvida com legalidades, provavelmente seria melhor assim. Charlotte já se surpreendera várias vezes com a frequência com que a Justiça ignorava o senso comum.

— Não se preocupe — disse ela, levantando-se. — Informarei tudo a você depois.

Olivia pareceu francamente aliviada.

— Está certo, obrigada.

Com o seu curso de ação já determinado, Charlotte saiu do tribunal. Troy Davis acenou para ela, que rapidamente desviou o olhar, certa de que o chefe de polícia adivinharia que ela era uma criminosa em fuga. Felizmente, ele não adivinhou e apenas passou por ela. Era mesmo incrível como as pessoas culpadas não tinham seus segredos estampados no rosto.

Algumas horas depois, naquela mesma tarde, Charlotte chegou ao escritório de Roy McAfee cerca de 30 minutos antes da hora marcada. Ela estava com seu trabalho de tricô na bolsa e sentou-se na sala de espera, as

agulhas batendo uma na outra em um ritmo furioso. Praticar atividades ilegais era uma coisa, mas confessá-las a um policial aposentado...Bem, isso realmente estava mexendo com os nervos dela.

Corrie estava ocupada ao telefone e desculpou-se quando terminou a ligação.

— Roy só estará de volta daqui a uns vinte minutos.

— Oh, está bem. Eu estou adiantada — respondeu Charlotte. Olivia a protegeria do longo braço da lei, ou pelo menos ela pensava que sim, mas não tinha garantias quanto a Roy. Mas, tudo bem. Sua determinação lhe dava forças, embora ela não chegasse a apreciar a possibilidade de ser presa.

— Bobagem — resmungou Charlotte. Esta era uma chance que ela não podia deixar escapar.

Corrie levantou os olhos.

— O que disse?

— Nada. — respondeu Charlotte com um suspiro. Roy chegou cinco minutos depois da hora combinada e, então, Charlotte já se entregara a um frenesi de preocupação.

Corrie estava ciente da razão da visita, mas Charlotte evitara responder às perguntas dela. Preferia conversar sozinha com Roy.

Cerca de um minuto depois, Corrie anunciou que ele estava pronto para recebê-la. Guardando seu material de tricô na bolsa, Charlotte levantou-se.

Roy estava sentado atrás de uma mesa grande de carvalho, coberta por pastas. O computador fora afastado para o lado e as pastas que não estavam sobre a mesa dele, estavam empilhadas no chão, ao seu redor. Charlotte não

tinha ideia de que um investigador particular poderia ser tão ocupado, ainda mais em uma cidade do tamanho de Cedar Cove.

— O que eu posso fazer por você? — perguntou Roy em um tom de voz animado e profissional.

Agora que estava ali, ela não sabia bem por onde começar. Mas *não* começaria confessando que recentemente cometera um crime, se é que fora isso mesmo o que fizera.

— Você alguma vez assistiu ao shows de cowboys aos sábados, quando era criança?

Roy deu uma risada.

— Pode apostar que sim. — Ele levantou o dedo indicador e soprou-lhe a ponta, como se fosse o cano fumegante de um revólver.

— Lembra-se de Tom Houston? — Foi a próxima pergunta dela.

— The Yodeling Cowboy?

Charlotte animou-se.

— Sim. Bem, você vai ficar surpreso em saber que, até a sua morte no mês passado, Tom vivia bem aqui, em Cedar Cove.

Roy inclinou-se para frente, com os olhos arregalados.

— Você está brincando?

— É verdade — disse ela, radiante de orgulho por ter sabido disso antes de qualquer outra pessoa. — Nós éramos bons amigos.

— Você e Tom Houston? — Roy parecia impressionado.

— Bem... — Ela deu um suspiro profundo. — Naquela época, eu não sabia que ele era Tom Houston. Ele era conhecido pelo nome de Tom Harding. — Ela explicou as circunstâncias que levaram ao encontro deles e

tudo o que acontecera desde a sua morte. Incluindo sua incursão ao guarda-móveis.

— Você tem toda a memorabilia dele em sua casa, hoje?

— Sim. — Charlotte evitou mencionar o nome de Olivia, mas pôde perceber que Roy tinha várias perguntas a fazer. — Eu sei que o que fiz é muito próximo de um ato de desobediência civil. — começou ela.

— Não exatamente.

Charlotte tinha dificuldades para lembrar todos aqueles sofisticados termos legais.

— Mas...— Então, ela decidiu que se *ele* não estava preocupado com a ilegalidade das suas atividades, ela também não se preocuparia.

— O que gostaria que eu fizesse? — perguntou Roy.

Charlotte achou isso seria óbvio.

— Eu preciso que você descubra se Tom tem algum herdeiro vivo. Pode fazer isso por mim?

Roy não hesitou.

— Estou certo que sim. Você viu algo nas coisas de Tom que pudesse conter o seu número do seguro social?

— Não, mas posso conseguir isso. — Janet Lester certamente tinha essa informação na papelada que acumulara sobre Tom. Ela franziu o cenho, imaginando exatamente como perguntar. Por mais que gostasse da assistente social e confiasse nela, Charlotte não queria contar nada disso a Janet, incluindo o fato de que retirara coisas do guarda-móveis. Não havia necessidade de arrastar as amigas para a cadeia com ela, caso isso viesse a acontecer.

— Mais alguém sabe da verdadeira identidade de Tom?

— Apenas Olivia.

Roy assentiu, aprovando.

— Mantenha as coisas dessa forma até ter notícias minhas. Não seria fácil ficar quieta a respeito de tudo isso, mas Charlotte temia que, caso a história se tornasse pública, parentes há muito perdidos iriam surgir sabe-se lá de onde, ansiosos para reclamar a herança.

— Quanto tempo levará? — perguntou Charlotte. Agora que contratara Roy oficialmente, estava pronta para os resultados.

— Não posso lhe prometer uma data limite — disse-lhe Roy. — Se quiser marcar um novo encontro para daqui a duas semanas, eu lhe darei um relatório dos meus progressos.

— Você não pode simplesmente procurar no computador? — perguntou ela, apontando para o monitor perto dele.

— É por aí que vou começar.

Charlotte tivera aulas básicas de computação no último verão. Usando o antigo computador de Olivia, ela digitara as colunas para Jack, porque ele insistira nisso. Mas a melhor parte do computador eram os jogos, embora o aparelho tornasse impossível trapacear. Qual era a graça disso?

Ela planejava comprar um novo computador, logo, com o dinheiro que recebera por suas contribuições para a Página da Terceira Idade. Já estava com um monte de ideias para futuras colunas. Aliás, assim que todo esse assunto estivesse acertado, ela pretendia até mesmo escrever sobre o seu encontro com Tom...

— Duas semanas, então? — perguntou Roy.

— Vou esperar ansiosa — ela respondeu.

Quando Charlotte saiu, foi como se um grande peso tivesse sido retirado dos seus ombros.

* * *

Cathy riu da imitação que Cecilia fez de uma cabeleireira atrapalhada. Ela estava na casa da amiga que a estava ajudando, naquela quarta-feira chuvosa, a fazer luzes no cabelo com um produto do tipo "faça você mesmo". Desde aquela primeira noite de vídeo com pipoca, elas já haviam encontrado diversos motivos para estarem juntas com frequência. Nenhuma das duas tinha muito dinheiro para gastar, então, elas se revezavam convidando-se para vários tipos de programas baratos, como filmes ou jantares.

Aos poucos, Cathy incluíra Cecilia no grupo de outras esposas de militares da Marinha. Na noite do aniversário de casamento dela, o grupo todo aparecera no The Captain's Galley. No último fim de semana, Cecilia encontrara-se com Carol Greendale, outra esposa da Marinha que tivera uma filha no mesmo mês em que nascera Allison. Ela achou difícil, muito difícil, ver Carol com o bebê. Até tentou arrumar desculpas para ir embora, mas apesar dos seus vagos protestos, Cathy conseguira convencê-la, pacientemente, a ficar. No final, Cecilia ficou grata por isso.

Cathy foi ao banheiro para lavar o cabelo, enquanto Cecilia lia as instruções de uso na embalagem.

— Você trouxe uma agulha de crochê? — ela perguntou quando Cathy saiu do banheiro com uma toalha amarrada na cabeça.

— Não. Vamos precisar de uma?

Cecilia não tinha certeza se o pequeno gancho de plástico incluído no kit iria funcionar bem.

— Não se preocupe, vamos dar um jeito com isso aqui.

— Que tal eu dar um pulo na loja de conveniências aqui perto? Eu poderia comprar outro kit para fazermos o seu cabelo também.

— Dessa vez não, certo? — Cecilia balançou a cabeça. — Veja, eu tenho que puxar fios de cabelo através dos buracos dessa touca plástica... — Ela franziu o cenho, enquanto estudava a parafernália que vinha com o kit.

— Teve notícias de Ian, recentemente?

Cecilia sacudiu a cabeça, negando. Já haviam se passado quase três semanas desde o aniversário de casamento deles e ela não agradecera a ele pelas flores, nem mesmo acusara o recebimento. Não o contatara de nenhum modo. Ian também não lhe escrevera. Aparentemente, a mensagem dela fora recebida e entendida.

— Andrew disse que eles logo vão estar atracando.

— Na Austrália?

Cathy deu um suspiro exagerado e apoiou o queixo em um dos joelhos.

— Eu sempre quis visitar o Pacífico Sul.

— Eu também.

— Em sua última carta, Andrew escreveu sobre o céu, à noite — disse Cathy em uma voz suave.

Cecilia parou de reler as instruções para ouvir a amiga, Ian adorava as estrelas e sabia tudo sobre planetas e constelações. Ela se lembrou da noite límpida de verão em que ele lhe mostrou Cassiopeia e contou novamente a

ela a lenda grega sobre a sua formação. Cecilia ficara encantada e aprendera um pouco mais sobre o marido.

— Andrew diz que lá há um bilhão de estrelas no céu, à noite — Cathy continuou a contar. — No princípio, ele ficou desapontado porque parecia haver uma nuvem fina cobrindo tudo e obscurecendo a sua visão. — Ela parou e riu baixinho. — Então, Ian lhe disse que aquela nuvem que cobria as estrelas, da qual Andrew estava reclamando, era na verdade a Via Láctea.

— Uau!

Cathy assentiu.

— Andrew disse que nunca viu nada como aquilo.

Cecilia olhou para a amiga e surpreendeu-se ao ver lágrimas em seus olhos.

— Você sente saudades dele, não é?

Cathy mordeu o lábio inferior e concordou.

— Cecilia — ela sussurrou e pegou a mão da amiga, apertando-a com força. — Eu estou grávida de novo.

Foi o *de novo* que impressionou Olivia. Andrew e Cathy não tinham filhos.

— Eu perdi os bebês nas minhas duas primeiras gestações — explicou Cathy em uma voz trêmula de emoção. — Eu... não sei se consigo passar por aquela agonia uma terceira vez.

Cecilia desviou o olhar para o seu quarto, e para a única fotografia que tinha de Allison. Era uma foto horrível, tirada logo depois do nascimento da filha. Allison era tão pequena, com a pele tão pálida. O pessoal do hospital prendera um pequeno laço rosa no cabelo dela e alguém tirara a fotografia.

Essa viria a ser a única imagem que teria da filha e Cecilia a guardava como um tesouro.

Parecendo embaraçada, Cathy secou os olhos e disse:

— Eu sabia que você entenderia.

— Oh, sim, eu entendo.

Em um impulso, elas se abraçaram. A toalha molhada escorregou para o chão e Cathy escondeu o rosto no ombro de Cecilia.

— Acho que aconteceu quando o *George Washington* voltou para ser concertado.

Cecilia tinha sorte de não estar ela mesma passando por essa aflição.

— Você vai contar para Andrew?

Cathy franziu o cenho e negou.

— Ele só se preocuparia. Andrew está do outro lado do mundo e não há nada que possa fazer.

— Vocês querem filhos?

Cathy assentiu, mas isso pareceu deixá-la ainda mais triste.

— Mais do que qualquer coisa. Andrew também. Quando eu abortei da primeira vez, nós ficamos chateados, mas quando perdi o segundo bebê, ficamos ambos devastados. Não posso imaginar o que acontecerá se eu abortar dessa vez...

— O que o médico diz?

— Que tudo parece normal e saudável, mas nos disseram a mesma coisa antes.

— Há alguma razão médica para os abortos?

— Não. E é isso o que torna tudo tão frustrante. Eles não conseguiram encontrar nada errado.

— Oh, Cathy... —Cecilia não sabia o que dizer para acalmar os temores da amiga.

— Ninguém conseguiu entender. Nas duas vezes, parecia que eu não conseguia segurar a gravidez por mais de três meses. — Ela mordeu o lábio inferior. — Agora estou com cerca de nove semanas e me sinto tão apavorada. — Como se estivesse subitamente com frio, Cathy apertou os braços ao redor do corpo. — Sei que parece loucura, mas assim que eu descobri, realmente considerei a hipótese de interromper a gravidez.

Cecilia não disse nada. Cathy precisava lhe confidenciar um segredo e aquela não era a hora para fazer julgamentos ou para argumentar com a amiga.

— Eu pensei que era melhor perder o bebê logo do que criar esperanças. Agora percebo o quanto foi absurdo esse pensamento. — Ela respirou fundo. — Ninguém mais sabe que eu estou grávida, nem mesmo os meus pais. Não quero contar nada até entrar no quarto mês... se eu chegar até lá.

Cecilia podia entender o medo e a dúvida. Não eram apenas as suas próprias esperanças que Cathy não queria frustrar. Ela também estava levando em consideração as expectativas do marido e da família. Cecilia sabia como isso era difícil. E sabia também que um encargo desses só se tornaria mais pesado caso não fosse compartilhado.

— Não posso prometer a você que essa gravidez vai ser diferente das duas primeiras — disse ela solenemente, com os olhos fixos nos de Cathy. —

Ninguém sabe o que o futuro reserva, mas *posso* prometer que, não importa o que aconteça, eu estarei com você.

— Oh, Cecilia, você não sabe o quanto isso significa pra mim. — Cathy secou o rosto. — Eu fico tão emotiva quando estou grávida.

A risada de Cecilia foi comovente.

— Então, somos duas.

Nos primeiros meses da gravidez de Allison, ela caía no choro pelos motivos mais bobos. Um comercial de TV mais sentimental poderia levá-la a uma crise de lágrimas. Os acessos, às vezes, duravam horas.

Cathy tocou no braço de Cecilia.

— Você também tem medo de ter outro bebê?

O mero pensamento lhe causava absoluto terror.

— Eu... não terei. Ian sabe da minha decisão. — Cecilia deteve-se quando já estava prestes a confessar que esse era um dos motivos pelos quais ela se sentia compelida a dar

prosseguimento ao divórcio.

— Dê tempo ao tempo — aconselhou Cathy, e elas se abraçaram mais uma vez.

— Ah, não! — disse ela forçando uma risada. — Meu cabelo está quase seco.

Cecilia pegou o gancho de plástico e levantou-o.

— Estou pronta para torturar você.

— Não se esqueça de que depois será a minha vez.

A tarde passou em um rodamoinho de risadas, tagarelice e pipoca, e quando Cathy se foi, Cecilia estava cansada, mas feliz. As mechas loiras

foram um sucesso. Mas o mais importante foi que a amizade entre elas se tornara mais forte e mais profunda por causa do segredo que Cathy dividira com ela.

Cecilia entendia porque a amiga confiara nela. Cathy sabia que, de todas as mulheres do pequeno grupo delas, Cecilia era a única que podia se identificar com o trauma e as recriminações que se seguiam à perda de um filho. Não importava se Cathy estava grávida de apenas alguns meses quando abortou. O bebê já havia conquistado o seu coração.

Quando estava se preparando para dormir, naquela noite, Cecilia ficou olhando para a única foto que tinha de Allison. O buquê que ela usara no seu casamento fora moldado e transformara-se na moldura em forma de coração que guardava o retrato.

— Essas flores foram dadas pelo seu pai — sussurrou ela para a filha.

Então, porque estava se sentindo frágil e porque seu coração doía, Cecilia pegou um bloco e uma caneta.

16 de maio

Querido Ian,

Eu não pretendia escrever novamente para você. E provavelmente não deveria estar fazendo isso agora. Nada mudou. Nada vai mudar. Ainda assim me descobri pensando em você e espero que possamos, ao menos, ser amigos.

Passei o dia com Cathy Lackey. Não diga nada a Andrew, mas sua esposa está parcialmente louca, agora. Quando estive aqui, Cathy mencionou que o George Washington deve aportar na baía de Sidney, na próxima semana. Você sempre disse

que queria ver o Cruzeiro do Sul. É tão incrível quanto você esperava? Imagino que sim.

Eu ia abandonar os estudos. Na verdade, não via motivos para seguir adiante. Fazendo uma média de duas aulas por trimestre, vou levar uns cem anos para conseguir um diploma. Mas, então, resolvi que não estou me importando se vou mesmo ter um diploma. Gosto de estudar e, como disse o sr. Cavanaugh, conhecimento nunca é um desperdício. Eu realmente gosto do sr. Cavanaugh. Ele é o tipo de pessoa que eu gostaria que meu pai fosse, embora deva admitir que Bobby está tentando. De verdade. Quando as suas flores pelo nosso aniversário chegaram e eu comecei a chorar, ele deu tapinhas de consolo nas minhas costas... e se foi. Oh, bem... Mas depois me confessou que todo ano, no aniversário do divórcio dele, ele se embebedava. Acho que contou isso para me confortar. E, de uma estranha maneira, conseguiu.

Essa não é uma carta muito longa e eu nem estou certa se vou colocá-la no correio. Basicamente, queria lhe agradecer pelas flores e desejar um Feliz Aniversário também.

Tudo de bom,

Cecilia

26 de maio

Minha muito querida Cecilia,

Acho que nunca fiquei tão animado quanto nessa manhã, quando o correio chegou. Eu já havia desistido de receber notícias suas. Andrew disse que o meu grito foi ouvido três deques abaixo. Obrigado, obrigado e obrigado mais uma vez por

colocar aquela carta no correio. Você não tem ideia de como eu precisava desesperadamente saber de você.

Fico feliz que tenha recebido as flores. Feliz Aniversário, Querida. Foi um ano infernal este, não foi? Mas daqui pra frente vai ser melhor. Você também sente isso, não sente?

Eu vi mesmo o Cruzeiro do Sul e foi mais emocionante do que eu sonhara. A experiência só poderia ser melhor se eu o tivesse visto com você ao meu lado.

Não posso escrever muito. Entrarei em serviço em cinco minutos e quero colocar essa carta no correio o mais rápido possível. Há somente mais uma coisa que eu gostaria de dizer. Você mencionou que o seu pai se embebedou no aniversário do divórcio dele. Obviamente ele tem mais do que uns poucos arrependimentos. Não cometa o mesmo erro que ele, Cecilia. Nós precisamos um do outro. Eu amo você. Não há nada que não possamos superar. Nada mesmo. Lembre-se disso, está bem?

Ian

* * *

— Nada? — perguntou Kelly, esperançosa, enquanto deslizava para dentro do reservado no Pancake Palace. O restaurante era um local muito apreciado, onde a comida era boa e as porções fartas. Nos domingos de manhã, a fila para conseguir uma mesa muitas vezes se estendia além da porta.

A filha de Grace lhe telefonara mais cedo naquela semana e elas haviam combinado de se encontrar na sexta-feira, depois do trabalho. Como não tinha nenhuma razão para se apressar para voltar para casa, Grace estava

livre para jantar fora. Ainda que sentisse uma inexplicável vontade de correr de volta para casa em Rosewood Lane. Era só um hábito, decidiu ela. Um hábito de 35 anos.

— Sem novidades — respondeu Grace.

— Mamãe, ele não pode ter desaparecido da face da Terra. Alguém deve saber *alguma* coisa.

Se era esse o caso, ninguém se incomodara de avisar a ela. No entanto, uma coisa Grace sabia. Ela não podia mais pagar pelos serviços de Roy McAfee. Ele dera algumas sugestões para tentar ajudá-la a localizar o marido, mas as buscas de Grace inevitavelmente terminavam em becos sem saída. Sentindo-se desencorajada e derrotada, ela desistiu de tentar. Mesmo se conseguisse localizar Dan, o que diria a ele. Não era como se pretendesse implorar para que o marido voltasse para casa.

A garçonete entregou os cardápios a elas e Grace escolheu uma salada do chef e café, enquanto Kelly pediu um sanduíche de frango e um copo de leite.

— Por que o papai faria uma coisa dessas? — perguntou Kelly, como já fizera uma dezena de vezes.

Se Grace soubesse a resposta, poderia parar de ficar imaginando coisas. Além de se preocupar com o que ela mesma sentia, ainda precisava levar em consideração o sentimento das filhas. Maryellen reagira sentindo-se ultrajada e com raiva. Kelly estava mais magoada. Era a caçula e sempre fora mais próxima do pai. Desde bem pequena, Kelly seguia o pai por todo lado. Já na adolescência, ela e Grace estavam constantemente se desentendendo, mas mesmo na sua fase mais rebelde, Kelly evitava qualquer confrontação maior com o pai.

Grace esperou até que terminassem a refeição, antes de abordar o assunto que queria discutir com a filha.

— Já se passaram seis semanas desde que seu pai partiu.

— Eu sei — disse Kelly soando exasperada. — Mamãe, estou tão preocupada com ele.

— Eu também estou. — Embora estivesse mais preocupada a respeito do que faria quando o encontrasse. — E gostaria que você soubesse que procurei um advogado.

Kelly ficou olhando para ela, como se não tivesse entendido.

— Um advogado pode nos ajudar a encontrar o papai?

— Não. Eu decidi entrar com um pedido de divórcio.

Kelly procurou o copo d'água. Ela tomou um gole e Grace pôde perceber que a filha estava lutando para recuperar a compostura.

— Mamãe, não! Por favor, não. O papai vai voltar. Sei que vai. E quando isso acontecer, vamos descobrir o que foi tudo isso. Há uma razão lógica para que ele tenha partido da maneira como fez.

— Não estou fazendo isso para punir o seu pai. Mas sim por razões legais.

— Razões legais? — repetiu Kelly, franzindo o cenho.

Ela contou a filha sobre a necessidade de cancelar os cartões de crédito e sobre a responsabilidade que teria por metade de qualquer dívida que ele contraísse. Grace não mencionou que Dan usara o Visa para comprar um anel para outra mulher. Cada vez que pensava no marido fazendo uma coisa dessas, sabendo muito bem que ela investigaria o gasto, ela quase desmoronava e começava a chorar.

— Você ainda acha que o papai tem uma amante, não é?

Grace percebeu o desafio no tom de Kelly. Ela queria proteger as filhas, esconder a verdade delas, mas já não suportava mais aquela farsa. Dan não se preocupara em protegê-la. Deixara-a exposta ao ridículo, à especulação, ao embaraço.

— Você não pode pensar honestamente que ele faria isso — insistiu Kelly.

— Mas é exatamente o que eu penso — disse Grace sem se desculpar. — Tudo me leva a crer que ele está envolvido com outra pessoa.

Kelly balançou a cabeça com tanta força, para negar, que um de seus brincos voou através da mesa.

— Eu também não queria acreditar — disse Grace calmamente, recuperando o brinco da filha. — Você acha que me dá algum prazer lhe dizer que estou pedindo o divórcio? Eu e seu pai estivemos casados por 35 anos. Não foi fácil para mim tomar essa decisão.

— Espere — pediu Kelly.

— Pelo quê? — Pela ruína financeira? Dan poderia fazer qualquer tipo de gasto e, como já explicara à filha, ela era legalmente responsável pela metade das dívidas. Um divórcio a protegeria disso.

— Espere até o nascimento do bebê — sussurrou Kelly, com a voz falhando.

— Oh, Kelly.

— Maryellen sabe que você quer se divorciar do papai?

— Falei com ela na semana passada. — Grace demorara mais para falar com Kelly exatamente por essa razão. Não importava o quanto Dan fosse culpado, a filha caçula sempre encontraria uma desculpa para ele.

— O bebê não tem nada a ver com o divórcio — disse Grace com firmeza.

— Nada mesmo.

Os belos olhos azuis de Kelly encheram-se de lágrimas.

— Dê mais tempo a ele. Só se passaram seis semanas.

Seis semanas infernais. As seis semanas mais longas da vida de Grace. A filha aparentemente não entendia o que o desaparecimento de Dan fizera com ela. A dificuldade de encarar os frequentadores da biblioteca com um sorriso quando se sentia como se a sua vida estivesse partida ao meio. Grace percebia os olhares de pena deles. Ouvia os sussurros e sabia que estavam falando dela.

— O bebê merece nascer em uma família inteira. — disse Kelly, teimosamente.

Grace conjecturou se faria algum bem apontar que não fora *ela* quem estilhaçara a integridade familiar. Dan a abandonara, e não o contrário.

Então, como se estivesse esperando para dar o golpe de misericórdia, Kelly pegou na bolsa um pequeno pedaço de papel enrolado.

— O que é isto? — perguntou Grace.

— Uma foto de seu neto.

O coração de Grace bateu mais forte.

— Você fez a ultra-sonografia?

Kelly assentiu.

— Aqui está o seu neto, mamãe.

Essa tecnologia ainda não estava disponível quando Grace ficou grávida das filhas. Ela estudou o emaranhado de linhas e estreitou os olhos, mal conseguindo distinguir a forma do bebê.

— Oh, meu Deus — sussurrou Grace, impressionada com o que vira.

— E o neto do papai também — disse Kelly.

O coração de Grace afundou no peito.

— Diga-me que vai esperar para pedir o divórcio.

— Kelly...

— Por favor?

Grace suspirou.

— Está certo, mas só até o bebê nascer. Combinado?

Kelly deu um sorriso aliviado.

— Combinado.

Capítulo Treze

OLIVIA LOCKHART saiu do Boeing 767 e caminhou pela ponte de desembarque. Ela estava voltando de San Diego e de uma visita de uma semana ao filho, à sua esposa e ao bebê recém-nascido. Isabela Dolores Lockhart nascera na madrugada do dia 18 de maio. Já na manhã seguinte, incapaz de ficar distante mais um momento que fosse, Olivia embarcara em um avião para a Califórnia. Em apenas sete dias, ela se apaixonara perdidamente pela sua primeira neta.

Olivia recolheu a bagagem e olhou ao redor, imaginando se Justine se atrasara. A filha havia se oferecido para pegá-la no aeroporto de Sea-Tac e

costumava ser pontual. Com a mala na mão e sem saber bem o que fazer, Olivia encaminhou-se para a fileira de telefones públicos.

— Procurando por um rosto conhecido? — perguntou um homem, atrás dela.

Olivia conhecia a voz do ex-marido tão bem quanto conhecia a sua própria voz.

— Stan! O que você está fazendo aqui?

— O que mais poderia ser? Vim para pegar você.

— Mas Justine...

— Eu pedi a ela que me deixasse ter a honra.

Olivia não pode evitar a surpresa. Ela raramente via Stan e eles nem se falavam com muita frequência. Aos 56 anos, ele ainda era bonito e vigoroso e ela sorriu quando ele lhe deu um beijo no rosto, e logo pegou a mala das suas mãos. Ela jurara amar esse homem por toda a vida e, apesar do divórcio, ainda o amava. Era um amor que permanecia por causa de tudo o que já haviam significado um para o outro. Por causa do que tiveram... e do que perderam.

— Achei que seria uma boa oportunidade para você me contar sobre o bebê. Como está James?

Depois da visita, Olivia sentia-se mais tranquila.

— Não acho que precisamos nos preocupar com James.

— Você gostou da esposa dele?

— Muito — ela lhe contou. — E tenho fotos do bebê. Oh, Stan, ela é adorável.

— Não me diga que você está se transformando em uma daquelas avós babonas, com a bolsa cheia de fotos.

— Em um piscar de olhos. Eu esperei muito por isso. — A maioria dos amigos que eles um dia compartilharam, já eram avós de muitos netos a esta altura.

Os dois caminharam juntos na direção do estacionamento no andar mais baixo do Sea-Tac. Olivia lhe contou mais sobre o bebê, mal prestando atenção enquanto Stan pagava o estacionamento e eles desciam pela escada rolante. Percorreram as fileiras de carros estacionados até que ele parou de repente diante de um conversível vermelho.

Olivia ficou estupefata. Stan em um BMW? Um conversível, nada menos. O que dera no seu ex-marido para comprar um carro conversível em uma cidade que tinha três meses inteiros de chuva todo ano?

— Quando você comprou isso? — perguntou ela, sem nem tentar esconder o seu divertimento.

— Você gosta?

— Eu simplesmente adorei! Você vai abaixar a capota, não vai?

— Se é isso o que você quer.

Ele estava sorrindo quando se sentou à frente do volante. Stan ligou o motor e fez uma verdadeira encenação abaixando a capota. Quando terminou, estavam ambos às gargalhadas.

— Isso me lembra daquele velho conversível amassado que você tinha na faculdade — disse Olivia ainda rindo. — Lembra-se de quando a capota travou no meio.

Eles conversaram tranquilamente durante a viagem de volta. Quando pararam em um sinal de trânsito, Olivia mostrou ao ex-marido as primeiras fotografias da neta deles.

— Nascida em 18 de maio — Stan lembrou-a. — Esse foi o dia em que o Monte Santa Helena entrou em erupção, não foi?

Como se qualquer um dos dois pudesse esquecer. Eles haviam viajado para Portland para passar o final de semana. Stan iria participar de alguma conferência de engenharia e, enquanto ele comparecia às reuniões, ela levaria as três crianças ao Lloyd Center. O shopping, com seu ringue de patinação no gelo, fascinara Jordan, que tinha oito anos na época. Olivia tentara fazer compras, mas com três crianças na barra da sua saia, isso logo se mostrara uma tarefa impossível e acabara desistindo. Ela alugou patins para si mesma e para as crianças e eles passaram um dia delicioso. Então, no domingo de manhã, quando estavam voltando para casa, o Monte Santa Helena teve a primeira de uma série de erupções vulcânicas. Grandes quantidades de gases quentes, cinzas e pedras foram expelidos a mais de 20 mil metros na direção do céu.

As cinzas que caíam tornaram a viagem de volta para Cedar Cove exasperante. Eles ficaram presos por várias horas na estrada Interestadual com três crianças chorosas e assustadas no banco de trás. A própria Olivia também se sentia apavorada.

— Você se lembra do dia 18 de maio de 1980, não lembra? — perguntou Stan.

Em resposta, Olivia estremeceu exageradamente. Nunca havia ficado mais feliz em chegar em casa. A viagem fora um pesadelo, mas o tempo

acabava por apagar as arestas mais afiadas das lembranças. Nos últimos anos, sempre que aquele final de semana era mencionado, isso era feito com um drama exagerado e muitas risadas.

— Ela é linda — disse Stan olhando para as fotos coloridas, enquanto esperava que o sinal de trânsito abrisse.

— James está feliz e Selina é perfeita para ele. Ela é exatamente o tipo de esposa de que ele precisa. — Como filho caçula, James fora terrivelmente mimado. Ainda mais depois da morte do irmão.

Stan ficara preocupado com o filho. Ela sabia disso, mas James era um adulto agora e tomava as suas próprias decisões. Olivia discordava frequentemente dessas decisões, como acontecera quando ele escolhera a carreira militar. O filho se alistara sem dizer uma palavra a ninguém da família. Agora, James estava casado e era um jovem pai. E isso, também fora decidido sem que ele consultasse os pais.

— Fico feliz por ouvir isso. — Stan parecia aliviado.

Olivia gostara instantaneamente da nora. Elas haviam se falado várias vezes por telefone, mas essas breves conversas não lhe deram uma noção clara da esposa do filho. Selina pertencia a uma família grande e próspera que recepcionou Olivia com o mesmo entusiasmo com que haviam recebido James e o bebê. Houve jantares e comemorações todas as noites, enquanto durou a visita dela. James estava realmente feliz. Ele e Selina ocupavam um conjunto de cômodos na casa dos sogros e, para surpresa dela, o arranjo parecia ser um sucesso. Olivia ficara impressionada com o quanto aprendera espanhol desde que conhecera Selina. E rapidamente percebeu que a família da esposa fora parte do que atraía James. O filho tinha apenas dez anos

quando ela se divorciara e, embora Olivia e Stan tivessem se esforçado para que a separação fosse o mais amigável possível, ele sofrera. Toda criança sofre. Olivia via os resultados do divórcio todos os dias na Vara de Família.

— Como está Justine? — Stan mudou abruptamente de assunto.

— Por quê? O que ela disse quando vocês conversaram?

— Não muito.

Ele parecia preocupado com a filha.

— Ela ainda está vendo aquele tal de Saget?

— Ele a pediu em casamento. — Nesse momento, todos na cidade sabiam a respeito do anel que Warren comprara. Justine, no entanto, ainda não mencionara o pedido.

Stan praguejou e mudou de pista.

— Ela vai fazer isso?

Olivia deu de ombros.

— Justine não me faz confidências quando se trata de Warren Saget.

— Convença-a a não fazer isso — disse ele, aflito. — Você é mãe dela. Ela escutará você muito mais do que me escutaria. Casar com Saget seria um desastre.

— Sim, mas convencer Justine disso não é fácil.

— Ela é teimosa como a mãe.

Stan estava brincando e Olivia riu, mas seu divertimento não durou muito.

— O filho de Margie está se divorciando. Ela está chateada com isso — disse ele

Eles raramente falavam sobre a esposa dele.

— Eu acho — continuou ele —, que um dos aspectos mais difíceis da paternidade é observar o filho cometendo o que sabemos ser um erro e não poder fazer absolutamente nada a respeito.

— Sinto muito pelo filho de Margie — murmurou Olivia.

— A situação é ruim mesmo — ele contou a ela. — Ele tem dois filhos pequenos e os está deixando por causa de uma mulher que conheceu no escritório.

Olivia se pegou imaginando se o marido tinha consciência da ironia da situação. Margie se divorciara do marido e abandonara seus próprios filhos para ficar com Stan. E agora a história se repetia.

— Vou falar com Justine — disse ela. — Infelizmente, não temos uma boa comunicação. Mas nós a criamos para pensar por si mesma e a tomar as suas próprias decisões, então, temos que confiar que ela vai fazer isso com sabedoria.

— Isso é mais difícil do que parece.

Olivia não precisava que ele lhe dissesse isso.

Quando eles alcançaram a auto-estrada para Seattle, o sol se escondera atrás das nuvens. O vento e o barulho do trânsito tornavam difícil conversar. A viagem de uma hora através de Tacoma e sobre a Narrows Bridge passou rápido, principalmente quando Stan colocou para tocar um CD de rock dos anos 1960, músicas que eles costumavam dançar nos seus tempos de faculdade. Olivia logo se perdeu em lembranças felizes.

Ela se sentiu quase desapontada quando eles entraram em Lighthouse Road.

— Oh. — Ela ficou surpresa quando viu o carro velho de Jack estacionado na porta da sua casa, atrás do carro de Justine.

— Alguém que você conheça?

— Jack Griffin. Ele é o editor do *The Chronicle*.

Stan lançou um olhar na direção dela.

— Não era com ele que você tinha um encontro na noite em que eu lhe telefonei? Ele é um... namorado?

— Oh, dificilmente, Jack é um *amigo*.

— Isso foi o que Justine me disse na primeira vez em que perguntei a ela sobre Saget — murmurou ele. — E a próxima notícia que eu tive a respeito foi que ele a estava pressionando

para ficar noiva.

— Não acho que você precisa se preocupar com a possibilidade de me casar com Jack — ela lhe assegurou.

Ele estacionou o carro no meio-fio, desligou o motor e, então, disse uma coisa muito estranha:

— Que bom.

Que bom? Stan não queria que ela se casasse de novo? Que reação estranha, considerando-se que ele se casara com Margie há 14 anos. Antes que ela pudesse perguntar a ele a respeito disso, a porta da frente da casa se abriu e Justine apareceu na varanda, com Jack bem atrás dela.

Ele sorriu e acenou, mas seu olhar se desviou dela lentamente. Stan e Jack ficaram se encarando.

— Bem vinda ao lar — saudou Justine, inconsciente da tensão entre os dois homens. Ela desceu correndo pelo caminho para saudar a mãe.

Olivia abraçou a filha e, com um braço passado pela cintura de Justine, caminhou em direção à casa. Estava velha demais para sentir-se entusiasmada por causa da atenção de dois homens, disse a si mesma. Ou... não estava?

— É bom estar de volta — disse ela, deixando que Stan e Jack decidissem se iriam acompanhá-las.

— Estou louca para ouvir tudo sobre o bebê. Você não se incomodou com o papai ir pegá-la, não é?

— Nem um pouco. — Ao contrário, Olivia apreciara muitíssimo.

* * *

CHARLOTTE JEFFERSON mal podia esperar que a filha voltasse logo da Califórnia. Tinha tantas coisas para contar a ela. Embora soubesse que Olivia deveria estar exausta por causa da viagem, Charlotte não pôde esperar nem mais um minuto para falar com ela.

A última coisa que esperava quando chegou à casa de Olivia era ver tanta gente. Alguém deve ter pensado que a filha estava promovendo uma liquidação de garagem.

Ela logo reconheceu a caminhonete de Justine e o Taurus parecia ser o de Jack, mas a BMW vermelha deixou-a confusa.

Olivia atendeu à porta, quando Charlotte tocou a campainha e relaxou visivelmente quando percebeu que era ela.

— Mamãe! — depois de um rápido abraço, Olivia entrou com ela em casa. Uma caixa de pizza estava aberta sobre a mesa, junto a uma garrafa de vinho.

— Sobrou alguma coisa para mim? — ela brincou.

— Sirva uma taça de vinho para a sua avó — Olivia pediu a Justine.

— Stan! — Charlotte estava encantada por encontrar o ex-genro. Ela sempre tivera uma queda por ele. O divórcio fora tão difícil para ela quanto para a filha e os netos. — Não me diga que aquele conversível vermelho é seu?

— É meu mesmo. — Ele posou a taça de vinho perto da caixa da pizza. — Detesto comer e partir, mas tenho que voltar para Seattle.

— Já? — Charlotte adoraria conversar mais com ele.

— Outra hora conversamos mais — prometeu Stan. Ele abaixou-se para beijar o rosto de Charlotte e deu um abraço em Justine, que estava ocupada enchendo uma taça de vinho. Os dois homens trocaram breves apertos de mão e Olivia acompanhou o ex-marido até a porta. Charlotte logo percebeu que Stan pegara Olivia no aeroporto. Também percebeu mais uma coisa. Que os dois homens não haviam simpatizado muito um com o outro. Bem, *isso* era interessante.

— Eu também preciso ir — anunciou Justine. Ela entregou a taça a Charlotte, beijou-a e logo se foi.

Restou Jack, que parecia não ter a menor intenção de partir em um futuro próximo. Bem, Charlotte precisava falar com a filha a sós e pretendia esperar que ele se fosse.

— Conte-me sobre o bebê — disse ela, preparando-se para uma longa visita. — James e Selina gostaram da manta que eu tricotei? — então, suspirando, ela acrescentou: — Espero que você tenha trazido fotos.

— Claro que sim. Oh, mamãe, ela é tão linda.

— Vejo você na quarta-feira? — perguntou Jack, parecendo um pouco frustrado.

Olivia hesitou por um momento e, então, assentiu. Aparentemente ela acabara de concordar com um encontro, o que deixou Charlotte muito animada. Ela não queria que Olivia ficasse sozinha pelo resto da vida, e gostava de Jack Griffin.

— Então eu já vou indo, também — disse Jack relutantemente, como se quisesse que Olivia pedisse a ele para ficar.

Ela não pediu. O olhar de Jack dizia a Charlotte que ele queria ficar sozinho com Olivia, mas ela não se mexeu.

Logo ele partiu. *Privacidade, finalmente.* Charlotte suspirou profundamente. Olivia sentou-se perto dela, com um copo de vinho na mão e os pés apoiados na mesa de café.

— Foi uma semana e tanto.

— Para mim também — disse Charlotte, animada.

— Teve notícias de Roy?

Charlotte deu uma gargalhada.

— Sim. E sabe de uma coisa? Tom tem um neto que mora aqui perto, em Purdy. — A cidade ficava poucos quilômetros abaixo, pela Rodovia 16 de Cedar Cove. Charlotte estava entusiasmada com as notícias. No fundo do seu

coração, ela sabia que Tom escolhera passar seus últimos dias em Cedar Cove por alguma razão.

— O nome dele é Cliff Harding. Já ouviu falar?

— Que eu me lembre, não. — Olivia esfregou os olhos e Charlotte pôde ver que a filha estava cansada.

— Ele cria cavalos de raça. — Roy havia contado isso a ela, junto com a outra informação que conseguira. Cliff era um engenheiro de Boeings que optara por uma aposentadoria precoce. Ele se mudara para a península de Kitsap, cinco anos antes.

— Eu suspeitava que Tom tinha família nessa região. — Charlotte sentia-se claramente orgulhosa disso.

— Sim, isso é verdade.

— Eu não quis ser invasiva, então escrevi para Cliff e lhe pedi que entrasse em contato. — A carta fora colocada no correio no mesmo dia em que ela recebera as notícias, mas, para seu desapontamento, ainda não recebera nenhuma resposta dele.

— Isso é ótimo, mamãe.

— Eu também achei. — Ela terminou de beber o vinho e, como era óbvio que a filha não estava com disposição para mais conversa, decidiu que já era hora de ela ir embora.

Depois de uma rápida olhada nas fotos, Charlotte recolheu suas coisas. Olivia fez um protesto simbólico e, então, acompanhou-a até a porta.

— Estou feliz que você tenha feito uma boa viagem. E estou encantada com as notícias sobre James.

— Obrigada, mamãe. — Olivia abraçou-a. — A senhora sentiu-se assim eufórica quando foi avó pela primeira vez?

Fora há tanto tempo, que Charlotte até se esquecera.

— Gêmeos, nada menos. Foi um dos dias mais felizes da minha vida.

— E da minha — Olivia lhe disse. Mas uma nuvem de tristeza se abateu sobre ela, uma tristeza que Charlotte também sentiu, quando se lembraram de Jordan, e do garoto feliz e despreocupado que ele fora.

No seu caminho de volta para casa, ela pensou sobre Cliff Harding. Ele certamente já recebera a carta dela, mas, por alguma razão, estava adiando a resposta. Ou, pior, decidira simplesmente não responder.

Talvez ela devesse ter telefonado, ao invés de escrever. Sim, era isso o que deveria ter feito. Incapaz de resistir, assim que entrou em casa, Charlotte achou o número de telefone dele, que Roy havia lhe passado. O telefone tocou quatro vezes antes de ser atendido.

— Harding — disse uma voz masculina ríspida.

— Jefferson — retrucou ela da mesma forma concisa. — Charlotte Jefferson.

Silêncio.

— Estou telefonando para saber se você recebeu a minha carta — explicou. Ela sabia que ele provavelmente havia recebido, mas aquela era a maneira mais fácil de entrar no assunto.

— Eu recebi.

Charlotte fez uma pausa, desejando ter pensado a respeito disso com mais cuidado.

— Talvez agora não seja uma boa hora?

— É tão boa quanto qualquer outra. Basicamente, eu não estou interessado em nada que tenha a ver com o meu avô.

Charlotte franziu o cenho em desaprovação.

— Estou certa de que você vai reconsiderar a sua posição quando vir o que eu tenho comigo.

— Escute sra. Jefferson, eu entendo que a senhora tenha boas intenções, mas...

— Você está ciente de que seu avô morreu recentemente, bem aqui em Cedar Cove.

— Sua carta diz isso.

— Eu me arrisquei muito para encontrá-lo.

— Eu não quero ser ingrato, mas...

— Eu poderia ir para a cadeia pelo que fiz e, aos 72 anos, não tenho a intenção de passar o resto da minha vida tendo como companheira alguém chamado Bertha Grandona.

Ele deu uma risada. Como esse jovem ousava achá-la engraçada, quando ela estava falando muito sério.

— O que exatamente a senhora fez para correr o risco de encarar Bertha Grandona.

Charlotte contou tudo a ele, sem poupar nenhum detalhe.

— Está tudo embaixo da minha cama.

— Esse, provavelmente, será o primeiro lugar em que a polícia irá procurar, não acha?

Charlotte desconfiava que o rapaz ainda estivesse zombando dela, ao menos um pouquinho, mas deu a ele a resposta mais honesta.

— Eu realmente pensei nisso, mas meus joelhos estão cansados demais para ficar subindo e descendo as escadas do porão.

— Minha sugestão é que a senhora devolva tudo ao estado. Deixe que as autoridades vejam tudo e sejam ressarcidas de qualquer despesa que tenham tido em benefício do meu avô.

— Você não pode estar falando sério! — Charlotte estava ultrajada. — Meu querido rapaz, ele era o seu *avô*.

— Ele foi tão avô para mim, quanto foi pai do meu pai. Em outras palavras, de maneira alguma. Meu pai esteve com ele a enorme quantidade de três vezes em toda a sua vida. Já eu, nunca tive o prazer e nem me preocupei com isso.

— Mais razão ainda para saber tudo o que puder sobre ele, agora — argumentou Charlotte.

— Francamente, não tenho o menor interesse. E daí se ele foi um cowboy do cinema e da TV nos anos 1940 e 1950. "The Yodeling Cowboy" — ele acrescentou com desprezo. — Bem, minha querida sra. Jefferson, eu não me importo nem um pouco com isso.

— É o sangue dele que corre em suas veias.

— Eu preferia que não fosse. Como eu disse, ele não foi um pai ou avô de qualquer tipo, e eu sinceramente duvido que ele se preocupasse comigo em absoluto.

— Permita-me discordar. — Normalmente, Charlotte não era tão argumentativa. Mas se recusava a deixar esse... esse garoto arrogante virar as costas para a sua herança. — Você tem muito em comum com o seu avô, meu jovem.

Cliff riu baixinho.

— Duvido. E não sou assim tão jovem.

— Você cria cavalos de raça, não é? — Isso era parte da informação que Roy lhe dera. — De onde você pensa que veio o seu interesse por esses animais? — perguntou ela, pomposamente.

Ele não respondeu a pergunta dela.

— Sinto desapontá-la.

— Sr. Harding, por favor. Considerando o risco que eu corri, o mínimo que poderia fazer era olhar o que resgatei. Pode haver alguma coisa aqui que o senhor queira.

— A senhora quer dizer alguma coisa como a marmita de "The Yodeling Cowboy"? Não, obrigada.

— Eu quero dizer coisas como a sela dele e o revólver.

— Você tem uma sela?

— Sim, tenho. — Charlotte suspeitara que essa era provavelmente a única coisa que poderia interessar ao neto de Tom.

— Pelo que sei, roubar uma arma é um crime federal.

Charlotte irritou-se.

— Você está tentando me assustar?

Ele riu, em resposta.

— Está bem, escute — disse ele, como se estivesse fazendo uma grande concessão. — Estou disposto a dar uma olhada nesse monte de refugos.

— A maior parte certamente não são refugos. — Ela podia pensar em vários museus que aproveitariam a oportunidade de expor alguns dos itens que ela guardava embaixo da cama.

— É uma questão de opinião.

— Você vem a Cedar Cove ou quer que eu o encontre?

— Eu evito convidar gatunos para a minha casa.

Charlotte não achou graça.

— Então, você só precisa vir até Cedar Cove.

— Está certo, sra. Jefferson. Posso ver que a senhora não é o tipo de mulher que aceita um não como resposta.

— Nesse ponto, você está certo.

* * *

GRACE GOSTAVA do seu trabalho como encarregada da biblioteca. Em Cedar Cove, foram emitidos mais cartões de biblioteca per capita do que em qualquer outra cidade em todo o estado. E Grace tinha muito orgulho disso.

A Biblioteca de Cedar Cove, com o mural pintado no velho prédio de tijolos era uma das construções mais atraentes da cidade. Para o aniversário de 150 anos de Cedar Cove, a Câmara de Comércio havia autorizado que fossem pintados murais em algumas construções municipais. A biblioteca à beira-mar estava entre os edifícios escolhidos. O artista criara um cenário do século XVIII, com um parque à beira-mar, onde pessoas vestidas em roupas de época aproveitavam uma tarde de verão. Havia crianças e cachorros pulando, famílias fazendo piqueniques e, claro, pessoas lendo.

A comunidade do centro comercial da cidade era como uma família, pensava Grace com frequência. Os proprietários de negócios protegiam uns aos outros e estimulavam a população a fazer suas compras na cidade. Nos

dias de hoje, quando enormes conglomerados estavam se mudando para cidades pequenas e destruindo o comércio local, o centro comercial de Cedar Cove era um sucesso.

Isso era, em parte, graças à biblioteca, à marina e ao novíssimo prédio da prefeitura, que era a construção mais impressionante de Cedar Cove, erguendo-se na colina escarpada, sobre a orla, como um anjo protetor guardando a cidade. Os sinos badalavam a cada hora. Algumas pessoas os amavam, mas outras amaldiçoavam a constante interrupção.

Com Dan desaparecido já há quase dois meses, agora, Grace era mais grata do que nunca por seu emprego. Além das razões financeiras, ela valorizava o fato de que ele a ajudava a se distrair, a manter a mente afastada das conjecturas e preocupações a respeito do sumiço do marido. Ao menos durante oito horas por dia.

— Olá, sra. Sherman. — Jazmine Jones, uma menininha de cinco anos, com uma inteligência precoce e dois dentes da frente faltando, aproximou-se da recepção e colocou as duas mãos sobre o balcão.

— Aposto que você está aqui para a hora da história — disse Grace.

Jazmine assentiu.

— É a senhora quem vai ler hoje, ou a sra. Bailey?

— A sra. Bailey.

— Está bem, mas... — Então, como se não quisesse magoar os sentimentos de Loretta Bailey, a pequena Jazmine relanceou o olhar por sobre o ombro e sussurrou. — A senhora lê melhor.

— Obrigada — sussurrou Grace de volta, conspiratoriamente.

As tardes de terça-feira costumavam ser mais tranquilas e, enquanto Loretta distraía as crianças, Grace organizava as coisas na recepção. Ela estava ocupada lidando com uma papelada a respeito de empréstimo entre bibliotecas, quando a porta de vidro se abriu e Maryellen entrou apressada.

Ao ouvir o barulho da porta, Grace levantou os olhos e deparou-se com a filha corada e ofegante.

— Qual é o problema? — A primeira coisa que veio à cabeça dela foram Kelly e o bebê.

Respirando com dificuldade, Maryellen cambaleou até a mesa. Ela colocou uma das mãos sobre o peito, como se o coração precisasse ser mantido firme no lugar.

— Papai — ela balbuciou, mal conseguindo falar.

— O que tem ele? — Grace já saía de trás do balcão.

— Ele está aqui.

— Aqui? — Isso era inacreditável. — Onde?

— Na marina.

Grace já estava a meio caminho da porta, com Maryellen cambaleando atrás dela.

— Você o viu?

A filha negou com a cabeça.

— John Malcom viu.

Enquanto saía correndo pelo estacionamento da biblioteca em direção à orla, Grace continuava tentando se lembrar de quem era John Malcom. Então, se lembrou. John e Dan haviam trabalhado juntos anos atrás. John era outro lenhador cuja carreira fora destruída pela controvérsia das corujas-pintadas.

Florestas inteiras foram fechadas aos lenhadores em um esforço para salvar espécies ameaçadas, destruindo a fonte de subsistência de algumas comunidades à sombra da floresta tropical de Olympic.

— Onde ele está? — gritou Grace.

— Lá embaixo, perto da barca para pedestres.

— Ele embarcou? — Arquejando, ela mal conseguiu fazer a pergunta.

— Não. — Maryellen gritou, alcançando Grace. Grace decidira usar saltos altos naquela manhã, o que tornava quase impossível correr. Maryellen usava saltos baixos e era muito mais rápida, mas Grace não era nenhuma molenga. Ela fazia aquelas aulas de aeróbica exatamente para aproveitar seus benefícios. Cheia de adrenalina, apressou-se pela calçada, concentrando toda a sua energia em alcançar Dan antes que ele desaparecesse de novo. De repente, Grace tropeçou em uma mangueira d'água e caiu feio na calçada, machucando o joelho. Mas não se daria ao luxo de checar seus ferimentos naquela hora.

— Mamãe!

— Eu estou bem. Vai! Vai! — Ignorando a dor, ela levantou-se, parando apenas o tempo bastante para tirar os sapatos, e começou a correr novamente, mesmo mancando. Quando finalmente chegaram à barca, Grace sentia como se suas pernas não fossem mais aguentá-la.

John estava lá, andando de um lado para o outro. Ele veio encontrar-se com elas assim que ouviu o grito de Maryellen.

— Ele se foi.

— Se foi? — Maryellen gritou. — Você disse que o deteria.

— Eu tentei. — Os olhos sérios de John se recusavam a encontrar os de Grace. — Sinto muito, de verdade. Ele estava aqui e eu fiquei de olho nele, como você me pediu. Há cinco minutos, uma caminhonete parou no meio-fio, ele entrou nela e não houve como detê-lo.

Grace deixou-se cair em um banco, com os joelhos latejando e as pernas trêmulas.

— Comece do princípio — ela pediu, mal conseguindo falar. A frustração e a raiva eram quase mais do que ela podia suportar. Dan esteve *tão* perto, provocando-a, desafiando-a a encontrá-lo, mortificando-a na frente de toda a cidade.

— Você tem *certeza* de que era o meu pai? — perguntou Maryellen.

John assentiu.

— Absoluta. Trabalhei com ele por anos. Posso reconhecer Dan Sherman, com certeza.

— Como você soube disso? — Grace perguntou à filha.

— Por acaso, eu hoje saí para almoçar mais tarde. Fechei a galeria e decidi caminhar até o Java and Juice para tomar um café com leite — disse Maryellen.

— Eu ouvi falar que Dan estava desaparecido e tudo — continuou John.

— Rola um falatório danado lá no Pelican's Nest sobre o que teria acontecido com ele.

O bar era um dos pontos mais populares da cidade para os que gostavam de beber.

— Você andou bebendo, John?

— Não, Grace! Eu juro que era o Dan.

— Ele não sabia o que fazer — intrometeu-se Maryellen — e estava a meio caminho da biblioteca para chamar você.

— Achei que você iria querer saber — disse John, parecendo devastado. Ele enfiou as mãos nos bolsos do macacão e ficou olhando para o chão.

— Foi então que John me viu — explicou Maryellen.

— Sua filha me disse que chamaria você e me mandou de volta para ficar de olho em Dan.

— Mamãe, seu joelho!

O sangue escorria pela perna de Grace, as meias de nylon já estavam ensopadas.

— Você está bem? — perguntou John.

— Estou. Fale-me da caminhonete. — Grace queria o máximo de informação sobre Dan que pudesse conseguir. Tomaria conta do seu joelho mais tarde.

John levantou a cabeça.

— Eu deveria ter anotado o número da placa, mas tudo aconteceu tão rápido que nem pensei em olhar.

— Você viu quem estava ao volante? — perguntou Maryellen.

— Sinto muito, mas não.

Maryellen sentou-se perto de Grace, com ambas as mãos sobre o rosto e curvou-se para frente.

Grace passou o braço pelas costas da filha para confortá-la. Presa em seu próprio desespero, ela não percebera o quanto a filha estava aborrecida com o desaparecimento do pai. Kelly era muito mais explícita em suas emoções e

Grace presumiu que Maryellen estivesse levando a situação com mais tranquilidade. Como se alguém pudesse...

— Nem posso dizer o quanto sinto por tudo isso — disse John Malcom de novo.

— Você não viu quem estava dirigindo? — perguntou Grace uma última vez.

John balançou a cabeça.

— Não era ninguém que eu reconhecesse. Ao menos, não daqui.

— Homem ou mulher?

John hesitou e desviou o olhar.

— Mulher.

Grace mordeu o lábio inferior para evitar que ele tremesse. John não estava lhe dizendo nada que ela já não soubesse.

Capítulo Quatorze

CECILIA FICARIA eternamente grata por não ter seguido o impulso de abandonar as suas aulas na faculdade. No dia do seu aniversário de casamento, estava se sentindo deprimida e pesarosa. Agora, achava que a vontade de sair fora uma maneira de punir a si mesma, afastando-se da única coisa na vida que lhe trazia alegria. Ela conseguia entender porque tivera esse

impulso. Felizmente, o sr. Cavanaugh fora bondoso e ponderara com ela. Ele não tentara pressioná-la ou fazê-la desistir da ideia, mas fora sensato e calmo.

Ela adorava as matérias que cursava, especialmente as de álgebra avançada. Nos domingos à tarde, quando estava livre para ir onde quisesse, Cecilia preferia resolver os problemas matemáticos do seu livro de estudo. Problemas que o professor ainda nem mesmo mandara que fossem feitos. Isso dizia muita coisa sobre o quanto ela gostava da matéria. Recentemente, um dos outros alunos a chamara, zombeteiramente, de "queridinha do professor". Ela não acreditava nisso, já que o sr. Cavanaugh não era o tipo de professor que privilegiava alunos. No entanto, sorrira o dia todo. Nunca na vida experimentara essa sensação de aprovação e de êxito.

Ela gostava de contar a Ian o que estava fazendo. Eles voltaram a trocar e-mails e cartas. Na véspera, ela recebera um cartão postal da Austrália. Ele não escolhera um com a foto do famoso Opera House, ou da região árida australiana, o *outback*, ou mesmo da Barrier Reef, a grande barreira de coral. Também não mandara imagens de coalas ou de cangurus. Ao invés disso, o marido lhe enviara uma fotografia do céu noturno, que mostrava a Via Láctea e o que pareciam ser milhões e milhões de estrelas. A mensagem que escrevera atrás do cartão era cheia de elogios às suas notas altas e uma trazia uma promessa de comemoração quando ele voltasse.

Cathy ainda não falara nada para Andrew sobre o bebê que esperava. Essa era a única coisa que Cecilia não podia contar a Ian. Cada dia a mais na gravidez de Cathy era um triunfo. Na primeira vez, ela perdera o bebê na oitava semana, e na segunda vez na décima segunda semana. Apesar de agora a gravidez já ter ido mais adiante do que todas as outras, Cathy não

confiava que tudo ficaria bem. Pelo menos, ainda não. Cecilia fora a única pessoa a quem ela contara. Nem mesmo a mãe dela sabia e Cecilia guardava para si a notícia como um segredo inviolável.

Um pouco depois da uma da tarde, ela resolveu que era hora de almoçar. Ligou o rádio e estava abrindo uma lata de sopa, quando um boletim de notícias interrompeu a parada musical das 40 mais tocadas.

"Este é o boletim de notícias da KVI. Houve uma explosão a bordo do *George Washington*, o porta-aviões baseado em Bremerton. Os detalhes começam a chegar agora na nossa sala de notícias, mas ainda não sabemos qual foi a causa da explosão. Existe a possibilidade de que tenha sido ação de um grupo terrorista. Houve mortes, mas ainda não temos informações quanto ao número de vítimas, ou sobre qual a extensão dos danos ao porta-aviões."

Cecilia ofegou e deixou cair a lata. A sopa espalhou-se pelo balcão, escorrendo para o chão. Pegando toalhas de papel, ela começou a limpar tudo quando o telefone tocou.

— Alô! — ela quase gritou quando pegou o fone.

— Você ouviu? — Era Cathy.

— Acabei de ouvir. O que mais você sabe?

— Nada... somente sobre a explosão. Liguei para a ouvidora, mas ela também acabara de ouvir a notícia. A Marinha montou um ponto de encontro na base para maridos, esposas e membros da família aguardarem por notícias. Lá, vamos conseguir informações mais rápido do que se ficarmos em casa.

— Estou saindo daqui, — Cecilia não perdeu tempo preocupando-se se era ou não apropriado que ela estivesse na base. Embora estivesse separada de Ian há muitos meses, ainda era sua esposa.

— Essa foi uma das razões pelas quais eu liguei — disse Cathy com a voz insegura. — Você pode passar para me pegar?

— Estarei aí o mais rápido que puder. — Então lembrou-se de repente. — Cathy, está tudo bem?

A amiga gemeu.

— Acho que sim... Não sei.

— Cathy? É melhor você me contar.

Cecilia percebeu que a amiga esforçava-se para não chorar.

— Eu...eu comecei a perder sangue.

— Quando?

— Essa manhã.

— Qual a intensidade? — Talvez fosse mais importante levar Cathy ao hospital, primeiro.

— Não muito grande. Bem menos do que nos primeiros dois abortos. — Cathy fez com que isso soasse como uma conclusão inevitável de que ela também iria perder esse bebê.

— Estarei aí em dez minutos.

— Oh, Cecilia, não sei o que eu faria sem você. — Havia lágrimas na voz dela.

Cecilia despejou tudo dentro da pia e nem se preocupou em mudar de roupa, em arrumar o cabelo ou passar qualquer maquiagem. Recusava-se a especular sobre o que poderia estar acontecendo com o marido no outro lado

do mundo. Se havia uma coisa que ela aprendera no último ano fora que não podia tomar nada como certo. Podia apenas esperar pelo melhor.

Cathy estava sentada nos degraus da varanda da frente, do lado de fora da casa alugada, esperando por ela. Assim que Cecilia se aproximou, ela se levantou. Parecia abalada e mortalmente pálida.

— Você soube de mais alguma coisa? — perguntou Cecilia.

— Não. E você?

Cecilia ligara o rádio na estação de notícias enquanto dirigia.

— Somente o que foi transmitido nas notícias locais.

— Foi divulgado um número de... mortes.

Cecilia não suportava pensar a respeito.

— Vou levá-la para o hospital.

— Não, antes eu preciso descobrir o que puder sobre Andrew — disse Cathy. — Se formos para o hospital, pode levar horas e eles podem querer que eu fique por lá. Preciso saber se Andrew está bem. Então eu irei, prometo.

— Você ainda está sangrando?

Cathy balançou a cabeça, negando.

— Não, graças a Deus.

Cecilia dirigiu para a base naval de Bremerton e juntou-se à fila de carros que seguia em direção ao posto de controle, na entrada. Parecia que os cônjuges, pais e irmãos de cada homem e mulher em serviço estavam ali em busca de informação. Um grande hangar fora separado para aquele propósito. Centenas de cadeiras haviam sido arrumadas, e foram disponibilizadas bebidas e petiscos.

Mulheres, homens idosos e crianças estavam reunidos em pequenos grupos. Cecilia estava atônita com a rapidez com que os rumores se espalhavam. Por volta das três horas da tarde, falou-se sobre cinco mortes confirmadas. Então, Cecilia ouviu que dez haviam morrido e o número continuou a crescer. A verdade mesmo ninguém conhecia, estava escondida no meio de tanta especulação.

Um oficial anunciou que a explosão fora causada por erro humano, e não por um ataque terrorista, como se suspeitou inicialmente. Cecilia suspeitava que os terroristas eram o principal medo de todos, especialmente depois do que acontecera com o *USS Cole*. A Austrália era um porto amigo, mas ninguém podia ter certeza.

Depois, eles souberam que a explosão acontecera na área de munição, o que fez com que arquejos de horror fossem ouvidos por todo o salão. O oficial disse que três mortes haviam sido confirmadas, mas a incerteza com relação ao número de feridos ainda era grande.

Ao cair da noite, eles foram informados de que tudo estava sob controle. O fogo fora controlado. O porta-aviões estava seguro. Finalmente chegou o momento pelo qual todos esperavam. O comandante da base encaminhou-se para a frente do salão para ler a lista dos feridos.

"Primeiro-tenente Wayne Van Buskirk. Guarda-marinha Jeremiah Smith. Suboficial-Chefe Alfred Hussey. Primeiro--sargento Gerald Frederickson. Terceiro-sargento Charles Washington. Marinheira Janet Lewis..."

Cathy e Cecilia estavam agarradas uma à outra. Cada nome chamado ecoava pela sala com uma bomba, seguido de um arquejo ou de um grito de

alarme. E, então, o nome de Ian foi chamado. Cecilia ouviu o seu próprio grito de pânico, sentiu as pernas moles e desmoronou na cadeira.

— Ian. — Ela não estava preparada, não estava pronta para lidar com isso. Cathy agarrou a mão dela e Cecilia apertou-a com tanta força que seus dedos ficaram insensíveis.

— Esperarei por você aqui — Cathy lhe disse.

Até aquele momento, Cecilia não percebera que haviam sido dadas outras instruções. Cathy abraçou-a e explicou que ela deveria se encaminhar até a frente do salão e falar com o oficial responsável pelas informações.

Abrindo caminho entre a multidão de familiares e amigos da Marinha, Cecilia sentia como se estivesse caminhando em câmera lenta. Ela ouvia o som de conversas, de choro e de uma risada nervosa ocasional, como se estivessem a uma grande distância.

— Eu sou Cecilia Randall — disse ao oficial. Ela deu a ele o nome de Ian e o seu posto e mostrou a sua própria carteira de identidade militar.

Ele encaminhou-a a outro oficial. Nesse momento, Cecilia já estava quase desmaiando. Tudo parecia tão irreal. Aquilo *não podia* estar acontecendo. Não com Ian. Não com ela. Já perdera a filha. A vida certamente não seria tão cruel a ponto de também lhe tirar o marido. Torcendo as mãos, Cecilia prendeu a respiração e esperou.

— Sra. Randall?

— Sim. — Instantaneamente alerta, ela deu um passo adiante. — Sou esposa de Ian Randall.

O oficial ofereceu-lhe um sorriso tranquilizador.

— Seu marido sofreu apenas cortes e escoriações.

— Ele...Ele está hospitalizado?

— Não. — O militar arrancou uma folha de papel e estendeu a ela. A razão de pedirmos para falar com todos os parentes dos que foram feridos é para informar que vocês podem falar com os seus entes queridos.

— Falar? — Ela não entendeu.

— Temos cabines de telefone na outra sala. Se a senhora for até lá, seu nome logo será chamado. Dê este papel ao oficial que está lá.

Ela iria falar diretamente com Ian. Cecilia controlou-se para não soluçar de alegria e alívio. Enquanto esperava na sala interna com várias outras esposas, ela percebeu o quanto era afortunada por seu marido não ter ferimentos graves.

Não demorou muito para que o seu nome fosse chamado. Ela pegou o fone e gritou:

— Ian?

— Está tudo bem, querida. Estou bem. De verdade. — Ele contou rapidamente o que acontecera e disse que provavelmente tinha duas costelas quebradas. — Eu sou resistente, você sabe disso.

— Sei, sei — brincou ela por entre as lágrimas.

— Como você soube do acidente? — perguntou Ian.

— Eu estava ouvindo o rádio enquanto estudava...

— Álgebra, apostou — interrompeu ele.

Ela sorriu.

— Isso mesmo. E sabe de uma coisa? — ela acrescentou. — O sr. Cavanaugh sugeriu que eu fizesse um curso de Contabilidade no próximo trimestre. Nunca havia pensado em ser contadora.

— E lhe interessa?

— Ainda não tenho certeza. — Mas quanto mais pensava a respeito, mas gostava da ideia.

— Eu tenho apenas mais uns poucos minutos — disse Ian. Obviamente alguém lhe dissera para se apressar.

— Eu sei.— Ela fora avisada sobre um limite de tempo. — Estou feliz porque você não foi seriamente ferido. — Isso não conseguia expressar toda a verdade.

— Eu também estou. Sinto uma saudade tremenda de você. Não pare de escrever para mim, está bem?

— Não vou parar — prometeu ela. Ela também esperava ansiosa para ouvir notícias dele. Era quase como se estivessem namorando de novo, só que, dessa vez, os encontros eram sob a forma de e-mails e cartões postais. A comunicação entre eles era fácil, ainda que íntima e ajudava-a a lembrar de todas as razões pelas quais se apaixonara por ele.

Cerca de um minuto depois era hora de encerrarem a ligação. Muito tempo antes de Cecilia estar pronta.

— Eu amo você — lhe disse o marido.

— Eu amo você, também.

As palavras dela foram seguidas de um curto silêncio.

— Diga isso de novo, Cecilia. Eu preciso ouvir.

— Eu amo você, Ian Randall.

Cecilia estava se sentindo animada e segura quando voltou ao salão principal, onde Cathy esperava por ela. A amiga olhou para ela, ansiosa.

— Ele tem duas costelas quebradas e está sentindo muita dor, mas está bem. — Embora Ian tivesse escondido bem o seu desconforto, ela sabia que ele estava com dor.

— Você está pronta para ir ao hospital? — perguntou Cecilia.

Cathy assentiu. Ela estava com uma aparência serena.

— Podemos ir — disse ela. — Mas eu tenho a forte sensação de que está tudo bem. De alguma forma, quando eu descobri que Andrew não estava entre os feridos, soube que não tenho nada a temer.

Cecilia esperava sinceramente que a amiga estivesse certa.

* * *

GRACE NÃO sabia direito porque olhara dentro da gaveta da mesinha de cabeceira de Dan. Ela estava sentada na cama, lendo, quando, sem nenhuma razão aparente, se pegou olhando para a gaveta.

Movendo-se devagar, colocou de lado o último livro de John Lescroart e esticou-se até o outro lado da cama. A mesinha-de-cabeceira de Dan estava exatamente como ele a deixara. Uma revista de palavras cruzadas permanecia aberta, com a lombada marcada. A jarra de vidro onde ele jogava as suas moedas permanecia intocada.

Ela franziu o cenho e abriu a gaveta. Dentro havia um baralho, alguns recibos e um romance que ele não acabara de ler. E então ela viu. Bem no cantinho. A aliança de casamento dele.

Dan não a usava há anos. Depois que começou a trabalhar nas florestas, ele a retirara e passou a só usá-la em ocasiões especiais. Na última vez em

que a colocara, a aliança estava apertada, mal coube. Grace pegou-a, segurou-a entre os dedos e ficou olhando para aquele objeto inanimado como se ele pudesse lhe revelar os segredos do marido.

Por que ele voltara para Cedar Cove? Por que arriscara ser visto? Por outro lado, talvez fosse isso o que ele queria. Provocá-la, humilhá-la. Então, viera à cidade com outra mulher.

Grace trincou os dentes e analisou a aliança, comparando-a com a sua, que estava fina e desgastada. Depois de todos esses anos, a dele ainda parecia nova em folha, como se quando a aceitara, Dan não tivesse a intenção de honrar seus votos.

A raiva pareceu ferver dentro dela. Subitamente, Grace deitou-se de costas e usou toda a força que tinha para atirar a aliança para o outro lado do quarto. O anel bateu na parede e rolou pelo carpete. Grace continuou respirando com dificuldade por um bom tempo, enquanto a fúria a dominava com suas garras afiadas. Finalmente, conseguiu se acalmar.

Pegando novamente o romance que estava lendo, ela voltou a recostar-se contra os travesseiros, mas rapidamente percebeu que não seria capaz de se concentrar no livro. A raiva ardente continuava a queimar dentro dela. Grace lutava para recuperar a compostura, mas era como tentar proteger-se de uma ventania apenas levantando os braços.

Sem saber o que fazer, ela saiu da cama e ficou parada, descalça, no meio do quarto. Suas mãos estavam cerradas com tanta força, que as unhas se cravaram na pele macia das palmas.

— Como você ousa aparecer com ela em Cedar Cove? — sibilou para o quarto vazio.

As filhas se recusavam a acreditar que Dan tinha outra mulher, mas Grace sabia que ele tinha alguém. Há meses, ela sabia. Havia outra pessoa, ela pensou naquele instante, e essa pessoa fazia parte da vida dele há muito tempo.

Kelly insistira que, se fosse o caso, haveria alguma evidência, mas Grace já tinha todas as evidências de que precisava. A coisa começara anos antes. A distância emocional e as mudanças bruscas de humor do marido haviam começado há tanto tempo que ela nem conseguia se lembrar quando. E isso era uma evidência, ela percebia, de alguém que estava lidando com culpa e remorso.

Por Deus, ela provaria isso. Não para as filhas, mas para si mesma. Dan *deixara* alguma prova, tinha que ter deixado. E estava bem ali naquele quarto. Onde mais poderia estar? Depois de anos lendo histórias de mistério, ela deveria ter pensado nisso antes. A evidência que procurava provavelmente era alguma coisa banal, que estava bem diante dos seus olhos. Alguma coisa tangível... a prova de que Dan estava vivendo com outra mulher.

Ela abriu com força a porta de correr do armário e arrancou uma camisa do cabide onde estava pendurada. A força da raiva dela deixou o cabide balançando como um pêndulo.

Ela checkou o bolso, colocou essa camisa de lado e pegou outra.

Nada.

Dan pensava que era esperto demais para ela, destruindo todas as evidências. Mas Grace não terminaria de mãos vazias, não dessa vez.

A segunda camisa logo se juntou à primeira, no carpete. Logo o chão estava coberto pelas roupas de Dan. Então, Grace abaixou-se, pegou o

máximo de roupas que conseguiu carregar e atravessou a casa com elas, depositando-as diante da porta da frente. Observando a pilha, ela destrancou a porta e abriu-a com tanta força que fez um estrondo quando bateu na parede oposta. Então, parando no degrau mais alto, Grace arremessou as roupas do marido para fora, na noite. Ela fez uma viagem depois da outra, trazendo tudo o que era dele, até que a metade do marido no armário estivesse vazia e cada peça de roupa dele estivesse espalhada pela varanda e pela calçada.

Então, quase tropeçando na própria camisola, chutou uma camisa que ficara no último degrau e fez com que ela voasse na noite. Um par de calças de trabalho foram as próximas e ela foi tomada por um frenesi de chutar e arremessar as roupas dele, uma peça de cada vez.

Soluçando, ela deixou-se cair no degrau da varanda e cobriu o rosto com as mãos.

— Dan — ela berrou. — Onde está você? ONDE ESTÁ VOCÊ?

Só recebeu o silêncio como resposta. Seu ódio não o trouxera de volta, assim como o seu amor também não havia trazido. Só haviam lhe restado as lágrimas. A emoção tomou conta dela até que estivesse exausta e fraca.

Limpando as lágrimas do rosto, Grace cambaleou para dentro de casa, sem se importar em trancar a porta. Se alguém quisesse entrar à força e matá-la, seria uma morte bem-vinda. Era melhor do que esse pesadelo em que se transformara a sua vida, melhor do que ter que caminhar por uma casa vazia toda noite, sabendo que o homem que ela amara não queria mais viver com ela.

O que foi mesmo que Dan lhe dissera? Que a ideia dele de inferno era ter passado os últimos 35 anos vivendo com ela. Ele dissera uma coisa dessas bem na cara dela, sem se importar nem um pouco com o que ela sentiria. Sem se preocupar que as palavras dele fossem tão brutais quanto qualquer arma.

— Eu odeio você... — sussurrou, enquanto engatinhava de volta para a cama. — Oh, Deus, eu odeio você. — Encolhendo-se na posição fetal, ela começou a soluçar novamente, até não terem sobrado mais lágrimas.

Grace acordou com a primeira luz da manhã e não se moveu, permaneceu na mesma posição encolhida, os joelhos encostados no estômago. A lembrança da noite anterior inundou-lhe a mente. Ela agira como uma mulher selvagem, purgando Daniel Sherman da sua vida.

Ela ouviu um som vindo do cômodo da frente. Dan? Seria bem típico dele, aparecer naquele momento, pensou ela secamente. Típico daquele desgraçado aparecer e agir como se nada fora do comum houvesse acontecido.

— Mamãe? Você está bem?

— Mamãe?

Maryellen e Kelly. Santo Deus, as filhas não. Grace não queria que elas a vissem daquele jeito.

Maryellen entrou no quarto e Grace cobriu os olhos, soluçando abertamente.

— Mamãe... — Maryellen aproximou-se e envolveu a mãe nos braços, encostando o rosto o cabelo de Grace. — Está tudo bem. Não chore, mamãe, por favor, não chore.

Os olhos de Grace ardiam e, mesmo depois de ter dormido pelo que pareciam ter sido muitas horas, ela sentia-se como se não tivesse descansado nem por um minuto.

— O que aconteceu? — perguntou Kelly. — Diga-nos o que aconteceu.

Grace não sabia como explicar que as roupas espalhadas pelo pátio da frente eram o resultado de um acesso de raiva. Por isso, ao invés de responder, perguntou?

— Por que vocês estão aqui?

— A sra. Vessey telefonou — explicou Maryellen. — Ela acordou, viu todas as roupas do papai do lado de fora e ficou preocupada com você.

— Oh.

— Você teve notícias do papai? — pressionou Kelly, e Grace ficou arrasada com a ansiedade na voz da filha. Kelly acreditava de todo coração que Dan amava a todas elas. Portanto, para ela, ele voltaria a qualquer momento com uma explicação perfeitamente lógica sobre onde estivera e porque partira.

— Você sabe onde está papai? — perguntou Maryellen gentilmente.

— Não.

— Papai...onde...está...você? — enfureceu-se Kelly. E começou a chorar.

Grace não tinha respostas para dar a filha. Tudo o que podia dizer com certeza, enquanto reparava em um brilho dourado no outro lado do quarto, era que Dan partira e não se importara em levar sua aliança de casamento com ele.

JUSTINE NÃO conseguia se concentrar no trabalho. Já cometera dois erros e ainda eram onze horas da manhã. Essa não era a maneira como ela queria começar a sua semana de trabalho. O problema tinha a ver com o encontro da sua turma. O comitê de planejamento se encontrara na sexta-feira à noite para um jantar informal e para conversarem. Tudo já estava encaminhado há varias semanas e agora faltava menos de um mês para o evento.

Justine nunca pretendia se envolver tanto. Ela culpava Lana Rothchild por insistir tanto que precisava da sua ajuda. E culpava a mãe por encorajá-la. Antes que pudesse recuar, Lana já a colocara para angariar fundos e pagar contas. Na última reunião, Justine descobrira que também era esperado que ela fizesse parte do comitê de decoração. Agora, seria impossível voltar atrás.

Não era apenas a reunião que a estava preocupando. Seth estava constantemente em seus pensamentos, embora ela não tivesse tido mais notícias dele desde a noite em que Warren a pediu em casamento. Nem uma palavra. Para um homem que se dizia tão louco por ela, não era isso o que aparentava.

Ela pensou... esperou. Era um inferno, mas Justine não sabia mais o *quê* pensar. Não queria pensar em Seth e, certamente, também não queria pensar em Warren.

Ela e Warren também não estavam avançando. Seria bem feito para Seth se ela aceitasse o pedido de Warren. Mas, mesmo que essa ideia houvesse passado pela sua cabeça, ela sabia que seria a pior coisa que poderia fazer.

— Parece que você tem companhia — sussurrou Christy Palmer, quando passou pela mesa de Justine.

Seth. Tinha que ser Seth. Ela virou a cabeça, sem conseguir reprimir um sorriso.

Mas não fora Seth quem entrara no banco e sim Warren. Ele carregava um enorme buquê de flores em um vaso de vidro. Todos os olhares no salão se voltaram para ele, enquanto Warren se dirigia ao escritório dela.

Se Justine pudesse ter escorregado da cadeira para esconder-se debaixo da mesa ela teria feito isso. Prometera uma resposta ao pedido dele. A data limite chegara e se fora e ela ainda não sabia o que fazer.

— Olá, meu bem. — Warren saudou-a, alto o bastante para assegurar-se de que todos no banco o ouvissem.

— Olá Warren — ela respondeu, secamente.

— Vim convidá-la para almoçar.

— Sinto muito — disse ela, lutando contra a vontade de ser impertinente —, mas tenho uma reunião ao meio-dia. Não deixava de ser verdade, mas ela não mencionara que a reunião seria com um dos caixas do banco e não demoraria mais de cinco minutos. Se tanto.

Warren suspirou.

— Eu ainda estou esperando, você sabe.

— Esperando o quê? — Ela fechou o arquivo em que estava trabalhando.

— Você ainda não me informou sobre a sua decisão.

— Eu lhe falei — disse Justine com impaciência, abaixando a voz —, que se você me pressionar, a resposta é não.

— Diabos, até parece que já estamos casados, afinal tudo o que fazemos nos últimos tempos é discutir! É isso que você quer? O que aconteceu, meu bem? Costumávamos nos entender e, agora, de repente, parece que já não sou bom o bastante para você.

— Não é isso. — Como ela podia explicar a ele, se ela mesma não compreendia completamente?

— É aquele seu encontro da escola secundária, não é?

Justine já perdera a conta do número de vezes em que precisara dizer a ele que não era aquilo.

— Se não é isso, então tem que ser aquele seu antigo namorado, com quem você se encontrou.

Seth não era um antigo namorado.

— Eu nunca namorei com ele.

— Mas queria.

— Não. — Não quando estava na escola secundária, de qualquer modo.

O problema era mais recente.

— Precisamos conversar — disse ele, ansiosamente.

— Warren — começou ela, fazendo o possível para não externar a sua frustração. — Eu não posso simplesmente sair no meio do dia para bater papo!

— Você poderia se resolvesse se casar comigo. Não teria que trabalhar.

Justine estreitou os olhos.

— Não diga mais nem uma palavra.

— Está bem, está bem. — Ele levantou uma das mãos, sorrindo. — Vamos, será só por um momento. — Ele apoiou as flores em um canto da mesa e implorou com o olhar.

Não era típico de Warren, ser tão humilde. Ela percebeu que o que quer que fosse devia ser importante, ao menos para ele. Normalmente, Warren sairia do seu caminho de um jeito arrogante.

— Está bem — disse ela, indicando a ele que se sentasse.

— Eu preferiria fazer isso em um lugar em que tivéssemos mais privacidade — sussurrou ele, relanceando o olhar por sobre os ombros.

Justine consultou seu relógio.

— Escute, eu tenho um compromisso em dez minutos. Posso sair depois disso. Você gostaria de me encontrar do lado de fora? Poderíamos conversar lá.

— Está certo.

Justine achou que ele pareceu aliviado.

Warren a esperava quando ela saiu do banco. Estava encostado no carro, mas endireitou o corpo assim que a viu. Apressando-se até a porta do passageiro, ele abriu-a para que Justine entrasse. Ela sabia que o anel de noivado estava guardado no porta-luvas.

— Eu tenho apenas alguns minutos — ela lembrou-lhe quando ele se sentou atrás do volante. — Tenho reuniões à tarde toda. — Era um pequeno exagero, mas por uma boa causa.

— Você tem certeza de que não pode sair para almoçar?

A resposta dela foi um olhar sério na direção dele.

Warren deu de ombros.

— Estava só perguntando.

— Por que tudo isso?

Warren olhou pela janela lateral.

— Eu queria conversar com você sobre nos casarmos.

— Warren!

— Eu acho que sei o motivo pelo qual você não consegue chegar a uma decisão.

Ótimo. Se ele tivesse alguma ideia a respeito, ela ficaria feliz em ouvir.

— Você sente desejo por Seth Gunderson.

Por um momento, ela ficou ofegante demais para responder. Ofegante de vergonha e desapontamento.

— Não sinto não! Você dizer uma coisa dessas...

— Agora, não fique furiosa. O mínimo que você pode fazer é me ouvir, antes de ficar toda irritada. — Ele apertou o volante com as duas mãos, a única evidência de tensão.

— Está certo — disse ela secamente. Era isso o que a mantinha ao lado de Warren. Por mais insensível e cego que ele pudesse ser às vezes, subitamente demonstrava aquela capacidade excepcional de conhecê-la melhor do que ela mesma.

— Você não precisa esconder o que sente por Seth.

Ela cruzou os braços.

— Ah, é?

— Posso lhe dar as coisas que uma mulher deseja. Jóias, presentes, *status*.

Justine revirou os olhos.

— É isto que uma mulher quer? Tem certeza, Warren?

Em resposta, ele inclinou-se por cima dela e abriu o porta-luvas, retirando a caixa com o anel. Warren abriu a tampa e ela quase engasgou, ao ver o diamante de quatro quilates em plena luz do dia. Ele nunca vira nada que brilhasse tanto.

— Diga-me você. — falou Warren. — Você é uma mulher que foi feita para usar um anel como esse.

Justine não discutiu. Ele estava certo, aquele era um diamante incrível e qualquer mulher se sentiria maravilhosa com ele no dedo.

— Bem? — pressionou ele.

Ela deu um suspiro longo e profundo e concedeu:

— Você defendeu bem seu argumento.

— Foi o que pensei.

— Mais alguma coisa? — perguntou ela. — Preciso voltar ao trabalho.

— Você quer o anel e eu quero que o tenha, mas você ainda não se decidiu e acho que sei por quê.

Justine não disse nada.

— Eu posso lhe dar todas as coisas que desejar na vida, mas ambos sabemos que há uma coisa que não posso lhe dar.

— Warren...

— Escute-me. Você deseja Seth Gunderson. Você é jovem e saudável e, diabos, eu não sou cego! — Warren sustentou o olhar dela por um momento e, depois, desviou-o — Mas posso ser.

Justine franziu o cenho.

— Não entendi.

Warren passou o braço por trás do assento dela.

— Meu bem, você quer sexo. Que mulher não quer? Então, vá em frente, com a minha benção. Faça o que quiser com ele e, depois, volte para casa, para mim.

A rudeza das palavras dele fez com que ela engasgasse.

— Você está me incentivando a ter um caso?

— Se não for com Seth, então que seja com outra pessoa. Você escolhe.

— Esse não é o tipo de casamento que eu quero!

Ele continuou a falar como se não a estivesse escutando.

— A única coisa que peço é que me diga quem é.

Justine não podia acreditar que eles estivessem tendo essa conversa, ou que Warren houvesse sugerido uma coisa tão... tão errada.

— Eu não sou assim, Warren.

Ele deu uma risadinha, típica de um homem que já vira de tudo.

— Nunca se sabe, Justine. Nunca se sabe.

Capítulo Quinze

COMO UM homem solteiro, Jack Griffin não tinha o hábito de recusar convites para jantar, especialmente quando eram de Bob e Peggy Beldon. Peggy era uma cozinheira extraordinária, e as refeições que serviam em sua pousada haviam se tornado uma lenda culinária.

Jack fizera amizade com Bob há mais de dez anos. Ele e Peggy eram proprietários da Thyme and Tide há sete anos. A pousada ficava em Lighthouse Road, a cerca de um quilômetro da casa de Olivia. A construção branca, de dois andares, com a cerca de ferro fundido, pintada de preto, era chamada de O Palácio, antes que o casal a comprasse. Dizia-se que um comandante da Marinha a construía no início do século XIX. A construção tinha duas pequenas torres, uma em cada lado casa, e a maior delas tinha uma sacada.

A pousada fora um sucesso desde o início e isso se devia em grande parte à habilidade dos Beldon como anfitriões. E, é claro, à comida de Peggy.

Jack chegou com um buquê de flores e cheio de apetite.

— Seja bem-vindo — disse Peggy, abrindo a porta e dando um beijo no rosto dele. — Não vemos você o quanto gostaríamos. Nossos hóspedes não devem voltar tão cedo, portanto, estamos livres para relaxar por algumas horas. — Os olhos dela estreitaram-se em um sorriso. — Eu sempre aprecio a oportunidade de alimentar alguém que gosta da minha comida como você.

— Pode me convidar para jantar sempre que quiser — disse ele animadamente.

— Será que escutei a campainha. — Bob apareceu e os dois homens trocaram apertos de mão.

— Pode deixar que eu tomo conta dessas flores — disse Peggy, e saiu da sala.

Jack acompanhou o amigo para o pátio atrás da casa. Ali, eles tinham uma vista completa da enseada, com o embarcadouro de Bremerton à distância.

— Já arrumei o tabuleiro de cribbage e está tudo pronto para jogarmos —
lhe disse Bob. — Que tal um copo de chá gelado?

— Parece ótimo.

Enquanto Bob ia até a cozinha para pegar o chá, Jack inspecionou o canteiro de ervas de Peggy. Era adorável, um prazer para todos os sentidos. Até mesmo Jack, que gostava de dizer que tinha "um dedo verde, verde-bolor", conseguia aprender alguma coisa ao contemplar o canteiro de Peggy. Muitas das ervas frescas eram usadas nas receitas tão apreciadas dela, e ele começou a conjecturar sobre o que ela serviria naquela noite.

Bob voltou com dois copos de chá gelado.

— Essa minha aposentadoria é uma farsa — ele resmungou. — Parece que a casa precisará ser pintada nesse verão, e Peggy acha que eu mesmo posso fazer o serviço.

— Ela está brincando, certo?

— Espero que sim. — Bob afundou em uma das poltronas. — Você acredita que já estamos em meados de junho? — Ele endireitou-se, de repente, na cadeira, com um olhar surpreso.

— O que houve?

Bob desviou o olhar e pareceu envergonhado, como se houvesse dito alguma coisa que não devia.

— Nada — disse ele, desviando-se da pergunta. — Apenas outro dos arrependimentos da vida. Não vamos conversar sobre isso.

Jack franziu o cenho, mas se havia alguma coisa sobre a qual ele entendia era sobre arrependimento.

— Então, você já está aqui há quase um ano — falou Bob, casualmente, pegando o copo de chá.

Jack assentiu. Um ano. Bem, seria um ano em outubro. Ocupado como estava com o jornal, os meses pareceram voar. Parecia que fora há apenas algumas semanas que ele se sentara na sala de audiência de Olivia pela primeira vez... Ficou chocado ao perceber que já haviam se passado seis meses.

— O que acha de Cedar Cove, agora?

— Bem — disse Jack rindo. — É o meu tipo de cidade.

Bob e Peggy haviam crescido em Cedar Cove. Eles se formaram juntos na escola secundária e, então, Bob fora convocado e enviado para o Vietnã. Ele voltara assombrado por demônios... e por lembranças e experiências sobre as quais mal podia falar, mesmo agora. Esses demônios o impeliram a procurar o esquecimento na bebida. Jack também encarara os seus próprios demônios no Vietnã e eles, assim como os de Bob, o haviam levado à gratificação enganosa do álcool.

Ele encontrara Bob em um centro de reabilitação e eles haviam começado uma amizade que só crescera ao longo dos anos. Embora ambos já estivessem sóbrios há dez anos, ainda sentiam as consequências desses anos de excesso de bebida. Somente agora Eric começava a confiar nele.

— Pensei em comermos no pátio essa noite — anunciou Peggy, juntando-se aos homens.

Jack gostou da ideia. Depois de uma semana de chuva intermitente, a noite estava limpa e agradável. Uma brisa fresca trazia um leve cheiro de mar.

— Então — disse Peggy, pegando a cadeira de vime que estava perto de Bob —, como está indo o jornal?

— É um sucesso. — Jack estava orgulhoso disso. Ele fizera um monte de mudanças nos últimos oito meses, acrescentara uma segunda edição por semana e seguira seus instintos. Uma das suas inovações mais populares viera de Charlotte Jefferson. A Página da Terceira Idade dela tornara-se um grande sucesso na comunidade. A mãe de Olivia era um talento natural. Sua coluna em tom de conversa, publicada às quartas-feiras, era cheia de comentários sobre os acontecimentos locais. Se o neto do sr. Samuel viesse visitá-lo, Charlotte dava a notícia. Se o cachorro dos Robertsons dava cria, ela escrevia sobre eles, garantindo bons lares para os filhotes. Ela ainda publicava receitas e algumas excelentes dicas antigas sobre cuidados com a casa. Quem poderia imaginar que o vinagre pudesse ter tantas utilidades? Ela escrevera também sobre o passado da cidade, discutira a história local, especialmente os eventos que aconteceram mais ou menos na época da Segunda Guerra Mundial. E também fazia vários comentários nascidos da sua própria sabedoria.

— E quanto a você? — perguntou Peggy. — Também está prosperando?

— Eu?

— Você está feliz?

— Estou são e sóbrio. Para mim, melhor do que isso é impossível.

— E quanto a Olivia? — perguntou Bob.

O amigo fizera a única pergunta que ele não queria responder. Jack deu de ombros.

— Que tipo de resposta é essa? — ralhou Peggy. — Há algumas semanas atrás você tinha montes de coisas para dizer sobre a juíza.

— Ela está apaixonada pelo ex-marido — disse ele tristemente. Ele vira isto no dia em que Olivia voltou da sua viagem à Califórnia. Desde então, só tivera notícias dela uma vez, quando Olivia ligara para ele para desmarcar o encontro que haviam combinado para a quarta-feira seguinte. Não haviam tido mais contato desde então. Ele suspirou, lembrando-se de como ela voltara do aeroporto com o ex-marido, a capota do conversível vermelho arriada, a música alta. Qualquer um que olhasse para eles pensaria que eram amantes. Jack não era o tipo de homem que fugia de desafios, mas era esperto o bastante para evitar um caso perdido. Como se apaixonar por uma mulher que ainda estava envolvida com o seu ex-marido.

— Eu achei que Stan havia se casado de novo — disse Bob, virando-se para Peggy.

— Ele se casou.

— Isso não muda o que Olivia sente por ele — insistiu Jack.

— Você perguntou a ela a respeito?

Jack balançou a cabeça, negando. Querendo desesperadamente mudar de assunto, ele disse:

— Quais as novidades com os garotos? — Bob e Peggy tinham dois filhos. Hollie, a mais velha, vivia em Seattle, e o mais novo, Marc, estava no Kansas.

— Estão ambos bem — falou Peggy. — E Eric, está bem? O filho de Jack não fazia muita questão de se manter em contato, o que ele imaginava que

fosse justo. Por uma boa parte da vida de Eric, Jack estivera ausente, se não física, com certeza espiritualmente.

— Não muito — confessou Jack.

— Qual foi a última vez que falou com ele?

Jack teve pensar a respeito. Depois do jantar deles com Olivia, telefonara para convidar Eric para visitá-lo em Cedar Cove, mas o filho recusara, dera uma desculpa conveniente. Alegou que teria um encontro. Inclusive, aquela não fora a primeira vez que Eric mencionara a garota com quem estava saindo. Shirley ou Shelly, ele não se lembrava bem do nome dela. Parecia que Eric estava levando a relação a sério, e Jack cometera o erro de comentar isso. Ele sugerira que já era hora de Eric pensar em casar e se assentar. O filho quase voara no seu pescoço.

Havia uma razão para a reação de Eric. Ele não podia gerar filhos, por causa das doses maciças de remédios que tomara quando criança, e ainda não encontrara um modo de contar isso a Shirley... ou Shelly, que, aparentemente, queria uma família. A conversa terminara de um jeito meio azedo e Jack não telefonara de novo, desde então.

Logo entraria em contato, mas precisava dar um tempo para que Eric o perdoasse por sua falta de tato. Ele ansiava por estreitar a relação com o filho e não queria destruir a base frágil que fora tão cuidadosamente construída.

— O jantar estará pronto em meia hora — disse Peggy, deixando-os. Ela voltou um momento depois, carregando uma enorme salada.

— Deixe-me ajudá-la — disse Jack.

— Bobagem. — Peggy dispensou a ajuda dele. — Vocês dois podem ir jogar *cribbage*. Bob vem ansiando por isso o dia inteiro.

Jack estava mais do que disposto a obedecer. Bob havia montado o tabuleiro na mesa e Jack sentou-se na cadeira em frente a dele, de costas para o mar. Ele não queria se distrair. Bob era um bom jogador, rápido e decidido e Jack precisava de toda a sua esperteza para disputar com ele.

— Peggy está bem? — perguntou Jack depois que Bob distribuiu a primeira mão de cartas.

Bob colocou o baralho de lado e pegou suas sete cartas.

— O que o faz perguntar isso?

Jack não sabia direito. Peggy estava tão calorosa e receptiva como sempre, mas ele sentia que alguma coisa a estava perturbando.

Embora parecesse que ele estava estudando as cartas, Bob tinha o olhar de um homem perdido em pensamentos.

— Tão ruins? — implicou Jack.

Bob franziu o cenho, confuso.

— As cartas — explicou Jack.

— Não, não. — O sorriso dele pareceu forçado.

Jack colocou as próprias cartas de lado.

— Está tudo bem com você e Peg, não está? — perguntou ele, com a voz preocupada.

— Depois de 32 anos, tem que estar, não acha?

— Nunca se sabe. — Ele queria muito testemunhar um casamento sólido, apenas para provar a si mesmo que isso ainda era possível nesses dias em que se divorciar era tão fácil.

Queria testemunhar um casamento que pudesse sobreviver a uma crise... Ele pensou na ex-esposa. E pensou em Olivia. Nunca quis uma mulher com a intensidade que queria a ela. Ele...

— Jack? — A voz de Bob quebrou a sua concentração.

Ele levantou os olhos.

— Você vai ficar olhando para as suas cartas a noite toda ou vai descartar?

— Vou descartar.

— Você está com alguma coisa na cabeça? — perguntou Bob.

— Como o quê? — disse Jack.

Bob riu. Era, obviamente, um homem capaz de ler todos os sinais.

— Como Olivia.

Jack deu de ombros exageradamente.

— Como eu sou transparente, hein?

Bob riu.

— Não mais do que Peg e eu.

— Não há nada errado, não é? — Ele não tinha a intenção de se intrometer, mas a possibilidade de haver problemas entre Bob e Peggy o deprimia. Eles eram o único casal que ele conhecia que encontrara a felicidade e conseguira agarrar-se a ela ao longo dos anos, os bons e os maus.

— Nós estamos bem. E quanto a você?

— Estou bem, só um pouco desapontado.

— Olivia?

Jack assentiu e nada mais foi dito.

Eles acabaram a primeira partida e, então, Peggy já colocara o jantar na mesa e estava pronta para servir. Boa comida e bons amigos. Aquela era a melhor refeição que ele estava tendo em semanas, mas Jack chegou à conclusão de que a companhia ainda era mais satisfatória do que a comida.

* * *

332

O ACIDENTE a bordo do *George Washington* foi manchete na imprensa por vários dias. Cecilia mantinha contato diário com Ian. Alguns dias, quando não tinha acesso a um computador, ela escrevia seus pensamentos. Essas cartas levavam uma semana ou mais para chegar até ele, mas Ian dizia que gostava de receber notícias dela daquela maneira.

Como estava fazendo as provas finais em apenas duas matérias, Cecilia tinha um dia de folga da faculdade naquela semana. E como não estava escalada para trabalhar até o fim da tarde, decidiu comemorar e fez planos de passar a manhã com Cathy.

Depois de examinar Cathy no hospital da Marinha, o médico que a atendeu disse que a gravidez era segura, mas sugeriu que ela deixasse o emprego como caixa na mercearia local. Ficar de pé por um período de oito horas não seria bom nem para ela, nem para o bebê. Sem querer arriscar, Cathy imediatamente avisara no emprego que estava saindo.

Quando Cecilia chegou à casa da amiga, descobriu que Carol Greendale também havia parado para uma visita. Cecilia quase mudou de ideia e deu meia-volta. Quase. A filhinha de Carol era mais velha do que Allison apenas

um dia ou dois. Cecilia tinha medo de ver o bebê, mas, ao mesmo tempo, se sentia atraída pela menina.

— Olá Carol — disse, em uma voz amigável, fingindo que estava à vontade com a outra mulher. A pequena Amanda estava cambaleando feliz por todo o apartamento, examinando tudo o que estava à vista, pegando livros, tentando agarrar enfeites, puxando as cortinas.

— Venha aqui, Amanda — chamou Carol, pegando a filha nos braços. A criança imediatamente se aconchegou na mãe, gritando de prazer.

— Estou feliz por você estar aqui — falou Cathy, rindo e apertando a mão de Cecilia com força, como se para avisar à amiga que ela entendia.

— Nós estávamos falando sobre o *George Washington* — explicou Carol, balançando a filha no colo.

— Carol veio trazer as últimas notícias — disse Cathy.

— Eu acabei de ouvir que eles estão navegando de volta — contou Carol.

— O *George Washington* está voltando para o estaleiro em Bremerton? — Cecilia queria ter certeza de que não havia entendido errado. Até então, ainda não havia sido decidido para onde o porta-aviões seria levado para fazer os reparos necessários.

— Sim! — Não havia como duvidar da animação de Cathy.

— Quando eles vão chegar? — A mais absoluta alegria transparecia na voz de Cecilia.

— Não devem demorar.

Cecilia se sentia esperançosa em relação ao seu casamento, principalmente depois das últimas semanas. Ian se comunicava com ela praticamente todos os dias. No início, falavam de coisas mais banais, de

acontecimentos do dia-a-dia. Mais fatos do que sentimentos. Mas, conforme as semanas foram passando, ambos se sentiram prontos para se aventurar por um território mais perigoso. A filha deles e a sua morte.

Ao longo dessas conversas, Cecilia percebera que havia colocado culpa demais nos ombros de Ian. Não tivera essa intenção, mas, presa como estava na armadilha da dor e do sofrimento, acabara voltando-se contra o marido. Não fora justo, e ela sabia disso mesmo naquela época, mas não conseguira se controlar. Como estava lidando com o seu próprio choque, Ian não fora de muita ajuda para Cecilia. Agora, já se passara quase um ano e o tempo lhes deu uma nova perspectiva sobre como a forma como agiram quase destruíra o casamento deles.

— Vou pegar um biscoito para o bebê — disse Cathy, indo em direção à cozinha.

— Não precisa — falou Carol.

— Oh, mas eu quero pegar.

Cathy olhou significativamente para Cecilia.

— Venha me dar uma ajuda — pediu.

Cecilia levantou-se prontamente e seguiu a amiga.

Carol pareceu confusa e um pouco ofendida. Cecilia se sentiu mal por isso, mas Cathy obviamente precisava lhe contar alguma coisa importante.

— Andrew já sabe sobre o bebê — sussurrou Cathy, assim que as duas entraram na cozinha.

— Como?

— Eu contei a ele. Tive que contar. Andrew quis saber por que eu deixei meu emprego. Tentei disfarçar, mas temos uma promessa de nunca mentir um para o outro. Então, eu... eu disse que estou grávida.

— E?

Cathy olhava para o chão.

— Ele está assustado como eu e ficou um pouco magoado por eu não ter lhe contado antes.

— Mas acima disso tudo, tenho certeza de que ele ficou muito animado.

Cathy assentiu.

— Sei que ficou. Nós dois queremos muito esse bebê.

Cathy parecia prestes a se derreter em lágrimas e provavelmente era o que teria feito se a pequena Amanda não tivesse soltado um grito de frustração bem naquele momento. Cathy apressou-se a encontrar um biscoito de água e sal e levou para ela, na sala.

Carol estava ocupada recolhendo os brinquedos.

— Está na hora de irmos para casa — murmurou ela.

— Mas você acabou de chegar — protestou Cathy.

— Eu sei... é só que... — ela relanceou o olhar para Cecilia, como se quisesse dizer que, agora que a outra amiga de Cathy chegara, ela não era mais tão bem-vinda.

Delicada como sempre, Cathy balançou a cabeça, negando.

— Espero que você me perdoe por ser tão grosseira, mas eu precisava contar uma coisa a Cecilia. Mas isso não significa que a estou excluindo.

— Eu entendo — disse Carol. Ela procurou por Amanda, mas a menina escapara dos braços da mãe e cambaleava em direção a Cecilia. O bebê

tropeçou e Cecilia, instintivamente, amparou-a nos braços. Babando e rindo, Amanda levantou o olhar para quem a segurara, os olhos arregalados de curiosidade. Cecilia ficou paralisada, incapaz de desviar o olhar do bebê que, em outras circunstâncias, poderia ter sido a sua própria filha.

A pequena Amanda sustentou-lhe o olhar e, então, sorriu e levantou os bracinhos, querendo que Cecilia a pegasse no colo.

A decisão foi automática. Cecilia inclinou-se e pegou a criança. Então, como se entendesse a importância do momento, Amanda passou os bracinhos rechonchudos ao redor do pescoço dela. Cecilia sabia que estava sendo excessivamente imaginativa, mas sentia que aquela menina, aquele bebê de apenas um ano, reconheceria todo o amor por Allison que ela mantinha guardado no coração. A filha que ela nunca mais seguraria nos braços, para quem não cantaria e na qual não daria beijos de boa noite.

Cathy e Carol permaneceram quietas, com a respiração suspensa por alguns segundos, observando a reação de Cecilia.

Carinhosamente, Cecilia roçou com os dedos o cabelinho ralo da testa da menina, beijou-a e voltou a colocá-la no chão, onde Amanda balançou um pouco até recuperar o equilíbrio e caminhou vacilante até onde estava a mãe.

— Carol, eu vou lhe contar também — disse Cathy. — Eu...você sabe que eu deixei meu emprego há pouco tempo. Bem, há uma razão para isso. Estou grávida.

Os olhos de Carol se acenderam.

— Isso é maravilhoso! — O sorriso em seu rosto apagou-se quando ela percebeu que nem Cathy, nem Cecilia pareciam totalmente felizes. — Qual é

o problema? — ela perguntou, o olhar indo de uma para outra. — Vocês não estão felizes?

Cathy rapidamente assegurou a Carol que *estava* feliz.

— É só que eu já perdi dois bebês antes, e estou apavorada.

— Eu também ficaria. — Carol entregou o biscoito a Amanda e a menina sentou-se satisfeita no tapete para roê-lo. — Eu sinto muito, Cathy. Nem podia imaginar... — Ela virou-se para Cecilia. — Você não estava no hospital, na mesma época que eu? — perguntou.

Cecilia assentiu.

— Minha menininha se chamava Allison.

— Eu me lembro. Sempre quis lhe dizer como me senti mal pelo que lhe aconteceu, mas você... bem, você não parecia querer falar com ninguém.

— Me arrependo disso, agora — disse ela. — Eu precisava de uma amiga.

— Eu também precisava.

Os militares podem ser os heróis, mas suas esposas são a espinha dorsal da Marinha, pensou Cecilia. Essas mulheres, e ela agora era uma delas, eram o apoio dos maridos, do país e também umas das outras.

— Eu não sei o que vai ser dessa gravidez — lhes disse Cathy —, mas sei que Andrew e eu vamos conseguir lidar com isso, não importa o que aconteça.

Não importa o que aconteça, meditou Cecilia. Se a amiga podia ser corajosa daquele jeito, ela também poderia.

Volte logo para casa, Ian, ela rezou. *Mantenha-se em segurança e volte logo para casa.*

SE NÃO FOSSE por Olivia, Grace teria abandonado as aulas de aeróbica das quartas-feiras à noite há muito tempo. Mas desde o sumiço de Dan, ela descobrira que se exercitar era uma ótima maneira de relaxar do estresse. Nunca suara tanto ou ficara tão ofegante. Fazia cada movimento com entusiasmo e energia. Se antes ela era sempre a que ficava atrás, agora conduzia a turma.

— Acompanhá-la vai acabar me matando — reclamou Olivia enquanto seguia Grace para os chuveiros. — O que está acontecendo com você nesses últimos tempos.

Como se Olivia não soubesse.

— Você precisa perguntar?

— Bem, eu sei que você está aborrecida por causa de Dan.

— Isso não descreve nem a metade do que estou sentindo.

Olivia secou o rosto com uma toalha de mão.

— Você já jantou?

Grace negou com a cabeça. Como agora cozinhava apenas para si mesma, achava mais fácil pegar um prato qualquer no freezer e colocar para esquentar no microondas. Às quartas-feiras ela costumava nem jantar. Na

hora que chegava em casa da aula de aeróbica, sentia-se cansada demais para comer.

— Ainda não.

— Quer me encontrar no Pancake Palace? — sugeriu Olivia.

Grace não estava com fome, mas sair com Olivia adiaria o momento em que teria que entrar em uma casa vazia.

Ela tomou banho e mudou de roupa. Como tivera apenas conversas rápidas com a amiga nas últimas semanas, agora esperava ansiosa pela oportunidade de terem uma conversa de verdade. Elas se viam com frequência, mas raramente tinham a oportunidade de trocar mais do que umas poucas palavras de passagem.

Olivia já garantira um reservado quando Grace chegou. Ela deslizou pelo assento atrás da mesa, sentando-se em frente à amiga e pegou o cardápio, que estava enfiado, como sempre, na caixa de guardanapos.

— Não era aqui mesmo que sentávamos, na época da escola secundária — perguntou Olivia.

Grace precisou pensar a respeito. Era?

— Não me lembro, mas pode ser que sim.

— Lembra-se de como Kenny Thomas terminou comigo bem aqui, no Pancake Palace? — Olivia lembrou a ela.

— Aquele rato.

Seus olhos se encontraram e elas sorriram, relembrando. Mas o divertimento de Grace diminuiu quando ela se lembrou da frequência com que se encontrava com Dan ali, durante os seus anos de escola secundária. Como a sua vida poderia ter sido diferente se ele tivesse terminado o namoro

com ela, ou se ela tivesse tido coragem de devolver o anel que ele lhe dera. Mesmo naquela época, quando ainda era uma adolescente, Grace sentira que eles não revelavam o que havia de melhor um no outro. E, bem no fundo, Dan também sabia disso.

Então, pouco antes da formatura, ela descobrira que estava grávida. Dan quisera casar e ela dera um jeito de se convencer de que essa era a melhor coisa a ser feita.

— Kelly e eu nos encontramos aqui para jantar não faz muito tempo — falou Grace, interrompendo seus próprios pensamentos, antes que caísse de novo no abismo da autopiedade. Fora na noite em que Kelly a persuadira a não entrar com a ação de divórcio. Ela prometera esperar até que o bebê nascesse, mas se arrependia da decisão desde aquele dia.

— Eu invejo a relação que você tem com as suas filhas — admitiu Olivia.

— Você e Justine não estão se entendendo?

Olivia deu de ombros levemente.

— Nós não discutimos, se é isso que você quer dizer, mas também não conversamos abertamente. Eu soube pelas fofocas que correm que Warren a pediu em casamento, mas ela nem mesmo mencionou o pedido dele.

— Talvez ela já saiba o que você iria dizer a respeito.

O olhar de Olivia tornou-se pensativo.

— Eu jurei que não diria nada contra, mas não é fácil.

Se havia alguma consequência boa do desaparecimento de Dan, fora que Grace e as filhas haviam ficado ainda mais próximas. Elas se falavam por telefone ao menos uma vez por dia, na maioria das vezes para encorajar e dar apoio umas às outras. Depois dos últimos acontecimentos, elas decidiram que

não conseguiam mais suportar não saber onde estava Dan. As filhas se propuseram a ajudar a pagar o investigador particular porque se sentiam tão desesperadas por respostas quanto Grace.

— Eu contratei Roy McAfee novamente na semana passada. — Grace falara com Roy logo depois do desaparecimento de Dan e concluía, depois da investigação inicial que ele fizera, que não poderia mais arcar com as despesas dos serviços dele. Mas conforme as semanas iam se arrastando, acabou percebendo que nem ela, nem as filhas aguentariam *não* pagar pelos serviços dele. Elas precisavam saber o que acontecera com Dan e parecia não haver outra maneira. — A frustração está me deixando louca.

— As meninas concordam?

Grace assentiu.

— Foram elas mesmas que conversaram comigo a respeito. Ambas precisam de respostas tão desesperadamente quanto eu. O bastante para me ajudarem a pagar a conta. — Contratar um detetive particular era caro, mas, como dissera Maryellen, não totalmente de brincadeira, as despesas médicas por conta de um colapso nervoso poderiam ser ainda mais caras.

Alguma coisa dentro de Grace se quebrara na noite em que esvaziou o armário de Dan. Ela provavelmente deveria ter procurado o departamento de psiquiatria do hospital local. Chegara ao seu limite e as filhas reconheceram isso antes mesmo que ela.

— O que Roy diz?

— Eu lhe dei todas as informações que podia e ele prometeu me dar um retorno.

— Você lhe contou sobre as suas suspeitas?

Grace suspirou e pegou o garfo, enquanto olhava fixamente para as nódoas de água na mesa.

— Roy não concorda nem discorda. Mas tenho fé que se houver outra mulher, ele vai descobrir quem é.

— E — disse Olivia, inclinando-se na direção da amiga —, que provas você conseguiu dar a ele?

— Nem uma sequer. — Grace procurara em tudo o que era de Dan e terminara ainda mais confusa. Como ele fora cuidadoso, como fora inteligente. Não deixara uma mínima evidência sequer, pelo menos nada palpável, que ela pudesse dar a Roy.

— Mas a intuição lhe diz que há outra pessoa?

Ela assentiu lentamente.

— Quanto mais eu penso, mais pistas eu percebo.

— Tais como?

— Você conhece Dan. Ele não liga muito para a aparência. Mas, recentemente, eu comecei a me lembrar de pequenas coisas que aconteceram na época em que ele sumiu pela primeira vez.

— Como o quê?

— Aquela foi uma manhã igual às outras, mas eu percebi mais tarde, que ele havia penteado o cabelo e se barbeado. Dan costumava se barbear à noite. Ele alterou a sua rotina naquele dia.

— Ele foi se encontrar com ela, então?

— É o que imagino.

— E dessa vez?

Grace repassara mais de uma centena de vezes em sua mente aquela última manhã deles juntos.

— Não me lembro exatamente, mas acho que sim. — A única coisa de que conseguia se lembrar realmente era do aroma da loção pós-barba dele, quando o marido pegara o pacote com seu almoço no balcão e se encaminhara para a porta.

— Lembro-me também que há cerca de um ano perguntei a ele se estava se sentindo culpado por alguma coisa, porque estava agindo de um jeito meio... furtivo. — Esse incidente também ficara indo e voltando em sua mente. Dan a fuzilara com um olhar chocado, como se ela o houvesse pego em flagrante. Naturalmente ele negara tudo e ela *escolhera* acreditar nele.

— Você já teve alguma notícia de Roy?

Grace amassou o guardanapo de papel que segurava.

— Ele telefonou esta tarde.

— E? — Os olhos de Olivia estavam arregalados com a expectativa.

— Nada. Ele disse que se Dan conseguiu outro emprego, não usou o seu número do seguro social.

— E quanto à mulher? Roy lhe deu alguma pista de quem poderia ser?

— Não. Ele perguntou por aí, fez algumas investigações preliminares em Seattle e nos arredores, mas não conseguiu nem uma pista. Quem quer que seja ela, suspeito que eles estejam se encontrando há anos. Ela provavelmente se cansou da incapacidade de Dan para tomar uma decisão e deve ter lhe dito que era ela ou eu. — Embora falasse sem nenhuma emoção na voz, Grace ainda se sentia arder por dentro por causa de disso. A cada dia se tornava mais claro que Dan estivera sob pressão. Ele não era um homem cruel por

natureza, embora, às vezes, fosse capaz de dizer e fazer coisas cruéis. Quem quer que fosse aquela mulher, Dan devia amá-la muito.

— É como se ele houvesse desaparecido da face da Terra.

— Eu sei. — O olhar de Grace estava fixo na mesa. — Tudo o que eu queria era uma resposta — sussurrou ela. — Sei que deve ser difícil de acreditar, especialmente depois dessa situação em que ele nos colocou, mas quero que Dan seja feliz. — Ela nunca fora capaz de preencher o vazio dentro do marido. E fora pior depois do Vietnã. Então, Kelly nascera e foi como se a segunda filha houvesse renovado os propósitos dele. Eles foram felizes por alguns anos. Dan encorajara Grace a fazer uma faculdade e fora de uma ajuda inestimável com as meninas. Eles formavam um time, uma família. Agora ele se fora.

— E se você não conseguir as respostas que está buscando? — perguntou Olivia gentilmente.

Grace também já considerara essa hipótese. Era uma possibilidade forte, até. Dan parecia não ter a menor vontade de dizer a ela o porquê partira, nem de encará-la de maneira alguma. Talvez esse houvesse sido o motivo que o levara a aparecer rapidamente em Cedar Cove. Ele queria ser visto. Talvez estivesse querendo lhe dizer que estava seguindo com a sua vida e que ela deveria fazer o mesmo.

— Se eu não conseguir respostas, lidarei com isso do mesmo modo como tenho feito com tudo mais na minha vida.

Olivia balançou a cabeça, admirando a amiga.

— Você é uma mulher corajosa, Grace Sherman.

Grace não via a si mesma dessa forma, mas aceitou o cumprimento.

— Ei, quando vamos conseguir ser atendidas aqui?

Olivia colocou os dois dedos na boca e deu um assovio baixo e penetrante. Ela sempre se orgulhara da sua capacidade de fazer isso. E certamente impressionara os filhos com essa habilidade.

— Só um minuto! — gritou a garçonne de dezesseis anos do outro lado do restaurante. — Eu só tenho duas mãos.

— O mesmo velho Pancake Palace — riu Grace. Algumas coisas nunca mudavam, e ela estava grata por isso.

* * *

NA ÚLTIMA semana de junho, Olivia se deu conta de que não tinha notícias de Jack Griffin há mais de um mês. Desde que voltara da Califórnia. Ela só percebeu que já fazia tanto tempo, quando começou a planejar a comemoração do aniversário da mãe. Entre o trabalho na Vara de Família, a preocupação com Justine, a nova família de James, a obsessão da mãe por Tom Houston e os problemas de Grace, Olivia estava tão envolvida com a vida dos outros que quase se esquecera de que ela mesma tinha uma vida própria.

Antes de sair de casa para o tribunal na tarde de segunda-feira, Olivia estava em um dos seus raros momentos de bom-humor doméstico e preparou uma fornada de seus *muffins* favoritos para o café. Os bolinhos eram um clássico de família. Como Jack não parecia disposto a ligar para ela, Olivia decidiu, então, ligar para ele. Ela não tinha por hábito procurar os homens,

mas, dessa vez, tinha a desculpa perfeita. Um convite. Como não sabia o número da casa dele, ligou para Jack no escritório.

— Jack Griffin — ele falou bruscamente, atendendo assim que a recepcionista transferiu a ligação.

— Olá Jack.

— Oh...Olivia.

Ele soava como se ela o houvesse desestabilizado.

— Imagino que você não estivesse esperando o meu telefonema — disse ela.

— Eu diria que não. — A voz dele se tornou mais suave.

Provavelmente era melhor ir diretamente ao ponto.

— Você já tem planos para o feriado da Independência, o Quatro de Julho?

— Depende — disse ele cautelosamente. — O que você tem em mente? — Jack não esperou pela resposta dela e logo ofereceu a sua própria sugestão. — Eu venho querendo escrever um artigo sobre uma colônia de nudismo próxima daqui. Estaria interessada em me acompanhar?

A risada dela foi o bastante como resposta.

— Foi o que pensei — resmungou ele, em uma voz resignada, e Olivia riu novamente.

— Na verdade, minha mãe faz aniversário em Quatro de Julho — disse ela. — E eu estou planejando uma pequena festa surpresa.

— Pequena, quanto?

— Eu, você e mamãe. — Justine também fora convidada. Ela provavelmente apareceria sem Warren, mas Olivia duvidava que a filha fosse se demorar muito.

— Posso ligar para você mais tarde, para confirmar?

— Com certeza. — Eles encerraram a ligação logo depois e Olivia desligou sentindo-se desapontada. Talvez ela houvesse ofendido Jack de alguma forma, embora não soubesse quando ou como. Ela cancelara o último encontro deles por causa de uma reunião da Associação de Advogados, mas na ocasião ele soara quase aliviado e, desde então, não tivera mais notícias de Jack.

Cinco minutos depois, a campainha tocou. Quando Olivia foi atender, ficou espantada ao ver Jack Griffin encostado, no batente da porta, fazendo o máximo possível para parecer com Cary Grant no filme *Jejum de Amor*.

— Jack? O que você está fazendo aqui?

— Eu pensei no assunto — disse ele, com um sorriso envergonhado —, e adoraria vir à sua festa.

— Ótimo!

— Você não vai me convidar para entrar?

— Oh, claro que sim! — Ela chegou para o lado e ele entrou na casa, acompanhando-a em direção à cozinha, onde ela continuou a preparar um bule de café fresco. Os bolinhos já estavam fora do forno.

— É uma receita de família — ela contou a ele, enquanto colocava um *muffin* quente em um prato. — Mamãe sempre faz questão de me lembrar como o farelo de cereais é bom para pessoas mais velhas. — Ela revirou os olhos quando falou *mais velhos*.

— *Muffins* de farelo de cereais e maçã? Sua mãe incluiu a receita em uma de suas primeiras colunas.

— Eles mesmos. — Olivia pegou um bolinho para si mesma e sentou-se junto a ele na mesa.

— Estou feliz por você ter me ligado — disse Jack. — Já faz tempo desde a última vez em que nos falamos.

— Você poderia ter me telefonado, você sabe.

Ele hesitou.

— Eu, bem, não tinha certeza se seria uma boa ideia.

— Por que não? — perguntou Olivia, sem rodeios.

Jack hesitou novamente, medindo as palavras.

— Eu sei que você está divorciada há muito tempo. Sei que posso estar errado, mas me pareceu que você e seu ex-marido são...

— Amigos?

O olhar de Jack encontrou o dela.

— Mais do que amigos — disse ele. — Você ainda é apaixonada por ele, Olivia?

Essa era uma pergunta que ela não precisava pensar muito para responder.

— Stan e eu tivemos três filhos juntos. Nós sempre fomos ligados por causa deles.

— Não foi isso o que eu lhe perguntei.

— Eu sei. — Olivia gostaria de poder explicar o que sentia pelo ex-marido, mas seus sentimentos eram complexos e um tanto misteriosos, até mesmo para ela. Olivia respirou fundo. — Você está certo, nós estamos

divorciados. Eu o amo, mas não é o mesmo tipo de amor que sentíamos enquanto éramos marido e mulher.

Jack desviou o olhar, como se não houvesse entendido a resposta. Ou talvez ele *houvesse* entendido, mas não gostara do que ouvira. Olivia percebeu que suas palavras haviam sido lamentavelmente inadequadas. A ligação entre ela e Stan era mais do que os filhos que eles haviam trazido ao mundo, mais do que o filho que haviam enterrado. Era tudo o que eles haviam compartilhado. Havia coisas que eles sabiam um sobre o outro, que mais ninguém poderia saber.

Eles estavam legalmente separados. Stan tinha uma nova esposa e uma nova família, mas o decreto do tribunal não havia separado completamente os seus corações.

— Acho que não consegui entender direito — disse Jack, com o rosto sombrio. — Basicamente, o que estou querendo saber quando pergunto como se sente sobre seu ex-marido, é se há lugar em seu coração para outra pessoa. — Ele endireitou o corpo e colocou os ombros para trás. — Na verdade, acho que devo ser mais específico. Há lugar para *mim*?

— Essa não deve ser uma pergunta tão difícil de ser respondida — resmungou Jack, quando ela não respondeu logo.

— E não é — ela tentou assegurar a ele. — Vou adorar ter você ocupando esse espaço.

Ele a encarou.

— Mesmo?

Olivia riu. Ela achava Jack Griffin inteligente e divertido e, de algumas maneiras, quase infantil em seu entusiasmo, em seu senso de aventura. E adorava a espontaneidade dele.

— Eu gosto de você, Jack.

Ele sorriu para ela.

— Eu gosto de você, também. Muito. Provavelmente não é uma boa estratégia admitir isso já nesse estágio do relacionamento, mas, de qualquer modo, o que eu sei sobre estratégia. — Jack disse isso, inclinou-se na direção de Olivia e beijou-a.

Olivia estava certa de que a intenção original dele era lhe dar uma bitoca, um beijinho de leve para selar esse novo entendimento entre eles. No entanto, no momento em que seus lábios se encontraram, úmidos e quentes, com hálito de café fresco, o beijo se tornou... de verdade. Apaixonado. Jack enfiou os dedos nos cabelos dela e levantou-se para que ficassem mais próximos. Olivia colou o corpo ao dele.

A intensidade do beijo aumentou quando ele moldou sua boca à de Olivia com habilidade. Há anos um homem não a tocava dessa maneira. Ela ignorara o seu lado sensual, deixara-o adormecido, e agora Jack o trazia de volta à vida.

Um som destoante chegou até ela e Jack se afastou rapidamente.

— Alguém está vindo — ele sussurrou.

— Mamãe!

Olivia deu um pulo para trás e quase deixou uma cadeira cair.

— Justine.

— Oh, olá. — Justine estava parada na porta da cozinha e seu olhar ia atentamente de Olivia para Jack. — Não estou interrompendo nada, estou?

— Não! — gritou Olivia. — Quero dizer... — Ela relanceou o olhar para Jack e, diabos, sentiu-se ruborizar.

Para sua surpresa, a filha riu.

— Honestamente, mamãe, não é nada muito importante. Se vocês dois quiserem continuar o que quer que estivessem fazendo, vão em frente, com a minha benção. Voltarei em uma hora mais conveniente.

— Ah...

— Acho que devo ir — disse Jack, e deu um beijo no rosto de Olivia. — Vejo você no Quatro de Julho. Quer que eu traga alguma coisa?

Completamente confusa, Olivia balançou a cabeça. Ela não conseguia se lembrar de jeito nenhum o que eles iam fazer no Quatro de Julho. Oh, sim, o aniversário da mãe dela.

Jack passou hesitante por Justine e, então, saiu da casa assoviando uma melodia sugestiva.

— Mamãe — disse a filha, com os braços cruzados. — Estou chocada. — O divertimento dela era evidente.

— Não ache tão engraçado. Não sou tão velha quanto você pensa.

— *Eu* sei disso — lhe assegurou Justine. — Mas não estava certa de que *você* tinha essa consciência.

Olivia estava de pé, mas ainda se sentindo um tanto instável. O beijo de Jack havia mexido mais com ela do que estava preparada para admitir. Ela caminhou até onde estava o bule, encheu novamente a sua xícara de café e

automaticamente encheu outra para a filha. Olivia não conseguia imaginar o que havia motivado essa visita.

— Então, há quanto tempo você e Jack estão envolvidos?

— Não estamos.

— Ele estava aqui, na casa, quando você voltou da Califórnia, lembra-se?

— Justine recordou à mãe.

— Sim, eu sei. — Olivia detestava o modo como essas questões a deixavam embaraçada. Não havia nada definido entre ela e Jack. Não exatamente. Está certo, ambos haviam concordado em começarem a se ver mais, mas ainda era muito cedo para saber o quanto essa relação poderia vir a se tornar importante.

— Naquele dia eu perguntei ao Jack e ele alegou que vocês eram apenas amigos. Tola que sou, acreditei nele.

Justine certamente parecia estar apreciando a situação.

— Nós *somos* amigos.

— Oh, sim — zombou a filha.

— Justine!

— Amigos e mais alguma coisa.

Olivia sacudiu a cabeça.

— Está bem, se você quer saber... o avanço na relação é recente.

— Recente como?

Olivia checkou o relógio.

— Vinte minutos.

— Mamãe!

— É verdade. — E Olivia se sentia bem a respeito daquilo. Otimista. Obviamente, não havia como saber o que iria acontecer, até porque eles ainda nem haviam conversado sobre a relação deles. Mas ela não podia deixar de imaginar aonde aquele beijo os teria levado se não tivessem sido interrompidos.

— Já falamos o bastante sobre mim — disse Olivia abruptamente. — A que devo essa visita inesperada?

— Bem — disse Justine, sentando-se na cadeira que Jack deixara vaga. — Vim para saber o que você planejou para o aniversário da vovó.

Aquela era apenas uma desculpa, Justine poderia perfeitamente bem ter perguntado aquilo à mãe por telefone.

— Eu pensei em fazermos um pequeno piquenique.

— No parque da orla?

— Eu ainda não havia decidido, mas me parece uma boa ideia. — A casa da mãe ficava a uma curta distância, a pé, da orla marítima e haveria muitas festividades ali, por conta da data. — Você poderá ir?

— Devo poder dar uma passada para estar com vocês por uma hora mais ou menos.

Sem olhar para Justine, ela pegou o *muffin* que estava comendo e perguntou:

— Warren irá com você?

— Provavelmente não. Mas ainda estamos nos vendo.

Era isso o que Olivia temia. Ela queria mais do que tudo perguntar à filha qual seria o futuro daquele relacionamento, mas não ousava dizer nada que pudesse alterar o delicado equilíbrio de sua relação com Justine.

— A verdade é que Warren e eu não estamos nos entendendo muito bem, ultimamente.

Por um lado, Olivia ficava feliz por ouvir isso, embora repreendesse a si mesma por uma reação tão pouco generosa; por outro, se afligia com a evidente infelicidade de Justine. Se Warren era quem a filha realmente queria...

— Por alguma razão especial — ela perguntou cuidadosamente.

— Oh, eu não sei. — Justine exalou o ar com força. — Somos pessoas diferentes.

E de gerações diferentes, também. Mas Olivia não mencionou isso.

— Você deve tentar se lembrar do que a atraiu quando vocês começaram a sair juntos.

— Venho pensando muito sobre isso nos últimos tempos. — Ela envolveu a xícara de café com as mãos. — Fui atraída por Warren de cara. Ele era tão educado e bem-sucedido. Eu saía com outros homens e eles estavam sempre me pressionando, querendo mais do relacionamento. — Ela hesitou. — Provavelmente estou simplificando demais. — Levantando a xícara, ela olhou para o café e voltou a baixá-la sem beber. — Na verdade, eu sou a culpada pelo fracasso dos nossos últimos encontros. Não quero um compromisso de longo prazo e nem uma família. — Ela encarou Olivia. — Já havia dito isso a você. Sei que a aborreço e sinto muito, mas é a verdade.

— Warren já foi casado — disse Olivia, querendo que ela continuasse a falar, torcendo para que conforme Justine fosse externando seus pensamentos, ela pudesse compreender melhor as emoções da filha.

— Na verdade, ele já foi casado três vezes.

Olivia sabia apenas de dois dos casamentos anteriores dele, mas sabiamente refreou qualquer comentário.

— Os filhos dele já estão criados.

Pelo que Olivia ouvira, Warren Saget tinha uma filha quatro anos mais nova do que Justine.

— Em outras palavras, ele não estaria interessando em começar outra família.

— Sim, pode-se dizer que sim.

Olivia simplesmente assentiu.

— Warren representa segurança e proteção para mim — disse Justine em uma voz baixa e séria. — É confortável estar com ele. Parece que tudo de que eu reclamava nos meus outros relacionamentos, para ele não é problema. Ele é sempre bom para mim e eu não preciso me preocupar com... você sabe.

Olivia não tinha certeza de que sabia, mas, novamente, segurou a língua.

— Você está parecendo triste. — Ela esticou a mão para acariciar o rosto da filha.

— Eu estou triste — repetiu Justine, como se aquilo fosse uma revelação para ela mesma. — É isso o que estou sentindo.

Olivia tentou encontrar alguma coisa confortadora para dizer, algum comentário sábio que pudesse ajudar a filha. Infelizmente, nada lhe ocorreu. Todos os dias, ela se sentava no tribunal e emitia sentenças que alterariam o modo como algumas famílias viviam. Mas quando se tratava de sua própria filha, sentia-se perdida.

— Você decidiu romper com ele?

Foi a pergunta errada. Justine imediatamente se colocou na defensiva.

— É o que você gostaria, não é?

— Não — falou Olivia, arrependida por ter falado. — O que quer que aconteça entre você e Warren é problema seu. É óbvio que você sente alguma coisa por ele.

— Eu sinto. Às vezes ele me irrita, e outras vezes é tão bom e atencioso... Sei o que você pensa, mamãe, o que todos pensam, mas Warren tem suas inseguranças, como a maioria das pessoas. E, da maneira dele, ele me ama.

— Tenho certeza de que isso é verdade.

Justine levantou-se e colocou a xícara de café na pia, como se estivesse prestes a ir embora.

— Obrigada, mamãe. Me sinto melhor.

Bem, isso era bom, mas Olivia se sentia confusa. Ela não tinha ideia do motivo da visita da filha, só sabia que não queria que acabasse ainda.

— Está chegando o dia do encontro da sua turma, não é?

— Sim, é no mês que vem — resmungou Justine, pegando a chave do carro. — E duvido que Seth estará lá, para o caso de você estar pensando nisso.

— Não estou — mentiu Olivia. — Mas... por que ele não irá? — perguntou, surpresa por a filha ter voluntariamente trazido o nome do outro homem à baila. Geralmente Justine fazia de tudo para evitar o assunto Seth Gunderson.

— Ele está no Alasca e essa é a época do ano em que está mais ocupado. Não poderá perder quatro ou cinco dias de trabalho e voar para cá para um encontro de turma de colégio.

— Talvez não — concordou Olivia brandamente. Então, subitamente, Justine olhou a mãe bem nos olhos e disse bruscamente:

— Me apaixonar por Seth seria um terrível risco.

— Por que diz isso?

— Oh, mamãe, pense a respeito. Não tenho nada em comum com ele. Seth é exatamente o tipo de homem que eu evito. É um pescador e não há carreira com menos perspectivas. Além disso, ele mora em um *barco*. Eu tenho mais toalhas de mesa em casa do que os pratos que ele tem no barco. Nós simplesmente não... combinamos.

— Mas você se sente atraída por ele?

— Ele me deixa louca. — Ela calou a boca e cruzou os braços firmemente diante do peito.

— Amá-lo é um risco. — Olivia devolveu as palavras da filha.

Justine gemeu.

— Eu *sei* disso, mamãe.

— Oh, Justine — ela sussurrou, abraçando a filha. — Pense a respeito. Tudo o que tem valor na vida envolve risco.

Justine pressionou a testa contra o ombro de Olivia.

— Oh, mamãe, eu gostaria tanto de saber o que fazer!

— Siga o seu coração.

— Eu não posso — sussurrou ela e interrompeu-se.

— Por que não?

— Receio que isso me leve diretamente para os braços de Seth.

Olivia deu tapinhas gentis nas costas da filha, mas foi impossível evitar um sorriso.

25 de junho

Minha muito querid aCecilia

Sei que provavelmente você se surpreenderá ao receber uma carta minha. Peguei o hábito de enviar e-mails, porque eles são mais convenientes, mais fáceis e muito mais rápidos. Hoje, no entanto, um e-mail me pareceu muito impessoal. Não me pareceu certo sentar em frente a um computador. Não hoje, 25 de junho.

Você não disse nada, mas tenho certeza de que Allison Marie está em seus pensamentos. Se ela estivesse viva, estaríamos celebrando seu primeiro aniversário. E este ano, assim como no ano passado, o pai dela está no mar.

Não sei se existem palavras que possam expressar o quanto eu lamento não ter estado com você quando Allison nasceu. Eu teria feito qualquer coisa, teria dado tudo o que eu possuía ou viesse a possuir, para ter tido a oportunidade de segurar minha menininha apenas uma vez. Sinto uma dor profunda dentro de mim, que sei que nunca irá embora, por saber que não apenas não pude estar com você, mas que também não tive a oportunidade de ver a minha filha.

Você ter ficado grávida não foi exatamente uma surpresa para mim. Um lado meu estava querendo que isso acontecesse, eu acho. Fiquei louco por você no momento em que nos conhecemos e, apesar da separação, isso não mudou. Allison Marie foi um presente de Deus. Não sei por que ela precisou morrer, ou a que propósito serviu a sua vida, mas sei que não tenho nenhum arrependimento por termos nos casado. Nem

um único. Juntos, fizemos um bebê maravilhoso e juntos amamos nossa filha. Ainda a amamos. E a palavra-chave aqui é juntos ,Cecilia. E é assim que quero que continuemos.

Depois do acidente no George Washington, você disse que me amava. Oh, querida, você não sabe como foi bom ouvi-la dizer isso. Minhas costelas doíam como o diabo e acho que só por isso não gritei alto o bastante para que você me ouvisse aí em Cedar Cove.

Não vá fazer nenhuma tolice, como conseguir aquele divórcio. Quando o George Washington atracar no estaleiro de Bremerton, espero que você esteja lá, junto com todas as outras esposas esperando por seus maridos. Não quero que este seja o fim do nosso casamento, mas o começo de nossas vidas juntos. Acho que Allison aprovaria que a sua mamãe e o seu papai comemorassem o aniversário dela, não acha? É hora de colocar de lado a dor e celebrar a vida, por mais curta que seja. Por causa de Allison, você é minha esposa, eu sou seu marido e é assim que devemos continuar.

Eu amo muito você.

Ian

Capítulo Dezessete

CHARLOTTE ESTAVA perdendo rapidamente a paciência com Cliff Harding. Ele lhe assegurara que viria à cidade para ver as coisas que tirara do

guarda-móveis de Tom, mas já se passara um mês e Cliff continuava a adiar o encontro. Embora suas desculpas parecessem plausíveis, Charlotte podia perceber que aquilo simplesmente não era uma das prioridades dele.

Isso a deixava aflita, mas ela não tinha ideia do que fazer a respeito.

— Eu pegaria logo a estrada e iria vê-lo pessoalmente — lhe disse sua amiga Laura, na segunda-feira seguinte ao seu aniversário.

Charlotte estava com seu grupo de tricô no Centro da Terceira Idade. Poucas semanas antes, ela mencionara casualmente o neto de Tom, mas não contara às amigas tudo o que estava envolvido. Ela não pretendia admitir, mesmo para as suas amigas mais próximas e mais queridas, que cometera um crime.

— É o que eu faria também — concordou Evelyn. — Pelo que você disse, não fica muito longe.

— Mas eu precisaria pegar a auto-estrada. — Qualquer estrada com mais de duas pistas aterrorizava Charlotte. Os carros passavam zunindo e, não importava em que pista estivesse, ela sempre parecia irritar os outros motoristas, principalmente se andava na velocidade permitida. Afinal, para que essas pessoas achavam que existiam os limites de velocidade? Uma mera sugestão? Todos pareciam estar tão apressados nos dias de hoje. Ela pegaria a estrada para vê-lo, se realmente fosse preciso, mas não gostaria de fazê-lo e, com certeza, faria Cliff Harding ouvir muito a respeito por tê-la obrigado a tal coisa.

— Não entendo o que acontece com os jovens atualmente — resmungou Helen, dando um puxão no fio com mais força do que o necessário. — Eles não respeitam os mais velhos da forma como *nós* fomos ensinados a respeitar.

— Concordo totalmente com você. — O comentário veio de Bess, que assentia enfaticamente.

— Você era amiga do avô dele. Era de se imaginar que ele fosse apreciar a oportunidade de agradecê-la.

— Também não me escapou o fato — disse Helen, inclinando-se na direção de Bess —, de que ele não visitou o avô.

— Vou telefonar novamente para ele — falou Charlotte, tomando a decisão. — E o avisarei de quando pretendo aparecer para vê-lo. — Ela já esperara quase cinco semanas. Cliff Harding sempre tinha uma desculpa. Em um momento, fora uma viagem de negócios, e na semana anterior, ele deixara uma breve mensagem na secretária eletrônica de Charlotte dizendo que um de seus cavalos estava para dar cria e ele não podia sair de perto dele. Ela imaginava qual seria a desculpa *daquela* semana. E da próxima. Não, Laura estava certa, já era hora de resolver ela mesma essa questão.

Quando voltou para casa, Charlotte guardou seu material de tricô, fez uns afagos em Harry e, então, cheia de determinação, encaminhou-se para o telefone.

O neto de Tom atendeu, a voz soando mais amigável dessa vez do que em todas as anteriores.

— Aqui é Charlotte Jefferson — anunciou.

— Sim, sra. Jefferson, tinha mesmo a intenção de entrar em contato com a senhora.

Charlotte apostava que sim. E, provavelmente, com outras das suas desculpas capengas.

— Sinto muito por perturbá-lo novamente, mas já que parece estar sendo impossível para você vir encontrar-se comigo...

— Era isso que eu pretendia combinar com a senhora. Esta tarde estaria seria conveniente?

Toda a indignação que ela sentia, e que fora reforçada pelos conselhos bem-intencionados das amigas, de repente se tornava desnecessária.

— Hoje à tarde seria ótimo — murmurou ela, sentindo-se esvaziada e, para dizer a verdade, um tanto desapontada. Já havia se preparado para repreendê-lo severamente. Inclusive, enquanto dirigia de volta para casa, preparara um breve discurso sobre os deveres em relação à família. Agora não poderia usá-lo.

— Eu imagino que deva ser um pouco desconcertante dormir como um revólver embaixo da cama.

Charlotte percebeu a zombaria na voz dele e decidiu ignorá-la.

— Na verdade, eu mudei o revólver de lugar. Ele agora está guardado na minha gaveta de roupas de baixo. — Ela não mencionou que o enrolara em uma cinta antiga.

— Na sua gaveta de roupas de baixo? — repetiu ele. Novamente ele se divertia às suas custas, mas dessa vez ela não podia compreender o porquê. Na opinião dela, tratava-se de um excelente esconderijo. Qualquer um que porventura invadissem a casa, caso conseguisse passar pelo seu gato super-protetor, não pensaria em procurar alguma coisa de valor em uma gaveta com calcinhas de algodão. Qualquer coisa que tivesse algum valor na casa de Charlotte, invariavelmente terminava naquela gaveta. O carnê da sua

caderneta de poupança, por exemplo, estava enfiado dentro da sua meia-calça com reforço. Nenhum ladrão a pegaria desprevenida.

— A que horas você estará aqui? — ela quis saber.

— Por volta das quatro está bem?

— Perfeito. — Charlotte lhe deu as indicações de como chegar a sua casa e eles encerraram a ligação.

Então, como queria ser hospitaleira, ela foi para a cozinha assar biscoitos. A receita lhe fora dada há três anos em um dos almoços comunitários da terceira idade e sempre ficavam gostosos. Os homens, especialmente, pareciam gostar muito desses biscoitos, que eram recheados com gotas de chocolate, coco e nozes.

Ela acabara de lavar o último tabuleiro que usara, quando a campainha da porta tocou. Charlotte apressou-se em direção à porta da frente, pegando Harry no colo, para impedir que ele saísse de casa. O gato ronronava em seu ouvido, enquanto ela abria as três trancas que fechavam a porta. A última havia sido instalada recentemente. Charlotte não facilitaria o trabalho do ladrão, de jeito nenhum. Ainda que não pudesse pagar por um desses sofisticados sistemas de segurança, tinha os seus próprios meios de proteção.

O homem parado do outro lado da porta de tela tinha mais de um metro e oitenta e uma pequena barriga saliente. Ele usava botas, um chapéu de cowboy, calças jeans, uma jaqueta marrom e uma gravata.

— Sra. Jefferson?

— Sim. Você deve ser Cliff Harding. — Ela destrancou a porta de tela e segurou-a para que ele passasse. — Entre, por favor.

Ele entrou na casa da modesta e cheirou o ar, aprovando.

— A senhora estava assando biscoitos?

— Eu queria apenas ser amável — disse ela, convidando-o a sentar-se no sofá. Já estava com tudo pronto. O serviço de mesa, de prata, estava arrumado, o bule cheio de café fresco. Aquele serviço de mesa raramente era usado, mas ela queria., causar uma boa impressão ao neto de Tom. Os biscoitos ainda estavam quentes.

Charlotte percebeu que não precisaria insistir para que Cliff se colocasse à vontade. Ela sentou-se em frente a ele.

— O que você sabe sobre o seu avô? — perguntou ela, servindo a ambos.

Cliff inclinou-se para frente e aceitou a delicada xícara de porcelana chinesa que ela lhe oferecia.

— Apenas o que o meu pai me contou. — Ele disse isso de cara feia. — E, francamente, não foi nada lisonjeiro. Tom Harding era um patife e um adúltero.

— Isso eu não teria como saber. Conheci Tom apenas durante os últimos meses da sua vida.

— A senhora sabia que ele abandonou a família para levar adiante sua carreira no cinema? Minha avó e meu pai sobreviveram graças à caridade dos outros e morreram na miséria, enquanto Tom Houston, "The Yodeling Cowboy", vivia uma vida abastada. Tenho certeza de que a senhora pode compreender porque eu não tenho interesse em seus objetos pessoais.

Charlotte achava difícil pensar mal de Tom. Esse que Cliff descrevia não era o homem que ela conhecera.

— Quando eu conheci Tom, ele sofrera um derrame e já não conseguia falar.

— A senhora disse que ele pediu para ser transferido para Cedar Cove?

— Foi o que eu soube. — Charlotte pegou um biscoito. Ela deveria evitar calorias desnecessárias, mas eles eram simplesmente bons demais para serem ignorados.

— A senhora acha que foi por minha causa?

— Acho que sim. — Charlotte não duvidara disso nem por um momento.

— O que você me conta sobre o seu avô pode muito bem ser verdade. Eu não poderia saber, e isso também não tem importância. Mas o que eu *posso* fazer é lhe contar sobre o homem que se tornou meu amigo. Estou convencida de que ele queria encontrar você. Mas acho que tinha medo.

— De mim?

Ela assentiu.

— Ele se mudou para Cedar Cove porque era o lugar mais perto de onde você morava. Isso faz sentido, não acha?

— Talvez. — Ele não parecia muito convencido.

— Eu entendo Tom. Não me pergunte como ou por que, mas nós dois tínhamos uma ligação. Alguns dias era quase como se *pudéssemos* conversar. Eu entendia o que ele queria dizer e ele também parecia me entender.

— Meu pai dizia que ele sempre teve muito jeito com as damas.

Charlotte empertigou-se, mas acabou decidindo que Cliff provavelmente estava certo. Não ficaria ofendida, embora este tenha sido o seu primeiro impulso.

— Seu avô nunca teve chance de lhe dizer que o amava.

— Me amava? — Cliff inflamou-se. — Ele sequer chegou a me conhecer.

— Está certo, é claro, mas você era o único parente vivo de Tom. E ele obviamente seguira a sua pista. Se não, como saberia onde você estava morando ou que você criava cavalos?

— Você está certa de que ele sabia disso?

— Acredito que sabia, sim. Da mesma forma que estou confiante de que você vai querer ficar com as coisas que eu tirei do guarda-móveis de Tom. Ele não foi capaz de ser parte da sua vida. Talvez tenha achado que não tinha o direito de invadir o seu espaço. Mas é o sangue dele que corre nas suas veias. Ele tinha orgulho de você, sei disso. Orgulho de ser seu avô. E isso é tudo o que ele tinha para deixar para você.

Cliff Harding pousou a xícara de café e se levantou. Olhando pela janela, ele ficou de costas para Charlotte.

— Eu vim aqui esta tarde para lhe agradecer por seus esforços em benefício do meu avô e para lhe dizer que eu não queria ter nada a ver com aquele homem.

— E agora?

— É uma mulher muito persuasiva, sra. Jefferson.

— Quer dizer que vai levar as coisas dele com você? — Ela esperava que sim. E, mais importante, queria que ele examinasse cada peça e descobrisse nelas o homem que fora Tom Harding. Ela temia que Cliff pudesse amontoar tudo em algum lugar, sem descobrir nada sobre a sua herança familiar.

— Eu vou levá-las.

— E vai analisar cuidadosamente o que seu avô lhe deixou?

Ele assentiu.

— Acredito que você tomou uma sábia decisão. — Suspirando profundamente, Charlotte soube que aquele fora um bom-dia de trabalho. De algum modo, conseguira realizar o que Tom esperava dela. E, de um ponto de vista mais pessoal, estava feliz por retirar o revólver de dentro da sua cinta.

* * *

JUSTINE COMPROU um vestido azul, justo no corpo, para o encontro de dez anos de formados da sua turma, mas não sabia bem a quem estava pretendendo impressionar. Seu único consolo, enquanto saía de casa para ir à festa, era que Seth não estaria presente. Ela saberia se ele fosse. Como tesoureira do encontro, Justine havia feito a lista dos que haviam confirmado presença e pago. Seth não fizera nenhuma das duas coisas. Ela se sentia humilhada por chegar sem um par, mas o que essa noite tinha de diferente de todas as outras festas a que comparecera na escola secundária? Justine sempre fora uma excluída durante todos aqueles anos. Ela era o cérebro da turma, a oradora e a garota que sempre era votada como a que provavelmente seria a mais bem sucedida. Várias instituições lhe ofereceram bolsas de estudos e ela escolhera, responsabilmente, uma prestigiosa universidade da Costa Leste onde acompanhou o curso escolhido, embora nunca tenha sido realmente feliz.

Odiara a vida no campus, odiara estar longe de Cedar Cove. Depois de formada, conseguira um emprego no First National. Os anos foram se passando e Justine foi sendo constantemente promovida. Agora, era a mais

jovem gerente da história da filial de Cedar Cove e uma das mais jovens altas-funcionárias do banco. Ela adorava o desafio que seu trabalho representava e gostava de saber que desempenhava um papel ativo no financiamento do crescimento da sua comunidade. Mas considerava a sua vida pessoal um fracasso deplorável.

Warren teria comparecido ao encontro com ela, se Justine o tivesse pressionado. Mas ela não fizera isso com medo que os antigos colegas pensassem que ele era o seu pai ou, pior ainda, um antigo professor de quem eles não conseguiam se lembrar direito.

O ginásio da escola secundária estava uma beleza, apesar de ela ser suspeita para dizer isso já que fizera parte do comitê de decoração. Mas o pessoal se empenhara de verdade e fizera um trabalho fabuloso. Havia flores frescas por toda parte, sobre as mesas e em enormes vasos alugados que foram dispostos ao longo das paredes.

O grupo musical já tocava e Justine, quase sem perceber, batia os pés no ritmo da música enquanto esperava na fila para apanhar o seu crachá e para assinar a lista de presença. Todos ao seu redor estavam conversando. Ela estava cercada por gritos de reconhecimento e por um sem número de "você se lembra quando...". Mas, assim como era nos tempos de colégio, ela permanecia à margem, ouvindo, sorrindo e fingindo que se sentia à vontade, quando na verdade não se sentia.

Não fora uma boa ideia ir à reunião. Sua intuição havia lhe avisado a respeito meses antes, e ela deveria ter escutado.

— Justine! — Lana Rothchild saiu de trás da mesa onde as pessoas estavam assinando a lista de chamada e abraçou-a como se não se vissem há

anos. Na verdade elas haviam trabalhado juntas na decoração naquela manhã mesmo. — *Adorei* o seu vestido!

— Obrigada. — O vestido azul metálico tinha as mangas curtas e um decote em V na frente. O comprimento era na altura do joelho e aderiu às formas bem feitas de Justine. Ela o comprara em um impulso e decidira não pensar muito a respeito.

— Precisa de alguma ajuda? — perguntou, procurando um modo de parecer ocupada, necessária e parte do grupo.

— Está tudo sob controle. Apenas, divirta-se.

Justine imaginava que aquilo seria possível.

— Não posso lhe agradecer o bastante por toda a ajuda que você nos deu — disse Lana, enquanto entregava o crachá de Justine.

Sem nenhuma outra desculpa para demorar-se mais por ali, ela entrou na parte principal do ginásio. Havia uns poucos casais dançando. Um grupo de mulheres estava reunido de um lado e um grupo de homens do outro. Nada muito diferente dos outros bailes da escola secundária aos quais comparecera. Pensando que uma taça de vinho talvez a ajudasse a relaxar, ela foi até o bar, pediu um vinho zinfandel e ficou parada, sozinha, na beira da pista de dança.

— Olá, Justine.

Seth Gunderson estava parado bem na frente dela, muito bronzeado, com o cabelo tão louro que era quase branco. Seus olhos nunca pareceram mais azuis.

— O que você está fazendo aqui?

Ele riu.

— Eu me formei no mesmo ano que você, lembra-se?

— Eu quero dizer... — Ela não estava conseguindo pensar direito. — Você não está... Eu pensei... bem, é claro que nos formamos no mesmo...

— Eu peguei um avião para cá, para participar do encontro — disse ele, respondendo a pergunta que ela parecia não conseguir fazer.

— Eu percebi isso... que tal... — Então, ao invés de continuar bancando a tonta, ela simplesmente parou de falar.

— Você está surpresa por me ver. Na verdade, eu surpreendi a mim mesmo quando resolvi pegar o vôo no último minuto.

No que dizia respeito a Justine, *surpresa* era uma atenuação da verdade.

— Você quer dançar? — perguntou ele.

Ela não conseguia parar de encará-lo. Nenhum homem tinha o direito de parecer tão bonito. Recusar o convite dele teria exigido mais forças do que ela conseguiria reunir naquele momento. Oh, sim, ela queria dançar com ele. Queria ser envolvida por seus braços, ser abraçada por ele...

Ao invés de tentar responder verbalmente — do jeito que ela estava indo, não tinha certeza do que iria sair da sua boca — apenas assentiu com a cabeça e colocou a taça de vinho em uma mesa próxima.

Seth guiou-a para a pista de dança e virou-a para enlaçá-la nos braços. Naturalmente, apropriadamente na verdade, o conjunto estava tocando uma música lenta e Justine levantou os braços, enquanto ele a abraçava delicadamente. Surpresa com a forma como eles combinavam bem fisicamente, ela descansou a cabeça contra o ombro dele e inspirou o seu cheiro limpo, de ar livre.

Essa era a primeira vez que dançava com Seth.

— Você veio sozinha? — sussurrou ele.

— Sim.

A música era hipnótica e Justine precisou se controlar para não fechar os olhos e se entregar ao momento. Isso não poderia acontecer. Especialmente com Seth. Ela não poderia se permitir ser aprisionada pela magia do momento. Recusava-se a baixar a guarda, certa de que, assim que fizesse isso, Seth lhe perguntaria sobre Warren, ou sobre o noivado.

371

— Eu também. — disse ele, depois de um minuto. — Quero dizer, eu também vim sozinho.

Ele envolveu a mão dela com a dele e segurou-a contra o peito. Justine pôde sentir as batidas ritmadas, firmes do coração de Seth. Elas pareciam atravessar a sua mão e o batimento do seu pulso e ir direto ao seu próprio coração. Os olhos dele estavam fixos nos dela, seus passos sincronizados. Aquele era o momento mais sensual, mais sedutor da vida de Justine.

Quando a música terminou, Seth soltou-a. Ela se afastou dele e aplaudiu educadamente a orquestra.

— Você já tem uma mesa? — ele perguntou.

— Lana me convidou para sentar com ela e Jay.

— Bem, Jay me convidou para sentar com ele e Lana — disse Seth, com os olhos brilhando.

Então, os Rothchilds estavam servindo de cupidos. Mas naquele momento, era muito fácil perdoá-los.

— O bufê só começará a servir a comida depois das nove horas.

— Eu sei — respondeu ela, imaginando se Seth a convidaria para dançar novamente. Ele não precisou nem pedir. Quando a música recomeçou, eles se

moveram um na direção do outro, como se estivessem sendo magneticamente atraídos.

À exceção das poucas vezes em que pararam para falar com amigos, os dois dançaram todas as músicas. Logo, a mesa do bufê foi arrumada e uma fila de convivas estendeu-se pelo salão. Seth comprou uma taça de vinho para cada um deles e sentou-se ao lado de Justine na mesa para oito.

Não demorou muito para que Justine entabulasse conversa com os outros. Logo, fotos dos filhos dos seus colegas começaram a ser passadas de um para o outro e ela se pegou olhando para rostinhos de anjo e ouvindo histórias cheias de amor e orgulho. Justine trazia consigo uma foto pequena da sobrinha recém-nascida e mostrou-a para Seth.

— James se casou? Quando isso aconteceu?

— No início do ano. Isabela não é linda? — Justine tinha tomado a firme decisão de não ser mãe, mas conforme via as fotografias que passavam por suas mãos, sentia um intenso e inesperado anseio. Isso passaria, ela sabia que sim mesmo enquanto lutava para lidar com um monte de emoções indesejadas.

— Com licença — disse, levantando-se. Ao invés de se encaminhar para o banheiro feminino, Justine saiu pela porta da frente, deixando o ar frio reanimá-la. Ela encostou-se contra o mastro da bandeira e fechou os olhos, respirando o ar da noite e, assim, recuperando a sua racionalidade. Ela não era como aquelas pessoas lá dentro, no ginásio. Nunca fora. Era diferente. Não estava acima deles, só não era uma deles. Ela sabia disso na época do colégio e sentia a mesma coisa ainda mais profundamente dez anos depois.

— Justine? — Seth juntou-se a ela. — Alguma coisa errada?

— Não. — Ela foi rápida em assegurar a ele que estava tudo bem, mas Seth não era tolo.

— O que houve?

Ela sacudiu a cabeça. Não podia explicar a Seth, principalmente a ele, que saíra para clarear as ideias e colocar a sua vida novamente em perspectiva.

— Você parece que está prestes a chorar — comentou Seth.

— Isso é ridículo. — Justine virou-se, mas Seth pegou a sua mão e puxou-a gentilmente para os seus braços. Ela poderia ter resistido, mas não o fez. Sabia que ele pretendia beijá-la antes mesmo que seus lábios capturassem os dela. Não era o primeiro beijo deles, mas Justine, convenientemente, esquecera o que aquele homem era capaz de fazer com a sua determinação.

O efeito dos beijos dele era o equivalente a acender um fósforo próximo a um líquido inflamável. Um mais quente e explosivo do que o outro.

— Isso não é uma boa ideia — choramingou Justine, a boca ainda mais próxima à dele, a respiração difícil.

— É uma ideia terrível — concordou Seth, mas ficou óbvio que ele estava zombando dela quando a capturou a sua boca com a dele. Ele segurava a cabeça de Justine entre as mãos, mas ela não estava lutando. Submeteu-se completamente ao beijo, faminta do toque de Seth.

— Nós temos que parar — gemeu ela.

— O encontro... — murmurou ele.

— Sim... sim, precisamos voltar. — Justine afastou-se e escondeu o rosto no ombro dele, respirando com dificuldade.

Seth segurou-a com firmeza, os braços passados por sua cintura, até que a respiração dela se acalmasse.

— Isso *realmente* não é uma boa ideia — disse Justine, por fim, e afastou-se completamente dele.

— Por que não?

— Você não vai gostar da resposta — falou ela.

— Que resposta? — perguntou Seth. — Imagino que você vá dizer que finalmente decidiu aceitar a proposta de Warren.

374

Justine tentou colocar um sorriso no rosto que mostrasse a ele que ela estava confiante de sua decisão.

— Na verdade foi o que decidi, sim.

— Você vai se casar com Warren Saget? — A voz dele soou incrédula quando fez a pergunta.

Ela abaixou os olhos e assentiu.

Seth não disse nada por alguns segundos. Então, exalou lentamente.

— Se esta é a sua escolha, sou obrigado a respeitá-la. Só quero o melhor para você, e se o melhor é que Warren seja seu marido... Não tentarei fazê-la mudar de ideia.

Ele virou-se e voltou para o encontro sozinho.

* * *

DAN JÁ estava desaparecido há mais de três meses e, conforme as semanas passavam, Grace ia quase se acostumando a viver sozinha. Ela adotara uma espécie de rotina que a ajudava a quase esquecer que o homem com quem fora casada por tantos anos abandonara a ela e às duas filhas. Grace não conseguia entender por que ele não ficara ao menos até conhecer

seu primeiro neto. Kelly se convencera de que o pai voltaria antes do nascimento do bebê, mas Grace não compartilhava dessa esperança.

Roy McAffe continuava a lhe passar relatórios quinzenais de seus progressos, mas até agora ele também não apresentara nada de significativo. Ninguém mais vira Dan em nenhuma parte da cidade depois daquela única vez. O marido aparecera como uma forma de lhe deixar uma mensagem e Grace a entendera muito bem. Ele também não estivera de novo na casa.

Na noite de quinta-feira, depois que fechou a biblioteca, Grace caminhou em direção ao lugar onde estacionara o carro, perto do Waterfront Park. Naquela noite haveria o "Concerto na Enseada", patrocinado pelos comerciantes da cidade, e estava programada a execução de uma série de músicas típicas de verão. Aquele era exatamente o tipo de reunião social que Dan odiava. Em todos os anos em que o evento acontecera, Grace só comparecera uma vez.

Os pais levavam as crianças, cidadãos idosos chegavam com suas próprias cadeiras, adolescentes apareciam em grupos. A maioria das pessoas levava quentinhas com o jantar. A mistura de jovens e velhos era um retrato da comunidade unida.

Quando chegou ao carro Grace ouviu um rock que foi sucesso nos anos 1960 e cantou junto com Diana Ross. Subitamente ela percebeu que não havia nada que a impedisse de ir ao Concerto. Na verdade, não houvera uma boa razão para ela não comparecer nos outros anos e, com certeza, não havia agora.

Dan nunca lhe dissera que ela não poderia ir, mas Grace não quisera ir sozinha. Mas estava sozinha agora, sem nenhuma razão para apressar-se em

voltar para casa. Podia ir ou ficar, conforme desejasse, só dependia da vontade dela. Era estranho que essa percepção lhe desse um senso de liberdade tão profundo.

Ela se sentia como se estivesse livre das correntes que a prendiam e como se o peso que carregava houvesse sido retirado de seus ombros. Estava livre. Livre para ir ao Concerto. Livre para aproveitar a vida sem ter que se preocupar com o que Dan gostava ou deixava de gostar. Livre para fazer o que *ela* quisesse.

Caminhando pelo parque, Grace fez uma parada apenas para comprar um frango ao molho *teryaki* no restaurante japonês que ficava do outro lado da rua.

A maioria dos lugares já estava ocupada. Grace ficou de pé e observou satisfeita a grande quantidade de pessoas que aproveitava o evento. Um trio de mulheres pulava no palco. Vestidas com minissaias, usando cortes de cabelo no estilo *pajem* e *bois* de penas cor-de-rosa, o grupo The Blondells, cantava velhos sucessos dos Supremes nos anos 1960 e Grace se pegou sorrindo diante da energia e do alto astral da apresentação delas.

— Grace! — Charlotte Jefferson acenou para atrair a sua atenção. A mãe da sua melhor amiga estava sentada na ponta de um semicírculo de cadeiras de armar, com um cobertor estendido à sua frente.

Grace encaminhou-se na direção dela, passando lentamente pela multidão.

— Sente-se aqui comigo — convidou Charlotte. — Há uma coisa sobre a qual preciso conversar com você mais tarde, está bem?

— Claro. — Grata pelo convite, Grace sentou-se no cobertor e encostou-se em uma das pernas da cadeira de Charlotte. Sabia que suas costas logo começariam a doer, mas estava disposta a aproveitar enquanto pudesse.

— Que músicas boas! — comentou Charlotte, quando anunciaram um intervalo.

— Fabulosas mesmo — concordou Grace.

— Sabe, estava pensando em você outro dia — disse Charlotte. — Tenho algo para lhe dar.

— Para mim?

— Falei com Olivia a respeito e ela acha uma boa ideia. Disse que é exatamente do que você precisa.

Grace estava intrigada.

— Uma amiga minha, uma boa amiga, tem uma companheira maravilhosa e, bem, ela está se mudando para um condomínio de aposentados e precisa encontrar um lar para Buttercup.

— Buttercup?

— Harry é um amigo tão leal e, como sei que você está sozinha, pensei...

— Charlotte pareceu insegura. — Eu planejava consultá-la primeiro, mas como lembrei que você já havia tido cachorros antes.

Dan amara os cachorros dele e, ao longo de todo o casamento, eles tiveram um bom número de animais domésticos. Há dois anos o pequeno cocker que tinham morrera em paz, enquanto dormia, e Dan decidira que eles não teriam mais animais.

— De que raça é Buttercup? — perguntou Grace.

— Uma *golden retriever*.

— Eu adoraria ter um cachorro — disse Grace decididamente. —
Realmente adoraria.

Charlotte esfregou as mãos, satisfeita.

— Estou tão feliz! Olga estava terrivelmente preocupada em encontrar um bom lar para sua cadela. Eu *sabia* que você era a pessoa certa.

— E ficarei feliz em levar Buttercup para visitar Olga de vez em quando, se isso for deixá-la mais tranquila.

— Oh, Grace, que gesto atencioso. Olga adoraria.

* * *

NAQUELE FINAL de semana, a golden retriever tornou-se parte da vida de Grace. Ela não tinha certeza de como a cadela se adaptaria ao novo arranjo, mas no momento em que o bicho entrou na casa dela, foi como se reconhecesse o lugar. Logo se acomodou.

— Bem, Buttercup — disse ela, soltando a coleira —, o que você acha?

Com a cauda balançando, a golden retriever examinou cada cômodo, parou no meio da sala de estar e, então, pulou para cima da poltrona reclinável que fora o lugar cativo de Dan. Seus olhos escuros observavam Grace, enquanto a cadela apoiava o focinho nas patas.

Grace não pôde evitar. Caiu na gargalhada. De todos os lugares que Buttercup teria para reivindicar como seus, escolhera exatamente a cadeira de Dan. Era como se, de alguma forma, a cadela soubesse instintivamente que o espaço estava disponível.

— Vamos ser boas amigas, não vamos, Buttercup? — murmurou Grace para a cadela.

Buttercup também pareceu entender isso.

Grace serviu-se de uma xícara de café, pegou uma revista de palavras cruzadas e sentou-se na cadeira próxima a que estava sua nova amiga e companheira.

A vida continuava sem Dan. Ele aparentemente encontrara alguém e, Grace sorriu para Buttercup, ela também.

Capítulo Dezoito

OLIVIA SE sentia bem. Muito bem. Sentia-se confiante, bem-sucedida, no auge de sua energia. Tivera um excelente dia no tribunal e, já que o verão parecia estar no auge, pretendia aproveitar o que restava da tarde.

Estava um clima perfeito para sentar-se em um café à beira-mar e saborear os deliciosos camarões do canal Hood, acompanhados por uma garrafa de vinho. E ela não podia pensar em ninguém melhor para acompanhá-la nesse programa do que Jack Griffin.

Ele provara ser uma ótima companhia. Nas três semanas que haviam se passado desde o piquenique do Quatro de Julho, eles tinham ido juntos a um comício, a respeito do qual Jack queria escrever uma matéria. Então, ela o

acompanhara de perto, enquanto ele entrevistava um senhora que fazia lindas toalhas de mesa de crochê para a feira do mercado do produtor de sábado. A matéria saía na edição de quarta-feira do *The Cedar Cove Chronicle*. Na última sexta-feira, Jack a levava para jantar na Willcox House, uma pousada em Seabeck, que Bob e Peggy Beldon haviam recomendado. O lugar se gabava de já ter hospedado Clark Gable e a comida era incrível. Mais uma vez, Jack escrevera um artigo a respeito. Mas agora já era hora de eles saírem apenas por prazer, decidiu ela, ao invés de estarem sempre juntando encontros com trabalho.

Recostando-se na cadeira do seu escritório, ela pegou o telefone e discou o número dele.

— Oi — disse, quando Jack atendeu.

— Oi para você também. A que devo este prazer? — Ele parecia genuinamente feliz por ouvi-la.

— Vou fazer uma oferta e você não pode recusar.

— Parece interessante.

— Prometo que será. — Olivia adorava o bom humor que havia entre eles.

Jack riu.

— Eu mal posso esperar. O que você tem em mente?

— Feche os olhos — ela sussurrou sedutoramente. — Imagine-se sentado na beira da enseada.

— Eu estou acompanhado? — ele interrompeu-a.

— Naturalmente. Você está comigo.

— O que você está usando?

— Jack!

— Bem, é importante.

Ela suspirou, fingindo aborrecimento. As brincadeiras e provocações eram uma das características de Jack que ela mais apreciava.

— Está certo. Estou com uma blusa sem mangas, short, um enorme chapéu e óculos escuros.

— Gosto quando você usa óculos escuros. Eles a fazem parecer misteriosa.

Ela riu. Não havia nada de misterioso nela, certamente não no que se referia à sua crescente atração por ele.

— Agora, pense na música de fundo.

— Dire Straits? Guns n' Roses? Red Hot Chili Peppers?

— Não — disse ela com um suspiro de lamento. — Eu estava pensando mais no gênero de Neil Diamond, Barry Manilow, Henry Mancini.

— *Barry Manilow*? Por favor, Barry Manilow, não.

— Por um acaso, eu gosto de Barry Manilow — reclamou ela.

Então, foi a vez dele suspirar.

— Não sei se há esperança para este relacionamento.

— Está bem, chegaremos a um acordo em relação à música.

— Se você gosta de Barry Manilow, não há nada que eu possa fazer.

— Está certo, Eric Clapton — sugeriu Olivia.

— Bob Dylan é melhor. Concorda?

— Tudo bem. Posso continuar?

— Vá em frente — ele animou-a, como se fosse ela quem estivesse interrompendo os procedimentos.

— Estamos juntos na enseada, vendo o pôr-do-sol, a música toca suavemente no fundo e estamos segurando taças de vinho. — Ela hesitou, certa de que ele começaria uma discussão a respeito do vinho. — Teremos que discutir sobre o vinho, também?

— Não — lhe assegurou Jack. — Você escolhe.

— Muito bem. Um bom Gewurtztraminer frutado.

— Humm. Não é um pouco doce? Tem certeza de que não preferiria um outro...

— Pensei que não iríamos discutir sobre o vinho. Você pode beber o que quiser e eu beberei o que quiser.

— Para mim está ótimo. — Ele ficara muito amigável, de repente.

— Um garçom aparece com o cardápio. — continuou ela.

— Se o cardápio for decorado com borlas, não poderei comer nesse lugar.

— Sem borlas.

— Bom — disse Jack imediatamente. — Agora, o garçom já trouxe a cesta com pães? Estou ficando faminto.

— Não o apresse, ainda estamos apreciando nosso vinho.

— Enquanto você toma vinho, quero pão quente e manteiga.

— Você está tornando isso difícil, Jack.

— Está bem, está bem, continue, mas devo avisá-la de que trabalhei durante a hora do almoço de hoje, portanto, se vai começar a descrever os pratos especiais do dia, terei que correr até a máquina de doces do escritório.

Olivia ouviu o barulho de gavetas abrindo e fechando.

— O que está fazendo?

— O que você acha? Estou procurando alguma coisa para comer. — Um resmungo acompanhou a explicação. — O máximo que consegui foi um tablete de antiácido Tums.

— Pobrezinho. Acho que isso significa que você não quer ouvir sobre o fettuccini aos frutos do mar, cheio de camarões apimentados e pedaços de lagosta misturados em um molho Alfredo.

— Você é uma mulher cruel, Olivia Lockhart.

Olivia riu, satisfeita.

— Espere até eu lhe mostrar o quanto posso ser cruel.

Jack prendeu a respiração.

— Adoro quando você fala coisas obscenas.

Olivia grunhiu.

— Quando, onde e daqui a quanto tempo eu levo para chegar nesse lugar?

— Hoje à noite, às sete.

Ele hesitou.

— Eu... não posso.

— Às seis?

— Também não vai dar.

— Está bem, às oito, mas é realmente um pouco tarde para mim.

— Que tal amanhã à noite?

— Eu não posso — disse Olivia. — Tenho uma reunião do comitê judiciário. Por que você não pode sair para jantar hoje à noite?

— Simplesmente não posso.

Ele parecia um pouco enigmático a respeito.

— Jack, você tem outro encontro? — perguntou ela, meio rindo, como se fosse uma piada. Eles não haviam assumido nenhum compromisso, um com o outro. Ele era livre para sair com outra pessoa, assim como ela. Mas ela não estava saindo com ninguém.

Ele fez uma pausa, antes de responder.

— Não exatamente — disse, por fim.

— Não exatamente — repetiu ela. O que significava aquilo. — Você vai fazer alguma coisa ilegal? — perguntou.

— Não.

— Apenas secreta — murmurou ela baixinho.

Mais uma vez uma pausa.

— Se você quer colocar dessa maneira.

Olivia detestava segredos.

— Entendi — disse ela, sem se importar em esconder seu desapontamento.

— Olivia, sinto muito. Adoraria jantar com você, mas terá que escolher alguma outra noite.

A vida de Olivia era um livro aberto. E ela não gostava da forma como ele mantinha partes da vida dele em segredo. Se Jack guardava algum segredo sombrio, ela preferia saber agora.

— Vamos, querida, não é nada tão grave assim, certo?

Querida. Agora ela era querida.

— Outra noite, está bem?

— Não — disse ela, delicadamente, mas com determinação. — Não está tudo bem.

— Deixe-me ver se estou estendendo — disse Jack depois de um silêncio tenso. — Você está zangada comigo porque eu não posso sair para jantar com você nesse exato momento.

— Não, Jack, não é isso. — Ela endireitou o corpo na cadeira. — Escute, sinto muito. Parece que eu estava esperando mais do nosso relacionamento do que deveria...

— Olivia...

— Não, por favor, eu compreendo.

— Não, você não compreende.

— Compreendo, sim — retrucou ela. Jack queria que tudo fosse nos termos *dele*, o que significava que qualquer relacionamento só poderia ter um lado. Ele tinha seus segredos e era esperado que ela simplesmente os ignorasse.

— Olivia...

— Sinto muito se você não está livre para jantar — disse ela, interrompendo-o uma segunda vez. — Sairemos em outra noite. — *Talvez daqui a um dez anos.*

— Não desligue esse telefone! — gritou Jack.

Ela estava chocada demais para reagir.

— Sei o que você vai fazer. Da próxima vez em que eu ligar e sugerir que nos encontremos, você terá algum motivo para não poder aceitar. Na vez seguinte será a mesma coisa até que eu entenda a mensagem. Diabos, Olivia, não vou deixar que isso aconteça.

— Então, eu vou ser bem direta a respeito. Não acho uma boa ideia continuarmos a nos ver.

— Por quê? Por que eu não posso sair para jantar com você esta noite?

— Não — respondeu ela prontamente. — Porque eu fui casada com um homem que resolveu guardar segredos de mim. E não tenho a menor vontade de me envolver com ninguém que não seja honesto e transparente.

Silêncio.

— Estou certa, não estou? — ela pressionou. — Você é um homem que tem segredos.

Ele demorou muito para responder.

— Se lhe dá algum prazer me ouvir dizer isso, então eu direi. Você está certa, tenho os meus segredos.

Ele colocou o fone no gancho e Olivia ouviu o zumbido da ligação cortada. Jack deveria conhecê-la melhor do que isso. Ela não sentia nenhum prazer em estar certa.

* * *

NO INSTANTE em que Grace entrou na garagem, Buttercup saiu pela portinha de cachorro nos fundos da casa e correu para ela.

— Olá, menina — disse Grace, enquanto saía do carro. Ela inclinou-se e afagou as orelhas da cadela. Então, as duas foram até a caixa de correio recolher a correspondência do dia.

Junto com um par de revistas e algumas poucas contas, Grace pegou o jornal *Bremerton Sun*.

— Está pronta para o seu jantar? — ela perguntou a Buttercup, enquanto destrancava a porta e entrava na cozinha.

A golden retriever, obediente, foi até sua tigela de água e bebeu um pouco. Então, esperou pacientemente enquanto Grace abria a porta do armário e pegava o enorme saco de comida para cachorro. Ela encheu a outra tigela de Buttercup e sentou-se para olhar a correspondência.

Nada de importante.

Quando foi colocar as revistas sobre a mesa viu que a luz da secretária eletrônica estava piscando.

"Grace, aqui é Roy McAfee. Ligue-me quando chegar em casa."

Dan.

Roy provavelmente descobrira alguma coisa sobre Dan. A mão de Grace estava trêmula, enquanto ela procurava o número de Roy e logo retornava a ligação.

Corrie, esposa e assistente dele, passou a ligação rapidamente.

— Roy, aqui é Grace Sherman. Você localizou Dan?

— Não, mas recebi o relatório da verificação de bens e acho que você vai se interessar pelo que descobri.

Depois de tanto procurar e acabar sempre em becos sem saída, Roy sugerira que eles requisitassem uma verificação de bens pelo computador, mas Grace hesitara em desembolsar os duzentos dólares que era o preço da taxa pela pesquisa. Saber que Dan era dono de um pedaço de terra não iria ajudá-la a localizá-lo. Como eram casados em comunhão parcial de bens, qualquer registro bancário estaria aberto para ela sem nenhum custo.

— Então, alguma coisa interessante?

— Sim. O relatório mostra uma solicitação de habilitação que Dan fez em junho passado.

— Há um ano.

— Isso mesmo. Você não me disse que vocês possuíam um trailer entre os seus veículos.

— Não possuímos.

— De acordo com os registros do estado, Daniel Clayton Sherman, residente em Rosewood Lane, número 204, Cedar Cove, Washington, requereu uma licença para dirigir um *trailer*.

— Quando? — perguntou Grace. — Quando, *exatamente*?

— Em 16 de junho do ano passado.

A data não significava nada e Grace sentia-se entorpecida.

— Eu... Eu não sei sobre nenhum *trailer* de viagem.

— Eu liguei para o vendedor particular que vendeu o veículo a ele e descobri que Dan pagou em dinheiro. Foi um *trailer* de sete metros. A pessoa que vendeu não esqueceria, já que Dan chegou com o dinheiro em notas novas de cem dólares.

— Quanto?

— De acordo com o vendedor, 13 mil dólares.

— Em dinheiro? — Eles não *tinham* 13 mil dólares. Qualquer dinheiro extra teria sido investido. Quase tudo o que haviam conseguido guardar ao longo dos anos estava investido em títulos e ações.

— Onde Dan conseguiria esse dinheiro?

— Isso eu não posso responder — lhe disse Roy.

Ela também não podia.

— Dan não poderia ter pego um empréstimo com garantia hipotecária sem o meu conhecimento, poderia?

— Ele não fez isso — disse Roy. — Não, de acordo com os registros que tenho do banco.

E ela certamente teria recebido algum extrato bancário caso houvesse sido feito qualquer outro tipo de empréstimo.

— Isso não faz sentido. — No entanto, muito pouco do que Dan fizera no último ano tinha alguma lógica.

— Então você não sabe nada sobre esse trailer?

— Nadinha. Você acha que Dan está viajando pelo país? — perguntou Grace, buscando desesperadamente por respostas.

— Eu realmente não sei. Não apareceu nenhuma evidência disso. Nenhum débito no cartão de crédito, por exemplo. Nada no nome dele, enfim.

— Então o que ele está usando para pagar as contas?

— Se Dan tinha 13 mil dólares em dinheiro e você não sabia nada a respeito, não há como sabermos quanto mais ele economizou.

— Onde será que ele guardou esse dinheiro?

— Vocês tem um cofre? — Roy respondeu a pergunta dela com outra.

— Sim... Não. Eu não sei mais. — Eles realmente tiveram um cofre no banco, em uma determinada época, mas há anos ela não via a renovação do contrato.

— Me diga uma coisa — disse Roy. — Quem pegava a correspondência todos os dias?

— Dan.

— Foi o que pensei. Outra possibilidade é que Dan tenha uma caixa postal sobre a qual você não tem ideia.

Quantos segredos tinha Dan? Grace não sabia como conseguira viver por mais de trinta anos com ele e não conhecer o homem que era seu marido.

— O relatório não fala da existência de um cofre? — perguntou ela.

— Não, mas se Dan tem um unicamente no nome dele, o banco não está legalmente obrigado a notificar isso. Alguns bancos até o fariam como uma rotina, mas outros apenas mediante um mandato do juiz.

— Vamos precisar de um mandato?

— Vamos pensar nisso somente quando for necessário.

— Está bem.

Como se entendesse que a sua nova dona estava se sentindo angustiada, Buttercup foi até o telefone e ficou parada perto de Grace, que inclinou-se e afagou as orelhas da cadela, o que acalmou a ambas.

Grace falou com Roy por mais alguns minutos. Quando desligou, ela experimentava um sentimento novo. Considerando a enorme variedade de emoções com as quais tivera que lidar nos últimos tempos, não teria pensado que seria possível haver qualquer sentimento que ainda não conhecesse. Desde o desaparecimento de Dan, ela já sentira descrença, choque, dor e revolta. Mais tarde, descobrira uma certa paz, que vinha da resignação e da aceitação.

As últimas notícias dadas por Roy não a enfureceram. Ao invés disso, estava se sentindo *estúpida*.

Sentada na mesa, folheou a última edição da *Sunset Magazine*. Alguma coisa devia estar muito errada com ela, pensou Grace. Sua vida estava desmoronando e ela estava lendo uma receita mexicana de *enchilada* de frango.

O telefone tocou e, por um instante, Grace hesitou, sem saber se estava com disposição para falar com qualquer um. Mas havia a possibilidade de ser uma das suas filhas e, caso ela ignorasse a chamada, elas poderiam ficar preocupadas.

— Olá, mamãe.

Grace estava certa.

— Olá querida. Como está se sentindo?

— Grávida — reclamou Kelly. — E ainda faltam seis semanas.

O tempo passara rápido para Grace, mas ela duvidava que a filha se sentisse da mesma maneira.

— Alguma novidade sobre o papai?

Grace sempre se espantava com a forma como a filha parecia pressentir qualquer nova informação sobre Dan.

— Mamãe? — pressionou Kelly.

— Você pode ligar para a sua irmã, para colocarmos a chamada a três? — Kelly tinha essa opção no seu telefone, mas Grace não.

— Você descobriu alguma coisa?

— Coloque Maryellen na linha e contarei a vocês duas ao mesmo tempo.

— Está certo.

Grace estava acostumada com o processo. Ela era colocada em espera, enquanto Kelly telefonava para a irmã, então, quando Maryellen estivesse na linha, Grace poderia falar com ambas ao mesmo tempo. Ela fechou os olhos, sentindo a cabeça rodar enquanto esperava.

No começo, Grace queria proteger as filhas do que Dan fizera. A reação dela fora instintiva, mas também fora errada. Maryellen e Kelly tinham o

direito de saber. Além disso, talvez elas pudessem conhecer alguma resposta. Talvez Dan houvesse dito alguma coisa a uma delas que pudesse dar a Grace, ou a Roy McAfee, algum tipo de pista.

— Estamos aqui, as duas — disse Kelly, ansiosa.

— Você está bem, mamãe? — perguntou Maryellen.

— Não. — Era hora de ser honesta. — Roy descobriu que o pai de vocês comprou um trailer de sete metros no ano passado.

— O papai comprou um *trailer*? — A pergunta foi feita por Kelly.

— Onde ele o guardou?

Essa era uma pergunta que Grace não pensara em fazer.

— Eu não sei, mas estou descobrindo que sei muito pouco sobre seu pai.

— Há mais do que isso, não há? — Mais uma vez era Kelly quem perguntava. Ela era tão próxima do pai e estava tão confiante de que ele voltaria antes do bebê nascer...

— Sim — disse Grace com relutância. — Ele pagou em dinheiro pelo trailer.

— Quanto? — perguntou Maryellen.

— Treze mil dólares — lhes contou a mãe. — Em notas novas de cem dólares.

Kelly arfou.

Maryellen não disse nada.

— Não tenho a menor ideia de onde ele pode ter conseguido tanto dinheiro — falou Grace às filhas. Era um mistério tão grande quanto o desaparecimento dele.

— Mamãe, você acha que a outra mulher pode ter comprado o trailer para ele? — perguntou Maryellen delicadamente.

— Então, porque não registrar no nome dela?

— Talvez porque ela quisesse que você descobrisse a respeito — sugeriu Maryellen.

— Parem! — gritou Kelly. — Não *há* outra mulher. O papai não faria isso.

— Cresça! — disse Maryellen com severidade. — Quando você vai parar de ver o papai como algum tipo de santo? Ele não deixou apenas a mamãe, você sabe disso. Nosso pai abandonou a mim e a você também.

— Não diga isso — gritou Kelly, irrompendo em soluços. — Eu não acredito nisso. Nunca vou acreditar.

— Meninas, por favor... — Grace sentia-se, ela mesma, bem próxima das lágrimas.

— Você ainda acha que o papai vai reaparecer como por encanto antes do seu bebê nascer? — perguntou Maryellen. — Vê se entende! Ele não liga a mínima para nenhuma de nós.

— Maryellen, pare. — Grace se recusava a permitir que a filha mais velha continuasse a falar daquela maneira. Já era difícil o bastante sem que as duas se virassem uma contra a outra.

Houve um momento de embaraço e, então, Maryellen sussurrou:

— Sinto muito, Kelly. Eu estava chateada e descontei em você.

— Eu também sinto muito — disse Kelly. — Por você e pela mamãe. Um dia, todas nós vamos descobrir a verdade sobre o papai. Eu não sei por que ele está fazendo isso, ou onde ele está, mas sei que há uma explicação perfeitamente lógica para o seu desaparecimento.

A filha já dissera isso inúmeras vezes antes, e Grace deixou que dissesse novamente. Nem ela, nem Maryellen contestavam o que ambas consideravam uma fantasia. Mas elas entendiam que Kelly precisava acreditar nisso.

* * *

JUSTINE ESTAVA se sentindo simplesmente miserável desde o encontro da turma. Ela anunciara a Seth que pretendia se casar com Warren, mas ainda não mencionara isso ao próprio Warren.

Na sexta-feira à noite, Warren planejara levá-la para jantar no D.D.'s on the Cove e ela pensou que aproveitaria para dizer a ele. Desde que ficasse claro que desejava um noivado longo. Eventualmente, eles acabariam se casando.

— Você está com uma aparência fabulosa — disse Warren, beijando-a no rosto, quando a pegou depois do trabalho. O banco ficava aberto até às seis horas, nas noites de sexta-feira e depois de dez horas de trabalho, Justine estava exausta. Warren até podia achar que ela estava parecendo bem, mas não era assim que ela estava se sentindo.

Como estavam perto do D.D.'s, Justine sugeriu que caminhassem até o restaurante à beira-mar.

— Vamos de carro.

Parecia ridículo dirigir até um restaurante que ficava a menos de duas quadras do banco, mas Justine não queria começar a noite com uma discussão.

Warren abriu a porta do carro para ela e Justine descobriu um pequeno embrulho de presente no assento do passageiro.

— O que é isso? — perguntou ela.

— Abra e veja.

— Outro presente, não. Por favor, Warren, não há necessidade disso.

— Quem disse? — ele brincou. — Essa é a única maneira que eu tenho para lhe provar que serei um marido generoso.

— Warren.

— Está certo, está certo, sem pressão. — Rindo, ele se apressou em dar a volta para sentar-se atrás do volante.

Justine esperou até que ele entrasse no carro, antes de abrir a embalagem do joalheiro. Dentro, havia uma pérola negra, em formato alongado, engastada em uma concha de ouro. O pendente estava suspenso em uma fina corrente de ouro. A pérola era maravilhosa.

— Um amigo pegou para mim no Pacífico Sul — ele lhe contou.

— É adorável.

— Você merece usar diamantes e pérolas.

— Oh, Warren.

— Vamos — disse ele, dando uma risada. — Vamos para o restaurante. Estou querendo um drinque.

Justine apreciava de uma taça de vinho de vez em quando, mas não era uma grande consumidora de bebidas alcoólicas. Warren frequentemente se permitia demais e, quando isso acontecia, ela o levava em casa, dirigindo o carro dele, e passava a noite em seu quarto de hóspedes. Ela sabia o que as pessoas pensavam e não se incomodava em desmentir a suposição delas.

Warren apreciava sua discrição. Noites assim eram tão frequentes que ela agora deixava uma muda de roupas na casa dele.

O estacionamento no D.D.'s já estava quase cheio, e eles tiveram sorte em achar uma vaga. Ao invés de pedir uma mesa para jantarem, Warren guiou-a até o salão onde ficava o bar, onde se sentaram em um reservado circular, com vista para a água. Warren tomou dois uísques em rápida sucessão. Ele acabara de pedir o terceiro quando Seth Gunderson entrou despreocupadamente no salão.

O olhar chocado de Justine encontrou-se com o dele. Ela não tinha ideia de que Seth ainda estava na cidade e o último lugar em que esperaria encontrá-lo era ali.

Seth olhou demoradamente de Justine para Warren, com uma expressão de repulsa no rosto.

Como seria rude ignorá-lo completamente, ela tentou sorrir. Ele cumprimentou-a brevemente, com um inclinar de cabeça e foi para o balcão do bar. Sentou-se de costas para ela.

— Qual o problema? — perguntou Warren.

— Nenhum? — ela lhe assegurou, fixando o olhar na orla e na marina.

— Quem é ele? — perguntou Warren novamente, olhando para Seth.

Então, como se compreendesse, pegou o copo e bebeu todo o conteúdo de uma só vez. — Maldição — disse ele balançando a cabeça.

— Não se preocupe com isso, Warren. Estou com você, não com Seth. — Aquele era o momento perfeito para aceitar a proposta de Warren e, assim, deixá-lo mais tranquilo, mas ela não conseguiu se obrigar a fazer isso.

— Você o quer, de qualquer modo. Não quer?

— É claro que não. — Com que facilidade a mentira saiu de seus lábios.

— Quem você pensa que está enganando? — disse Warren com desdém.

— Está escrito na testa de vocês dois.

— Isso não é verdade. — Ela causava repulsa em Seth. A forma como ele agira lhe dizia isso. Seth se sentara no balcão do bar, de costas para ela, deixando claro que não suportava nem olhá-la.

— Você não consegue tirar olhos dele — comentou Warren. E, estranhamente, ele parecia achar isso divertido.

— Não seja ridículo.

— Eu vou acertar as coisas agora mesmo.

— Não! Warren, não! — Ela tentou agarrar o braço dele, antes que Warren saísse do reservado em que estavam, mas ele foi muito rápido para ela.

Horrorizada, Justine observou enquanto Warren caminhava até o balcão do bar. Ela só podia especular sobre o que ele estava dizendo, mas parecia que estava convidando Seth a se juntar a eles. Seth declinou do convite e, obviamente, Warren insistiu, encorajando-o. Justine queria rastejar para baixo da mesa, quando Seth finalmente desistiu, pegou sua cerveja e acompanhou Warren de volta ao reservado onde estavam.

— Sente-se — disse Warren, jovialmente.

Seth hesitou. A opção era sentar-se ao lado de Warren ou entrar no banco redondo ao lado dela. Ele escolheu sentar-se ao lado dela, assim, Justine ficou presa entre os dois homens. Ela percebeu que Seth se sentara tão longe dela quanto possível sem cair do banco. Warren chegou mais para perto dela e passou os braços ao redor dos seus ombros.

— Então vocês dois se conheceram na escola secundária.

Seth não pareceu muito interessado em responder.

— Já éramos amigos antes disso — murmurou ela.

— Você gostou do encontro da turma? — perguntou Warren, direcionando a pergunta para Seth.

— De algumas partes. — O olhar dele pareceu queimar ao encontrar o de Justine. — Parece que as congratulações estão na ordem do dia. Justine me disse que aceitou o seu pedido de casamento.

O braço de Warren apertou com mais força o ombro de Justine, como se quisesse lhe dizer o quanto estava satisfeito. Então, fingindo que já sabia, ele disse efusivamente:

— É verdade. Como você pode imaginar, sou um homem feliz. — Ele deu um sorriso atrevido para Justine.

— Um homem de sorte — acrescentou Seth, sem emoção.

— Mas não um egoísta — disse Warren não muito baixo. Justine apertou o braço dele, temendo o que Warren pretendia dizer.

— O que você quer dizer?

— Warren, acho que está na hora de jantarmos — disse Justine, ansiosa para encerrar a conversa.

— Ainda não.

— Warren, *por favor*.

— Em um minuto — disse ele com um pouco mais de firmeza. — Posso perceber o que está acontecendo entre vocês dois. — continuou Warren.

— Absolutamente nada, posso lhe assegurar — Seth lhe informou com a voz dura.

— Talvez. Não estou aqui para julgar. Mas sei como Justine se sente a seu respeito, Gunderson. Ela deseja você.

— Não faça isso — implorou ela.

Seth franziu a testa, suas feições ficaram sombrias.

— Você não é mais hábil em esconder os seus sentimentos do que ela — continuou Warren. — Bem, posso ajudá-lo.

— Justine já concordou em casar com você — Seth recordou a ele.

— É verdade, mas nós dois sabemos que ela é mais mulher do que um cara velho como eu pode dar conta.

— Oh, Deus. — Nunca em toda a sua vida Justine se sentira tão humilhada, tão envergonhada. Ela tentou sair do reservado, mas com Warren de um lado e Seth do outro, não havia como escapar.

Seth pulou para fora do reservado como se estivesse pegando fogo.

— Já escutei o bastante dessa conversa para saber que não tenho o menor interesse em continuar a ouvir.

— Não seja apressado — disse Warren com uma risada amigável. — estou só tentando mostrar a vocês dois o quanto tenho a cabeça aberta. Se você quer Justine, pode tê-la com a minha benção.

O olhar de desprezo que Seth lançara a Justine mais cedo, não se comparava com o que ela via em seus olhos agora. Desprezo... e pena.

— Sinto dizer que você está errado — disse ele a Warren, batendo com o copo de cerveja na mesa. — Não estou interessado em Justine. — Então, ele saiu do reservado e do bar, não voltando a dar a ela nem um mísero olhar.

Capítulo Dezenove

CECILIA SENTIA alegria, expectativa e entusiasmo enquanto as esposas e famílias dos militares da Marinha lotavam o píer, esperando por seus pais e maridos. Ela realmente se tornara uma dessas esposas. Ficou parada, de pé, ao lado de Cathy, que estava obviamente grávida, agora. Elas se seguravam uma na outra, com medo de serem separadas pela multidão. De certa maneira, Cathy era como a irmã que Cecilia nunca tivera. E ela esperava que esse laço que as duas haviam criando nos últimos meses pudesse continuar para o resto da vida delas. A amiga a ensinara muito sobre coragem e esperança. Lições que Cecilia carregava consigo desde o acidente no *George Washington*.

— Acho que vi Andrew — gritou Cathy.

Andrew Lackey desceu pela prancha de desembarque e olhou em volta, em expectativa. Cathy gritou e correu na direção dele, acenando. Andrew segurou a esposa pela cintura e levantou-a do chão com cuidado. Enquanto se beijavam, Cathy passou os braços ao redor do pescoço do marido.

Sentindo-se um pouco envergonhada de ficar olhando para eles, Cecilia desviou o olhar, esperando avistar Ian. Seu coração afundou no peito quando não conseguiu vê-lo em lugar algum. Olhando novamente para a amiga, Cecilia sentiu os olhos se encherem de lágrimas ao ver Andrew espalmar a mão na barriga da esposa. De onde estava, ela podia sentir o alívio e a imensa alegria dele ao ver que a gravidez estava firme e forte.

Os meses mais perigosos já haviam passado e, embora, não houvesse garantias, o risco de um aborto era muito menor agora. Os médicos estavam satisfeitos com a forma com o progresso da gravidez.

Então, de repente, Cecilia viu Ian. Ele parou no topo da rampa de desembarque e examinou a multidão, procurando por ela.

— Ian! — gritou Cecilia, acenando para atrair a atenção dele. — Aqui! Estou aqui! — Ela mergulhou na multidão, indo em direção ao marido e literalmente voou para os braços dele.

Cecilia pensara que estava pronta para aquele momento, mas nada poderia tê-la preparado para a explosão de felicidade que sentiu. Quando Ian voltou de viagem, pouco depois do enterro de Allison, ela não viera à base recebê-lo. Naquela época, não conseguiria. Simplesmente não conseguiria. Mas tudo mudara e, agora, Ian estava em casa e eles começariam uma nova vida juntos.

— Oh, querida. — As mãos do marido estavam em seu cabelo e eles se beijaram apaixonadamente, agarrando-se um ao outro, ansiosos por dar e receber, sem restrições.

— Seja bem-vindo! — Desde que seus braços pudessem continuar passados ao redor do pescoço dele, ela não se incomodava nem um pouco se seus pés balançavam a alguns centímetros do chão. — Como estão suas costelas? — perguntou Cecilia, temendo que todo esse agarramento pudesse machucá-lo.

— Queimam que é um inferno, mas prefiro aguentar a dor a não abraçá-la. — Ele beijou-a novamente. A paixão entre eles voltara a ser do modo como era no início.

As lágrimas escorriam dos olhos de Cecilia. Ela achou que não choraria, mas era tão... tão *bom* estar com Ian. Os meses que ele passara no mar foram um tempo de cura para ambos.

— Eu amo tanto você — sussurrou ela sem parar.

— Eu também amo você.

Ian provara isso de tantas maneiras que ela nem poderia contar. Cecilia era grata pela paciência do marido e pela sua recusa em desistir dela e do casamento deles. Se não fosse pelas repetidas tentativas dele de resolver as diferenças entre eles, ela estava certa de que estariam divorciados. Nem Ian, nem a juíza haviam facilitado o divórcio e Cecilia era imensamente grata a eles por isso.

— Eu tomei uma decisão — ela disse ao marido enquanto caminhavam para o carro, ainda abraçados. Agora que ele estava em casa, qualquer separação, mesmo que por uns poucos centímetros parecia demais.

— Eu espero que essa decisão envolva vivermos juntos novamente — murmurou ele.

— Sim, envolve. — Na verdade, havia uma surpresa aguardando por Ian. Com a ajuda de Cathy, Cecilia trouxera as coisas do marido de volta para o pequeno apartamento. Ainda havia alguma coisa na base, mas tudo o que Ian deixara com os Lackeys fora trazido para a casa deles.

— Quero a minha esposa comigo. — Ele olhou-a bem dentro dos olhos.

— Quero outro bebê, Ian. — Pronto, ela falara. E as palavras tinham vindo direto do seu coração.

Ele hesitou e parou de andar de repente.

— Eu pensei... você disse...

Ela sabia que ele estava confuso e não podia culpá-lo por isso.

— Agradeça a Cathy e Andrew pela minha decisão. — Se a amiga podia encarar uma terceira gravidez com esperança e uma atitude positiva, então Cecilia também poderia aprender a deixar a dor pelo passado ir embora e a olhar para o futuro.

— Você tem certeza? Porque eu já havia decidido que faríamos o que você achasse melhor. Não me entenda mal, quero formar uma família, mas o mais importante para mim é que *you* tenha certeza de que pode suportar uma nova gravidez.

Cecilia apoiou a cabeça no ombro dele enquanto voltavam a caminhar.

— Eu pensei muito sobre isso nos últimos meses. E gostaria de continuar meus estudos.

— Deve mesmo fazer isso, Cecilia. Você é muito inteligente e tem muita habilidade para lidar com números.

— Mas eu também quero uma família. A nossa família. Apenas gostaria de esperar uns dois anos.

— O que você decidir está bem para mim.

— Gostaria que você tivesse sido tão flexível assim há alguns meses — implicou ela, mas mudou de ideia. Ele fora teimoso, é verdade, mas ela também não ficara atrás. — Algum dia desses, eu gostaria de voltar e fazer uma visita àquela juíza.

— Por quê?

— Ela teve a coragem de nos dizer para ficarmos juntos. Não disse isso diretamente, mas essa foi a mensagem que quis passar para nós. Gostaria de agradecer a ela.

— Eu também — disse Ian. E beijou carinhosamente os cabelos da esposa.

* * *

O TELEFONE acordou Grace de um sono profundo. Com o coração disparado ela sentou na cama e atendeu.

— Sim?

— Está na hora — disse-lhe o genro.

— Kelly está em trabalho de parto? — Grace já estava de pé, segurando o telefone contra a orelha, enquanto acendia as luzes e separava roupas para vestir. O rádio-relógio digital marcava 3h50.

— As contrações estão vindo a cada cinco minutos e nós estamos saindo para o hospital.

— Encontrarei com vocês lá. Você quer que eu avise a Maryellen?

— Obrigada. Ela é o próximo nome da lista.

Em menos de quinze minutos Grace, vestira um conjunto de malha, ligara para Maryellen, preparara para si mesma uma xícara de café instantâneo e estava pronta para sair.

— Buttercup! — Ela chamou a cadela, pois precisava deixá-la ir até o quintal antes de sair.

A golden retriever saiu lentamente do quarto, obviamente nada satisfeita por ter seu sono interrompido.

— Estarei de volta antes que você perceba — prometeu Grace e, então, porque estava muito animada, anunciou em voz alta: — Vou ser avó!

Maryellen já estava na maternidade do hospital quando Grace chegou. Elas se encontraram na sala de espera. A mãe de Paul, Margaret, também estava lá com a sua câmera fotográfica e seu trabalho de ponto de cruz.

— Eu já passei por isso antes — explicou ela, acomodando-se em uma cadeira e tirando da bolsa linhas de bordar de várias cores.

— Não posso acreditar que estou fazendo isso — murmurou Maryellen, segurando uma xícara de café da loja de conveniência nas mãos. — Não me levantava tão cedo desde que fazia parte do time de marcha atlética na escola secundária. — O comentário foi seguido por um enorme bocejo.

— Onde estão Paul e Kelly?

— Lá atrás. — Maryellen acenou distraidamente na direção de um conjunto de portas duplas.

Grace estava se aproximando do posto das enfermeiras para tentar saber notícias quando Paul apareceu.

— Kelly está sendo examinada, agora, para saber com quanto está de dilatação. Ela está sendo fantástica.

— E como você está?

Paul assentiu com a cabeça, animado.

— Estou pronto para isso.

— Ele *acha* que está — brincou a mãe dele.

— Sua vida vai mudar para sempre — disse Grace a ele.

— Sei disso, acreditem-me. Kelly e eu queremos muito esse bebê.

Antes que Paul voltasse para o quarto para ficar com a esposa, Grace abraçou-o, grata ao genro. Ele fora de uma ajuda inestimável nos últimos meses, desde que Dan desaparecera. Grace sabia que Paul garantira a Kelly

conforto e apoio firmes, assim como conselhos cheios de bom senso. E ela mesma havia pedido a ajuda dele várias vezes, quando precisava consertar alguma coisa na casa. E o genro não reclamara nem uma vez. Aos poucos, Grace foi ficando mais forte, mais corajosa e mais determinada a prosseguir com a sua vida, mas ela não achava que Kelly já sentisse o mesmo tipo de determinação. Ou de resignação.

— Como você acha que Kelly vai lidar com o fato de o papai não estar aqui? — perguntou Maryellen, como se houvesse lido os pensamentos de Grace.

Grace não podia responder a isso. Kelly agarrara-se a esperança de que o pai reapareceria assim que o bebê nascesse, recusando-se completamente a aceitar que ele a abandonara naquele momento crucial.

— Ele não virá — sussurrou Maryellen, inclinando-se para frente. — O papai não entrará por aquela porta e não haverá uma alegre reunião familiar, não é?

— Provavelmente não — concordou Grace. — Kelly lidará com isso à sua própria maneira. Mas, no momento, ela já tem o bastante em que pensar.

— E como! — murmurou Maryellen.

Grace recostou-se na cadeira dura de plástico e fechou os olhos, lutando contra o sono. Uma parte dela queria estar com Kelly, mas reconhecia que esse momento especial estava reservado para Paul e não queria se intrometer. Maryellen, divorciada já há muito tempo, não mostrara nenhum interesse em ser mãe, assim como não demonstrara nenhuma vontade de se casar novamente. Grace às vezes se pegava imaginando se a filha mais velha deixara sua vida emocional em compasso de espera, enquanto se concentrava

no desenvolvimento da sua carreira. A única preocupação de Grace era que a filha pudesse vir a ter algum arrependimento a respeito das escolhas que estava fazendo.

Às 7h30 da manhã, Kelly estava pronta para dar à luz. Paul veio avisar rapidamente a elas e logo saiu correndo da sala de espera. Maryellen, Grace e Margaret ficaram juntas no corredor do lado de fora da sala de parto. Pouco tempo depois, a tensão delas foi quebrada pelo choro de um bebê. Paul apareceu alguns minutos depois.

— É um menino! — Foi o grito de júbilo dele. — Um menino!

Grace não conhecia Margaret Kelso muito bem, mas, de repente, ela e Maryellen estavam abraçando a mãe de Paul como se fossem amigas íntimas. Lágrimas de alegria escorriam pelo rosto de Grace.

— Mamãe — repreendeu Maryellen. — Olhe só para você.

— Eu tenho direito — riu Grace, secando as lágrimas. — Sou avó!

Às nove horas da manhã, enquanto Kelly dormia, Grace sentou-se na cadeira de balanço, com aquela preciosa vida nova amorosamente aconchegada nos braços.

— Seja bem-vindo, pequeno Tyler Daniel Kelso — sussurrou ela, balançando-se lentamente. A comoção geral havia acalmado. Margareth tirara fotos e voltara para casa e para o marido. Maryellen fora para a galeria de arte, recusando-se a permitir que coisas tão banais quanto tornar-se tia e mal ter dormido a mantivesse longe do trabalho. Grace, no entanto, não tinha a menor pressa de partir.

— Mamãe — sussurrou Kelly da cama. Grace levantou os olhos e viu que a filha a observava. — Ele é tão perfeito, não é?

— Uma criança preciosa. — Grace beijou a testa de Tyler.

— Você não se importou de darmos a ele o nome do papai, não é?

Grace assegurou-a de que não.

— Não sei onde está seu pai — disse ela —, e não sei se algum dia virei a saber, mas estou certa de uma coisa. Ele ama você e ficaria muito orgulhoso em saber que o pequeno Tyler é seu xará.

— Você acha isso mesmo?

— Acredito nisso de todo coração.

— Obrigada, mamãe — sussurrou a filha, então, fechou os olhos.

Grace continuou a embalar o neto, segurando essa criança tão amada junto ao coração. Dan se fora. Sua partida abrira um enorme buraco na vida de Grace. Ela convivera com o desaparecimento do marido por todos esses meses, lutando para encontrar respostas, mas sabendo que elas poderiam nunca aparecer. Mas naquele momento, segurando seu neto nos braços, percebeu que nada daquilo importava.

Ao confrontar suas dúvidas e medos, Grace aprendera uma coisa essencial. Tudo o que ela precisava para ser feliz estava dentro dela mesma. Seu neto, seu menininho perfeito, lhe dava inspiração e coragem para seguir adiante. Ela desejava tudo de bom para o marido, onde quer que ele estivesse, e com quem estivesse.

Então, com os olhos fechados, Grace deixou que Dan se fosse, mental e emocionalmente. Estava pronta para deixá-lo partir, mesmo sem respostas.

* * *

NÃO ERA fácil, mas Justine não podia deixar que as coisas ficassem como estavam entre ela e Seth. Não o vira mais desde aquela terrível noite em que Warren o confrontara no D.D.'s on the Cove. Nunca se sentira tão humilhada em toda a sua vida. Justine supunha que deveria se sentir grata, porque aquela noite lhe abrira os olhos para o que havia se tornado.

Seth voltara à cidade, embora Justine não soubesse por quanto tempo. Percebendo que se pensasse muito a respeito, acabaria perdendo a coragem, Justine foi até a marina.

Seth estava ocupado, trabalhando no barco, removendo a pintura. Ele parecia inconsciente da presença dela. Os passos de Justine eram pesados por causa da vergonha e do medo, enquanto caminhava pelo embarcadouro em direção a ele. Ela parou na frente de onde o barco dele estava ancorado. Sem saber direito o que fazer com as mãos, enfiou-as nos bolsos do jeans.

— Olá, Seth.

Ele parou o trabalho e virou-se lentamente para encará-la. Sua boca era uma linha rígida.

— Olá, Justine.

Seth não parecia muito satisfeito com a presença dela. Mas a verdade é que não tinha mesmo muitos motivos para ser hospitaleiro.

— Acredito que você deva estar imaginando o que estou fazendo aqui — murmurou ela.

— Não particularmente.

Ela ignorou a má acolhida da parte dele.

— Eu queria me desculpar sobre aquela outra noite.

— Sem problemas, já foi esquecida. — Seth voltou ao que estava fazendo, como se o assunto estivesse encerrado. Ele certamente não estava com muita vontade de conversar com ela, o que tornava tudo mais difícil do que já era.

— Eu... lhe provoço repulsa? — perguntou ela.

Ele parou e voltou a olhar para ela.

— O que eu penso a seu respeito ou a respeito de Warren não deveria preocupá-la.

— Mas me preocupa, porque... porque, maldição, Seth! Oh, deixa pra lá.

— Ela virou-se e mal havia dado dez passos descendo o embarcadouro quando parou abruptamente. Tinha a terrível sensação de que se fosse embora de perto de Seth agora, se arrependeria pelo resto da vida.

Quando se virou novamente, ficou surpresa ao descobrir que ele pulara para o embarcadouro e estava somente um ou dois passos atrás dela.

— Você se incomoda com o que eu penso? — perguntou ele, com o cenho cerrado.

Ela não encontrou voz para responder e simplesmente assentiu.

— Muito bem, então me escute. — Tudo nele gritava o quanto estava zangado. Sua postura era de quem estava pronto para um confronto, com os punhos cerrados e os olhos estreitos e duros. — Você vai ser uma tola se realmente se casar com Warren, e eu não tolero tolos.

— Eu sei.

— Você ainda vai se casar com ele?

— Não! — ela gritou. — Eu terminei tudo com ele naquela noite.

Seth levantou a cabeça.

— Você não está mais vendo Warren?

— Não. — Justine não mencionou as coisas que Warren dissera e fizera para tentar fazer com que ela voltasse para ele, mas não havia presentes o bastante no mundo que conseguissem que ela fizesse isso.

— Duvido que ele tenha recebido tranquilamente a notícia.

— Ele teve dificuldade em acreditar em mim, mas com o tempo aceitará a minha decisão. — Warren não teria escolha.

— E agora? — perguntou Seth.

A resposta estava completamente nas mãos dele, Justine não podia dizer isso, então, apenas deu de ombros. Um dar de ombros sentido, cheio de incerteza... e esperança.

— O que isso significa?

— O quê? — perguntou ela inocentemente.

— Esse dar de ombros.

— Eu não sei — disse Justine desesperada. — Acho que só estou querendo que você saiba que estou aqui.

Ele franziu o cenho.

— Aqui?

— Você me disse uma vez que eu deveria vir até você quando terminasse tudo com Warren e... bem, estou aqui.

— Eu disse isso.

— Mais ou menos isso.

— Se você pensa que eu simplesmente vou...

— Sim — interrompeu ela.

— Então preciso lhe dizer... — Ele parou. — O que você disse?

Ela endireitou o corpo.

— Quando? Agora mesmo? Eu disse *sim*.

— E qual era a pergunta?

— Bem — disse ela, exalando lentamente —, eu não lhe dei tempo para perguntar, mas o que eu disse foi *sim*. Quis dizer que eu me caso com você.

A resposta dela pareceu deixá-lo ainda mais confuso. Seth ficou encarando-a por um bom tempo e Justine, ainda insegura sobre qual seria a reação dele, não disse mais nada. Ele começou a caminhar na direção dela, então parou, e logo voltou a andar, passando direto por ela. Andou uns cinco ou seis passos antes de virar-se e perguntar:

— Você vem ou não?

— Onde nós vamos?

— Dar entrada nos papéis de casamento.

— Agora?

Então, ele sorriu, o sorriso mais lindo que ela já vira.

— Não acredito em noivados longos — disse ele.

Justine jogou a cabeça para trás e deu uma gargalhada.

— Na verdade, eu também não.

* * *

A PORTA da frente do número 16 em Lighthouse Road estava aberta. Olivia estava sentada na varanda com seu bordado no colo e o telefone sem fio ao lado. A cadeira de balanço de vime fora da mãe dela e Olivia adorava passar as noites de verão ali, aproveitando a vista e vendo o sol se pôr atrás das Olympic Mountains.

O telefone tocou, perturbando a solidão dela, e Olivia atendeu antes que tocassem novamente.

— Mamãe, sou eu, Justine — disse a filha. — Escute. Tenho novidades e não quero que você fique zangada comigo.

— E por que eu ficaria?

— Bem, porque...

Olivia ouviu alguém discutindo com ela ao fundo.

— Justine?

— Mamãe — a filha cortou-a. — Eu me casei.

O bordado caiu do colo de Olivia quando ela se levantou rapidamente.

— Casou-se? — Então, Warren finalmente a vencera pelo cansaço. — Parabéns. — disse, fazendo o melhor que podia para parecer entusiasmada. Ela sempre dissera que se a filha escolhesse casar com Warren Saget ela sorriria e o receberia bem na família.

— Aqui, fale com Seth.

— *Seth?*

— Oh, eu esqueci de mencionar que me casei com Seth Gunderson?

Por um momento, Olivia ficou chocada demais para responder.

— Sra. Lockhart, é Seth. Sei que a senhora provavelmente está aborrecida...

— Pelo contrário, não poderia estar mais satisfeita. Onde vocês estão?

— Na cidade de Reno, em Nevada.

— Por que no Reno, pelo amor de Deus?

— Vou deixar que Justine lhe explique.

A filha voltou ao telefone.

— Você está aborrecida conosco, mamãe?

— Estou surpresa... mas encantada.

— Seth não acredita em noivados longos.

— Nem em fazer a corte por muito tempo, pelo que parece.

— Não... O que aconteceu foi que... Nós decidimos casar e, a princípio, parecia fazer sentido que déssemos entrada nos papéis no cartório e que você ou o pastor Gilcrest nos casasse, só que isso levaria três dias.

— Essa é a lei do estado de Washington — Olivia lembrou a ela.

— Eu sei. Mas nós não tínhamos três dias.

As coisas ficavam cada vez mais interessantes.

— E por que não?

— Seth tem que voltar para o Alasca o domingo à noite e não voltará por quase cinco semanas, portanto, ou nos casávamos agora ou teríamos que esperar.

— E você não queria esperar.

— Não podia, mamãe! Simplesmente não podia. Ele também não queria esperar. E pelas leis do estado de Nevada conseguimos nos casar rapidamente. Essa é provavelmente a coisa mais impulsiva que já fiz, mas sei que casar com Seth é a coisa *certa*. Tenho certeza disso. Oh, mamãe, eu o amo tanto, por favor, não fique aborrecida conosco. Podemos fazer uma segunda cerimônia mais tarde, junto com você, com a vovó e com o papai, não podemos?

— É claro. Oh, Justine, estou tão feliz por você e por Seth.

— Você gosta dele, não gosta?

— Você sabe que eu adoro o Seth.

— Eu também. Agora tenho que ir. Ainda temos que telefonar para o pai de Seth. E depois para o papai. Depois disso, teremos apenas vinte e quatro horas antes de voltarmos. Estou feliz, mamãe, mais feliz do que já estive em toda a minha vida. — Ela fez uma pausa. — Oh, você avisaria a vovó por mim?

Olivia engoliu o nó que se formara na sua garganta.

— Estou feliz por você, também — disse ela novamente. — E é claro que avisarei à sua avó.

Elas desligaram e Olivia entrou em casa sentindo-se flutuar de contentamento. Ela entrou em seu quarto e sentou-se na beirada da cama. Precisava de alguns minutos para absorver a notícia que acabara de receber. A filha estava casada. Com Seth Gunderson. Oh, isso era maravilhoso, que novidade maravilhosa!

O primeiro impulso dela foi telefonar para Stan, mas decidiu não fazer isso. Justine contaria ao pai e ele telefonaria para Olivia assim que soubesse da notícia.

Então, seus dois filhos haviam escolhido se casar sem o pai nem a mãe presentes. Ela ficou pensando se isso significava alguma coisa.

Olivia telefonou para Charlotte, que não estava em casa, e deixou uma mensagem, dizendo simplesmente: "Me ligue quando chegar." Então, voltou para o seu bordado. Com os pés apoiados na grade da varanda, ela continuou a bordar, rindo de vez em quando. Quem acreditaria que Justine faria alguma coisa tão espontaneamente?

Quando um velho Taurus azul estacionou em frente à casa, ela esticou-se para ver se era quem ela estava pensando. Era.

Jack saiu do carro e ficou parado na calçada olhando nervoso para ela. Será que ele esperava que ela entrasse em casa e batesse a porta na cara dele? Ou que o convidasse a entrar? Olivia não fez nenhuma das duas coisas.

Ele caminhou até a escada.

— Olá Olivia.

— Está fazendo uma bela tarde, não? — Ela foi cordial, mas não demais.

— É verdade.

— O que posso fazer por você? — Ela não acreditava que aquela era uma visita social.

— Se incomoda se eu me sentar?

— Fique à vontade.

Como havia apenas uma cadeira e ela a estava ocupando, Jack se sentou no degrau do topo da escada.

— Você ainda está zangada comigo por causa daquele encontro para jantar?

Homens! Ele parecia incapaz de compreender um conceito como confiança e respeito mútuos.

— Não. — Uma única palavra como resposta deveria satisfazê-lo, sem que precisassem entrar em uma conversa interminável.

— Mas você ainda não tem vontade de sair comigo, certo?

— Eu não sei — respondeu ela honestamente. Olivia detestava admitir o quanto sentira falta da companhia dele. Talvez as expectativas dela fossem muito altas, mas não poderia tolerar o fato de que ele criara segredos entre eles.

— Foi o que pensei. — Ele desviou o olhar para a enseada, para a água distante e cintilante, tingida de rosa pelo lento pôr do sol.

— Eu me mudei para Cedar Cove para começar uma nova vida — Jack começou a contar a ela. — Mas o passado sempre tem um jeito de agarrar as pessoas, não é?

Olivia assentiu. Ela pudera comprovar uma evidência disso naquele dia mesmo.

— Bob me aconselhou a simplesmente lhe contar tudo... e disse que eu deveria ter feito isso meses atrás. Mas eu estava com medo de que se você soubesse, não fosse querer mais nada comigo.

— Mais segredos, Jack?

— Não, somente a razão pela qual eu não pude sair para jantar com você.

— Isso não é necessário, Jack. — Ele tomara a decisão dele, assim como ela, embora tivesse que confessar que ficara curiosa.

— Acho que é, sim — retrucou ele. — Se você e eu vamos continuar, de qualquer modo. E eu quero muito que continuemos.

— Eu tenho esse problema com segredos. Detesto-os. — Ela percebeu que muitos dos seus sentimentos ainda estavam atrelados ao seu casamento há tanto tempo desfeito. Stan fora infiel antes do divórcio, se não fisicamente, com certeza emocionalmente. Depois da crise por causa da morte de Jordan, fora outra mulher que o ajudara a lidar com a perda. Fora em outra mulher que Stan confiara.

— Eu sou um alcoólatra recuperado, Olivia.

— Mas... — Ela parou, certa de que o vira recentemente com um drinque nas mãos. Não, ela lembrou. Isso foi na Wilcox House, e ele pediu água com gás, enquanto ela tomava vinho. Ele dissera que era porque teria que dirigir...

— O motivo pelo qual eu não pude sair para jantar com você, foi porque eu tinha que comparecer à reunião dos Alcoólicos Anônimos. Estou sóbrio há dez anos. Foram dez longos anos, mas não se passa um só dia em que eu não pense em beber. Estou sempre há uma cerveja de arruinar tudo.

Ele precisou ter muita coragem para contar tudo a ela. Olivia levantou-se da cadeira de balanço, sentou-se no degrau abaixo de onde ele estava e pegou-lhe a mão.

Ele envolveu a mão dela com os dedos.

— Eu já estive diante de um monte de juizes na minha época, mas nunca namorei nenhuma — disse ele. — A verdade é que eu não estava certo de como você se sentiria a respeito de continuar saindo comigo depois que soubesse.

— Na verdade, isso explica muitas coisas.

— Tais como?

— Bem... Eu fiquei imaginando que tinha que haver alguma explicação lógica para você não gostar de Barry Manilow.

Jack deu uma risada.

— Você está dizendo que só um bêbado não gostaria dele?

Olivia jogou a cabeça para trás e deu uma gargalhada.

— Meu cérebro ficou conservado em álcool por 20 anos, mas felizmente eu consegui manter o senso de humor.

— Uma boa coisa. Vai precisar disso morando aqui em Cedar Cove.

Jack levou a mão dela aos lábios.

— Amigos?

— Do melhor tipo.

— Amantes?

— Não abuse da sorte.

Ele suspirou.

— Eu estou livre esta noite para aquele jantar, se você ainda estiver com tanta vontade.

— Por acaso, eu tenho mesmo uma razão para comemorar. Contarei a você mais tarde.

— Por que não agora?

— Não quero atrapalhar o pôr-do-sol. Oh Jack, não é lindo?

— Sim, é — sussurrou ele, passando o braço ao redor dos ombros de Olivia e puxando-a mais para junto de si.

Enquanto o sol se punha em Cedar Cove, Oliva apoiou a cabeça no ombro de Jack. Aquele fora um bom verão. Seus dois filhos estavam casados, agora, e James até já era pai. Justine parecia genuinamente feliz. A saúde da mãe continuava boa. A vida de sua amiga mais querida sofrera um baque, mas Grace aceitara o que não podia mudar e estava refazendo a própria vida. E Olivia estava orgulhosa dela.

E ela mesma... Olivia estava com Jack, e a relação deles estava segura. Ela não sabia o que o futuro guardava para eles, mas tinha a intuição de que era alguma coisa boa.

O sol escondeu-se atrás das montanhas Olympic. Seu brilho de um rosa profundo atravessou a água e derramou-se no número 16 em Lighthouse

Road. Continuou deslizando por sobre a cidade de Cedar Cove e tocou delicadamente a casa que ficava no número 204 em Rosewood Lane. Grace Sherman olhou para fora da sua janela e sorriu.

Fim